

PEÇAS TEATRAIS DE RAMON STERGMANN

**Coleção Teatro
do Norte Brasileiro**

Dramaturgia Amazônica

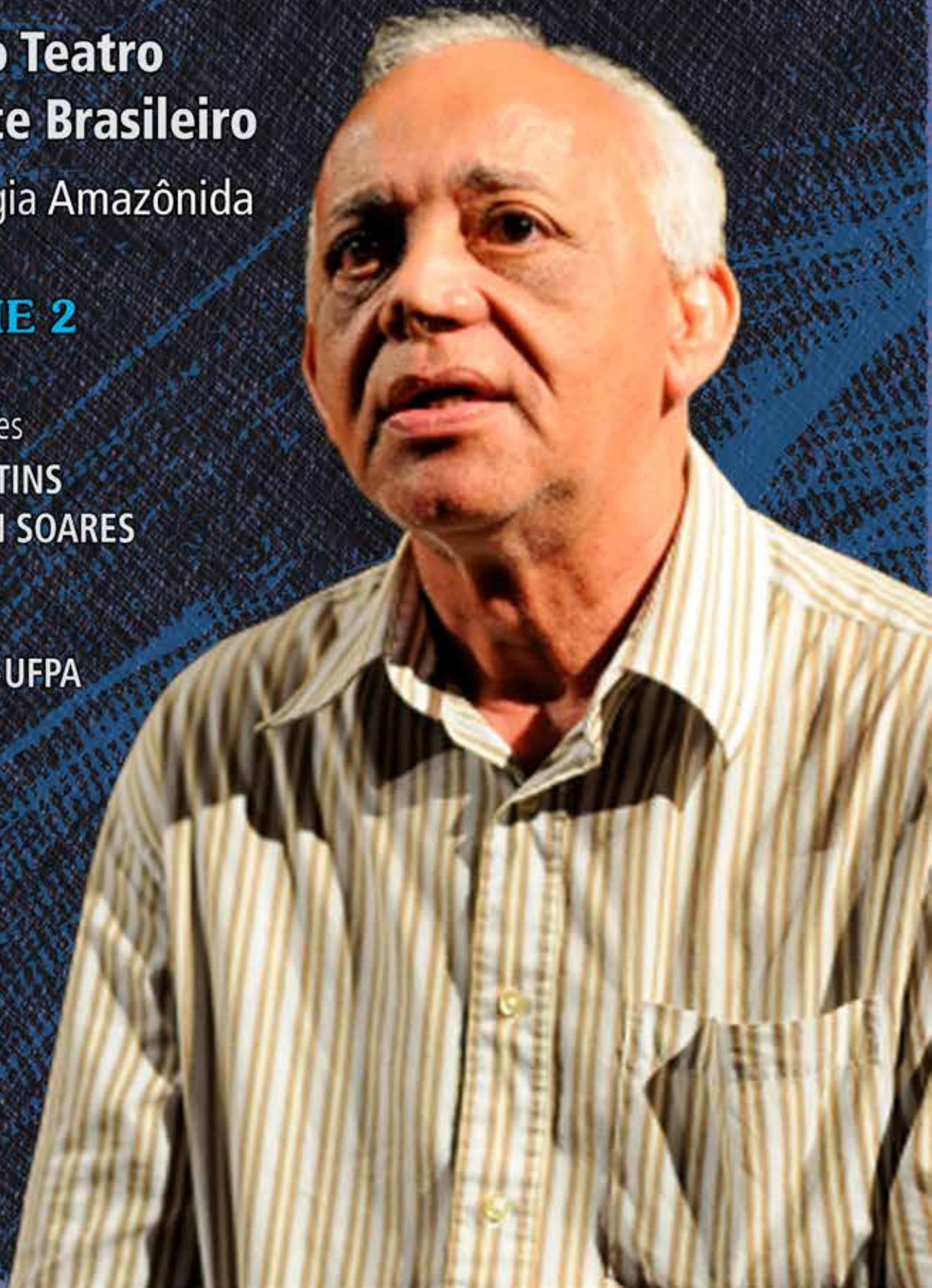
VOLUME 2

Organizadores

**BENE MARTINS
& MAILSON SOARES**

Editora

PPGARTES-UFPA



Peças Teatrais de Ramon Stergmann

Peças Teatrais de Ramon Stergmann

Coleção Teatro do Norte Brasileiro
Volume 2

Organizadores

BENE MARTINS & MAILSON SOARES

Programa de Pós-Graduação em Artes
PPGARTES-UFGA



Belém, 2021

Peças Teatrais de Ramon Stergmann

Coleção Teatro do Norte Brasileiro. Volume 2.

Organizadores Bene Martins & Mailson Soares

Reitor: **Emmanuel Zagury Tourinho**

Vice-Reitor: **Gilmar Pereira da Silva**

Diretora Geral do ICA: **Adriana Valente Azulay**

Diretor Adjunto: **Joel Cardoso da Silva**

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES): **Valzeli Sampaio**

Vice-Coordenador: **Orlando Maneschy**

Coordenador do Mestrado Profissional em Artes: **Áureo de Freitas**

Comissão Editorial: **Valzeli Figueira Sampaio, Orlando Franco Maneschy, Giselle Guilhon Antunes Camargo, Liliam Cristina Barros Cohen, José Afonso Medeiros Souza e Áureo Déo de Freitas Júnior**

COMITÊ CIENTÍFICO DESTA EDIÇÃO:

Presidente da Comissão: **Bene Martins** (UFPA), **Olinda Charone** (UFPA), **Wladilene de Sousa Lima** (UFPA), **Marton Maués** (UFPA), **Lúcia Gouvêa Pimentel** (UFMG), **Fernando Antonio Mencarelli** (UFMG), **Tácito Boralho** (UFMA), **Mirna Spritzer** (URGS), **Ananda Machado** (UFRR), **Maria João Brilhante** (Universidade de Lisboa-PT), **Berta Teixeira** (Universidade de Coimbra)

Revisão textual: **Bene Martins & Mailson Soares**

Projeto Gráfico: Capa, diagramação e editoração eletrônica: **Lúcia Lopes**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA

S838p Stergmann, Ramon.
Peças Teatrais de Ramon Stergmann [recurso eletrônico] / Ramon Stergmann; Organizadores Bene Martins & Mailson Soares. — Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes/UFPA, 2021. — (Coleção Teatro do Norte Brasileiro ; v. 2)

Inclui bibliografias.

Modo de acesso: <http://ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/>

ISBN 978-65-88455-17-3

1. Literatura brasileira - teatro. 2. Teatro brasileiro. 3. Arte e pesquisa. I. Martins, Bene, org. II. Soares, Mailson, org. III. Título.

CDD 23. ed. – 869.92

Elaborado por Larissa Lima da Silva – CRB-2/1585

Agradecimentos

Primeiro, agradecemos e dedicamos a obra à memória de Ramon Stergmann, procuramos atender ao pedido do artista “Não deixem minha obra morrer”.

Agradecemos ao Grupo Maromba que, na pessoa do professor Dinelson Serrão da Silva – filho adotivo de Ramon Stergmann – generosamente, cedeu os originais das peças de teatro para o acervo do Projeto de Pesquisa: Memórias da Dramaturgia Amazônica: Construção de acervo dramaturgico, o qual tem o compromisso de trazê-las a público. Parte da obra reunida nesta publicação.

Ao rendermos méritos a quem nos ajuda em nossas caminhadas, declaramos ato amoroso e digno dos que buscam crescimento e bem comum. O agradecimento carrega em si um marco de gratidão e faz tão bem, a quem agradece e a quem recebe o muito obrigado. Assim, nesses anos em que nos iniciamos nos caminhos da pesquisa acadêmica e artística, reconhecemos presenças essenciais neste percurso. E de modo especial, para a feitura deste *e-book*, uma amostra da obra do dramaturgo Ramon Stergmann, precisamos emanar gratidão:

Em primeiro lugar, ao próprio autor, *in memoriam*. Ramon, além de artista plástico, dedicou sua vida à arte teatral, nos legando a riqueza de seus textos. Ainda lembramos a emoção de lê-los nos originais...

À Universidade Federal do Pará e ao Programa de Pós-Graduação em Artes (PPG ARTES-UFPA) pelo apoio ao projeto de pesquisa que possibilitou a edição deste *e-book*. Esta instituição tem se destacado pelo comprometimento com ações voltadas à valorização do patrimônio artístico-cultural amazônica.

Ao artista de tantas vertentes, jornalista; escritor; dramaturgo; ator; diretor de teatro; músico, cantor, compositor, arranjador; arquiteto; cineasta, Walter Freitas, amigo e parceiro de trabalho de Ramon Stergmann. Walter nos brinda com o posfácio desta obra.

Ao encenador, professor, pesquisador de teatro Paulo Santana, diretor do Grupo Palha. Paulo, gentilmente, disponibilizou textos originais de Ramon Stergmann, que contam em seu acervo particular, visto que o dramaturgo aqui publicado foi seu parceiro de trabalho. Nosso muito obrigado!

Por fim, agora Mailson falando, dedico meus agradecimentos à professora Bene Martins, que desde 2009, na coordenação do projeto de pesquisa *Memória de dramaturgia ama-*

zônida: construção de acervo dramático-UFGA, tem priorizado a recolha, catalogação, digitação e divulgação das obras dramáticas produzidas na Amazônia. Pesquisadora dedicada, diria até obstinada, Bene Martins, com quem trabalho desde 2007, é mestra, amiga, profissional com quem aprendo continuamente. Obrigado pela alegria de organizarmos juntos esta obra!

Bene falando... Para interromper nossos agradecimentos conjuntos, fizemos questão de particularizar nossas falas para enfatizar a importância da parceria Bene x Mailson. Conforme ele afirma, iniciada em 2007. Trabalhar com Mailson é sinônimo de cumplicidade responsável, é acompanhá-lo em seu aprendizado de artista pesquisador incansável. Além de pesquisador de letras e artes, especificamente teatro, ele é dramaturgo dos bons. Nosso aprendizado é mútuo e gratificante. A organização desta obra, veio desde a leitura, digitação, revisão das peças aqui reunidas. Agradeço nossa parceria, Mailson, sabemos que ela será duradoura!

Dedicatória

Dedicamos esta publicação às duas primeiras colaboradoras do projeto de pesquisa
Memória da dramaturgia amazônica: construção de acervo dramático:

Olinda Charone e Zeffa Magalhães!

Sumário



Clique em cada item,
ao lado e abaixo,
e vá para a página
correspondente.

Apresentação por Ramon Stergmann.....	09
Prefácio por Bene Martins & Mailson Soares.....	10
Pósfácio por Paulo Roberto Santana Furtado.....	315

PEÇAS

A vida eschachada de Madame Jordana e Gioconda Latifunda (2001).....	17
Ana Doida (2001).....	37
Carona para Belém (2002).....	47
Com que tinta pintarei teu rosto? (2003).....	65
Conversa vai, conversa vem (2003).....	82
Cretinas e divinas (2003).....	109
A cadeira vazia (2003).....	120
A perseguida (2003).....	137
A empregada e a patroa numa boa (2003).....	161
Vila da Barca (2003).....	177
No jongo dos tambores da noite (2003).....	188
Cara ou coroa (2003).....	202
O bordel de Joana Homem (2004).....	222
A gaiola de vidro (2004).....	232
Duas vidas em frangalhos (2004).....	252
A morte de Pedro Maleiro (2004).....	264
Bar do Parque (2004).....	269
O berro do silêncio (2006).....	304

Apresentação

Por Ramon Stergmann

Apesar da riqueza da produção cultural, literária e artística da Amazônia, há pouco tempo atrás, o intercâmbio da região e dos artistas locais com o resto do país era esporádico. Já, nos últimos anos, uma série de iniciativas e de eventos dos grupos e companhias de teatro e de dança, através de temporadas ou de mostras e festivais de artes vêm propiciando a todos nós, como autores e atores de teatro, incremento das “trocas artísticas e culturais”, integrando o nosso Pará (dos paraenses de coração) ao circuito nacional, com certeza. Todos, como profissionais ou amadores, que circulam pelo cenário artístico regional e nacional, com as mais diversas formas de expressão da cultura paraense, como a cerâmica, a música, a dança, as artes plásticas, os ritmos, enfim, merecem o nosso reconhecimento.

Antes disso, na década de 1960, até 1980, nascido em Belém e radicado na capital carioca, onde divulgava a cultura do Pará, com o apoio da saudosa Eneida de Moraes e de outros escritores famosos, já de retorno às minhas origens e, no decorrer de minha carreira em Belém, sempre voltado às pesquisas de campo e às linguagens do nosso povo tapuio, sinto-me feliz em montar uma aquarela amazônica retratando a vida, as dificuldades, os causos, os fatos e casos envolvendo o caboclo ribeirinho.

O presente trabalho, reunindo várias peças teatrais, de característica regional, resume-se numa coletânea diferenciada aos grupos e às companhias de teatro e de dança para montagens posteriores. As modalidades cênicas oferecidas nesta coletânea, para adaptação teatral, são pesquisas realizadas junto aos habitantes de vida ribeirinha e aos povos indígenas no Alto Xingu, Xinguara, Altamira, nas ilhas de Breves, Barcarena, Moju, Bujaru, Cotijuba, Ponta de Pedras, Soures, Salvaterra, Marudá, Alter do Chão, São Domingos do Capim, Vigia, enfim, tantas outras localidades onde as lendas, os mitos, as visagens e assombrações habitam as matas e os rios da Amazônia, além das histórias contadas com veemência e com tanta voracidade que as pessoas parecem acreditar nelas. Histórias passadas de pai para filho, depois repassadas para os netos, os mais jovens, que colocam a dúvida em tudo que é fantasmobelo. Procurei, amazonicamente, embelezar e valorizar meu povão, no contexto do Teatro Paraense.

Pará, 10/04/2002.

Prefácio

Por Bene Martins⁽¹⁾ & Mailson Soares⁽²⁾

Quem sabe de nós, os negros, afro-brasileiros, das cantigas africanas, dos gemidos das guitarras, da quentura de nosso sangue derramado em suor e dos lombos de ternura milenar, até nos tempos de hoje?

(*Peça: Zumbi contra a Princesa Isabel, 1988*).

Não deixem minha obra morrer. **Ramon Stergmann.**

No prefácio do volume 1 - *Peças teatrais de Ramon Stergmann*, afirmamos o quanto foi ato condoído, o de selecionarmos as peças que o comporiam, reafirmamos essa angústia neste volume 2. Ao recebermos o montante das inúmeras peças, o primeiro passo foi o minucioso trabalho de digitação, revisão para, em seguida, definir critérios para a seleção de quais peças seriam publicadas em cada volume. Pois bem, reiteramos nossa opção pela ordem mais ou mesmo cronológica. O leitor verá que neste volume 2, apareceram peças mais antigas das contidas no volume 1. Não foi proposital, aconteceu, mas seguimos neste, das mais antigas para as mais recentes. Os dois volumes têm essa especificidade em comum. No primeiro, entraram 19 peças. Neste, além da apresentação⁽³⁾ escrita pelo autor, mais 18 peças. Ainda temos material para, a princípio, mais dois volumes.

No volume 1, fomos agraciados com o posfácio, *A poética de Ramon Stergmann*, escrito pelo artista-escritor Walter Freitas. Neste, o presente, a modo de posfácio, *Ramon Stergman: O fenômeno do teatro paraense e sua produção textual para os grupos da cidade de Belém do Pará*, escrito pelo artista-pesquisador, Paulo Santana. Paulo foi o diretor que mais montou peças do Ramon, e fez neste texto, certo percurso pelo trabalho desenvolvido sobre as peças montadas e mencionadas

(1) Doutora em letras, pela UFMG; pós-doutorado em Estudos de Teatro, na Universidade de Lisboa-PT; professora da Escola de Teatro e Dança (ETDUFPA) e do Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES) da Universidade Federal do Pará; coordenadora do projeto de pesquisa: Memória da dramaturgia amazônica: construção de acervo dramaturgico. (behne03@yahoo.com.br).

(2) Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Pará (UEPA); Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA); Ator e cenógrafo formado pela Escola de Teatro e Dança (UFPA); Diretor de teatro e dramaturgo. Autor de Bem perto do Paraíso/2019, livro com quatro peças. (mailson17ator@gmail.com).

(3) O texto apresentação, escrito pelo Ramon Stergmann, será mantido em todos os volumes. Caso o leitor leia um volume e outro não, ele conhecerá outro texto, que não peça teatral, além de que o texto apresenta parte dos temas que ele trabalhou nas inúmeras peças escritas por ele.

por ele, de maneira que o leitor ficará mais familiarizado com a obra stergmaniana. Além de conhecer algumas características da escrita de Ramon, Paulo teceu, neste texto, comentários sobre as participações do **Grupo Palha**, em temporadas e festivais no estado do Pará e outros estados. Este é mais um registro do quanto há para se conhecer sobre as atuações dos grupos de teatro de Belém, pelo Brasil afora. Ainda, ao explicar um pouco sobre os processos de criação dos espetáculos, fornece ao leitor e iniciantes na direção teatral, indicações de por onde começar a desenvolver uma proposta estética de montagem.

Aliás, em se tratando de indicações de como montar peças teatrais, Ramon é generoso, de modo que os jovens aspirantes a trabalhadores do teatro, podem seguir as rubricas e iniciar seu aprendizado. Destacamos uma das rubricas⁽⁴⁾ da peça, **Zumbi contra princesa Isabel**, publicada no volume 1, 2020)⁽⁵⁾.

(Neste momento, rufam os tambores, os maracás e os atabaques que vão marcando uma evolução coreográfica entre si, em plena arena. Toda cena trata-se de um ritual afro-brasileiro, onde todos cantam e dançam demonstrando alegria e magia. Em meio à cantoria, cada personagem, vai jogando o texto de acordo com o que está acontecendo, atrás de si, no cenário. A música é livre e o canto também o é).

De modo que, o autor detalha o material a ser utilizado e, nesta rubrica citada, explica ainda, o ritual que compõe a cena e o modo como a coreografia deve ser elaborada e os elementos necessários. Ramon foi um artista completo, já registramos suas habilidades no prefácio do volume 1. Pois bem, e como tal, homem de teatro, sensível, empático, preocupado sempre com as mazelas dos mais desvalidos. Não por acaso, a epígrafe retirada da peça Zumbi contra a Princesa Isabel, chama atenção para a problemática sobre o que os afro-brasileiros sentem. Esta chamada denuncia o comportamento geral e preconceituoso que, ainda, é uma constante para essas pessoas. Assim são todas as peças do Ramon, as personagens são velhos abandonados, explorados; pessoas em frangalhos; crianças abusadas; jovens praticando abortos; descrença e desconfiança no ser humano; só para citar algumas temáticas, no que se refere aos desmandos dos que detêm o poder e o sofrimento dos ignorados pelo sistema. Ramon foi um humanista por excelência.

Na peça, **O berro do silêncio**, Ernestino nos fala de modo poeticamente triste, sobre o homem que violentou a borboleta.

(4) Rubricas serão mantidas em itálico, como estão nas referidas peças.

(5) <http://ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/pesquisa/producao-intelectual/416-2020>

ERNESTINO: Eu não sei. Tenho medo do homem que violentou a borboleta. Medo dos que praticam pedofilia destruindo com a pureza das crianças. Medo do preconceito contra os negros, contra as pessoas deficientes; contra os idosos. O medo dessa gente que mora em nossas casas, atrás das portas, em nossos jardins, em nossa rua. E tenho medo de perder esse meu próprio medo! Pois não fui eu que escrevi as Profecias nas pedras, nem fui eu que extrai delas o leite, o mel... foi JESUS. Esse cara bonachão. Esperto. Tem cada lance Dele que me amarro de montão. A gente curte Ele, adoidado.

Naturalmente, nosso dramaturgo não escreveu só dramas e personagens tristes. A poética stergmaniana contém leveza, senso de humor, beleza, diálogos ternos, passagens humanizadas. Ou seja, o autor transita pela complexidade do ser humano, este ora, sofre, ora goza. Assim como nós, em nossas vivências. Mas o compromisso em denunciar os maus tratos quanto ao zelo humano, é uma constante. Assim, ao retratar nuances do ser humano em seus escritos dramaturgicos, a denúncia social está presente, subtendida ou em cenas explícitas. Na peça *Vila da Barca*, um dos personagens, Lobato lamenta:

Oh, vidinha ingrata, gente. Olha que eu moro nessa Vila há anos e anos e nunca soube de família ou de parente que fosse totalmente feliz, sem algum problema, sem embarcar nesse drama das perdas por essas bandas daqui. Aos poucos, a população vai se cansando disso aqui, enquanto o poder público vai aterrando a área alagada, mais palafitas iam surgindo e avançando sobre o rio, aí a natureza se revolta e toma tudo de volta, arrebatada casa, arrebatada família e nossas crianças. Oh, meu Deus! (*Soluçou*). Por que Donato, meu Donatinho?! O meu inocente, bem antes dele completar 10 aninhos!...

O trecho acima retrata bem, o modo como Ramon destece o rosário de dores que acometem certa parcela da população. De modo não proposital, coletamos, para este número, peças que trazem como pano de fundo, ou temática: a degradação humana, a miséria, os conflitos advindos da ganância, da desigualdade social, da ambição, falta de empatia, da própria crueldade do homem. Infelizmente, ele registrou, à época, situações ainda em voga nos nossos dias, cada vez mais agravadas nestes tempos pandêmicos.

Assim, saímos da periférica *Vila da Barca*, para uma realidade de classe média. Muda o cenário, personagens, mas o conflito advindo das incoerências humanas permanece. A peça da vez é *A patroa e a empregada numa boa*, a questão agora não é a falta de dinheiro que relega pessoas a situações degradantes, mas a briga de um filho insensível, por conta de uma herança, estando a mãe ainda viva. A infâmia a

que são lançados os pobres da *Vila da Barca*, pela situação mísera que vivem, é realocada, ao comportamento vil de um homem de situação remediada que, por ambição e ganância por dinheiro, é capaz de maltratar a própria mãe, ainda que protegida por sua fiel empregada doméstica. O diálogo abaixo explicita parte da crueldade e frieza do filho com a mãe.

FILHO: (*Com deboche*). Calma, mãezona, calma. Uma pergunta de cada vez. Só vim mesmo trazer uma procuração para ela renovar, já que a primeira caducou, tem que assinar outra e também pra saber da minha querida mãezinha, que história é essa de “casa funerária pés juntos” que alguém ouviu da senhora nesse telefone.

MARIA: (*Tentou interferir*). Seu Antônio Luiz deixe a sua mãe em paz! Ela não fez por mal. Só queria descansar a cabeça um pouco.

FILHO: (*Empurrando-a*). Cala essa boca, sua cretina. Vá procurar o que fazer. Você é paga pra isso e não para se meter em assunto de família. Saia daqui!

MARIA: Não saio! Nem que a vaca tussa ou vá pro brejo! Sou paga também para cuidar dela e se fizer algum mal a ela, pode escrever, saio daqui sim, mas para ir denunciá-lo na delegacia das mulheres ouviu bem, seu esturpício? Bote a mão nela pra ver só uma coisa! Arranque um só fio dos cabelos dela pra ver o quanto do que sou capaz. Experimente!

Se o leitor quiser saber o que acontece no final da peça, terá que lê-la! Contudo, há que se reiterar outra característica de Ramon Stergmann, pois, se há melancolia, certa desesperança, tristeza e dor, em muitos de seus textos, não há ausência de humor, ironia, sarcasmos e boas gargalhadas. Um humor escrachado, debochado, muitas vezes, reproduzindo o linguajar chulo das ruas. Talvez, isto, incomode ou desagrade a alguns, e faça rir a outros. Humor que, em algumas obras é corrosivo, ácido, de quem ri da própria desgraça, e assim faz rir o outro consigo. Ou seja, Ramon, possivelmente, ao construir a comicidade em suas peças, arrancará de nós boas gargalhadas, porém, nem todo riso será de alegria. As falas das irmãs Jordana e Gioconda, duas escrachadas, demonstram o jeito debochado de viver e como elas levam suas vidas de putas abandonadas, rindo da própria sorte.

JORDANA: (*Atropelando-se com irmã*). Nossa, Gioconda!!!

GIOCONDA: Haja Deus. (*Tomou-lhe o buquê de flores*). Deixe-me ver pra quem de nós duas... Se é pra mim ou pra você, viu bem... (*O rapaz mensageiro empaca na porta aguardando a gorjeta*).

JORDANA: O que tá esperando, meu bom rapaz?!

RAPAZ: A gorjeta. É de praxe.

GIOCONDA: Em troca da gorjeta, o moço aí não aceitaria outra coisa, não?

RAPAZ: O quê, por exemplo? (*Sorriu*). Um prato de sopa?

JORDANA: Não! Aqui nós só oferecemos pirarucu ao molho de pimenta e ensopado com buceta. O que prefere, molhar o ganso ou dar uma escovadela na barata?...

RAPAZ: (*Saiu*). Prefiro morrer virgem como nasci, estão ouvindo, do que enfiar meu pau no fiofó de duas putas velhas.

GIOCONDA: Mas divinas e cretinas, seu abestado! Esse com certeza é vedado encubado! Nem trepa nem sai de cima. Prefere ficar por baixo e de todo mundo, ó, soca no rabo, no rabo dele. Haja Deus.

Eis aí um trecho de uma cena da peça *A vida escrachada de madame Jordana e Gioconda Latifunda*, a retratar bem um tipo de humor presente na dramaturgia de Ramon Stergmann. Riso que se torna ingênuo, leve, gostoso, “sem vergonha”, quando, por exemplo, retrata o cotidiano do caboclo amazônida em situações de abandono. Da peça *Cabeça de santo*, destacamos o diálogo de Idalina e Luiz. Ela, ferosa, ele, querendo descanso. Assim é a autenticidade das personagens. Não há mascaramento algum.

IDALINA: Ah, Luiz! ... Axi! ... Assim não dá... Fico danada de raiva quando você chega assim, com essa moleza, credo! ... Anda, Luiz, vamos pro quarto... Vamos pra cama, anda! Vem, nego, preciso tanto de você esta noite, anda, nego!

LUIZ: Pra fornicar? Não. Tô cansado, Idalina. Deixa primeiro ir embora esse cansaço.

IDALINA: Que cansaço coisa nenhuma. Tá vendo? Até pra fornicar tu tás assim, molongó... Quer um cafunezinho?

LUIZ: Hum! Isso é bom... Faz, nega, faz... (*Nesse instante, Erondina faz pigarro com que anunciar sua presença, entra em cena, carregando a moringa na cabeça*).

Como se vê, não há censura, não há falas implícitas, Ramon coloca em cena, o vocabulário próprio dos personagens, caso contrário, as falas e comportamento não seriam verossímeis. O autor leva, assim, adiante seus dramas, comédias, sátiras, tragicomédias carrega-nos consigo, para ambientes desafortunados, como a casa de duas velhas prostitutas; ou nos leva ao interior da Amazônia, onde nos faz rir entre compadres e comadres; ou ainda, nos joga na “selva de pedra”, cidade grande em meio a meninos de rua. A sensibilidade de Ramon desconhece fronteiras, muitas vezes, vai da crueza da violência das ruas a um lirismo contagiante, como, quando nos embala com mitos da região, a exemplo deste trecho poético, da peça

Tatu da terra: lenda ou erosão?.

NORATO

A vida começa lá pro fim do dia
Sob a benção da noite na imensidão do rio
Desse rio de água suja aberto ao curso de navios
Sou Norato, sou Boiúna dessas águas que manejo
Sob a luz da lua cheia, ai canoa, ai canoeiro.
Conheço as vidas desse rio
Ontem fluindo em risos hoje esfolhando em mágoas
Às vezes eu penso que o destino desse rio
É destino dessa gente sem seu destino fazer
Sob a luz da lua cheia, sou Norato, sou Noratinho
Dessas lendas desse povo, ai tempo, ai desafio
Vou me esquecer no rio de novo!

Poeta da cena, assim nos conduz o dramaturgo, em meio a dores, questionamentos, alegrias, dissabores, encantamentos, pondo em vida, o que a vida tem: a realidade que nos cerca; os dilemas que nos compõem; a natureza que nos comporta em fauna e flora. Cena no palco alimentada da matéria humana que somos e da relação com o mundo que nos rodeia. Ao ler Ramon Stergmann, parece que viajamos para dentro de nós mesmos, para histórias conhecidas, situações das quais todos já ouvimos falar, mas não desejamos comentar ou das quais já rimos bastante, ou sonhamos ou desejamos viver. Assim, mergulhamos no corriqueiro cotidiano que, transposto para o palco, parece até mentira.

Desse modo, do trágico ao cômico, da crueza da vida ao onírico, segue o autor, bem ao modo das musas do teatro, Tália, Comédia, ora fazendo rir, Melpômene, Tragédia, ora fazendo chorar, ou misturando no mesmo semblante o riso e a lágrima, simultaneamente, numa demonstração das complexas expressões das similitudes ou estranhezas humanas. Ou ainda, em meio às emoções cênicas, o dramaturgo, nos faz adormecer acordados, como, deitando-nos nos braços de Morpheus ou nos deixando cair nas graças da lara, e desse modo, mergulhamos num mundo de sor-

Ouçam o murmurinho
O silêncio e os tambores da noite
A noite cavalga a galope

Nos seus cavalos de plumas
Esse corpo teu corpo meu
Viaja um rio navegando

tilégios e sonhos, a ouvir murmurinhos dos silêncios e dos tambores, da peça ***Ao toque do berrante***⁽⁶⁾.

Há muito ainda a se debulhar dos grãos poéticos dramatúrgicos plantados em solo nortista por Ramon Stergmann. Contudo, ficamos por aqui, desejando que a leitura desta obra produzida com tanto carinho, permita aos leitores um mergulho no universo ficcional do autor. E, na busca por palavras para findar este prefácio, logramos do dramaturgo aqui celebrado, uma rubrica da peça ***Palhaço de Cristo*** para fechar esta cena, enquanto outra se prepara para abrir.

(Aqui ocorre um blecaute no palco. Em segundos, ouve-se um grito no escuro feito um eco. É quando chove estrelas caindo no mar).

Viva Ramon! Viva o teatro! Evoé!

NOTA:

No prefácio do volume 1, destacamos uma das características de Ramon, a de escrever e reescrever a mesma peça, com sutis alterações, às vezes, a pedido de quem as montaria, chamamos atenção para estes “procedimentos stergmanianos”. Ao leitor atento, não passará despercebido elementos que se repetirão em diversas peças, algo pertinente ao universo ficcional do autor: os menos favorecidos.

Prostitutas envelhecidas, idosos maltratados, moradores da periferia sem perspectiva de vida, filhos pródigos, viciados, em suma, figuras marginais são os personagens que habitam as histórias a seguir. Salvo a peça No jongo dos tambores da noite, as demais têm como protagonistas figuras excluídas socialmente, em dramas que mesclam às situações trágicas humor cáustico ou escrachado, a partir de uma linguagem coloquial, em que as personagens encerram suas desventuras com finais trágicos, felizes ou inusitados.

A VIDA
ESCRACHADA
DE MADAME
JORDANA E
GIOCONDA
LATTIFUNDA

A vida escrachada de Madame Jordana e Gioconda Latifunda

Sátira/Comédia - 2001

PERSONAGENS

Jordana

Gioconda

Alfredo

Candinho

CENÁRIO

Palco italiano. Mostrando altos e baixos de uma casa popular de massagem, dita e havida como puteiro ou palácio dos anjos, comandado por duas mulheres, ambas cafetinas.

TEXTO

Narra a história de duas irmãs (ex-prostituta e ex-cafetina), que foram empresárias em Belém na década de 70, quando proprietárias de um antigo bordel que, por sua vez, tinha uma fachada de “casa de massagem” e conseqüentemente era alcunhado de puteiro no centro da capital onde frequentavam o pessoal militar (jovens marujos), estivadores, bancários, funcionários, enfim, pessoas ilustres de várias categorias profissionais. Ambas, em decadência física, moral, material e social abriram falência de luxuoso bordel. Hoje, só resta lembranças, recordações do passado, porém, guarnecidas pela presença única e inusitada do guarda-noturno que comparece em cena para compartilhar do esquema sexual das duas mulheres solteironas, levando a vida pro escracho de tudo que é passado passarinho passará. Onde existir uma Gioconda na vida e uma Jordana a surgir nos becos ou nas esquinas debaixo de poste de luz.

O Autor



CENA 1

(Duas mulheres. Ambas socialmente decadentes e solitárias. Contudo, sempre aguardando ansiosas por algum visitante no seu ex-motel "Palácio dos anjos" ou simplesmente "casa de massagem").

JORDANA

(Usando ventarola por cima e por baixo). Nossa mãe. Que calor horrível. Parece que o meu corpo tá pegando fogo. Nem parece que choveu ainda há pouco.

GIOCONDA

É possível. Talvez seja problema de menopausa. Tá tomando remédio direito?

JORDANA

Não tá resolvendo nada. Gioconda, se você pudesse acrescentar no seu passeio desta noite um macho de verdade, um cara que tivesse uma responsabilidade daquelas sobre mim e me obrigasse a ceder várias vezes por dia, de segunda à sexta, acho que acabaria com esse meu fogo.

GIOCONDA

A Jordana acha, é?

JORDANA

Plenamente. Menos sábado e domingo, porque colocarei a minha xereca de molho. Pra mim, é dia de higiene, de relaxamento. Nem por um e gordo michê deixaria de curtir um pouco de paz e de sossego.

GIOCONDA

Mas isso talvez seja pedir demais a uma ex-cafetina ou a uma ex-prostituta, que já foi a Rainha da Noite, cantada em versos e prosa nos boleros de Adelino Moreira e tantos outros da década de 60, hoje só restam lembranças, recordações de um passado que não voltará jamais.

JORDANA

Isto é verdade. Naqueles tempos, os homens viviam mais porque abdicavam da mulherzinha deles e vinham nos atacar de forma selvagem, não só em busca de carinho, afeto, sexo, mas de soluções práticas e imediatas que nós tínhamos para lhes oferecer, mas de maneira responsável, inteligente,

visando o seu bem-estar social. Coisa que a esposa não tinha, e muito menos sabia trepar, a não ser naquela base de “papai-mamãe” e depois cobria a cara de vergonha enquanto ele lavava a cabeça do pinto.

GIOCONDA

Bons tempos aqueles!

JORDANA

Bons dias, eu diria, viu minha Gioconda, onde o fim do mês não era também o fim da picada. E toma rola no rabo! Enquanto dinheiro não faltava. Nem no bolso do civil, nem dos marujos, nem dos estivadores da Gaspar Viana. E toma no rabo, pela frente e por traz, por baixo e por cima, onde a pica desse e coubesse inteira, nem que a gente tivesse que gemer de dor... que nem aquela musiquinha famosa... *(Cantarolou)*.

CENA 2

(Enquanto Gioconda se prepara diante do espelho vai jogando a fala, sendo observada pela irmã mais velha).

GIOCONDA

Que ironia. Parece que foi ontem. Quando aconteceu um rapa na vida do nosso “Puleiro dos Anjos”.

JORDANA

Dívidas e mais dívidas, impostos e mais impostos fiscais, enfim, todos desencavados pela Justiça dos homens.

GIOCONDA

Uma baita sacanagem que fizeram contra nós duas. Os mesmos homens que nos ajudaram a construir e a promover nossa casa de massagem, acabaram cuspidando no prato que comeram sem fazer cara feia. Era cu e buceta de todo tipo de todo tamanho.

JORDANA

Porcos! Imundos! Pior do que nós duas, na sarjeta e na solidão de amargurar tais lembranças, são eles buscando sempre consolo que não acham no colo de uma puta por não sentir nada por eles, apenas compaixão e prazer de pegar na grana. Só isso.

GIOCONDA

Ah, meu Deus. Para de lembrar-se dessas coisas. Assim vou acabar borrando a minha maquiagem. A culpada é você Jordana, que fica aí remoendo o passado.

JORDANA

Pobre Gioconda! Que ficou a ver navios quando seu marujo americano foi embora com a rola na mão! Sem lhe deixar um dólar sequer pro café do dia seguinte. Nem esperança de voltar um dia.

GIOCONDA

Você tá coberta de razão, Jordana. E pensar que esta casa já foi muito bem frequentada por gente grã-fina. Gente elegante, chic, chiquérrima. Pessoas ilustres, pessoas famosas. Juízes, advogados, políticos, empresários, poetas, artistas, cafetinos, prostitutas, devassos, todos vinham dar de mamar na casa de massagem “Palácio dos Anjos” – que era, no fundo, só fachada.

JORDANA

E lhe digo mais: Se não fosse a putaria ou o procedimento escuso daquela raça de cretino haveria um certo glamour bem mais sofisticado. Porém, uma coisa era certa: a gente tinha respaldo político e social pra manter nossa vagina ocupada durante 24 horas!

GIOCONDA

A minha “Josefina” aqui ficava até fuló. Larga que nem boca de jacaré. Fudidona. Arrasada. Ultrajada na sua beleza titubiana.

JORDANA

Vai sair?

GIOCONDA

Vou dar uma volta.

JORDANA

Bem aonde?

GIOCONDA

Aqui perto no bar da esquina. Quero conversar com alguém muito só. Quer vim comigo?

JORDANA

Pena que não posso. Tô esperando alguém que vem ceiar comigo esta noite.

GIOCONDA

É mesmo? Como se deu isso?

JORDANA

Por telefonema. Aí topei. Marquei com ele aqui.

GIOCONDA

Ah, sua danadinha. Que espertinha você é, como sempre, né Jordana! Mas o que vai usar na cama?

JORDANA

O trivial de sempre. Isto é, se o sujeito for merecedor. Senão, taco o dedo no cu dele pra gozar mais rápido, mais rapidola.

GIOCONDA

Bom! Faça um bom proveito. Tenha um bom apetite. E por falar nisso, me empreste aquele seu Luiz XV, pois o meu já quebrou o salto... Posso?
(A outra fez que "sim" com a cabeça e Gioconda sai de cena por uns segundos).

JORDANA

Essa tá mais fudida do que eu. Nem sapato decente tem pra usar numa ocasião dessa. Toda piva que se preza tem um sapato e uma roupa pro batalho, tem que ter um visual legal, uma postura fina, que é pro cara exibir a rola pra ela.

GIOCONDA

(Dando voltas em torno de si). Que tal estou?

JORDANA

Está linda! Vai arrasar. Não vai ter caralho pra botar defeito.

GIOCONDA

Deixe-me dar uma olhada! *(Correu ao espelho novamente).* Espelho, espelho meu, será que existe alguém mais pelancuda do que eu?

CENA 3

(Aqui, como uma paródia qualquer de cinema, o espelho se quebrou neste momento deixando a ver sua contestação infeliz contra sua decadência física).

JORDANA

Haja Deus. Mal abriu a boca e o desgraçado...pimba! Espatifou-se.

GIOCONDA

Tá vendo, Jordana? Isto significa que o espelho tá certo e que minha irmã mentiu para mim, como nos velhos tempos da nossa mocidade. Lembra-se? Foi a Jordana que teve ideia de me usar para abrir um bordel, iniciar um puteiro.

JORDANA

Lembro-me sim! Foi depois da morte de nossos pais num acidente rodoviário.

GIOCONDA

Eu tinha 14 e você 16 anos. Aí nós duas vimos pra Belém numa carona de caminhão, de pau-de-arara mesmo, em troca de sexo anal e bucal. Que horror!

JORDANA

Como se não bastasse fomos parar numa casa de prostituição, “vendidas” pelo caminhoneiro. A negra cafetina, antes de morrer, nos passou todos os macetes da putaria e da sacanagem. Entretanto, quando abrimos a perna no puteiro, esquecemos de uma coisa primordial: os estudos em colégio. Erámos burras e famosas, muito competentes na prática, mas na teoria qualquer rola fudia a gente.

GIOCONDA

Nossa. Bota rola nisso! A gente era muito novinha, sabe como é, qualquer gravação valia um disco long-play naquela época, hoje vale um CD, coisa pequena. Coisa miúda. Nem custa tanto prazer.

(Alguém toca a campainha e ambas correm ao mesmo tempo para atender como se disputasse uma corrida de automóvel. Era o mensageiro trazendo flores vermelhas).

JORDANA

(Atropelando-se com irmã). Nossa, Gioconda!

GIOCONDA

Haja Deus. *(Tomou-lhe o bouquet de flores)*. Deixe-me ver pra quem de nós duas... se é pra mim ou pra você, viu bem... *(O rapaz mensageiro empaca na porta aguardando a gorjeta etc)*.

JORDANA

O que tá esperando, meu bom rapaz?!...

RAPAZ

A gorjeta. É de praxe.

GIOCONDA

Em troca da gorjeta, o moço aí não aceitaria outra coisa, não?

RAPAZ

O quê, por exemplo? *(Sorriu)*. Um prato de sopa?

JORDANA

Não! Aqui nós só oferecemos pirarucú ao molho de pimenta e ensopado com buceta. O que prefere molhar o ganso ou dar uma escovadela na barata?...

RAPAZ

(Saiu). Prefiro morrer virgem como nasci, estão ouvindo, do que enfiar meu pau no fiofó de duas putas velhas.

GIOCONDA

Mas divinas e cretinas, seu abestado!! Esse com certeza é viado encubado! Nem trepa nem sai de cima. Prefere ficar por baixo e todo mundo, ó, soca no rabo no rabo dele. Haja Deus.

JORDANA

O que diz o bilhete? Quem escreveu? Me dê o cartão aqui!

GIOCONDA

Calma, Jordana. O que é da mulher-dama ou da piva escrota nem o bicho come. Agindo assim você tá parecendo aquele nosso amigo Júnior que esfolava a pica e não resolvia nada, nem botava na xereca em breve tempo, só lambia a beira da bichinha. *(Entregou-lhe as flores e o cartão)*. Toma! Mata a tua curiosidade. Tudo é pra você.

JORDANA

Pra mim? *(Alegrou-se)*. Quem será?

GIOCONDA

Das duas uma: ou será um casca-grossa, analfabeto de pai e mãe, ou é um pica grossa pra gastar com essas flores vermelhas. Tem homem que gosta de bancar o otário.

JORDANA

Ouçã aqui, Gioconda, o que diz o bilhete: “Minha querida Jordana, dona da vagina mais funda, tô louco pra lhe rever de novo e me deitar na tua te-ta esta noite de natal. Me aguarde. Assinado: teu chupador apaixonado”. Ai, que lindo! O que você acha? Topo ou não topo?

GIOCONDA

Claro que topa! Não é todo dia ou toda noite que tem alguém disposto a comer uma buceta velha, minha santinha. Vai fundo! Pega o camarada e faz dele gato e sapato. Aproveita da moleza dele. Explora esse filho duma puta. Desforra!

JORDANA

A Gioconda tem razão. Eu tenho mais é que me divertir esta noite, mas...

CENA 4

(De repente sentiu-se importunada pela gordura e estrias do corpo e foi ao novo espelho).

GIOCONDA

O que foi? Tá se sentindo uma fofa, uma melancia? Algum boneco de Olinda?

JORDANA

Ah, Gioconda! Ele não vai me querer assim, gorda, peituda, bunduda, ca-deiruda, desse jeito, com estrias por tudo quanto é canto. Que homem vai me querer?

GIOCONDA

Mas, minha Jordana de buraco fundo, hoje em dia tem gosto pra tudo sabia? Há homens que gostam das magras, há outros que adoram mulher re-cheada de gordura feiro peru de roda, com pneus de torno da barriga, com

varizes nas coxas e nas pernas. Tem deles que adoram até mulher sebosa, com fedor no suvaco e tudo. Ai, que horror! Era preferível morrer.

JORDANA

Despeitada. No fundo, a Gioconda sempre morria de inveja de mim já que os estivadores preferiam a mim por causa da fundura da minha xereca. Entretanto, reconheço que você era a que mais faturava no puteiro, arreava qualquer cacete.

GIOCONDA

Também não exagera. Que a “Josefina” aqui já foi boa de cama é verdade, mas hoje anda caídaça. *(A outra se retitou da sala)*. A onde pensa que vai?

JORDANA

Vou tirar a água do joelho. Posso?

GIOCONDA

Sabe que eu gostaria para a virada do ano hoje à meia-noite? Um cara macho, musculoso, pimpudo, detonando pra cima de mim. Comprei alguns champanhes pra gente beberem, pra desejar a todos ótimas entradas no ânus, enfim, que tenham um ano novo pra lá de pai d’égua.

(Neste momento, alguém chama na campainha e o telefone toca ao mesmo tempo e ambas as mulheres se cruzam no meio da sala sem saber a quem atende. A cena é super patética e engraçada).

GIOCONDA

(Na porta). São flores pra você, Jordana. O bilhete é do *(Assoletrando)*. Murilo Sampaio. Aquele estilista fracassado. Viadão ele!

JORDANA

É pra você... o telefonema. Atenda!

GIOCONDA

Quem é? Disse o nome? *(E foi ao telefone)*.

JORDANA

Adorei! Obrigada, Murilo Sampaio! Ele é um amor de pessoa. Está sempre homenageando a gente. Sempre trazendo uma rapaziada nova pra curtir aqui no puteiro.

GIOCONDA

Alô. Oi, amado, é você? Como? Tá! Tá tudo bem, sim. Não saiu não, ela... mas não é menino, ela anda num aflição que vou te contar. Hein? Ah! Isso é mania dela de me arranjar, vez por outra, um michêzinho pra nossa despesa básica! O que? Olha... na verdade, aqui entre nós, a Jordana não tem mais condições de abrir as pernas, a não ser pra mijar e defecar. Ah, você acha graça, é?? Tadinha dela. Escancarou tanto naquela época que hoje tá assim fuló, arreado, fudida e mal paga. Vivendo de artesanato na rua.

JORDANA

(De supetão). A Jordana é que paga o pato em tudo, né Gioconda? Você não perde a chance de expelir seu veneno contra mim.

GIOCONDA

Jordana!

JORDANA

Como pode falar uma sandice dessa a meu respeito? Magina! Só não trepo em açazeiro, mas trepo em qualquer pau que me dê na telha, ora essa!

GIOCONDA

Desculpe. Eu retiro o que disse. Tome o telefone... o Lulu quer falar contigo.

JORDANA

Comigo? Ele disse o que era. Qual o assunto.

GIOCONDA

Poxa, Jordana, custa falar com o cara. Custa?

JORDANA

Tá bom. Mas se for empréstimo que ele deseja não tem como atender. Esse papo de pago hoje, pago amanhã, qualquer débito mixuruca, nem pensar. Eu faço questão de dizer NÃO, não e não, do tamanho do caralho.

GIOCONDA

Fala com ele, criatura. Atrás duma dívida pode existir uma verdade oposta sobre aquilo que você tá pensando. Ora, com tantos arrotos que você já deu na cara do rapaz, um a mais ou um a menos, agora um pouco nunca

será demais. Tenho certeza que o Lulu vai adorar ouvir sua voz de novo. O resto fica por conta da sua imaginação, tá, querida... *(Entregou-lhe o aparelho)*.

JORDANA

Alô! Que deseja? Fala Lulu! Como vai teu cú depois do estupro? Já sarou, é mesmo? Com que?... Com salsa do mato e erva de jaboti? Que coisa, menino! E quando voltas a trepa... no mês que vem? Tá ótimo. Aqui no puleiro todo mundo sente tua falta no show Cuceta Gay. Se tem elemento novo? Claro que tem! É uma rapaziada jovem que curte legal todo mundo numa boa. Aparece, viu Lulu, só depois que tu cicatrizar bem esse teu cú. O quê? À estas alturas do campeonato, me diz, como correr atrás do prejuízo? Menino, a maioria dos safados que frequentavam o Palácio dos Anjos já se escafedeu, já morreram de enfarto, ou coisa parecida, senão a gente já tinha dado um susto neles. E a xereca onde fica? Fica aqui entre as pernas aguardando teu calor humano. Claro, né meu bem. Foi da buceta que a puta te pariu numa digamos assim noite de luar, eis porque tens o bumbum voltado pra lua. Escuta, Lulu, tu vens ceiar conosco? *(Desligou)*. O cretino desligou na minha cara. Nem deu tempo de desejar um feliz natal!

GIOCONDA

Não es quente a cabeça. Fica fria. De repente, de uma hora pra outra, alguém pode pintar no pedaço e aí nos oferecer um coquetel e nos levar pra cama a fazer uma surubada. Toparias mana?

JORDANA

Olha! Quem anda matando cachorro a grito, ou pegando em onça pensando ser um gato doméstico... O programa aí é convidativo, na pior das hipóteses, não tenho outra alternativa.

GIOCONDA

Por conta do risco que vamos passar e só pra não ficarmos tão sozinhas, a bem olhar uma pra cara da outra, vamos agir com a imaginação. Primeiro, vamos preparar a mesa dando-lhe um aspecto clássico, segundo vamos nos fantasiar de quituteiras de frutas regionais. Topas?

JORDANA

Já topei! Mais a mais será tudo emocionante!

GIOCONDA

Mãos à obra! Não há tempo a perder. Não espalha: mas o pastor da igreja...

GIOCONDA

Que tem o pastor da igreja?!

JORDANA

Me convidou pra eu dar uma com ele.

GIOCONDA

Quanto o michê?

JORDANA

Comprei 100 paus. Com toalha e sabonete Rexona. Estranhíssimo o santo padre exigir que a trepada fosse em cima da escrivadinha dele.

GIOCONDA

Por falta de espaço naturalmente.

JORDANA

Pior que não. É ele que não é chegado a uma cama, mas a coisa dura, a madeira me dá em doido. É a sua fantasia que fala mais alto. De qualquer maneira, conforme for tal situação, levo o “consolo” comigo e taco no rabo dele!

GIOCONDA

Pronto. A mesa está arrumadinha. Está chic. Chiquérrima.

CENA 5

(Neste momento, toca a campainha com insistência. Ambas ficam nervosas e na expectativa de ser alguém de sua estima. Trocam palavras rapidinho e uma delas resolve atendê-lo na porta com elegância. Com glamour e brilho. Lá fora, o pipocar de fogos a fazer as pessoas felizes nessa noite).

JORDANA

Santo Cristo. Quem será que vem pra ceiar com a gente?

GIOCONDA

Sei lá. Haja Deus. A questão é: seja lá quem for, será bem-vindo. Comigo, o buraco é mais em baixo, não tenho essa de preconceito. Topo tudo.

JORDANA

(Vai abrir a porta, quando). Seu Pinduca! *(Decepcionou-se).*

GIOCONDA

O que houve? Algum problema?

JORDANA

Tem encrenca na portaria? *(Disfarçou o constrangimento diante dele).*

PINDUCA

Não, senhora. Não houve nada disso. É que de acordo com a tradição estou a lhes desejar boas entradas de ano novo!

GIOCONDA

(Voltando-se para a irmã). É, pode ser. Por que não, né Jordana? Temos que ter sacos também para aturar certos abelhudos e linguarudos daqui do prédio.

PINDUCA

O que disse?!

GIOCONDA

Nada não. Pensei em voz alta. Pra começar a gente tá saindo pra casa da Nil.

PINDUCA

(Surpreso). Pra casa da Nil?

JORDANA

O senhor a conhece?!

PINDUCA

Não, não a conheço.

GIOCONDA

(Quase enxotando-o). Então nos dê licença... licencinha... que a gente tem que rodar, temos que ir à casa da ninfeta, por favor!

PINDUCA

(De pé na porta). Ora, ora, quem diria: pra quem conhece a vida escrachada de vocês duas aí sabe perfeitamente que existe por traz desta desculpa alguma sacanagem nesse extinto bordel, pois não?

JORDANA

Gostaríamos. Mas não existe.

PINDUCA

Descola outra desculpa, cara... antes que o meu pau endureça! *(Saiu).*

GIOCONDA

Porra. Haja saco pra aguentar esse corno manso – ó – a gente com ele só ia tomar no... deixa pra lá.

JORDANA

Ruim com ele, pior sem ele. *(Neste instante, toca a campainha).* Tomara que seja ele!! Ele me dá dó, coitado, querendo uma trepadinha com a gente.

GIOCONDA

Já posso imaginar. Agora, se é pra dá de graça, nem vou falar da exploração desse cara-de-pau. *(E foi atender na porta).* Alfredo!

JORDANA

Alfredo Campos Vasconcelos do Espírito Santo, que prazer em revê-lo aqui em nosso puteiro! Quanto tempo! O que o trouxe aqui?

ALFREDO

Saudade. Apenas saudade. Das duas aí. Também falta de amizades por aí é que me trouxeram até vocês. Telefonei várias vezes, mas o telefone só vivia ocupado, desligado, sei lá.

GIOCONDA

Esqueça tudo. E nos faça companhia em nossa ceia!

ALFREDO

Como nos velhos tempos naturalmente.

JORDANA

Não. Além de cobrar comissões estamos fazendo uma promoção em nosso espaço fudedor pelo macho que pintar primeiro. O sortudo hoje foi você.

ALFREDO

Já entendi. Tenho que pagar alguma prenda?

GIOCONDA

E que prenda! Duas piranhas numa noite de natal, eu e ela aí. Que acha?

ALFREDO

Eu, eu... sei lá... Nem sei se devo...

JORDANA

(Esfregando-se nele). É pegar ou largar.

GIOCONDA

Ou trepa ou sai de cima.

GIOCONDA

Ou fica em baixo tomando no rabo. Tá vendo isto aqui? *(Mostrou o "consolo")*.

ALFREDO

(Encabulado). É, né, pode ser. Ora, quem conhece o mau procedimento das duas, numa baita sacanagem, não tem como recuar diante de tão excelente chantagem.

GIOCONDA

Então nesse caso, prefere o quê?

ALFREDO

Você sabe. Claro que, de acordo com o meu instinto, né Gioconda, no fundo, no fundo, eu prefiro um grande "consolo". *(Desmunhecou-se graciosamente)*.

AMBAS

(Entreolharam-se). Não!

JORDANA

Veja só como é a natureza. Lá onde arrea o pau a bunda se levanta e caga na pica. Puta merda. Bem que eu desconfiava.

GIOCONDA

A praia dele é outra, Jordana. Nem podia imaginar que ele gostasse de curtir uma senhora vara.

ALFREDO

E qual é o problema, amor?! Tem gente que não gosta, nem adota em falar dessas coisas, tal o excesso da exploração sexual no Brasil a que a população de jovens foi submetida, com o conseqüente esvaziamento de afeto. Entende-se isso como algo decadente. Afinal, confunde-se putaria com rápida trepada por que reduz o tempo de prazer, principalmente pra quem tá em baixo recebendo rola no rabo.

AMBAS

(O aplaudiram, com entusiasmo). Explêndido! Maravilhoso! Formidável! Cativante!

GIOCONDA

Mas não se esqueçam de usar a camisinha. Só bacu-baitola é que não usa, é por que isso que se fode na vida, fica ferrado, morre por burrice. Vira presunto.

JORDANA

Venha comigo. Vou lhe dar uma injeçãozinha de ânimo no seu fiofó. Venha!
(E sumiu com ele no interior da casa).

GIOCONDA

Enquanto isso... ficarei chupando o que? *(Toucou a campainha várias vezes).* Já vai! Já estou indo! Quem será o desgraçado à esta altura querendo colocar a porra da porta à baixo??

CENA FINAL

(Ao abrir a porta, Gioconda teve uma grata surpresa com a presença do guarda noturno em trajes sumários: usando cueca zorba, boné de napa e bota preta e com correntes trançadas pelo corpo etc.).

GIOCONDA

Seu Candinho!

CANDINHO

Posso entrar?

GIOCONDA

Entre, entre! Vá entrando! Antes que alguém veja o senhor vestido desse jeito entrando na minha casa à estas horas da noite.

CANDINHO

Desculpe, madame. Mas vim mesmo desejar boas entradas de ano novo pra vocês! Onde está a madame Jordana? Saiu?

GIOCONDA

Não é da sua conta se ela saiu ou deixou de sair. Meta a sua língua sabe onde? No CU! (*Reparando nele seminu*). Mas que diabo é isso, seu Candinho? Que aberração é essa? O senhor como guarda-noturno devia saber que isso não são trajes de comparecer a estas horas da noite na casa de duas mulheres solteiras e que são suspeitas de serem da vida. Já pensou se a sua mulher souber disso? Vai ser o maior bafafá pra cima do senhor.

CANDINHO

Eu sei, madame. Eis porque estou aqui atrás de um pretexto para me desquitar dela, e me juntar com a madame.

GIOCONDA

O quê? Se juntar comigo? Nem morta! Eu nunca fui mulher e nem serei mulher prum homem só, quero uma porrada deles em cima de mim, que faça de mim gato e sapato. Sabe o que eu acho? Vá cuidar da sua ronda noturna. Vá! (*Empurrou-o*).

CANDINHO

Vou não. Esta noite é minha folga.

GIOCONDA

E essa roupa sumária escandalosa significa o quê?

CANDINHO

A madame gostou?

GIOCONDA

Adorei! Só assim o senhor mostrava suas pernas e seu volume entre elas!

CANDINHO

É ralado dizer, mas foi pra lhe agradar, mostrando meu charme, minhas qualidades físicas.

GIOCONDA

A intenção é pai d'égua, porreta mesmo, e eu tenho mais é que aplaudir, de pé, inclusive. Seu Candinho - ó - eu adorei!! Pela primeira vez estou lhe vendo desse jeito, seminu, sem aquela farda horrosa de guarda-noturno, sem aquele cacetete ridículo que não dá nem pra enfiar em rabo de mula. Agora, metido nessa cueca, exibindo essa trouxa volumosa tão sensual, me diga, qual a mulher por mais pacata que seja poderá resistir uma pombada? A puta então... vai logo botando a boca, grava logo um CD. O seu Candinho há de convir que eu sou uma mulher e não um...

CANDINHO

Me poupe de suas belas desculpas, madame... minha rainha, e peço-lhe que não invente distância alguma entre nós agora, já que estamos tão próximos um do outro. Também não me trate por "senhor" porque ficarei acahnado e me sentindo mais velho, toda via, mais vigilante estarei para protegê-la no caminho ou de algum assaltante aqui na vila.

GIOCONDA

Obrigada! Porra fico feliz pra porra ouvindo isso! Agora, uma perguntinha besta e safada: Como é mesmo o nome do seu caralho?

CANDINHO

(Sem titubear). "Asdrúbal". Às suas ordens.

GIOCONDA

Gracinha. Agora vamos...

CANDINHO

Quer experimentar?

GIOCONDA

Agora não! Não vá com muita sede ao pote. Primeiro vamos bebemorar esse encontro inusitado, não acha?

CANDINHO

Acho que sim! Você merece, minha rainda. Um brinde a nós dois!

GIOCONDA

Claro! Toda piva que se preze tem no macho a rola que merece. Feliz Ano Novo, seu ou melhor, Candinho!!!

CANDINHO

Pra você também, Gioconda! Muita paz, muita trepada, muita fudelância, muito tudo na sua vida!

GIOCONDA

E muita putaria nesta noite! *(Ao ouvir a algazarra, entram Jordana e Alfredo na cena final da comemoração).*

JORDANA

Êpa! Também entro nessa festa! Mas seu Candinho, quem diria hein, botando as asas pra voar, soltando as frangas! *(Ele só fez sorrir e dançar).*

ALFREDO

Tô nessa contigo e não abro! A vida só é curtição. Vamos curtir! *(Pulou carnaval com ambos, brincou de trenzinho, depois de par em par etc.).*

FIM DO ESPETÁCULO

ANA
DOIDA

Ana Doida

Drama psicológico - 2001

PERSONAGENS

Ana Doida
Enfermeiro

CENÁRIO

Uma esquina de rua abandonada, um beco mal iluminado e um barranco de lona velha, clandestino, no meio do matagal.

TEXTO

Narra a história real de uma senhora que viveu em depressão durante algum tempo a envolver-se com as coisas do passado não muito distante, trazendo-lhe de volta a vivência e as lembranças da família que lhe abandonara, atirando-lhe na rua onde passou a viver como se fosse uma mendiga. O resgate de sua saúde deu-se com o aparecimento de uma ação social e filantrópica que buscam curar esse tipo de pessoas. “Ana Doida” – como era chamada na roda – é um caso típico e consequente da falta de amor e de afeto dos seus familiares e que acabou caindo no esquecimento. Não fosse o interesse pela cura através do abrigo da terceira idade que a acolheu, a nossa heroína não regressaria ao lar e não teria a posse de seus filhos.

O Autor



CENA 1

(Como num faz de conta: Ana com a criança no colo e temperando o mingau ao mesmo tempo).

ANA DOIDA

Chora não, Fafy. Mamãe vai fazer teu mingau. Oh, filha, para de chorar, amorzinho de mamãe. Mamãe tá ocupada. Será possível que tu não teje vendo isso? Anda, colabora *(Faz uma pausa no choro)*. Do choro ao riso, né meu

amorzinho? Tadinha. Droga! E essa pinoia de fogão que não quer acender! Justo agora! *(Reparou na menina que se calou pouco antes)*. E tu menina, o que é que tu tem, pra ficar calada? Ah! Logo vi, olhem só pra isso! ... Fazendo porcaria na rede e amassando! ... Pra quê que tu fizesse isso, hein Fafy?! Já não basta as coisas que eu tenho pra cuidar nesta casa e ainda por cima vem tu com essa imundice! Anda, vem cá... Vou te dar um banho agora... *(A menina voltou a chorar e berrar)*. Agora, sim, senhora! Pode chorar, pode até berrar, sua sebosa, sua fedorenta. *(Apoquentando a menina)*. A Fafy tá fedorenta... A Fafy tá fedorenta...

(Corte na cena / foco em:)

CENA 2

(Ana trocando as fraldas da criança e resmungando por sentir náuseas de coisa fedida).

ANA DOIDA

Ai, que horror. Credo. Adoro criança! Mas não suporto criança e nem limpar cocô de criança. Ai, que nojo! Chega me dá náusea. Pronto, a mamãe não fala mais de você, sua cagona. Basta com esse chororô besta! Vai ver que a coitadinha tá com fome. Acho que tá na hora da mamadeira. Deixa eu primeiro enxugar tuas virilhas, tuas partes. Pronto. *(Vestiu a menina e esta se calou por alguns segundos)*. Agora ela tá pensando que vai pra rua, vai passear na praça, coitada. Acontece que a mamãe, por pouco, não foi atropelada esta madrugada na rua. Já pensou! A mamãe aqui nunca mais ia lhe ver. Ó, procura não mijar muito, só tinha essa roupinha seca no varal, tem outras, mas é no quaradouro, tá custando a secar, quando secar mamãe passa à ferro. Teve pouco sol. Muita chuva.

CENA 3

(Ana atando outra rede para dar de comer a criança que continua aos berros).

ANA DOIDA

Mas que coisa! Que berreiro é esse! Fafy, a mamãe tá atando uma rede limpa a fim de balançar você até dormir, para de escândalo, menina. Pronto. Vem com a mamãe, anda vem, mamãe vai cantar aquela musiquinha que tu gostas, e que te faz dormir. Quer ouvir? Então ouve, escuta o meu canto: “quando eu morrer, não quero choro nem vela, quero uma fita amarela, pra chorar no enterro dela” ... Não, menina! Essa música não fala de ti, fala daquele cachorrão do teu pai que me deixou na rua da amargura. Calma,

filha!! Mamãe não canta mais. Pronto. Vamos logo! Toma logo a porcaria desse mingau feito com pedrinha de rua, misturado com maizena (*a menina se calou e dormiu*). Oh, minha senhora! Agora vou cuidar do resto das tarefas!

CENA 4

(*Ana lavando roupas e estendendo no varal, uma a uma, e recolhendo outras no quintal*).

ANA DOIDA

A gente não tem um descanso! Um montante de cueiros por falar, outros para recolher no varal. Ainda tenho duas lavagens de roupas pra fora. Pior que aquele cachorrão do seu Agripino tá me devendo um mês! Disse que ia me pagar esta semana, mas ainda não pagou. Miserável. Quem não pode com o pote não pega na rodilha. Se ele não podia pagar uma lavadeira, por que mandou lavar? Amanhã, quando eu entregar essa pra ele, vou dar um basta! Vai que numa ocasião o padre Jacinto foi tomar um cafezinho na casa dele e o padre me contou que o infeliz tava falando mal da minha lavagem, dizendo que tava encardida, que tinha mancha de quiboa nas calças. O reverendo na base da amizade, e a meu favor, disse praquele nó cego que devia pagar aquilo que... (*Esbarrou-se num embrulho de jornal*). Mas o que é esse embrulho de jornal? (*Abriu e ficou surpresa*). Meu Deus! Achei um montante de dinheiro! Será que tem validade tudo isso? Olhem só pra isto!!! Vou tirar minha barriga da miséria. Vou deixar de ser pobretona.

CENA 5

(*Ana e o dinheiro antigo e as crianças sentadas na mesa*).

ANA DOIDA

Ah, já voltaram da escola? (*Reparou no relógio*). Foi a “tia” que liberou vocês cedo hoje porque está doente! Mas doente de que? De conjuntivite? Ah, isso é doença que tem cura. Doença do nosso clima tropical. Mas diga lá pra “tia” tirar uns dias de folga pra não contaminar os alunos. Vê se pode uma professora ficar exibindo uma “coisa vaginosa” nos olhos... muito pior que o tal do dor do olho! (*A menina se acorda e chora*). Rafael! Levanta daí e vai acalantar a tua irmã, enquanto preparo uma comida pra vocês enganarem o estômago. Vai menino! Te mexe! Ainda bem que a mamãe escreveu vocês no programa Fome Zero, senão, tava eu fumada, vendo meus macaquinhos passando privações. Vai que o dinheiro que achei no meio do lixo

no quintal era velho, grana antiga, sem valor. Pelo menos, foi o que disse aquele gerente de banco. E se ele tiver mentindo? Mas que burra fui! *(Bateu a cabeça)*. Fui logo entregando a grana praqueles caras!! Fafy, para de chorar sua água! Vai lá na rede, Clarice, embala tua irmã e manda o Rafael encher o barril de água a fim de banhar vocês antes do almoço. Oh, raça preguiçosa! *(Aos gritos)*. Rafa! Oh, Rafael! Va puxar a orelha do teu irmão Samuel, que tá na rua, empinando papagaio. Anda! Vai logo, seu merda! ...Vai que eu morra solteirona, muito boa, virtuosa e enalhada senhora, e esses diabinhos vão ficar aí no mundo sem ninguém pra cuidar deles!... *(Vai e volta com a menina no colo, cantarolando)*.

CENA 6

(Ana e a santa ceia das crianças desnutridas).

ANA DOIDA

Vou explicar uma coisa pra vocês, viu crianças? Mamãe só fez sopa hoje. O pão dormido guardei pra amanhã quando vocês forem pra escola e digam, viu Rafael, lá pra “tia” que a coisa tá pegando aqui em casa. Merenda e chocolate que é bom, a escola tem que dá pros alunos, pra isso, o governo paga, manda distribuir nas escolas, nas creches, não é pra funcionário levar pra casa, abafar, camuflar na sacola, a tiracolo. Claro que a maioria passa fome, passa necessidade, mas peraí a gente não precisa perder a dignidade e ficar roubando por aí.

Pior é que a miséria que existe neste país não deixa a gente esquecer que é pobre e que as coisas feias que aprendemos na vida como esse negócio de roubar, de mexer nas coisas dos outros, assaltar, saquear... São coisas que Deus condena. É por isso que Deus nos castiga, e por falar em castigo, olha só pra isto Clarice, tá sujando todo teu vestido! Vais já apanhar, vou te dar uns puxões de orelha! Tem termo, pequena. E olha só pra este outro zinho aqui, suja de porcaria que ele anda se lambuzando na... rua. Anda, levanta daí, vem tomar teu banho, seu porcalhão! *(A menina chora sem parar)*. Chora não, Fafy, a mamãe não tá contigo no colo? Então. Dor de barriga não é, nem fome, tu comeu bastante, nem tá com febre, vigie... *(Reparou nela, a menina se acalma)*. Quedo mamãe, quedo, tá cheia de mimo. Mamãe cantará pra ti dormir... “Murucututu que tá em cima do telhado, leva essa menina, que tá de fundo mijado” ... *(Trocou a fralda da menina, depois deitou-a na rede e a embalou até ela dormir, durante sua cantoria de ninar)*. Pronto. Dormiu. Seu mal era sono. Tadinha.

CENA 7

(Os fantasmas que rondam sua mente no retorno ao Abrigo).

ANA DOIDA

Olhem... eu tenho uma perguntinha besta pra fazer a vocês e quem souber responde e quem não souber não ganha prêmio, tá certo?... Quem responder certo na hora, vai ganhar isto aqui, um saquinho de bombom que a mamãe tirou de lá do supermercado. Qualé a diferença que existe entre o Deus e o Diabo? Nenhuma! Deixa de burrice, Samuel. É que Deus depois da criação do mundo, já com tudo e todos alojados no seu devido lugar, o outro, o Satanás, que não é besta, nem nada, passou agora ocupar um lugar de destaque ao comandar guerras e guerrilhas no mundo, explodindo bomba, matando gente inocente por aí... é isso que vocês têm que saber na escola a diferenciar as coisas, uma das outras... Vixe!

Alguém tá batendo na porta! Deixe-me ver quem é. Vem comigo, Rafa! Vem, Clarice... vem, Samuca! Se for o guarda lá do Abrigo de onde fugi, vou escrotear, vou dizer que não volto mais pra lá sem levar vocês comigo!! Além de escrotear, também vou jogar merda no ventilador dele, desse sacana do guarda que queria me estuprar *(Ao abrir a porta, teve uma surpresa)*. Vixe! Não era ninguém! Nossa mãe. Chega tou toda arrepiada, Virgem Santa, Mãe de Deus, me valei, me protegi das almas penadas que andam por aí no mundo assustando, judiando da gente. Mas eu me lembro que ouvi bater na porta, sim, era um toc, toc, toc três vezes, sim, senhora. Ah, deixa pra lá... vou agora é tomar um banhinho de cheiro cheiroso pra matar o catin-goso... pra lavar a minha perseguida, a minha "Maria Bonita".

CENA 8

(Ela carrega água e coloca numa tina d'água, depois apanha uns matos cheirosos e tempera a água).

ANA DOIDA

Quando eu acabar desse banho afrodisíaco, a mamãe vai se deitar pra nunca mais se acordar, tão ouvindo? Não me acordem por nada, nem pra nada. Tô muito cansada. Preciso dormir. Um bom sono agora quebra um jejum de cinco meses perambulando pela rua, até que achei esse barraco velho na beira da estrada, no meio do mato, onde ninguém me azucrina com remé-

dio de dar em doido, remédio cujas doses é pra cavalo, só cavalo é que toma aquilo. Agora misturo na água essas ervas cheirosas, manjerição, arruda, catinga de multa, óleo de pau rosa, pau de Angola, e patchuli. Pronto. Agora virem-se para lá, fiquem de costas, mamãe vai tirar a roupa, vai ficar nua e crua como nasci... *(Atirou fora as roupas velhas e tomou seu banho delicioso, inalando perfumes no palco com essência de ervas)*. Meu banho de paixão pra ascender em mim o desejo de me dar em amor... mas eu nunca consegui, nem consigo medir o quanto o amor é e será sempre apreciado pelo bando, pelas tribos... Nesse caso, aconteceu uma vez só e eu fiquei muito feliz. *(Ri baixinho)*. Mas o cara fedia que só vendo! *(Alguém bateu na porta novamente)*. Entra! Vai entrando! A porta só tá escorada.

CENA 9

(Ana dentro da tina com água e o enfermeiro que veio busca-la de volta pro Abrigo de onde fugiu).

ENFERMEIRO

Vejam aonde esta mulherzinha se meteu!

ANA DOIDA

Mas não espere de mim qualquer recompensazinha porque não vou dar a esse desfrute com um sujeito que nem você!

ENFERMEIRO

Ótimo. Pra mim tanto faz, como tanto fez. Mas não há como negar a ideia e o cansaço de procurá-la por toda parte da cidade, pra no fim, encontrá-la aqui no meio do mato, na beira da estrada. Não é novidade.

ANA DOIDA

Então vire-se para lá que eu quero trocar de roupa!

ENFERMEIRO

Como se isso não bastasse para justificar a sua trama de fugir de lá e vim parar aqui nesse caminho, deixando a gente doido a bem procurar pela Ana Doida. Olha o tempo que eu tava lhe procurando, mulher.

ANA DOIDA

Ah, não enche, tá! Vai atentar o cão com reza. Chega de lari, lari, pra cima de mim. Tou cheia de vocês. Quantas vezes eu tiver chance de fugir eu fujo e pronto! É só me dá na telha.

ENFERMEIRO

Posso virar? Tô cansado de estar nessa posição!

ANA DOIDA

Ainda não, seu chato.

ENFERMEIRO

A gente tenta também curá-la com afeto, mas vocês parecem não entender isso, vivem realmente no “mundo da lua”. Voando!

ANA DOIDA

Vou acabar contigo agora, seu cretino! *(Tentou ameaçá-lo em vão com uma faca de brinquedo, sendo dominada pelo enfermeiro).*

ENFERMEIRO

Viu? Como fui mais rápido que a senhora! E eu nem estava olhando a sua sombra na parede.

ANA DOIDA

E nem eu estava pensando em lhe matar tampouco! Pois quem mata não morre quando quer morrer e salva quem pode morrer.

ENFERMEIRO

Mas quem quer morrer aqui? Eu não quero! Quero é mais cuidar da senhora. Venha comigo! Anda, venha comigo!

ANA DOIDA

Sem meus filhos? Sem levar eles comigo?

ENFERMEIRO

Não há como levá-los, dona Ana! Eles estão sujos. Estão imundos. Não dá pra mantê-los num ambiente de higiene. Melhor deixá-los.

ANA DOIDA

Nesse ponto, melhor dizer adeus.

ENFERMEIRO

Lá no Abrigo tem roupa limpa, conforto, carinho, tratamento diário, aqui na rua é muito perigoso, alguém pode matá-la. Ninguém gosta de mendigo.

ANA DOIDA

Olhe só para eles... com a cara de quem vai chorar daqui a pouco... com seu jeitinho de me dizer adeus: "Adeus Ana Doida", minha mãe, nosso tudo. *(E chorou muito diante dos bonecos com os quais brincava de casinha, assimilando algo que lhe acontecera na infância).* Mamãe já vai, viu?... um dia eu volto...

ENFERMEIRO

Calma. Vista essa capa aqui. Tá fazendo frio. A noite tá caindo. Vamos embora!... Venha! Não tenha medo!

ANA DOIDA

Adeus, filhinhos da mamãe, adeus...

ENFERMEIRO

Adeus não, diga até breve. Porque adeus se diz pra quem morre.

ANA DOIDA

E por acaso eu não morri?! Quando perdi tudo, até a minha família no meio daquele incêndio? Agora só me resta eles aqui!

ENFERMEIRO

(Ouve-se a buzina do carro chamando). Graças a Deus! O carro já chegou! Vamos indo, ele tá na beira da estrada.

ANA DOIDA

Eu sei. Mas me deixa levar elas, vai! Me deixa, cara! Pra onde tá me levando? Pro Abrigo é?... *(Não obteve resposta e agarrou-se abraçada à Fafy sua boneca predileta).* Me deixa cuidar da Fafy, ela chora muito, tem dor de barriga, urina toda hora, precisa dos meus cuidados... Mas será que lá estarei melhor do que na rua?...

ENFERMEIRO

Com certeza. Quando a senhora sair de lá curada, vai ser melhor, vai ser feliz.

ANA DOIDA

Tás ouvindo, Fafy? Quedo mamãe, quedo, quedo, te esconjuro, quedo e cruz, Virgem Maria, quer de noite, quer de dia, não entro nessa fria.

(Sumiram).

FIM DO ESPETÁCULO

CARONA
PARA
BELÉM

Carona para Belém

2002

PERSONAGENS

Velho

Rosinete

Velha



CENA 1

(Movimento do casal de velhos preparando-se para irem embora de Castanhal para Belém).

VELHA

Sim, meu velho? Fale!

VELHO

A gente tá deixando Castanhal pra mode ir morar em Belém, tá certo. E Rosinete? A gente leva com nós?

VELHA

Vontade eu tenho que ela vá morar lá com nós dois. Mas nós não semo o dono da pequena. Ela tem mãe, tem pais vivos. Eles é que podiam consentir a menina ficar com nós, pra mode cuidar dela.

VELHO

Tadinha. Passou tanto tempo vivendo com nós, ajudando nós nessa casa velha, pra no fim, a menina ficar por aí choramigando de saudade!

VELHA

Mas isso também passa. Assim como passou nossa vidinha neste lugar. Isto aqui já foi muito bom, mas agora não presta mais, tornou-se um inferno depois que o progresso e a bandidagem tomou conta de Castanhal. Mas se

avexe, meu velho, ande logo com isso! Já colocou a ferramenta na sacola? Vê se não esquece nada daquilo que vamos precisar durante a nossa viagem pra Belém.

VELHO

Tá tudinho aí. Até o penico da minha velha vai aí dentro embrulhado com jornal. Como vou esquecer? Esqueço nada! Levo martelo, serrote....

VELHA

Cícero?

VELHO

Diga minha velha. Que cara é essa agora? Fala!

VELHA

Cícero, meu velho, eu tava pensando com os meus botões. Já faz um tempo, que ninguém da família escreve pra nós. Agora com essa invenção do celular, então, a comunicação ficou mais rápida, aí ninguém quer mais escrever cartas ou bilhetes. Logo, tenho receio de que a minha família não esteja mais morando em Belém, lá em São Brás, no antigo Beco do Mijo.

VELHO

Ih! Minha velha! Não começa com essas tuas cismas bestas agora! Justo agora que perdemos tudo e estamos voltando pra lá? Não acredito que os nossos filhos tenham feito isso com nós. Não acredito! Ainda no mês de outubro estivemos lá, no Dia do Círio, pagando promessas que eles fizeram pra mode curar a enfermidade da minha velha. Tu não te lembra, Sofia?!

VELHA

Isto foi há quatro anos atrás! Depois quem garante que a gente vai se acostumar em Belém, naquele aperreio, naquele sufoco de cidade grande, onde quem não trabalha também não come?! A gente vai é dá trabalho pros nossos familiares, sabe-se lá Deus durante quanto tempo!

VELHO

Ah! Pouco tempo, minha velha! Até eu achar uma oportunidade de trabalho, no centro da cidade ou na periferia. Posso trabalhar com qualquer coisa.

VELHA

Na tua idade, meu velho?

VELHO

O que é que tem? Tô morto não! Eu ainda posso pegar duma enxada, cavar uma vala, fazer capina, vender bugigangas pelas ruas, vender coisas na feira, virar marreteiro, camelô, sei lá, eu me viro, eu do meu jeito!! E tu?

VELHA

Vou fazer flor de papel pra vender. Posso engembrar um tacacá, umas tapiocas, uns cuscuz, aí posso vender na vizinhança. De fome a gente não morre, nem vai morrer meu velho, enquanto tivermos forças nos braços e nas pernas. Nem tu, nem eu, estamos tão caquéticos assim que não poderemos viver às nossas custas!

VELHO

Mas corremos o risco deles colocarem a gente num asilo da cidade!

VELHA

Num asilo, meu velho?

VELHO

É sim, minha velha!

VELHA

A modo do quê? E pra quê?

VELHO

A maioria não quer ter “trabalho” com seus idosos em casa, considerando os velhos uns “trambolhos” da família... Aí, acabam internando eles nos asilos, nos abrigos, até morrerem à míngua no confinamento.

VELHA

Virgem Santa! Agora vê se pode existir uma maldade desse tamanho! Olha, Cícero, se isso ocorrer com nós dois, mas antes uma boa morte do que a má sorte.

VELHO

(Preocupado). Será, minha velha, que tudo isso que está acontecendo com a gente é uma aprovação de Deus?! Justamente no finalzinho da nossa vida!

VELHA

Tenha paciência. Não esquente sua cabeça. Temos que estar calmos. Conscientes do que estamos fazendo. Foi uma decisão lógica. Só nossa. É por isso que não podemos incluir ninguém nos nossos planos daqui pra frente. Será uma nova vida. Um novo destino.

VELHO

Claro. Foi assim em Oriximiná, depois na zona urbana do Maranhão, agora aqui nos cafundós de Castanhal. Depois de tentar a sorte em vários municípios do Pará, foi aqui que achamos uma terra boa pro plantio de arroz, feijão, milho, mandioca, e que nos remediava a precisão. Tínhamos fartura.

VELHA

Até que envelhecemos e ficamos sem nada, depois que os filhos e os parentes venderam tudo, acabaram com tudo por causa da ganância, por causa de dinheiro.

VELHO

Do nosso dinheiro, né Sofia!

VELHA

Dinheiro que nós dois custamos a ganhar, durante anos de labuta na roça e que, numa fração de segundos, negociaram tudo. Tomaram de nós dois!

VELHO

Foi isso mesmo, minha velha! Depois que levaram todo de nós, só restou Rosinete com 14 anos, que não é neta, não é parente da gente, mas que se preocupa em dizer: por que não vão embora pra Belém? Por que não vão morar em Belém com seus netos?

VELHA

É porque ela pensa que é fácil tomar uma decisão qualquer na vida! Por isso é que ela fala assim.

VELHO

Néra, minha velha, tinha tempo que a gente vendia muito, mas o que nós ganhava quase não dava pra nada, do mesmo jeitinho a gente gastava. Já houve tempo que nesse cafundó faltava muita água, a gente só vivia puxando água daqui pracolá. Só faltava secar o poço do vizinho Mendonça.

VELHA

Bom! Só sei dizer que passar fome, a bem dizer, nós não passa, nem nunca passou e nem vai passar enquanto a velha aqui tiver forças nos braços pra varrer uma casa, pra lavar uma roupa pra fora, pra cozinhar na casa dos outros por aí. O importante, meu velho, é a gente não se esmorecer diante dos obstáculos que poderão surgir. O resto nos tira de letra.

VELHO

Claro, claro! E eu com minhas ferramentas de carpinteiro só tenho a ganhar: voltarei a construir meus banquinhos com pedaços de madeira que encontrar pelos caminhos, ou num monturo de lixo, aí vendo nas feiras de Belém. Lá, a venda é muito boa, dá pro gasto, também vai dá pra alugar um quartinho qualquer, algum barraco pra nós morar e pronto.

VELHA

(Sorridente). Mas, meu velho, ainda nem chegou lá e já tá sonhando com a moradia! Tô gostando de ver seu otimismo! Meus parabéns, viu Cícero.

VELHO

Só há poucos anos, isso aqui passou a melhorar, antes, era uma derrota, um matagal só, agora, como agora, com água encanada e luz, ajudou a mudar a vida e a cara da comunidade.

VELHA

Pronto. Tá tudo arrumado. Tudo arrumadinho. Conforme Deus quer.

VELHO

Só falta nós saber se o caminhão do compadre Antunes vai levar nós.

VELHA

Isso quem vai nos dizer é Rosinete quando voltar. *(Vai até a janela pra espiar).* E Rosinete que não chega pra avisar se vai ou se ele não vai! Já tou é agoniada com tanta demora. Vôte.

VELHO

Olhe velha! Se desta última vez, com essa demora, a situação começar a mudar o rumo das coisas, se nós colocar os pés na estrada, nem que seja de madrugada, pra ninguém ver, então garanto que nunca mais quero me arredar daqui!

VELHA

Garra de asneira! Se não for no caminhão do compadre Antunes, será naquele ônibus feio do Luiz. Agora estamos vivendo num novo tempo, meu velho.

VELHO

Sim, sei! Sempre acreditei no campo, o que faltava era o incentivo e isso agora nós temos.

VELHA

Mas não temos mais idade pra isso! Não se esqueça. A gente tem que viver de acordo com as nossas possibilidades. Nada que ultrapasse os nossos limites, as nossas energias.

VELHO

Tá certo. Faz de contas que não ouvi a sua esculhambação.

VELHA

E tem mais: se nós quiser arredar os pés daqui dessa pinoia, temos que ir andando até a boca da estrada pra pegar o ônibus do Luiz. Pelas horas que são (*olhou no relógio*). Faltam só 15 minutinhos pra seis horas da tarde. E nessa pequena da Rosinete que não chega! Meu Deus! Até parece uma aporriinação na vida de gente!

VELHO

Se tens tanta pressa, então, vam' bora, minha velha, antes que anoiteça! Aí, vai ser pior. Alguém pode nos assaltar na beira da estrada, no breu na noite. Vam' bora, Sofia!

VELHA

Sem me despedir de Rosinete? Vou não! Vou mais custa! Vou esperar ela aqui, nem que seja a tarde todinha. O caminho é longo por demais. Tenha um pouco de paciência. Se Deus quiser, o Luiz vai levar nós até Belém.

VELHO

Ah, minha velha, já tá me dando cansaço nessa longa espera! Não sei se vou aguentar. Tou por assim dizer caindo de sono. *(Bocejou)*. Arre.

VELHA

Tenha paciência, já disse! Que coisa! O Cícero tá parecendo uma criança teimosa quando quer as coisas. Eu hein! *(Serviu-lhe um café do bule)*. Toma um pouco de café pra se espertar!... Tem biscoitinhos de coco. Quer?

VELHO

Quero não. Basta o cafezinho.

VELHA

Pois eu quero! A viagem é muito longa. Tenho que estar com a barriga forrada até lá. Também tem farofa de torresmo, é bom com café, é uma delícia! Já provou?

VELHO

Já. Da última vez, me deu uma diarreia braba, quase morri, quase botei as tripas cagaiteiras pra fora. Nossa. Era bala de feijão saindo pra todos os lados. Nunca me espremi tanto em minha vida!
(A Velha conteve-se para não dá risada durante sua fala).

CENA 2

(Ambos acabam cochilando ao lado um do outro, sentados numa cadeira de vime de embalo).

ROSINETE

(Vestindo-se num quarto de bordel). E foi assim que vim parar aqui em Belém. Numa carona. Na carona dos velhos que eram meus padrinhos de crisma, mas que me tinha como neta deles. Coitados. Naquela tarde, eles dormiram muito. Cansaram de esperar o ônibus do Luiz. Mal eles sabiam que eu andava me chamegando com o cretino do Luiz que me jogou nessa vida! Nessa vida de puta. De garota de programa. Fora da safra, o ônibus era alugado pra prefeitura de Castanhal, para transporte escolar *(Diante ao espelho fazendo a maquiagem)*. Luiz sabia o que fazia, o que tava fazendo, do mesmo jeitinho que tirou o meu cabaço. Não sei agora, mas naquela época, ele possuía uma cadeia produtiva de mandioca completa, do cultivo às comercialização de produtos industrializados, como a farinha, o tucupi e a

goma produzidos em 52 fábricas e casas de farinha. Já pensou! Aí, cáí nessa ilusão, achando que o Luiz sentia alguma coisa por mim. Quebrei a cara, como as outras que se deitaram com ele. Pena que aquele safado não quis mais nada comigo. O cretino me usou e abusou como se usa e joga fora um papel higiênico! Depois, fugi pra Belém pra evitar falatórios na vizinhança, entretanto, fui parar num bordel de uma negra cafetina. E por ser a mais nova, a mais jovem, a mais bonita da casa, provocava ciúmes nas outras e faturava mais do que elas, mas acabei, ganhando isso... *(Repuxou os cabelos e mostrou)*. Uma cicatriz atrás da orelha. Com isso e com esse canivete aprendi a me defender também, com ele, rasgo a cara de qualquer uma atrevida na rua. A princípio, durante quatro anos, já trabalhando em casas de família, como doméstica ou como babá, sempre acabava dando pro patrão na ausência da mulher dele, coitada, e de graça! Sem ganhar um extra, um michê qualquer. Ora! Então resolvi virar piva, cair na vida, ser garota de programa. Aqui, pelo menos, a gente cobra e fatura legal. Pra mim, que não tinha profissão, nenhum estudo qualquer, nem pra ser doméstica eu prestava, porque as mulheres dos caras acabavam descobrindo e me jogando no olho da rua, era mais fácil gambelar os carinhas. *(Encarando alguém na plateia)*. Sabe cara? Confesso que enfrentei o medo, a fome, a falta de afeto paternal, a saudade e toda sorte de dificuldade! Depois chamam isso de "vida fácil" pensando que é moleza madrugar e andar pelas calçadas, fazer "ponto" nas esquinas e nos becos da cidade. Vida fácil uma merda! *(Caindo em si)*. Pobres velhos! Aquele tratamento familiar que me davam era tudo que eu queria, significava muito em minha vida, quando aconteceu um desencontro entre nós. Nunca eu soube deles pra ajudá-los. Daí nunca mais fui a mesma. *(Tocou o telefone, ela correu pra atender)*. Alô! Pousada dos anjos, bom dia! Diga senhor... quer falar com quem? Pois não, senhor, Rosinete Canivete, sou eu! Como?... Sim, sei! Posso, sim, atendê-lo a domicílio. Tá bom. Combinado, então. Vou de táxi pra depois o senhor pagar na porta, é isso? Tá legal. Combinado assim. Daqui a dez minutos estarei aí divina e maravilhosa, meu denço! *(Colocou o canivete na bolsa a tiracolo e saiu toda faceira, rebolando sensualmente feminina e sedutora)*.

(Corte: na cena, foco em).

CENA 3

(Mostra ao velho Cícero com tabuleiro na rua e dona Sofia que vem vindo ao seu encontro).

VELHO

(Cantando o pregão). Olhaaaa a paçoca inda quentinha!...Olhaaa o amendoim!
...Olha a castanha do Pará, a castanha do caju... Olha a jujuba! Quem vai
querer, freguês! Compra duas e pague uma, é promoção!
(Repetiu várias vezes, todo mundo passando e comprando etc.).

VELHA

(Afobada, nervosa). Cícero...Cícero... Meu velho!

VELHO

Mas que diacho que a Sofia faz aqui no meio da rua? Me diz. Ainda não
apurei nada, não, nem a metade que desse pra comprar um quilo de feijão,
arroz e jabá.

VELHA

Não é nada disso, não, homem!

VELHO

Não? E o que é então?

VELHA

Meu velho, nós estamos fuzilados. O padre Adalberto quebrou o acordo
que ele fez com a gente e mandou avisar que ele vai querer de volta o bar-
raco, onde estamos morando à custa dele.

VELHO

“À custa dele”, uma vírgula! Às nossas custas, isto sim! Em troca do alu-
guel daquele barraco, a gente se tornou zelador do jardim e da igreja dele,
portanto. Nada até agora foi nos dado de graça. Ele sabe disso. E aquelas
papa-hóstia, também.

VELHA

Mas, nós dois, ultimamente, falhamos nas nossas obrigações, nunca mais
demos as caras na paróquia, nem sequer avisamos a eles, nem nada, aí...
aquele padrego sovina, mão de vaca, mandou o sacristão lá em casa, com
uma ação de despejo por conta disso.

VELHO

Mas despejo, Sofia?!

VELHA

É, meu velho! Isto quer dizer que nós estamos no “olho da rua” sem dó, sem piedade.

VELHO

E os cinco anos que trabalhamos pra ele, quase de graça, não constam, não?

VELHA

É isso aí! Mas de hora em hora a vida melhora, meu velho! O jeito mesmo é colocar, novamente, o moleque Benedito na rua pra lhe ajudar na venda e nas economias da casa, como antes. Venha comigo, venha? Vamos pra casa!

VELHO

Falta pouco pra acabar isso aqui. Vá na frente, minha velha, que eu vou logo atrás. Não me demoro.

VELHA

Vou cuspir no chão.

VELHO

Vá na frente pra mode arrumar novamente as malas.

VELHA

Quando chegar, tem pirarucu no coco pro almoço, do jeitinho que meu velho gosta, bem temperado, com molho de pimenta malagueta e pirão escaldado com farinha.

VELHO

Hummm! Deve de tá uma belezura. Chego a lamber os beiço! Mas vá logo, criatura, que daqui um pouco tô em casa.

VELHA

Pois sim! (*Sumiu*). Garra dessa porcaria e vem logo embora é que é.

(*Corte na cena / Foco em*).

CENA 4

(Depoimento do padre e do Sacristão diante do delegando de polícia, representado pela plateia).

PADRE

(Num foco individual). Doutor... Quando esse casal chegou à Belém, há muitos anos atrás, com uma mão atrás, outra na frente, abandonados pela família, que mudou de endereço antes deles chegarem à capital e passando dificuldades, privações, carregando na bagagem apenas quinquilharias, sem muita importância para vida moderna dessa grande cidade, resolvi dar ao casal um barraco de madeira pra morar e como eles não tinham nada, como até hoje não têm, como pagar seu aluguel, em troca lhes ofereci os serviços de zeladores da igreja. Nada mais justo e natural, doutor. Não vejo mal algum nisso. Fora as cestas básicas, roupas e calçados que eu oferecia a eles. E ainda me chamam de sovina, mão de vaca e o escambau a quatro? Eu duvido que alguém possa fazer alguma coisa por eles.

(Corte na cena / Foco em).

SACRISTÃO

(Idem, Idem). Sabe doutor? Nas horas vagas, numa folgazinha qualquer, quando os jovens da comunidade fazia o mutirão da limpeza, o “seu” Cícero ia pra rua ou pra porta de colégio vender guloseimas e dona Sofia, coitada, dava um jeito de fazer flor de papel, flor de tecido, de bordar esse negócio de cortina, toalha de mesa, guardanapo, mas depois...

(Corte na cena / Foco em).

PADRE

Depois, as coisas se inverteram totalmente. O casal tornou-se irresponsável, não quis mais saber de trabalhar na igreja e passou a encher a cara por aí, não sei porque cargas d’água. Uns dizem que eles pedem esmolas na cidade pra comprar alimentos, outros falam que é pra comprar cachaça. E quando ficam porre, passam a falar mal da nossa Santa Igreja, a igreja de Deus, doutor!...

(Corte na cena / Foco em).

SACRISTÃO

Eu sou testemunha do quanto o santo padre fez pra manter eles com dignidade, respeitando a velhice do casal, mas eles não quiseram assim. Preferiram fazer coisas que não deve contra os dogmas da igreja, “sujando” o bom nome do santo padre. Sabe o que eles fizeram?... Não? ... Então, vou lhe contar... Eles passaram a explorar o menino Benedito, no trabalho escravo, pesado, debaixo dum sol lascado. O casal adotou o negrinho que morava lá em cima na sacristia. Até então...

(Corte na cena / Foco em).

PADRE

Então, não tinha como discordar da adoção, mas quando eu soube que era pra sustentar o vício deles, mandei registrar uma queixa nesta delegacia e exijo a anulação de doação, exijo o retorno do pobrezinho pra igreja.

CENA 5

(Ambos os velhos novamente mudam de lugar ou de bairro, levando consigo o negrinho pastoreio).

VELHA

Cadê, cadê, cadê... esse negrinho pastoreio? Onde esse negrinho se meteu? *(Chamou por ele)*. Beneeeeé!! ...Ô Benediiiiito!!!...Onde você tá seu moleque pio-lhento?

VELHO

Deve tá na rua brincando com as outras crianças do bairro!

VELHA

E se tiver, vai levar uma surra daquelas!

VELHO

Mas, minha velha, acostumamos a arribar pra tudo quanto é lugar da região, nem estranho mais qualquer viagem, qualquer partida. Hein, minha velha... Agora de Belém, pra onde é que nós vamos?

VELHA

E eu sei? Ficar aqui por mais tempo e nesse sufoco é que não fico! Servindo de besta pros outros, piorou! *(Saiu pela casa procurando algo que não encontra, tornando-se engraçada).*

VELHO

A gente muda pra outro bairro ou vai pra Mocajuba, lá nós vamos vender no novo mercado à beira do rio, onde a gente não precisa mais vender na chuva ou no sol, agora tem cobertura. Eu falei com o compadre Manuel sobre o assunto e ele vai nos dá hospedagem na casa dele, lá a gente enche a lata e dorme tranquilo, tais ouvindo Sofia?

VELHA

Hein?

VELHO

Mas que diabo essa mulher tá procurando pelos cantos da casa?!

VELHA

O que podia ser? O Bené!

VELHO

Já disse: Vai ver que o danisquinho foi brincar na rua.

VELHA

Na rua ele não tá, não, meu velho! Aonde foi que ele foi se meter, Cícero?

VELHO

Aonde... Aonde... Ah! minha velha já reparou no guarda-roupa?

VELHA

Já.

VELHO

Embaixo da cama?

VELHA

Também, mas lá ele não se meteu, não, tava muito escuro.

VELHO

Nem em cima do armário de louças?

VELHA

Já, meu velho.

VELHO

Já olhou no quintal, pra ver se o moleque tá escondido na casa do cachorro?

VELHA

Nem no galinheiro! Quanto mais em cima da mangueira ou da goiabeira. Ah, meu Deus será o Benedito? Sem ele, eu não saio daqui hoje. Vá adiantando as coisas, meu velho, que hoje esse negrinho me paga o novo e o velho! Garra de poupar esse vadio. Hoje, ele trabalha de qualquer maneira.

VELHO

Garanto que o pobrezinho não vai mais nós e fugiu. Foi pra bem longe daqui. Tá certo que a Sofia, depois que trouxe ele da igreja e longe daquelas papa-hóstia, aqui dentro, a vida dele melhorou muito. Agora, ele tá mais limpinho e cheirosinho, longe daquela sacristia onde enchiam o saco dele, ouvindo tanta reza, tanta ladainha, além das velas que acendiam incomodando o sono do pretinho.

VELHA

Pior, meu velho, que o Bené descobriu meus pileques e acho que se escafe-deu por aí. Sumiu! Arrumou as trouxas dele e foi embora aquele ingrato... *(E chorou muito, ficou apavorada)*. É muita ingratidão daquele tição duma figa.

VELHO

Chora não, Sofia. O pobre ficou cansado e perdeu o estímulo do trabalho, por nossa causa. Com esse negócio da gente encher a cara no fim de semana.

VELHA

Agora, veja no que deu. Sem ele, a gente tá num mato sem cachorro. Pior é que eu botava o menino debaixo do sol, pegando poeira, quando não pegando chuviscos de chuva, correndo o risco de gripe, ouvindo na rua o chaveco, a escrotiação de gente mal-educada.

CENA 6

(Sofia encontra, dentro duma lata grande, aquilo que procurava na casa).

VELHO

Cala um pouco essa boca, Sofia, e vem encher tua boca de pirão! Tô com fome. Uma fome doida.

VELHA

Quero não! Me ajude a procurar o Bené, isto sim! Tá ficando tarde, a gente tem que sair daqui, antes que aquele padreco sovina venha jogar merda no nosso ventilador.

VELHO

Pois ele que venha! Vou mostrar pra ele com quantos paus se faz uma canoa! Ou não me chamo Cícero Raimundo da Cunha Policarpo. Digo, lá na polícia, que ele anda papando, mas não é hóstia não, e sim, aquela sirigaita da beata Antônia, mulher do Seu Hipólito. *(Gracejando, meio porre)*. Escuta, minha velha: tu já reparou se esse moleque tihoso se escondeu na gaiola do passarinho?

VELHA

O quê?

VELHO

Na caixa de sapato?

VELHA

Deixe de prosa besta. Magina! Se o bichinho cabe lá dentro.

VELHO

Então, tá na caminha do gato, dormindo, depois do trabalho escravo.

VELHA

Trabalho escravo, uma ova! Ele agradeça a mim, que deu a ele total liberdade, graças a Lei Áurea, graças a Princesa Izabel e ao Zumbi, hoje, o negro que nem ele é respeitado na rua. *(Esbarrou na lata e gritou)*. Achei ele!

VELHO

Achou?! Aonde?

VELHA

Aqui dentro desta lata de cal. Olha ele tá! Quase branco o danadinho!

VELHO

Agora a gente vai embora!

VELHA

(Fazendo limpeza nele). Meu negrinho pastoreio! Que susto você me deu, seu espartinho, se escondendo dentro da lata! Tá querendo levar uma surra, uma sova de dindinha Sofia? Da própria vez, garanto que vai apanhar, sim. Garra de teimosia comigo. Agora tou com pressa. Vam' bora, meu velho.

VELHO

Com pandeiro ou sem pandeiro?

VELHA

Desta vez com tudo que ele tem direito! Afinal, pra nós, o Bené sempre foi um santinho do pau oco, quando descobri que guardava dinheiro dentro dele, por causa de ladroagem na igreja. Foi por isso que roubei também ele de lá.

VELHO

Vixe! Era mesmo?

VELHA

Era, sim! Se o coitado servia de cofre pra igreja, entre as teias de aranha e poeira da sacristia, onde ele ouvia tanto peditórios, por que não dá um rumo na vida do santinho?

VELHO

Garra de resmungar, criatura! Ao ensaio, Sofia! Como é mesmo a cantoria?

VELHA

Não se esqueça de imitar a língua dos nordestinos. *(Saíram cantando).*

AMBOS

(Falado).

Me dê uma esmolinha pra São Benedito, que necessita construir a sua igreja na Vila de Icoaraci.

(Cantado).

Louvado seja e por Ele amado, nesta terra de Santa Cruz/
Dai-nos a bênção ó Benedito, que era filho de Deus, também irmão de Jesus/
Seja adorado e por explorado, nessa terra de Santa Cruz!

(Corte na cena / Foco em).

FINAL DO ESPETÁCULO

COM QUE
TINTA
PINTAREI
TEU ROSTO?

Com que tinta pintarei teu rosto?

Drama social - 2003

CENA 1

(No quarto de um asilo de idosos).

MÃE

(Surgiu lá de dentro com duas maletas). Pronto. Que tal estou? *(Admirou-se no espelho).*
Acho que esse vestido está ótimo em mim!

FILHA

Eu não acho! A barra do vestido está cheia de fiapos! Parece uma marmota!

MÃE

(Ajeita-se). Pronto. Estou pronta pra partir. Já me despedi de todos, todo mundo ficou feliz em saber que...

FILHA

Aonde pensa que vai?

MÃE

Vou com você pra casa. Vou embora pra minha casa.

FILHA

Comigo?

MÃE

Chega disto aqui!

FILHA

Quem te enfiou isso na cabeça? Quem te disse que eu viria te buscar?

MÃE

E não veio não?...

FILHA

Nem morta!

MÃE

Ah! Você não veio pra me tirar daqui, não? Tá falando sério? Mas hoje é sexta-feira, a última do mês de outubro, até marquei com caneta no calendário, veja... Nessa data, você disse que viria me buscar pra ficar em casa pra sempre.

FILHA

Eu disse? Não, senhora. Não foi bem assim. Eu falei que nessa data eu traria mais um documento pra senhora assinar a meu favor. Foi muito diferente.

MÃE

É! Mas já faz tanto tempo que estou internada neste asilo de idosos e depressivos que, às vezes, eu me pergunto: fazendo o quê? Que eu não sei!

FILHA

Tratamento dos nervos, é claro!

MÃE

Mentirosa. Sabe que os médicos falaram? Que eu não tenho nada! Que tudo é armação tua, invenção da tua parte para se ver livre de mim e aí ficar com tudo o que é meu!

FILHA

Ótimo! Assim vai me poupar tempo e meias palavras para fazê-la assinar este derradeiro documento aqui. *(Esticou o documento na mesa).*

MÃE

Que documento? De novo! Já não basta aquele que assinei nomeando você como sendo minha procuradora, com poderes de quitar e negociar imóveis, ainda quer mais?

FILHA

Quero, quero sim!

MÃE

O quê, por exemplo?...

FILHA

As joias e a grana que estão no banco.

MÃE

Minha filha, deixa de tanta ambição na vida! Você nem sequer trabalhou para gozar de tudo isso. Depois aquela grana e as joias estão tudo no nome do seu irmão. Portanto, ele será seu único herdeiro, por minha conta, e saberá usar tais valores na hora certa.

FILHA

Como se ele se precisasse disso. Antonio, adoro ele, mas é um desmiolado, um leviano, um farrista, um mulherengo.

MÃE

Mentira! Não tente denegrir a imagem do seu próprio irmão! Antonio é bom filho, bom caráter, companheiro e humano, tão diferente de você que só vê grandeza na frente, luxo e riqueza como se trabalhasse pra obter tudo isso!

FILHA

Chega de conversa fiada. Vamos, assine aqui!

MÃE

Não vou assinar nada!

FILHA

Ah, vai! Vai sim! Ou por bem ou por mal! *(Puxou-a pelo braço e fê-la assinar o documento).*

MÃE

Ingrata. Agindo assim, você nunca será feliz. Deus a castigará por isso.

FILHA

Praga de urubu não mata cavalo! Pronto. Agora sim! Estou tranquila.

MÃE

Desde quando me internou neste asilo, tenho vivido um pesadelo atrás do outro. Quase sempre são pesadelos que misturam saudades de outros tempos em que a nossa família era feliz. Mas depois do falecimento do meu velho... tudo mudou.

FILHA

Não quero saber.

MÃE

Não sei como você consegue dormir. Francamente! Sabendo que estou aqui, à mercê do tempo e da solidão, sem rever os amigos, os parentes, as pessoas lá fora. *(Chorou).*

FILHA

Não interessa. Aqui a senhora está sendo bem servida, bem assistida, tem tudo aqui: bons médicos, bons remédios, boa gente que lhe adora.

MÃE

Minha filha, em nome de Deus, deixe-me voltar pra minha casa! Por favor! Tire-me daqui, me leve pra casa. Eu juro, eu lhe prometo, haja o que houver, aconteça o que acontecer, não vou mais dar palpites na sua vida. Faça da sua vida aquilo que bem entender.

FILHA

Verdade, mesmo? Vou pensar no seu caso.

MÃE

Juro por Deus! Eu só quero estar ao lado do meu filho amado. Oh, meu Deus! Eu morro de saudades do meu filho, menina. Será possível que você não sabe o que isto significa, pra mim como mãe?

FILHA

Meu temor é que, futuramente, a senhora bata com a língua nos dentes e venha me denunciar na delegacia das mulheres, aí vão me dar uns aninhos de prisão. Já pensou!

MÃE

Minha filha, juro por Deus, eu nunca faria isso contra você! Pelo contrário, perderei você pelas suas maldades contra mim, a deixarei livre e irei embora morar noutro lugar, noutra cidade, talvez no campo, no interior...

FILHA

Tá bom. Vou lhe dar um voto de confiança. Mas, se vacilar comigo, vou mandar fuzilar você. Aí, nunca mais vai ver: nem a mim, nem ao meu irmão!

MÃE

Entendi. Se ao menos você conseguisse arranjar uma casa distante, longe da cidade, talvez no interior, onde eu pudesse viver tranquila, morrer sossegada...

FILHA

Não, senhora. Nem pensar! Quero sempre vê-la e tê-la perto de mim. Vacilou comigo, bobou, dançou... mas dança mesmo! Deu pra entender?

MÃE

Dá! Então posso pegar as malas?

FILHA

Pode. Quero dizer, essas daí, não! Essas estão muito feias. Agora, vai mudar esse vestido ridículo que te deixa mais ridícula ainda! Enquanto vou atrás duma mochila, de algo mais decente, mais moderno. *(Gritou)*. Vai!! O que tá esperando? Quer que eu te carregue no colo? Ora te enxerga! Anda, vai trocar de roupa, antes que os outros te vejam fugir comigo! Vai logo, mulherzinha chata!!!

MÃE

(Beijou-a no rosto). Obrigada, filha! Eu sabia que me entenderia! *(Saindo)*. Ai, que beleza! Ai, que maravilha! Vou rever meu filho amado, depois de muitos anos ausente de casa! Uns 10 anos mais ou menos... Como será que meu filho amado está?... Hein?... Pode me dizer?... *(Sumiu no corredor)*.

FILHA

(Gritando para ela que está distante). Não sei! Nem quero saber. E tenho raiva de quem sabe!

MÃE

(De fundo). Sua malcriada. Você sempre foi assim atrevida e respondona, desde quando estudava e gazetava na escola.

CENA 2

(A enfermeira entra no quarto com uma bandeja).

ROSA

Dona Olgarina... Desculpe, pensei que ela estivesse sozinha. Onde tá ela?

FILHA

Lá dentro, trocando de roupa. É o que é isso aí na bandeja, algum remédio?

ROSA

Não, senhora. É o lanche dela! Dona Olgarina não está doente, não precisa de remédios, muito menos ficar internada, morando aqui. Isto aqui nunca foi lugar para ela. Acho uma tremenda maldade deixá-la aqui, convivendo com pessoas depressivas, doentes da cabeça, dos nervos.

FILHA

E quem é você para dar palpites na vida dela, para achar o que é bom ou ruim para ela? Não se meta em assunto de família. Vai cuidar do seu serviço, porque da minha mãe cuido eu, tá bom?! *(Passou a rasgar as roupas de sua mãe na frente da enfermeira).*

ROSA

O que está fazendo?

FILHA

O que você tá vendo: destruindo, rasgando tralhas velhas!

ROSA

Mas essas são as únicas mudas de roupas que ela tem aqui dentro, coitada.

FILHA

Por isso mesmo! Odeio, detesto quinquilharias, coisa velha, trapos no armário dela. Nunca mais ela vai usar esse tipo de coisa. Nunca mais! Ouviu bem?

ROSA

Bom, se a senhora acha isso e vai trazer roupas novas para ela...

FILHA

Nunca! Jamais faria isso por ela! Essa velha merece morrer confinada nesse asilo ridículo.

ROSA

Estou bestificada com o que estou vendo e ouvindo! Nunca pensei que ainda existisse esse tipo de filhos no mundo, mas quebrei a cara. Entretanto, a única doença que perturba a sua mãe é a saudade do filho, a solidão, o

abandono da família. Já pensou! Dez anos aqui dentro, sem ver ninguém do seu mundo real, nenhum amigo, nenhuma amiga!...

FILHA

Cala essa boca. Toma! Leva essas tralhas daqui e taca fogo nelas! Queima tudo, uma por uma, até virar cinzas.

ROSA

Olha aqui, dona Rita, eu sei que não tenho nada a ver com isso, mas como uma profissional de enfermagem e destinada a zelar por Dona Olgarina, sou forçada a esclarecer uma coisa pra senhora: o corpo médico daqui vai mover uma ação contra a senhora pelos maus tratos que tem feito a ela. Eles vão lhe mandar prender.

FILHA

E eu com isso? Eles não têm como provar!

ROSA

Pior que tem!

FILHA

É mesmo? Então, a essas alturas do campeonato, estarei fora do país! Não é moda agora alguém cometer algum delito fugir, anonimamente, para outro país estrangeiro, graças a impunção existente no Brasil? Pois é! Assim farei. Vendo tudo, acabo com tudo, pego a grana toda e me mando daqui. Ninguém vai me achar, vou mudar de cara, vou mandar esticar tudo.

ROSA

Já que faz tanto descaso assim... Olhe isto aqui... Dê uma olhada... *(Abriu uma gaveta da cômoda)*. Que acha disso?

FILHA

Nossa! Que coisa linda! Que beleza de trabalho! Quem fez? Quem pintou?...

ROSA

Gostou?

FILHA

Adorei! Adoro pintura! Adoro artesanato! Olha esta aqui... que linda! Diga pra mim, onde posso adquirir uma dessas telas e com quem. Você tem telefone pra contato?

ROSA

Pois é. Esse é o problema: a Dona Olgarina não usa cartão pra contato, não tem telefone, nem endereço fixo, a não ser este asilo de idosos e depressivos. O que não fica nada bem para ela.

FILHA

Escuta aqui, enfermeira... você tá querendo dizer que foi a minha mãe que fez isso, que pintou essas telas?!...

ROSA

Exatamente! Tudo foi desenvolvido e pintado por ela. Dona Olgarina é uma verdadeira artista plástica e na idade dela, por sinal, é muito original, muito criativa. Aqui, todos nós passamos a considerar e a incentivar seus trabalhos.

FILHA

É mesmo? Ah, sua espertinha! Ela nem sequer comentou comigo.

ROSA

Claro. Nem poderia. Faz tantos anos que ela não recebe visita nenhuma! Mas, o trabalho da pintura vai preenchendo seus dias, o seu vazio, a solidão.

FILHA

Tem razão. Tem toda razão. (*Calculista*). Rosa, minha boa e estimada enfermeira, amiga dedicada, você acabou de me dar uma ideia genial. Vou montar um atelier completo, onde ela vai ficar à vontade, para criar e vender os seus trabalhos. Vou ganhar muita grana, vou ficar famosa, às suas custas!

ROSA

Como assim? Não entendi.

FILHA

Não tem nada pra entender. Tenho agora que tomar minhas providências e urgente. Vou nessa. (*Sai e volta*).

ROSA

E Dona Olgarina? Vai ficar? Não vai com a senhora?

FILHA

Vai sim! Mas depois. Depois que eu acertar tudo com o Nicodemo sobre o aluguel do ponto para vender as telas que serão, naturalmente, assinadas por mim, é claro.

ROSA

Santo Deus! Mas isso é roubo de identidade e de caráter ideológico! Não faça isso. Ela tem o direito de ser feliz, nem que seja à sua maneira!! (*Ouvem-se o auto-falante chamando pela enfermeira Rosa etc.*). Estão me chamando na sala de curativo. (*Saiu*). Não se esqueça do mingau dela. Com licença... licencinha... Pobre senhora!

FILHA

Ra! Sai fora! Cai fora daqui! Vai cuidar dos teus dementes.

CENA 3

(A visita inesperada do filho ao asilo).

FILHA

Credo, mãe! Que tanta demora pra trocar de roupa! Tava quase desistindo de esperar.

MÃE

Ah, minha filha! A minha emoção é tanta em sair daqui que acabou me dando uma dor de barriga. Tive que ir ao banheiro.

FILHA

Essa não!

MÃE

Acho que não vou poder sair hoje, só amanhã, quando melhorar. Não é melhor assim? Vou pedir pra Rosa fazer um chazinho de boldo com casca de laranja. Dizem que é bom pra estancar diarreia.

FILHA

Tá legal. Amanhã voltarei, à tarde. Combinado? Agora toma teu mingau...

MÃE

Quero não, filha. Acho até que não vou poder mais sair, hoje, daqui com você. Deixa pra outro dia.

FILHA

A senhora é que sabe.

MÃE

(Correu os olhos no ambiente). Aonde guardou a minha roupa?

FILHA

Mandei a enfermeira Rosa tacar fogo naqueles trapos fedidos, fedendo a mofo, a naftalina, que horror!

MÃE

Você fez isso? Eram as únicas que eu tinha!

FILHA

Não esquenta a cabeça. Vou comprar roupas novas pra senhora. Nunca mais a senhora usará trapos na vida. Agora, venha tomar seu mingau...

MÃE

Huuuummm! Essa alma quer reza. O que é desta vez? Mais dinheiro? Mais casa pra alugar?

FILHA

Depois a gente conversa sobre o assunto. Primeiro, o seu mingau... que acabou esfriando por causa da sua demora no banheiro.

MÃE

Toque a campainha, chame a enfermeira pra mim! Quero tomar um chá de boldo em vez desse mingau. *(Ela obedece).*

FILHA

Deixe que eu vou chamá-la pessoalmente. Eu sei onde fica a sala de curativo. É lá que ela está trabalhando, tirando plantão hoje.

MÃE

Não, minha filha, não precisa. Basta apertar na cigarra três vezes. Logo, logo ela aparece aí na porta. *(E apareceu sendo acompanhada pelo filho dela).*

ROSA

Olha quem eu trouxe pra senhora, Dona Olgarina... uma visita muito importante, muito querida!

MÃE

Quem? *(O filho adentra o quarto).*

FILHA

Antonio!!!

MÃE

Meu filho amado! Que bom que veio! Que surpresa agradável!

ANTONIO

(Com gracejo). Procurei por todo canto e lugar do mundo o paradeiro da Dona Olgarina, eis que vim encontrá-la aqui, exilada neste labirinto de dor e de agonia! Mas, estou aqui firme e forte, para lutar contra o mal que a minha querida irmãzinha fez contra a senhora, nesses últimos anos, em que estive fora, ausente deste país! Já estou a par de tudo e já tomei as minhas providências, já conversei com o advogado da família, portanto, está tudo praticamente resolvido, viu minha irmãzinha? *(Debochou).*

FILHA

Otário. Idiota. Burro. Mentecapto.

ANTONIO

Meu amorrrr, você pode usar todos os adjetivos do mundo e não vai, daqui em diante, mudar a minha cabeça, o meu ato de justiça! Você se esqueceu que a Dona Olgarina é também minha mãe, que foi ela que nos deu à luz, sem discriminar nenhum de nós dois? Ou você achava que eu não retornaria mais ao meu lugar de origem? E vim por causa dela! Quando recebi a denúncia deste asilo contra você!

MÃE

Oh, meu filho amado! Quanta saudade tive de você! Nem sei como agradecer o que está fazendo por mim. Estou tão comovida. Foram tantos anos de solidão.

ANTONIO

Mas, foi por isso que vim! Resolvi voltar ao Brasil para dar um basta nessa farsa ridícula. Vou levar a senhora embora daqui para nossa casa, a casa que é sua, minha mãe, em vida.

FILHA

O quê? Para nossa casa? E quem vai cuidar dela???

ANTONIO

Nós dois: eu e você!

FILHA

Eu me recuso! Pague uma empregada para cuidar dela! Eu não tenho a menor vocação para babá de gente velha e rabugenta.

ANTONIO

Aliás, nunca mais vou permitir que você, nem ninguém, faça gato e sapato de minha mãe ou dos bens que ela possui ou venha possuir. Enfim, o advogado vai cuidar de tudo isso e vai acompanhar de perto o caso dela para que você, sua vampira, não venha mais lançar mão de seus valores. Isso é crime! A nossa mãe ainda está viva, lúcida, consciente das coisas, e não morta, mesmo sendo pressionada por você sua víbora! Te manda daqui, antes que eu cometa uma tragédia contigo, anda! Cai fora daqui sua asquerosa!!!...

FILHA

(Saindo). Nojento. Você me paga por isso. Seu cretino.

ANTONIO

(Puxou-a pelo braço, apertando). Olha aqui, sua bruxa...

MÃE

(Gritou). Antonio! Não bata na sua irmã! Deixe ela em paz, não adianta, ela nunca prestou mesmo!

FILHA

Tá ouvindo? Essa velha tem mais é que morrer à míngua! Agora, larga meu braço, larga!

ANTONIO

Toma cuidado comigo. Qualquer coisa, te coloco na cadeia. Não vacila. Prisão não foi feita só pra cachorro, mas pra gente que nem você.

FILHA

Larga meu braço. Antonio! Você tá me machucando. Larga!!! *(E saiu de cena quase correndo).*

ANTONIO

(Na direção em que ela saiu). Te cuida! Eu vou querer anulação de tudo que você mandou ela assinar! Amanhã teremos audiência na justiça e vou levar a nossa mãe para depor contra você! *(Voltando-se para sua mãe que está em pranto).* Pronto, minha mãe, garanto que ela não vai mais importunar a senhora... Mas o que é isso? A senhora está chorando?!

MÃE

Choro por ela que nunca foi uma boa menina. Sempre, mas sempre, essa menina me deu trabalho: era em casa com briguinhas com você, lembra?... Era no colégio com as outras amiguinhas... depois de moça então, nunca seguiu um namorado por causa desse gênio dela.

ANTONIO

Muito simples: Valdirene nunca aceitou o seu afeto para comigo, sempre achou que a senhora me dava um tratamento diferenciado, e se sentia rejeitada, até hoje!

CENA 4

(Nesse instante, entra Rosa, a dedicada enfermeira, trazendo-lhe de volta as roupas destruídas).

MÃE

Rosa! Nem te conto... o meu filho botou aquela malvada pra correr daqui...

ROSA

Tá certo. Mas daqui a pouco, quem vai embora daqui e vai me deixar com saudade é a senhora, não é mesmo, seu Antonio?

ANTONIO

Com certeza!

MÃE

Também vou levar saudades suas. Mas, de vez em quando lhe farei uma visita. Vou lhe trazer um bolo de cupuaçu que sempre gostei de fazer e que você vai adorar! É minha especialidade, Rosa.

ROSA

Eu sei! O seu filho me contou.

MÃE

Rosa, minha filha, me faz um chá de boldo com casca de laranja!

ROSA

Tá com dor de barriga?

MÃE

(Apertando a barriga). Tô com uma caganeira braba, minha filha, tô me dissolvendo em merda.

ANTONIO

Ih, mãe! Desse jeito, acho que a senhora não vai poder sair hoje daqui. A senhora vai ter que esperar até amanhã quando ficar boa.

ROSA

Coitada. Isso é nervosismo dela só em saber que vai ganhar sua liberdade! Como se fosse um passarinho preso, nessa gaiola de vidro, querendo voar, lá fora, enquanto lhe cortaram as asas. *(A enfermeira sai de cena e avisa).* A prova do crime da “outra” está aí dentro do saco plástico, viu seu Antonio.

ANTONIO

Obrigado! Obrigado por ter protegido a minha mãe todos esses anos.

MÃE

Ah! Rosa é um amor de criatura, um desses doces e raros anjos que surgem em nossas vidas. *(Respirou fundo)*. Nem sei com que tinta pintarei teu rosto, viu.

ANTONIO

Com as cores da bondade, minha mãe, da alegria e da satisfação em lhe servir, por todos esses anos, como enfermeira e como amiga sua.

ROSA

Bom! Chega de mimos comigo, deixe-me ver seu remédio pra dor de cólica... mas, tá mesmo com diarreia, Dona Olga?

MÃE

Tô, minha filha. Chega tou mofina. Tô cagando fino! Vai buscar o remédio. *(Feito isso, entrou no banheiro e ficou gritando lá de dentro)*. Antonio... Antonio...

ANTONIO

O que é mãe? O que foi desta vez?

MÃE

Traz papel higiênico!!! Me socorre aqui, meu filho amado!

ANTONIO

Calma. Já tô indo, mãe! Não precisa fazer escândalo.

MÃE

Aiii! Já tô botando as tripas pra fora!

ANTONIO

(Vasculhando as tralhas dela numa sacola). Aonde tá o papel higiênico?...

MÃE

Tá dentro numa sacola onde guardo a Bíblia! Bem ao lado, no fundo!!! Achou?

ANTONIO

Achei! *(E foi socorrê-la)*. Já tô indo! *(A enfermeira surgiu na hora)*.

ROSA

Aonde tá ela?

ANTONIO

Se enfiou no banheiro. Leva isso pra ela, ela tá pedindo...

ROSA

Fiz um chá pra ela, assim é melhor. É calmante. Vai aliviar seu nervosismo.
(Sumiu no interior do quarto).

MÃE

Rosa... me socorre, criatura...

ROSA

(Ao vê-la com hemorragia anal). Meu Deus!!! Minha Virgem Santa! *(Rosa vai chamar o filho para ajudá-la).* Seu Antonio, venha me ajudar! A coisa é grave! É muito grave. Coitadinha.

ANTONIO

O que é que ela tem? *(Acompanhou-a a distância).*

ROSA

Hemorragia. Temos que levá-la pro hospital. Talvez seja preciso interná-la.

ANTONIO

De novo??? Oh, Deus! Será possível?

ROSA

Tenha paciência com ela. Amanhã estará melhor. Ela vai ficar boa.

(A luz cai no cenário durante a fala dos personagens e fechando o plano de ambos no palco).

FIM DO ESPETÁCULO

CONVERSA

VAI,

CONVERSA

VEM

Conversa vai, conversa vem

Sátira/comédia - 2003

PERSONAGENS

Vários

CENÁRIO

Palco italiano e arena. Mostrando a Vila da Barca, com suas palafitas e barracos nos alagados da maré baixa, na lama. Com aspecto de favelas e favelados.

TEXTO

Narra a história de pessoas social e culturalmente discriminadas, as quais, vivem precariamente em palafitas e alagados da Vila da Barca, onde a velhice vive ameaças constantes, aqui a espuma da maré traz o arrependimento, mais tarde, pra descascar o abacaxi da trama, desde a retratação de maridos ou namorados traídos pela presença e simpatia do Boto no pedaço, bem aí, nas fuças de toda população da Vila. Tudo isso, numa linguagem coloquial, puramente amazônica, onde o assunto em questão também resgata a nossa cultura regional. Será um belo espetáculo, sem dúvida, partindo de uma boa direção, sem mexer ou alterar o texto com apelações indevidas distorcendo o texto original.



CENA 1

(Entregue aos afazeres domésticos).

GENÓ

(Passando roupa a ferro). É assim. Quase todo dia é a mesma coisa. Hoje, volto a triscar num assunto que, muitas vezes, vocês acham corriqueiro, mas não é não. Tenho que fazer tudo às pressas... quase tudo ao mesmo tempo. E o safadão do marido ainda dormindo, o filho então, nem se fala! Tenho quatro lavagem de roupa pra manter esta casa e dou graças a Deus. É uma vi-

da difícil e aperreada para mim, sobretudo com o marido desempregado, beberrão e fazendo “bico” por aí. *(Ao passar pela sua velha mãe, quase surda e cega).* Quer alguma coisa? Aceita uma cuia de mingau?

VELHA

Ein? *(Respondeu num asmático tom, fazendo uma concha nos ouvidos).*

GENÓ

Eu perguntei se quer alguma coisa, algum mingau! *(Gritou bem alto).* Quer?

VELHA

Coça a minha cabeça com o pente. Acho que estou cheia de piolho, anda!

GENÓ

Ah, meu Deus. Haja paciência pra lhe dar com essa daí, que vive feito uma caduca, o tempo todo muda, no canto da sala, nesse vaivém de cadeira, coitada, sem alegria, sem tristeza, sem carnaval, sem pecados, apenas como um trambolho da família. *(Vai e volta com uma cuia de mingau).* Venha tomar mingau. Tá meio morno. Segura direito.

VELHA

O que é isso?

GENÓ

Oh, saco! Pega logo esse mingau, sua surda e vê se não me torra a paciência. Toma tudinho. E não vá atirar fora com a cuia como de costume, viu sua mal agradecida!

VELHA

Tá quente. Fica soprando pra esfriar. Esse mingau tá inçosso!

GENÓ

Quer fazer graça é, sua velha rabugenta? *(A velha sorriu zombando dela).* Tenho que fazer as coisas, não posso perder meu tempo só cuidando de ti.

VELHA

Rabugenta é você, que vive reclamando das coisas, falando mal das pessoas, como se nada prestasse.

GENÓ

E não presta mesmo! *(Voltou pro ferro de engomar)*. A começar pela senhora que vive só pra me dar trabalho. Nem pra morrer presta.

CENA 2

(O marido procurando por ela, que continua passando a roupa a ferro).

MARIDO

Hein Genó? Cadê o remédio do fígado? *(Friccionou a barriga)*. Tou com uma dor de barriga daquelas.

GENÓ

Taí em cima do armário. *(Apontou com o beijo, naquela direção)*.

MARIDO

Tava. Mas não tá mais. Já procurei aí.

GENÓ

Diabo. Se não queria adoecer, por que diabo vai encher a cara por aí? Indagorinha tava aqui a praga do remédio... Tava no meio desses vidros de remédios da mamãe. *(Achando)*. Taqui! Toma essa porcaria! Que eu ainda tenho o que fazer. Ainda vou ferver roupa no quintal. Francamente rapaz, não sei qual é a tua, nem sei por que tanto bebes? Só pra me dar trabalho, que nem a minha pobre mãe! Ela pelo menos, eu sei que tá na velhice, caducando, e tu, por que é?

MARIDO

Bebo pra esquecer.

GENÓ

Esquecer o que? A tua falta de vergonha? O teu mal caratismo?

MARIDO

Tu acha pouco o que estão fazendo com a gente?

GENÓ

Ora! Cria vergonha nessa cara deslambida! Cachaça não enche barriga não!! Tu vais acabar adoecendo duma cirrose. Bom!

MARIDO

Vaso ruim não se quebra.

GENÓ

Vai nessa. Um dia a casa cai e tu vais te arrepender da graça. Onde já se viu jogar a vida num fundo do copo, por causa de desemprego? Eu hein!

MARIDO

Tu já deu o mingau da tua mãe?

GENÓ

Ela não quis... Empurrou prum lado, depois ela toma quando a fome apertar.

MARIDO

Coitada. Vive o dia inteiro naquela cadeira se embalando. Ninguém conversa com ela, a não ser o neto. Ninguém pede palpite pra ela. Ninguém, nada com ela. Isso me dá uma pena dela.

GENÓ

Olha aqui, Alfredo... Se tens tanta pena assim, por que tu não vais conversar com ela? Quem sabe se nesse trololó de conversa vai, conversa vem, tu não acabarás resgatando a memória da velha!

MARIDO

Santo Deus. Nem parece que ela é tua mãe. Nem parece!

GENÓ

Vai-te pra China. Vai atentar o cão com tanta reza. Aliás, tu és a única pessoa que mais tem tempo nesta casa, portanto, pode muito bem servir de babá pra ela. Mas garanto a você que, com esse seu bafo de onça, nem ela mesma vai querer!

MARIDO

E Luciana... que ela tem?

GENÓ

Doença de criança. Agora apareceu uma prisão de ventre. Faz uns três dias que a menina não come direito e nem caga. Antes, essa menina tinha adoe-

cido de catapora, sarampo, febre amarela, sei lá mais o que, agora apareceu isso, essa tal de prisão de ventre, sei lá...

MARIDO

Tu já falou com o médico?

GENÓ

Fui lá ontem de novo. Mas aquele filho duma puta sabe o que fez? Não quis me atender, simplesmente porque a menina não tem a carteirinha do INSS, pode? Tu precisava ver o jeito que ele me tratou! Com falta de educação e respeito.

MARIDO

Tá vendo? Diz se não tenho ou não razão de escrotiar? *(Saiu)*. Ah, mas vou lá dar um jeito nisso!

GENÓ

Que jeito? Vem cá, homem, abaixa esse facho... A menina já foi medicada hoje, a vizinha conseguiu remédios pra ela, através do Serviço Social.

MARIDO

Não aguento mais. Vou ao banheiro. Vou parir à vontade.
(Sumiu no interior da casa).

CENA 3

(Nesse instante, o filho se esbarra no pai, ao passar por ele, só de cueca).

FILHO

Porra, pai. Quase me derrubou.

MARIDO

Não enche, tá. Tou com dor de barriga. Com diarreia braba. *(Sumiu)*.

FILHO

Bom dia, mãe! *(Se espreguiçou)*.

GENÓ

Bom dia... Credo! Que morrinha! Já lavou a cara? Já tomou café?

FILHO

(Bocejando). Ainda não. Tou me acordando agora, né mãe? A senhora viu a minha escova de dente? Ontem procurei no armário e não achei.

GENÓ

É que fiz uma arrumação no armário e coloquei a escova dentro dum jarri-
nho de barro, que eu ganhei da comadre Emiliana. Achou?

FILHO

Achei! *(Vai até a sua avó, na sala, e a beija na testa)*. Bom dia, vó!

VELHA

Hein?

FILHO

Eu disse: bom dia, vó!!! *(Gritou pra ela ouvir)*.

VELHA

Vai tomar banho na praia? Cuidado com arraia, com cobra d'água, Bentinho!

FILHO

Tá certo, vó. Coitada da vó. Tá caducando. Cada vez tá pior.

GENÓ

Escuta, Bentinho, o Sampaio te pagou tudo ontem?

FILHO

Tudo uma ova! Só me deu a metade. Veja aí... Tá em cima da mesa a grana...

GENÓ

Com esse, já dá pra juntar um dinheirinho pra comprar roupas pra sua ir-
mã e alguns remédios que precisar. Esse Sampaio é uma boa bisca, um ver-
dadeiro caloteiro. Eu no teu lugar juntava ferro pra outro, menos pra ele.

FILHO

Tá bom assim, mãe. Ruim com ele, pior sem ele. Hoje em dia, não tá fácil
arranjar emprego, então qualquer coisa serve, nem que seja pra ganhar mi-
xaria. Pior, mãe, é roubar, é assaltar, virar ladrão!

GENÓ

Esse é meu filho de ouro! Saiu igualzinho a mãe. Honesto e trabalhador.

FILHO

Mãe, vai me servindo o café na mesa, enquanto me visto, troco de roupa!!

GENÓ

Tá certo. A mãe ficou mesmo pra servir. Dizem que uma mãe é pra cem filhos e não cem filhos pruma mãe! Os que pensam assim estão forrados de razões!! (*Enquanto servia a mesa alguém batia na porta várias vezes*). Bentinho... oh, Bentinho, vai atender a porta!!... Oh, saco! Será possível que, nesse inferno, não existe ninguém que possa ir ver quem é o excomungado que tá batendo na porta?...

FILHO

(*Abotoando a braguilha*). Eu vou! Deixa que eu vou, mãe... (*Ao abrir a porta*). É um pobre, mãe. Tá pedindo esmola.

GENÓ

Tu deu?

FILHO

Não tenho trocado. Tudo ficou com a senhora. A senhora não tem um pra emprestar?

GENÓ

Não tenho. Gastei tudo na feira, tu não viu? Agora tou na miséria de novo. Sou uma desgraçada. Não tenho merda nenhuma.

FILHO

Ele tá pedindo farinha, mãe, alguma banana...

GENÓ

Não tenho droga nenhuma! Tu sabes muito bem que ninguém come farinha nesta casa, muito menos banana ou açaí. Anda! Vem logo tomar teu café antes que esfrie!

FILHO

Nem um pedaço de pão dormido?

GENÓ

Olha aqui, Bentinho... manda esse filho duma cadela pedir esmola na porta das igrejas ou vou aí e arrebento com a cara dele. Pouca vergonha! Tá pensando o quê? Que eu sou a “mãe do ano”? Sou não! Ora te enxerga, seu vagabundo!! *(O mendigo saiu correndo apavorado com medo dela etc.)*.

FILHO

O pobre homem correu pra bem longe! Nem precisava exagerar, né mãe? *(Sentou-se à mesa)*.

GENÓ

Exagero uma pinoia, seu cachorro. Já não basta a vizinhança, agora me aparece esse me pedindo as coisas. Eu hein! Nessa casa tudo é comigo. Se não guardo troquinhos da feira, ninguém tem papel higiênico, sai todo mundo do banheiro sem limpar o rabo.

FILHO

Realmente, isto é verdade.

GENÓ

Se quero as coisas, tenho que comprar, viu Bentinho, ninguém me dá nada.

FILHO

Isto também é verdade. Mas eu também ajudo um pouco.

GENÓ

Só um pouquinho assim. O resto é tudo eu. Toma um pouco de sopa de legumes, joga farinha nela, faz pirão, enche tua barriga e vê se vai trabalhar com mais força de vontade. Detesto homem dentro de casa, coçando o saco! *(Vai até a sala reparar na velha mãe)*. E a senhora?...

VELHA

Vai pro diabo que a carregue!

GENÓ

Ah, é assim? Não quer mastigar nada? Ande, mãe! Venha comer alguma coisa! E vê se deixa um pouco pra mim, sua comilona! *(A velha indignada se retirou da mesa e foi para o quarto)*.

FILHO

Poxa, mãe. Né bandalheira. A vó não merece isso. Vou lá com ela. Vou levar um copo de leite e esse picadinho com pão.

GENÓ

Vai! Entope a velha com porcaria. Vai puxa-saco duma figa! Qualquer dia, ela estará te jogando praga como ela fez comigo. *(Sentiu uma dor aguda no coração, cambaleou um pouco e sentou-se numa cadeira para respirar fundo)*. Ah, coração traiçoeiro! Coração ingrato, tais querendo me aprontar agora ou qualquer dia desses. Bentinho, oh Bentinho, traz um copo d'água pra mim!!!

FILHO

(Trazendo uma garrafa plástica). Tome. Beba! O que houve? Outra vez a falta de ar?...

GENÓ

É! Tem vez que amanheço assim. Com o coração amarrotado pela má sorte. Com o rabo atravessado de manhã cedo. Com minhocas na cabeça. E louca pra sair dessa, mas não consigo. Penso até mudar de lugar. Aí dou com a cara no espelho da vida e vejo que não sou a única, nem serei a última a curtir sofrimento no Brasil.

FILHO

Isso vai passar, mãe. É só uma crise. Todo mundo tá passando por isso.

GENÓ

Mas até quando?

FILHO

Bom, enquanto a senhora fica aí se remoendo com seus pensamentos, eu vou à luta, vou batalhar pelo dia de amanhã. *(Saiu porta afora por palafitas)*.

GENÓ

Vai com Deus, filho. Que Deus te acompanhe. *(O marido passa por ela quase correndo, às pressas)*.

MARIDO

Também vou indo. Vou nessa.

GENÓ

Aonde vai? Será possível que nem com diarreia tu para em casa?

MARIDO

Pelo contrário, mulher, vou em busca de socorro num posto de saúde, porque já tou é urinando sangue pela bunda! Quanto mais arrocho o bicho, mais.... mais frouxo fico. Oh, boca de azar é essa tua!

GENÓ

Boca de azar? Mas isso é muita cara de pau, mesmo! Vai morrer pra lá, diabo, quem mandou tu encher a cara todo dia?! (*O marido sumiu na esquina*). É lari-lari desse vagabundo, a fim de não trabalhar, e ter o pretexto de sair daqui pra ir beber com os amigos de farra. Esse cretino. Esse pudim de cachaça. (*Voltou pra cozinha*). Por toda parte eles vão deixando bagunçado!...

CENA 4

(Genó vai entregar a roupa e faz recomendações à sua velha mãe).

GENÓ

Vou sair. Vou entregar essa roupa na casa da freguesa.

VELHA

Aonde pensa que vai? Vai me deixar sozinha, cuidando das coisas? Eu não sou sua empregada!...

GENÓ

Vou aqui perto, na casa da vizinha levar essa roupa!!! (*Gritou bem alto*). E não me demoro. Toma conta da casa. Não deixa ninguém entrar.

VELHA

Cala essa boca. Amanheci hoje com dor de cabeça, de tanto ouvir essa tua matraca. Eu juro por essa luz que me alumia, que um dia anoiteço, mas não amanheço. Quero que o bicho do fundo me leve embora daqui na espuma da maré.

GENÓ

Já tá delirando de novo com essa história maluca? Procure rezar, procure ocupar sua mente com coisa boa, não com coisa que não presta. *(Saiu)*. Fecha a porta. Mete a tranca na porta. *(Sumiu nas palafitas)*.

VELHA

(De pé na porta). Tome cuidado com o bicho do fundo. A maré tá ficando alta, vai invadir essas palafitas da Vila da Barca. *(Com esforço, fechou a porta e foi recolocar o penico debaixo da rede atada na sala. Uma das vizinhas vem gritando lá fora)*.

DONA MOÇA

Comadre Genó... oh comadre Genó!...

VELHA

(Chegando na janela). Quem aqui tá com o rabo pegando fogo? Que gritaria é essa?

DONA MOÇA

Quero falar com a comadre Genó!

VELHA

Ah, é a dona Moça?! O que foi que disse?

DONA MOÇA

Por favor, dona Nina, me deixa entrar um pouco. Abra essa porta.

VELHA

(Abriu a porta). Pronto. A Genó não está. O que quer aqui? O que deseja?

DONA MOÇA

Eu? Eu... Eu só vim tomar uma cabeça de alho emprestado pra comadre Genó... será que ela tem por aí?

VELHA

Mas entre, Dona Moça... vá entrando, sente aí. Enquanto vou ver a cabeça do alho.

DONA MOÇA

(Faz cerimônia). Não precisa. Tá bom assim. Não vou me demorar. Só vim mesmo aqui por causa disso, senão, não estaria incomodando a comadre.

VELHA

E pra que a senhora quer a cabeça de alho? Pra botar no feijão, na carne?

DONA MOÇA

Também. Com o resto vou preparar um remédio de atração. É sempre bom ter esse tipo de coisa dentro de casa. A gente nunca sabe quem tem “olho gordo” na gente, olho de inveja ou de cobiça. *(A velha demorou em achar)*. Escute, dona Nina, ela tem ou não tem o alho?!

VELHA

Tem sim. Deus nos livre de faltar alho nesta casa, de repente, alguém pode adoecer de pressão alta, aí se faz um remédio caseiro, um chá qualquer....

DONA MOÇA

Lá isto é! É o que sempre falo com o Mundico, mas o coitado saiu às pressas, não me deixou nenhum trocadozinho pra comprar alho.

VELHA

Escute... o seu Mundico já está trabalhando? Aonde?

DONA MOÇA

De vigia. Guarda de portaria. Numa fábrica de cimento lá em Icoaraci. Faz uns seis meses, eu acho.

VELHA

Que bom! Só o Alfredo que não arranja nada. Agora, as coisas vão melhorar pra senhora, graças a Deus, não é dona Moça?

DONA MOÇA

Já não era sem tempo, viu! Tem tempo que a gente se cansa de ser pobre, in-da mais, morando num lugar desses, onde a maré na enchente traz a lama e os detritos pra dentro de casa, fora as mortes, os acidentes que ocorrem!!

VELHA

(Gritou feliz). Achei!! Achei duas cabeças de alho! *(Entregando-as pra ela)*.

DONA MOÇA

Puxa! Até que enfim! Desculpe em lhe dar trabalho, viu dona Nina. Pra mim, só basta uma cabeça, a outra fica aí.

VELHA

Hein?

DONA MOÇA

(Gritou). A outra fica aí com a comadre!!

VELHA

Assim é bem melhor. Pra não faltar nem pra uma, nem pra outra. Ainda bem que o seu Mundico teve sorte.

DONA MOÇA

“Sorte”? Sorte uma pinoia! Aquela merda nunca teve sorte com nada. É claro que se não fosse eu a bem apouquentar a cabeça daquele deputado ordinário, até hoje, estaria o Mundico na fila de espera. Molongó que nem o meu Mundico, ainda estou por ver... ô homenzinho lento, até pra fazer “aquilo” debaixo do lençol. Mas comigo, essa raça não bota banca, mas não bota mesmo, vou lá e armo logo um barraco daqueles.

VELHA

Nossa. A senhora não nega fogo. Não perdoa mesmo.

DONA MOÇA

Perdooo nada! Não é na hora do voto que eles ficam batendo na porta da gente, bajulando a gente, com conversa fiada, prometendo mundos e fundos? Então. A gente tem que correr atrás deles, cobrando deles a palavra empenhada. *(A velha lhe serviu um cafezinho da garrafa térmica).*

VELHA

Vamos tomar um cafezinho pra molhar a goela? Sirva-se, por favor! A gosto, e veja a torrada. Está uma delícia.

DONA MOÇA

Obrigada! Nunca a comadre Genó me serviu tão bem quanto a senhora!

VELHA

Não esquenta a cabeça. A Genó vive preocupada, estressada, coitada, com as dívidas a pagar! Mas não repare a quantidade de alho, só tinham essas duas pra remédio, então, tive que dividir com a senhora.

DONA MOÇA

Cavalo dado não se olha o rabo, já dizia a minha vó. Não sei como lhe agradecer.

VELHA

Quer mais café? Mais torrada? *(A outra falou com a boca cheia).*

DONA MOÇA

Chega. Pra mim, chega. Tá bom, tá bom, dona Nina.

VELHA

Converse um pouco comigo. Nesta casa ninguém conversa comigo. Eles acham que sou uma tonta, surda e cega, às vezes, tenho que fingir, pra poder observar melhor o comportamento deles.

DONA MOÇA

Mas nós duas não estamos conversando? Só que não posso me demorar por mais tempo, pois deixei a lesa da minha irmã cuidando das crianças, lá em casa!! E se eu não tiver de “olho” nelas, será um suplício, elas vão acabar caindo nas pontes, vão acabar caindo nas águas barrentas da maré, Deus me livre!

VELHA

Como vai a criança? Ficou boa da coceira?

DONA MOÇA

(Reparou na janela primeiro, espiando lá fora). Ficou, viu, ficou. Graças o remédio que a senhora ensinou: salsa do mato na forma de banho, dando mastruz com leite, em jejum para purificar o sangue, melhorar o intestino, limpar a pele... *(Voltou para ela).* Dona Nina, foi um santo remédio, um milagre, sumiu tudo do couro da menina, coceira, ferida, caspa, até aquela assadura nas virilhas.

VELHA

Não falei? E aquele que se parece com filho de boto? O Tônico?

DONA MOÇA

O quê?! Quem disse isso que o menino é filho de boto? A senhora tá querendo tirar sarro com a minha cara? Tinha até graça! O menino nasceu sa-

dio e é filho legítimo do meu Mundico. Assim a senhora me ofende chamando o meu marido de “cabeça de boi”.

VELHA

(Sorriu, com gracejo). Não esquite, mulher. Só tava tirando uma prosa com a senhora. Mas tome cuidado com ele. Aquele menino é muito travesso. Eu já vi ele se atirando da ponte e nadar nas águas feito um peixe, um bicho do fundo.

DONA MOÇA

Que bicho do fundo nada! Que coisa! São coisas de criança. Criancice de moleque. O Tônico é um garoto esperto e normal. *(E foi espiar na porta a menina correndo na ponte).*

VELHA

Mas o que é que a dona Moça tanto espia aí na porta?...

DONA MOÇA

Espie só... venha ver!

VELHA

(Indo até ela com dificuldade). Hein? Não tou vendo nada! Tou quase cega.

DONA MOÇA

(Aos gritos, apavorada). Maria... ô Maria... Mariaaa!!! Olha essa menina correndo pela ponte!... Toma cuidado com essa menina, sua lesa!...

VELHA

Fique calma. Não há de ser nada. Deus e os anjos protegem as criancinhas.

DONA MOÇA

Acho que já tou indo... antes que aconteça uma tragédia em casa.

VELHA

Fique mais um pouco. Que coisa!

DONA MOÇA

Não posso. Tou é agoniada com aquela menina solta na rua.

VELHA

A gente quase não se vê, tem mais é que colocar o papo em dias.

DONA MOÇA

Magina! Até parece que eu não tenho o que fazer! Quando o Mundico chegar... quer encontrar almoço pronto, água no banheiro, roupa lavada e passada, caso contrário, ele me mata, acaba comigo. Fica me arrasando, me dando macho nesta Vila da Barca. Já pensou em minha Carolina morta, carregada pela correnteza das águas!

VELHA

Credo! Que horror! Vira essa boca pra lá. Nem pensa numa desgraça dessa.

DONA MOÇA

É porque a senhora não conhece direito a minha Carolina. A menina é muito irrequieta, sapeca que só vendo, não dá pra gente se confiar não. Olha, dona Nina... a água invadindo as brechas do assoalho.

VELHA

Ah! São as águas de março. Já estou até acostumada com isso, com esse tipo de enchente.

DONA MOÇA

Mas até quando?

VELHA

Quando a gente criar vergonha na cara, criar coragem pra mudar de casa e de lugar, sair daqui desta Vila da Barca e ir morar num lugar mais decente, sem esse aguaceiro, sem essa lama, sem esse fedor que vem das valas e dos esgotos entupidos. Mas me ajude aqui, dona Moça, a suspender essas tralhas.

DONA MOÇA

Nossa Senhora de Nazaré, nos velai! Isto deve ser a ira de Deus sobre nós!! Só pode ser, não tem outra explicação. Olhe! Veja pelo buraco do assoalho: a imundice que a correnteza vem trazendo pra debaixo da cama!

VELHA

E cadê os políticos, os politiqueiros que não veem isso?

DONA MOÇA

A senhora tem razão. Isto aqui, este lugar, e mais essa pinoia desses barracos velhos, montados por sobre essas palafitas, nunca foi, nem nunca será lugar decente pra gente morar. Bom! Agora tou indo pra casa de verdade, viu dona Nina. Já cumpri a minha etapa de contribuição...

VELHA

Obrigado por tudo! E Genó que não chega! Eu já tou agoniada com tanta demora. Fico preocupada com ela.

DONA MOÇA

E ela nem se preocupa com a senhora, deixando-a aí sozinha, coitada! Parece que a senhora não existe na vida dela.

VELHA

Deixe de exagero. Eu não vejo motivo da senhora falar mal da minha filha. A senhora já não tá levando a cabeça de alho que queria?... Deixa de ser linguaruda, mal agradecida. *(Fechou a porta atrás de si).*

CENA 5

(Dona Moça se encontra com as comadres conversando no meio da ponte e os homens que estão bebericando no boteco).

GENÓ

Da onde tá vindo?

DONA MOÇA

Da sua casa comadre. A coitada da dona Nina está agoniada, preocupada com a senhora e com as águas da maré alta!

GENÓ

Ah, aquela ali é uma chata, um trambolho na minha vida!

MADALENA

Pois é, comadre Genó, o papo tá gostoso, mas vou chegando. Apareça lá em casa pra tomar um cafezinho com tapioca.

GENÓ

E a senhora também vai lá em casa comer uns pedaços de bolo de macaxeira!

MADALENA

Tá certo. Olha que vou mesmo!

DONA MOÇA

Ela vai cuspir no chão. *(A sós com Genó)*. Toma cuidado com essa daí, com essa cascavel. Não fique jogando conversa fora com essa mulherzinha. *(Sumiu)*.

MADALENA

(Em foco individual). Pois sim! Bolo de macaxeira, é? Aquilo lá parecia um bolo duro, pedrado, sem muita manteiga, com a massa crua!

GENÓ

Da última vez que provei da tapioca e o café dela cheio de borra, me deu foi uma dor de barriga, uma diarreia. Nossa! Chega fiquei toda assada.

JULIÃO

(Bebum, escorado no boteco). Parece que essas mulheres daqui não têm o que fazer, de vez em quando elas passam, param aí, no meio da ponte e conversam só besteira.

LAMBARI

Essas daí então, volta e meia, vira e mexe, patati, patata, pororó, o assunto delas é o chifre que elas botam no marido.

SAPARU

Com cerveja! E bem aí nas fuças dos caras, de toda população da Vila da Barca, na maior cara de pau. E sabem com quem? O Pajé aí sabe...

PAJÉ

Eu? Tais é doido! Eu só enxergo o cara de longe, mas não me dou com ele... não levo papo com o cara, ele próprio pinta aí no pedaço mas é só a noite.

SAPARU

O cara tem uma pinta. Só anda nos trinquês. É cheio de revestrês, frescura.

PAJÉ

Esse cara é um nó cego, só porque o cara é educado já acha que é um baito-la, mas o cara tem passe-livre pra entrar nessa Vila da Barca, no peito e na marra, ninguém tem coragem de peitar o cara.

JULIÃO

Diz-que ele é o próprio boto que vem das águas de Aruanda, que vem lá das profundezas da encantaria.

LAMBARI

E tu, já, acreditasse nisso? Ora! Isso é história pra boi dormir. Lenda não existe.

JULIÃO

Existe sim, Lambari. Aqui mesmo, nessa Vila da Barca, vem correndo frouxo essa história, numa naice, com as mulheres se tornando cada vez mais admiradoras desse cara. Sobra pra nós homens uma coisa: apenas um consolo.

SAPARU

Que consolo? O de chifrudo? Corno manso?

PAJÉ

Triste consolo, sem dúvida. Vila da Barca, com certeza, é a baixada mais coibida e incestada por todo esse mistério, cara. Né não? Por via dessa nossa abestalhação vamos ficar de mutuca no cara, assim que anoitecer. Topa? *(Eles respondem que sim)*. Tá legal. Vamos bater no cara quando pintar aí na Vila.

LAMBARI

Toma-te! Quero ver se o cara não passa apenas de lari-lari. Eu continuo não acreditando em lendas. Mas, pago pra ver uma. Querem apostar? Uma derrama de cerveja!

TODOS

Combinado!... Tá na mão!... Fechado negócio!...

(Cai a noite. Há mudança no cenário e no plano de ação da cena. Somente as janelas dos barracos continuam com a luz acesa, lá fora, lençóis fedorentos e encardidos dependurados por toda parte fazem o mistério da noite).

MARIDO

(Ao atravessar a sala, porre). Tá que tá um breu lá fora. Parece um apagão na Vila. Vou tomar banho. Depois pago o rango.

FILHO

Escuta pai: quanto ficou o jogo? *(Sentou-se à mesa para jantar).*

MARIDO

3x0 pro Paissandu, eu acho.

FILHO

Toma-te! Ganhei a aposta lá no serviço. O Sampaio se ferrou.

GENÓ

Vai, vai, vai tomar teu banho. Já te disse: com gente fedida não me deito! *(À Nina que aparece na porta segurando um rádio portátil).* E a senhora? Não vem jantar, não? Fique a senhora sabendo que não sou sua ama-seca, não, pra dar papinha na boca. Magina!

VELHA

Bentinho... oh, Bentinho, meu filho, aonde é que desliga esse porcalhão aqui?

FILHO

Aqui, ó, apenas nesse botão, tá vendo vó? Liga e desliga.

VELHA

Eu queria tanto ouvir o programa do Jacy Duarte... o "Baú da Saudade". Sabe Bentinho? Me dá muita saudade dessa gente que fazia um bom radio em Belém!

FILHO

Ih, vó! Agora os tempos são outros. Surgem nova onda, novas músicas, novas curtições. Manjou?

GENÓ

Venha jantar um pouco. Sente aí nessa cadeira. Deixe de trololó. Entupa sua boca de pirão, anda!

VELHA

Oh, Deus! Converse comigo direito.

GENÓ

E o que é que estou fazendo?... Ande, come logo! E vê se deixa um pouco pra mim! *(A velha se retirou da mesa indignada e foi chorar na sala na rede).*

FILHO

Oh, mãe! Coitada da vó! Isto não é coisa que se faça. Tenha mais respeito e consideração por ela! Afinal de contas, né...

GENÓ

Cala essa boca! Essa velha come feito uma disgramada, vira e mexe, ela está mexendo nas panelas. Parece que vive morta-fome. *(Vai até ela).* Desculpa. Tou lhe pedindo desculpas, viu sua velha rabugenta!!! *(Gritou bem alto).*

FILHO

A vó não merece isso. Vou lá falar com ela.

GENÓ

Não adianta. Ela é que nem jumento quando empaca, não tem jeito de tirar ele do lugar. Já tou acostumada a lidar com ela, com suas manias... Bom seria interná-la num desses asilos de velhos que tem na cidade.

FILHO

Nem pensar. Nem pensar. Não vou deixar que isso aconteça com ela. Afinal de contas, a senhora recebe sua aposentadoria e pra quê?

GENÓ

(Dando tabefes nos ombros dele). Puxa-saco! Por que não se amiga com ela?

FILHO

Quê que isso, mãe! Tá ficando doida?

GENÓ

Ah! Tou de cabeça quente. Essa velha consegue me irritar sabia? Com esse arzinho de sonsa, toda santificada, ela vai me infernizando, desde o começo da minha mocidade. Deus sabe o quanto sofri na mãe dela. Mas, eu também aprontava pra cima dela, eu e mais duas coleguinhas de infância.

Bom, deixa pra lá... É melhor esquecer os tristes episódios da minha vida, já que nunca tive sorte com nada, mesmo! Não vê a família que mereci tê-la na droga dessa vida?...

(Noutro plano de ação, surge um moço fazendo indagações na Vila da Barca).

CENA 6

(O moço bonito e os homens do boteco).

RAPAZ

(Surgindo das sombras). Boa noite, amigos.

TODOS

(Intercalados, assustados). Boa...

PAJÉ

Vixe! Égua, cara, bem da onde tu surgiu, assim, de repente?!

RAPAZ

(Consultou o relógio de pulso). Desculpe pelo susto que preguei... a modo desse jeito e por essa escuridão que me ofusca os olhos! Não era a minha intenção. Mas vim de longe, vim de perto, vim de barco no remanso da maré.

PAJÉ

Bem da onde? De que lugar?

RAPAZ

De Aruanda. Conhece?

PAJÉ

Nunca ouvi falar.

SAPARU

Nem eu! *(Aos cochichos com o Lambari).* Será que esse cara tá querendo nos gambelar?

LAMBARI

Talvez, sei não, sei lá. Parece inofensivo.

RAPAZ

Mas, podem me mostrar o caminho principal da Vila, isto é, caso não lhes traga nenhum transtorno com isso?

LAMBARI

Pois não. Vai por ali... no rumo da venta, onde o vento faz a curva, depois dobra a direita, logo à frente tem um caminho estreito, onde se vê uma jaqueira velha, caindo aos pedaços, aí, a um passo adiante o moço vai se deparar com... Mas escuta aqui: pra onde o moço tá querendo ir mesmo?

SAPARU

Tá procurando alguém? Ou tá na paquera, dando em cima de alguma moça virgem, todo arrumadinho desse jeito?

PAJÉ

Só pode ser. Vai sacudir a carcaça numa festa, é cara? Vai esnobar com roupinha de grife. Olhaqui, se tu bobear, mermão, tu já viu. Os caras são capaz de enfiar uma lâmina, uma faca na tua barriga.

RAPAZ

Pouco provável que eu veja a morte e o diabo juntos, mas nem isso me assusta. Agora me deixem ir embora, já passam das onze e meia, tenho que cumprir uma missão.

JULIÃO

Cuidado, então, meu bom rapaz! Olhe: qualquer coisa, fique com a pulga atrás da orelha, grite, bote o pé na carreira, caso alguém queira fazer alguma cilada... inda mais, aí pra dentro da Vila.

RAPAZ

(Sumiu). Não se preocupem comigo. Coragem aqui é mato. Tenho de sobra.

JULIÃO

Vou te contar. Esse rapaz tem muita coragem mesmo! Um sujeito com aquela presença toda, lá pra dentro da Vila da Barca, tem que ser filho de homem, e homem macho!

PAJÉ

Amanhã o cara vai incrementar os boatos da Vila, vamos ficar sabendo se ele se escafedeu por aí, se virou presunto lá praquelas bandas dacolá e daqui e gente leva longe, espalha logo a notícia...

LAMBARI

Enquanto isso, a gente fica aqui de mutuca na mira do “moço bonito” que a gente desconfia ser o tal de boto. No lance dele, que adora macaquear o bicho enrabador da mulher dos outros, a gente saca do berro e mete a bala!

SAPARU

Diz que só mata o bicho, se for com bala de prata e assim mesmo no meio da cabeça dele, onde tem um nó encoberto pelo chapéu.

PAJÉ

Putá merda. Onde achar, então essa bala de prata? Acho que a turma tá bancando otária. Acho que não vai rolar nada disso aqui. Porque ninguém, nem eu, nem tu, nem tu também, é capaz de inventar uma bala de prata pra matar a lenda do boto.

LAMBARI

Tem razão, Pajé. *(Bocejou)*. E eis que pinta o sono. Vou é botar meu corpo pra dormir. Vamos nessa? *(Sumiu no breu que a noite fazia)*.

JULIÃO

Também vou nessa. *(Todos fazem a mesma coisa)*.

SAPARU

(Comentou pela última vez). Sabe o que tou pensando, cara? Se o cara que papeou com a gente, aquele “gente fina, gente boa”, for de verdade o tal façanhudo e passou por nós de mansinho, numa boa, sem dar nenhuma pista de que era o dito cujo!

PAJÉ

Meu irmão, tu já viu a cagada pra cima da gente amanhã! Melhor calar o bico. Não comentar nada. Como é que a gente vai provar? *(Enquanto isso, na casa de Genó ocorria a cena seguinte, durante o sono do marido bebum)*.

GENÓ

Eu já esperava por você, meu belo rapaz!

RAPAZ

Ande, pois, com isso. Estou apressado! Tenho que atender as outras um pouco, três por noite e uma de cada vez, durante a lua cheia.

GENÓ

Só tu me acalma e preenche a minha alma. Me completa. Então soubeste dos outros que te espreitavam, à tua procura na boca do caminho?

RAPAZ

Passei por eles. Eu enxergo longe, eu adivinho tudo. E se disser que por isso eles ficarão na panemice do mar e dos maridos cornudos, acreditas? Nunca mais farão uma boa pescaria e nem terão tesão algum, enquanto eu mundiar essa área apenas por pouco tempo.

GENÓ

É o castigo que merecem.

RAPAZ

Depois desato a prenda. Aí, voltarão a ser como eram antes, homens normais, sem duvidar das coisas, dos bichos do fundo.

GENÓ

Então é verdade: as folhas secas que me deixaste ontem como se fosse dinheiro, é como paga de outras visitas. Tu és, na verdade, o boto que me assanha a paixão com seus ardidões beijos, o meu homem amado, o marujo do mar, o senhor das águas.

RAPAZ

Sim! Uma condição estabeleço: esta será a última visita que faço a você por causa das outras.

GENÓ

Que tristeza! Será uma pena!

RAPAZ

Se por extravagância ficares aborrecida e me reclamares na cama, aí, não tocarás no meu nome, pois ninguém vai acreditar nessa história, passarás por louca ou leviana. Mas, se concordar com o meu silêncio, com a minha ausência, terás paz e tranquilidade, em lugar de parir um filho meu.

(A luz cai no cenário durante o coito. É final de espetáculo. Porém, a cena do boto se repete com Dona Moça, Madalena e Maria que é jovem e fica grávida dele).

(Vozes em off).

Maria, minha filha, quem foi que te engravidou?
Foi o boto, madrinha, que à beira-mar domina!!...

FIM DO ESPETÁCULO

CRETINAS
& DIVINAS

Cretinas e divinas

Espetáculo Musical Rotativo - 2003

CENA 1

(Mostra dois transformistas no camarim, diante do espelho, se preparando para o show musical).

ANABELA

Clarabela... hoje, você vai dublar quem?

CLARABELA

Vou de Marlene e Emilinha... e você Anabela?

ANABELA

Vou de Dalva e Ângela. Pra mim, é uma glória. É sempre uma emoção renovada. Nossa. Adoro as duas. São minhas cantoras prediletas pro meu show.

CLARABELA

Com uma condição, queridinha. Amanhã e nos dias seguintes, nós duas vamos mudando o roteiro, vamos parodiando outras cantoras, outros artistas, tudo dentro do mesmo esquema de show musical misturado com sátira. Combinado assim?

ANABELA

Combinado. Pra mim, tá porreta, inclusive a gente pode incluir em nosso show alguma atração a mais, por exemplo, um artista convidado, assim teremos a chance de mostrar e dividir o palco com outros novos talentos, ora desconhecidos do público. Concordas?

CLARABELA

Claro que concordo. É uma excelente ideia. Uma brilhante ideia.

ANABELA

Aposto que o público vai adorar. Aliás, o público só tem a ganhar com isso. Quem vai perder somos nós duas, porque vamos ter que dividir o cachê com eles.

CLARABELA

Não importa. O importante é mostrar novidades. É a melhor prova de que os talentos existem por aí.

ANABELA

Ah: e por falar nisso, você sabe quem ganhou aquele concurso do Gari Pelado?

CLARABELA

Como vou saber se a mona não estava lá? Pena que eu estava arreadona com uma gripe doida. Gripada, muito gripadinha, dengosa que só ela. Mas me contaram que foi um desbunde e que toda bicharada tava lá dando em cima do bofe que ganhou o concurso de pinto grande. Diz-que foi uma zorra total. Mas conta pra mim quem ganhou o concurso? *(Não obteve resposta)*. Fala, criatura de Deus! Não me deixe assim aflita.

ANABELA

Pois bem. Quem ganhou...

CLARABELA

(Citar nome local). Foi o Nonato? O amante da velha Hilda?

ANABELA

Magina! Fui eu.

CLARABELA

O quê? Você? Como assim? Eu nunca soube que você era gari e muito menos de pinto grande. O que eu acho de você Anabela, é que você é um transformista, um artista da noite, agora achar que...

ANABELA

Eu explico, coisinha do pai. Eu tava precisando de uma grana preta, aí passei a perna no concurso, fingi que era um gari e passei a varrer uma rua e mais outras, mas tudo de mentirinha, apoiado por um bofe lindérrimo lá da prefeitura. Aí, ele me indicou pro concurso por achar que eu...

CLARABELA

Isto quer dizer que você Anabela é hermafrodita ou uma hermafodinha?

ANABELA

Que você acha?

CLARABELA

Eu não acho nada. Só vendo. Curiosidade à parte, dá pra você mostrar pra mim o seu segredo, em vez de segredinho? Nunca vi coisa com coisa. Sério.

ANABELA

(Exibiu sem a plateia perceber). Veja com seus próprios olhos...

CLARABELA

Anabela! Nossa mãe. Então é isso aí? Parece coisa de filme pornô. Menina! Isso é um fenômeno, mais do que Ronaldinho. Bota toda galera no bolso.

ANABELA

Menos! Menos!

CLARABELA

Verdade, santa. Com essas duas coisas aí nas entranhas o seu show poderia valer mais ou menos.

ANABELA

Quanto?

CLARABELA

Faz um cálculo.

ANABELA

Uns duzentos reais?

CLARABELA

Tá vendo, querida? Eis aí teu problema. Você não sabe se dar valor, nem sabe negociar seu próprio negócio. Magina! Eu, com isso aí em duplicata, tava nas manchetes dos jornais do mundo inteiro. Tava na crista da onda. Tava no cinema, tava nas revistas da televisão e do rádio... enfim, tava na boca do povo e não escondidinha como você está aqui fazendo show, correndo atrás dum cachê mixuruca. Pois sim! Eu seria uma estrela maior! Diferente das outras por aí que são estrelinhas de macarrão.

ANABELA

Tá certo. Mas prefiro o anonimato ao estrelato. Depois da fama, a gente acaba na solidão e sozinhas. Ainda bem que somos duas bregachiques charlando carisma por aí afora. Abrilhando as noites de Belém com plumas, paetês e lantejoulas. Ajeita isso nas minhas costas. Parece muito apertado em meu corpinho.

CLARABELA

Fresca. Nunca vi coisa igual. Eu com isso não tava numa penúria. Duvido. Tava era ganhando muito dinheiro desses gringos que pintam no pedaço.

ANABELA

Tá louca? Isso, pra mim, é prostituição. Mas, apesar de tudo, eu sou um artista. Francamente, Clarabela, eu queria ser outra coisa na vida, menos isso: uma aberração da natureza, uma ridícula, que me incomoda e me deixa frustrada até hoje. Né sacanagem.

CLARABELA

Então faz plástica. Joga essa porra fora, já que isso te atrapalha.

ANABELA

Não tenho coragem. Posso ficar atrofiada como a maioria. E, às vezes, sabe como é, somando esforços, arrastando uma cachorrinha daquelas pra multiplicar o ganha-pão da gente, prefiro continuar com a nossa dupla. Fale quem quiser, as despeitadas podem chiar à vontade, mas uma coisa é mais do que certa: estamos no salto alto, a gente pode até perder o glamour, tudo bem. Mas mostra pra essa turma jovem que nós duas veteranas ainda somos elegantes, finérrimas e mais do que isso - fresquíssimas.

CLARABELA

Bota frescura nisso! Agora me abotoa aqui atrás, Anabela. Você acha que estou lindona? Que vou arrasar hoje?

ANABELA

Sempre. Sempre você tá linda. Sempre você arrasa, querida.

CLARABELA

Ainda bem que nós duas somos a tampa e o penico. Você também é divina.

CENA 2

(Nesse instante, a harmonia das duas estrelas, é sacudida pela presença da camareira, uma velha manca, usando óculos).

WALDA

Ei, suas duas lacraias, suas duas caceteiras, aqui estão os brincos, os sapatos, as roupas e os penachos de vocês.

CLARABELA

Da próxima vez, queira se anunciar batendo na porta, nunca entre aqui como se estivesse na casa da sogra, tá ouvindo, dona Walda?...

ANABELA

E tenha por nós artistas um pouco de respeito, sim. Não nos faça descer do salto e tacar a mão na sua cara deslambida.

WALDA

Desculpa. Tava só brincando. Não precisa tanta violência. Já basta a droga dessa guerra lá fora matando, esfolando tanta gente inocente. Eu só tava querendo ser simpática a vocês duas. Mas, já que vocês duas são cheias de frescuras, e não querem intimidades comigo, tudo bem, já não está mais aqui quem falou.

ANABELA

Ainda bem que a senhora entendeu perfeitamente.

CLARABELA

E tem mais, queridinha: complete seu serviço, pendure as coisas, aí nos cabides, e só volte aqui para nos avisar da hora que o show vai começar.

WALDA

Ingratas. É só pra isso que sirvo. Depois, eu sei da minha obrigação. Não precisa me lembrar. Pra isso, fui treinada e sou remunerada, posso não ganhar um salário condigno pra servir de besta, ama-seca de vocês, que passam por aqui fazendo espetáculos neste teatro, mas dá pra ir aguentando tanta frescura, tanta palhaçada de vocês, suas bichinhas encubadas.

ANABELA

É mesmo? Agora a senhora ta falando que nem a “Velha Hilda” daquele teatro Waldemar Henrique.

WALDA

Vai ver que eu tenho algum parentesco com ela – que Deus a tenha em bom lugar – mas fora deste planeta.

ANABELA

Mas na hora de “molhar” sua mão com alguma graninha por fora, uma extra, a senhora cai de elogios em cima da gente. Fica bajulando todo mundo.

WALDA

Ah, minha filha... quem não chora, não mama, fica chupando dedo. Ou vocês acham que eu sou alguma pateta, que eu não manjo das coisas, que eu não enxergo nada, nem percebo nada? Enquanto vocês ficam por aí esbanjando grana, fazendo derramas com gente da esbórnia e baderna.

CLARABELA

Taí. Tou gostando de ver sua transparência e de ouvir sua falação objetiva, ali na bucha, na cara, na lata, sem arroudeios. Ela me parece uma senhora, na verdade, bem educada, bem intencionada, você não acha, Anabela? *(Piscou)*.

ANABELA

Acho sim. Educadíssima. Até mudei de ideia a respeito da probrezinha. Desculpa, amoreco. Mas pra mim, ou melhor, pra nós duas aqui... você, dona Walda... Waldinha do nosso coração, como eu diria... você pra nós é uma persona mui non grata.

WALDA

E o que quer dizer isso?

CLARABELA

Isto significa que você é generosa, prestativa, é gente fina, gente boa, uma criatura linda, tanto por dentro quanto por fora.

WALDA

(Chorou). Pára, coisinha do pai, pára. Nossa, fico tão emocionada quando alguém reconhece meus serviços. Logo fico que nem manteiga derretida. Me despenco em chororô.

ANABELA

Então, não se derreta tanto, senão o chão vai ficar lambuzado e não há sequer papel higiênico no banheiro pra limpar o fiofó quanto mais os seus olhos sujos de remela.

WALDA

Jura? *(Olhou-se no espelho).*

ANABELA

Juro pela fé da mocura. Vá também reparar lá no banheiro.

CLARABELA

Toma cuidado, viu sua mocréia. Emprego não tá fácil pra ninguém. Daqui a algum tempo, o tal administrador desta espeluncas aqui, vai te mandar embora. Isto significa, meu amorrr... que você tem que tomar cuidado nos seus serviços e não ficar xeretando vida de quem passa ou deixou de passar por aqui.

ANABELA

Isso é muito feio.

WALDA

Eu também acho. Mas o que fazer? Sou assim mesmo, extrovertida, divertida e mexeriqueira que nem a finada. Entendeu, gracinha? *(Desligou o rádio portátil).* Peraí, deixa eu desligar esse porcalhão... Olha aqui, Clarabela, toca aqui no meu peito...

CLARABELA

Nossa. O coração da mocréia parece que vai sair pela boca.

WALDA

(Vai saindo). E vai sair mesmo, se vocês continuarem me dando tarefas. Chega por hoje. Amanhã será outro dia.

ANABELA

Não, senhora. Negativo. A senhora ainda não nos trouxe as sandálias de prata e a peruca loira, que mandamos consertar as corrêas, e escovar os cabelos.

WALDA

Ah! Depois eu “coiso”, afinal de contas, como se sabe, vocês ainda têm show por toda esta semana, então, quando eu “coisar” as corrêas das sandálias e dá uma escovadela na peruca loira, vou trazer pra cá pro camarim.

CLARABELA

Merci bocu mon na mi.

WALDA

(Voltando). O que foi que disse?

CLARABELA

Eu disse em francês “Obrigada, minha amiga”.

WALDA

(Saiu, aos prantos). Até tu Brutus, quer acabar, arrasar com a Walda? Assim meu coração não aguenta. *(Sumiu no corredor)*.

ANABELA

Oh, mulherzinha chata. Viram só? Igualzinha a outra.

CLARABELA

Claro que a outra existiu por aí. Aí, basta também que os outros esquentassem com os neurônios dela. Nossa. O mundo vinha abaixo com uma chuva de palavrões e tudo. Mas era também um doce de criatura. Mas, infelizmente, tudo passa, nós também um dia vamos passar e cair no esquecimento, até surgir uma nova revelação, uma nova atração na cidade.

CENA 3

(Nesse momento, em vez da camareira, o contra-regra vem avisar que o show, daqui a pouco, vai começar).

RAPAZ

(Jovem, com gracejo). Não sei se vocês já perceberam na parede o relógio de plástico, mas fui eu, que comprei no marreteiro, faltam... cinco... cinco minutinhos pra vocês duas aí sacudirem a franga com seu talento e brilho.

CLARABELA

(Passando-lhe a mão boba). Só tá faltando você pintinho, no meu terreiro.

RAPAZ

Pera, cara... Cai fora. Tô falando sério. Tenho a mais absoluta certeza de que hoje começa uma nova temporada de sucesso e com isso vai melhorar o cachê de todos. A casa tá lotada. Isto é uma prova de que o paraense vem prestigiando, gostando daquilo que a gente faz no teatro.

ANABELA

Tá todo mundo aí... o pessoal da técnica?

RAPAZ

Tá. Todos a postos. Vamos nessa. Vou tocar a última chamada. *(Saiu).* “Merda” pra vocês. Botem quente nesse caralho.

CLARABELA

Merda pra você Anabela.

ANABELA

Merda pra você também Clarabela. Menina, tô tão nervosa.

CLARABELA

E eu tô sentido aquele friozinho na barriga.

ANABELA

Tipo aquele que a Claudinha Raia sente antes de pisar no palco? Então, é bom, é benéfico. Só as grandes estrelas sentem isso. *(Ouvem-se a campainha pela última vez e, logo a seguir, a voz o Animador que anuncia).*

ANIMADOR

(Com voz de locutor de rádio). E agora senhores e senhoras, meus amigos e minhas amigas, distinta plateia, hoje, esta casa de espetáculos tem a honra de

prestigiando seus admiradores anunciando-lhes um grande show de dublagem da dupla.

ANABELA / CLARABELA

... numa paródia musical, em homenagem às grandes cantoras do rádio. Portanto, vem aí para vocês, a dupla mais festejada, mais prestigiada deste país... vem aí... Ângela Maria, Dalva de Oliveira... Marlene, Emilinha Borba...

(E assim sucessivamente as músicas respectivas, em conexão com os textos-lettras, que denotam uma espécie de duelo musical romântico ou carnavalesco ou lírica, conforme a cantora ou o cantor a ser homenageados, a cada temporada, tornando-se um espetáculo permanente e itinerante, rotativo, utilizando dois palcos móveis, em um, para shows. Sendo o primeiro, um camarim montado; o segundo, uma escadaria prateada, espelhada, com motivos tropicália, bem Brasil).

ANIMADOR

(Após o final). Assim, encerramos as cortinas do nosso teatro, por hoje, e renovamos convite para o show-espetáculo amanhã, com novas atrações e convidados especiais. Muita gente especulando, na maior expectativa, quem será a nova atração de amanhã? Será um transformista? Um cantor, uma cantora?? Ou um ator-bailarino? Ou algum artista de circo?... Afinal de contas, basta ligar pra este teatro e entrar em contato com a nossa produção. Combinado? Boa noite. Boa noite a todos. Tchau. *(A voz do Animador some em meio ao prefixo musical do show).*

FIM DO ESPETÁCULO

CADEIRA
VAZIA

Cadeira vazia

Drama Social - 2003

PERSONAGENS

Mãe
Filho
Deolinda

CENÁRIO

Palco italiano. Mostrando um simples e pobre barraco numa periferia de Belém ou de outra localidade brasileira etc.

TEXTO

Narra a história de um filho que, após vinte anos ausente de casa, retorna ao convívio familiar. Porém, encontra a mãe doente e cega dependendo da caridade e solidariedade de alguém, inclusive, da ajuda da sua predileta comadre Deolinda. Através dessa dramática história, ocorre o arrependimento do filho que era viciado em drogas e o resgate social da sua vida diante do mundo, humanamente capaz e possível de superar suas crises. O espetáculo tem na linguagem coloquial a audiência imediata, a cumplicidade e a empatia da plateia.



CENA 1

(Mostra uma senhora sentada no cantinho na sala, numa cadeira de embalo, em silêncio, numa penumbra. A comadre ajeita as coisas no seu devido lugar. Vai sair por alguns minutos, passa por ela e pergunta).

DEOLINDA

Comadre Arminda... quer que eu acenda a luz? Já tá escurecendo.

MÃE

Aguarde mais um pouco. Eu preciso disso, dessa penumbra pra poder descansar os olhos. A luz muito pesada ofusca-me o que sobra da visão, um tiquinho só.

DEOLINDA

Tá bom, mea mana, tá bom... Vou lhe deixar aí sossegada um instantinho!!

MÃE

Aonde vai, comadre Deolinda?...

DEOLINDA

E eu não vó ter que ir lá em casa fazer sua janta?

MÃE

Ah, sim! Desculpe. Já tinha me esquecido. Então, pode ir comadre...

DEOLINDA

Vó deixar a porta escorada, qualquer coisa grite, bote a buca no tromboni.
(E saiu em seguida. De repente, alguém bate palmas na porta se fazendo anunciar).

FILHO

Ô de casa! Posso entrar?... *(A mãe reconhece a voz do filho que chega).*

MÃE

Parece a voz do Júlio! Quem está aí fora? É você Júlio?!

FILHO

Sou eu sim, mãe!!! *(Alegrou-se ao ouvi-la de longe).*

MÃE

Entra filho, fica à vontade!

FILHO

Mãe!... *(Empurrou a porta semiaberta).* Oh, mãe!... Aonde está você?

MÃE

Aqui num cantinho da sala... no escurinho!

FILHO

Deixe que eu ligo a luz pra...

MÃE

Não! *(Gritou).* Por enquanto não. Não acenda a luz.

FILHO

Por que não, mãe? A senhora adoeceu de conjuntivite, foi?

MÃE

Foi! Foi mais ou menos isso. Mas vou ficar de boa. Vai passar.

FILHO

Só não lhe dou um abraço agora porque estou muito sujo, muito imundo, encardido, barbudão e cheio de poeira.

MÃE

Até que enfim te lembraste de voltar pra casa!

FILHO

Saudade, mãe. Arrependimento. Solidão. Sofrimento.

MÃE

Nem parece! Por que demorou tanto a tomar tal decisão?

FILHO

Doidice minha. Maluquice. Quem diria: 20 anos ausente desta casa, sem lhe dar notícias minhas e sem ter notícias suas ou de todos! É muita noia, ó meu.

MÃE

E eu aqui te esperando esse tempo todo, todo esse tempo! Coração de mãe não se engana nunca. Eu sabia que mais cedo ou mais tarde voltarias pra casa a ocupar o teu lugar vazio aqui na minha mesa. Ah, filho, sofri o pão que o diabo amassou.

FILHO

Já imagino. Pobre mãe! Mas me deixa entrar e descansar um pouco a minha cabeça, o meu corpo, me deixa rolar um pouco nesse chão, como eu fazia antes quando criança, lembra?...

MÃE

Entra! Deixa e cerimônia. Se quiseres deita um pouco no sofá, na cama da mamãe ou na tua rede, a casa ainda é tua, apesar de viveres todo esse tempo morando por aí na rua.

FILHO

(Brincando de nadar no chão). Cansei daquela vida, mãe. Foi por isso que voltei.

MÃE

Graças a Deus! A esperança é sempre a última que morre.

FILHO

Pô! Não deu certo o que vivi, sofri por aí. Só valeu como experiência.

MÃE

Tá vendo? Teimosia tua! Você tinha que passar por isso para aprender sozinho. Meu Deus! Vinte anos ausente desta casa, vinte anos sem te ver! Porém, teu lugar aqui na minha mesa continua vazio. Já percebeste?

FILHO

Já! Tou vendo daqui. *(Sentou-se no chão).* Acho o maior barato!

MÃE

Só que muitas vezes o barato sai caro. Como se fosse o filho pródigo, que retorna à casa paterna, procurando aquilo que o mundo lá fora não te deu.

FILHO

Pior que não, viu dona Arminda. Passei fome, passei privações de todo tipo e qualidade. Quase virei mendigo na rua, juntando coisas da lata do lixo pra comer, até urina eu bebi pra não morrer de sede. Levei porrada, pontapés na bunda, tapa na cara, um socão nesse olho, ó, chega ficou roxo.

MÃE

Pobre filho!

FILHO

Aí, criei coragem, me debandar do grupo e voltar pra casa!

MÃE

Agora estás bem?

FILHO

Tou bem sim, mãe. Também tou contente. Ainda tem dúvida?

MÃE

Não. Mas, queria ter certeza disso.

FILHO

Dou minha palavra. Podes crer. Ponha fé no que tou lhe dizendo.

MÃE

Tá bom. Sendo assim... só resta-me acreditar em você. Espero que não haja outra fuga tua. Ponha-se no meu lugar de mãe. Pensa bem, Júlio.

FILHO

Compreendo a sua preocupação, mãezinha. Mas posso garantir que as dores de cabeça que eu lhe dava, não vai haver mais, garanto.

MÃE

Ainda bem! (*Suspirou*). Porque desta vez me encontraste muito diferente...

FILHO

Diferente como?

MÃE

Vou te falar uma coisa de todo coração...

FILHO

Fala, mãe! Pode falar. Sou de todo ouvido. Se a senhora achar que não devo ficar mais aqui, tudo bem, eu retiro meu time de campo, ou se a senhora, né, não pode me alimentar mais como fazia antes, nem me dar um pedaço de pão, nem seu carinho, nem seu afeto, tudo bem... Não terei eu o direito de exigir tal coisa da senhora. Vou até entender que a senhora esteja tão magoada comigo, por causa dessas coisas todas que lhe causei.

MÃE

É isso mesmo! Mas, uma casa vazia, sem ninguém por perto, é igual a um corpo mal vestido, entendeu? Portanto, meu filho, terás meu abrigo e comerás do meu pão, mas não te perdorei se continuares com essa vida torta por aí... com essas tuas péssimas camaradagens.

FILHO

Ai, que saco! Eu já não lhe falei? Escuta mãe, me ouve: eu já fui um cara errado, tá certo, já fiz muita besteirada na vida, muita mesmo, até fiz muita gente sofrer por causa disso, inclusive a senhora, mas agora o que passou, passou e pronto. A senhora tem que me dar um voto de confiança, né não? *(Ficou sem resposta)*. Voltarei a trabalhar na panificadora do seu Zózimo. Tenho certeza de que ele me dará uma nova chance.

MÃE

Vou torcer pra que isto aconteça o mais rápido possível.

FILHO

Mas, mãe, isso aqui tá escuro demais! Já é noite! Deixa-me acender a luz. *(Ficou só na vontade)*. Escuta, se quiseres me castigar mais um pouco, pega, toma este cinto de couro, açoita-me! Satisfaz a tua raiva, me dá umas chibatadas no meu lombo, como fazia antes, anda mãe! Toma o cinto!... Me aplica uma surra daquelas que eu tou pronto a te obedecer e te servir de cobaia desse teu rancor guardado há vinte anos! *(Indo até ela)*. Toma, pega o cinto, bate logo, mãe!!! *(Berrou de raiva, revoltado)*.

MÃE

(Gritou indignada). Cala essa boca! Para com essa paranoia!

CENA 2

(Nesse instante, sua mãe se levanta da cadeira, apoiada pela bengala diante do olhar de perplexidade do filho, indo acender o receptor de luz).

MÃE

E eu? O que pensa que sofri todos esses anos, hein? Pra que tanta revolta, tanto desperdício de vida, tanta mágoa ou maldade para rasgar coisas do passado diante do presente, quando, de repente e não mais que tanto, estou pior do que você agora! Pronto. Veja com seus próprios olhos o motivo de ficar agasalhada nessa penumbra, pelo menos posso enxergar teu vulto na casa.

FILHO

(Caiu em si). Mãe! A senhora está cega?! Como foi isso, gente? Meu Deus!! Minha mãe, minha pobre mãe! *(Caiu aos pés dela, ajoelhado, desesperado, apavorado)*.

Oh, meu Deus, me perdoa! Peço mil perdão! E eu aqui me lastimando por qualquer coisa da vida, se o mal maior é este.

MÃE

Fica calmo. Não adianta desespero agora. Mesmo sem ver a luz do sol, sem distinguir teu rosto, sinto-me feliz por estar viva, por continuar vivendo, filho, respirando esse ar que vem de longe. Ah, esse ar que vem do mar e das montanhas!...

FILHO

Importa me dizer como aconteceu isso, qual foi a causa...

MÃE

Sabe, filho? Deu-se numa crise de diabetes, de uma hora pra outra, fiquei cega! Fui a exames médicos. O doutor fez várias tentativas, mas em vão!!

FILHO

Fez alguma cirurgia?

MÃE

Várias. Mas nenhuma deu certo. O doutor, não querendo desencorajar-me, ficou receitando remédios daqui, colírios dali, até que desistiu dessa farsa clínica e me falou que o meu caso era um caso sem jeito. E acabei me conformando com o meu problema.

FILHO

Puxa vida! Até parece que a Ciência avançada continua caduca, diante dessa evolução toda no mundo. É tudo tão lamentável, minha mãe, que eu chego a me sentenciar ao confinamento dos quintos dos infernos, égua meu!...

MÃE

Pois então esqueça. Porque a sua aqui já esqueceu. Se ficarmos alimentando coisas negativas acabaremos, os dois, depressivos dentro desta casa... Coisa que eu não quero pra mim.

FILHO

Tá certo. E a mana? Aonde ela está?

MÃE

Casou-se bem antes de eu adoecer. Agora tem família, dois filhos lindos pra cuidar. Ela mora aqui perto, no meio do quarteirão da rua, dessa rua. A Juanita é quem cuida de receber no banco a minha aposentadoria por invalidez, sempre, nos finais de semana. eles me visitam.

FILHO

E na ausência dela... quem faz as coisas pra senhora?

MÃE

O Joaquim.

FILHO

Quem é esse Joaquim?

MÃE

O marido dela. Mas não é a mesma coisa. A comida que ele faz é muito ruim, quando coloca sal, sai salgada demais, não faz nada que preste. Prefiro a comida da comadre Deolinda, é mais saborosa.

FILHO

Gente, aquela velha ranheta ainda vive?!

MÃE

Vive. Parece mais lúcida, esperta, trabalhadora, cada vez mais sábia.

FILHO

Uma bengala?

MÃE

Que nada! A comadre Deolinda é dura na queda. Não sente uma dor de cabeça, nem sofre da coluna, nada de reumatismo, nada! E lembre-se que ela é sua madrinha de fogueira.

FILHO

Ainda de fogueira! Já pensou?

MÃE

Daqui a pouco, ela aparece aí na porta trazendo o meu jantar.

FILHO

Que bom! Que bom, né mãe, que ela esteja viva e agindo desse jeito a fim de lhe socorrer nessa hora. Mas, no caso dela falhar um dia, quem...

MÃE

Eu mesma! Eu me viro sozinha. Dou meu jeito. Através do tato, do olfato e da audição vou receptando as coisas ou vou realizando outras que pra mim é mais fácil de lidar.

CENA 3

(Aqui entra em cena, Deolinda que vai empurrando a porta e fica assustada com a presença de um estranho na casa, sem se perceber do ledor engano. A velha senhora se contém e procura acompanhar tudo com paciência).

DEOLINDA

Arminda, mea, mana... eu tava cozinhando teu jantar e na hora H faltou o danado do gás, aí tiver que emprestar dinheiro pra... Uii! Credo e cruz, minha Santa Rita, me valei dessa alma penada que tá no canto da sala!!!!...

MÃE

(Sorriu). Que foi? Se assustou com o quê?

DEOLIDA

Olhe, mea mana, se não for igual, tá escritinho um bicho do mato, um capiroto de revestrés, isto se num for o tal cutupira disfarçado nessa marmota xexelenta, catinguenta!

FILHO

(Rindo). Essa é boa!

MÃE

Mas em plena cidade grande, comadre Deolinda? Pelo amor de Deus, esqueça um pouco daquelas suas estórias de lenda lá da Vigia.

DEOLINDA

Mea mana, pelo amor de Deus, digo eu ao ver esse bicho na casa da comadre. Tem feição de gente, mas num é gente, é barbudo, cabeludo, todo en-

cardido sentado aí no chão da sala, feito um cão sem dono. E a comadre Arminda ainda quer que eu fique calada diante dessa coisa aí! Dessa marmota.

MÃE

Me admiro da comadre Deolinda chamando o próprio afilhado de marmota!...

DEOLINDA

Esse aí é meu afilhado? Esse homem tá maltrapilho, fedorento, até parece que morou acolá, bem ali, no afamado Beco do Mijo. E, eu juro por essa luz que me alumia que esse homem entru na casa pra modi roubar.

MÃE

Ora deixe disso! Comadre Deolinda... esse homem feio, esse barbudo aí, é o seu afilhado Júlio, o meu filho que voltou, compreendeu?

DEOLINDA

Minha Santa Rita de Cássia! Isso aí, é o Júlio? O meu afilhado de verdade? Eu já tava pensando que fosse uma dessas aparição da mata dentro da casa!!

FILHO

Eu não lhe falei, mãe? Ela não iria me reconhecer assim!

DEOLINDA

A voz! A voz é dele, comadre! Do meu Júlio, quero dizer, do nosso Júlio!

FILHO

A senhora tem razão, madrinha. Eu mudei muito, também ralei muito, até me transformei nesse bicho, nessa coisa feia, de mal aspecto que causou um tremendo susto na senhora. Me desculpe, madrinha. Eu não quis assustá-la.

DEOLINDA

(Comovida). Mas eu te juro, pequeno, que eu nem tava te reconhecendo com essa barbona toda, vestido dessa maneira, cabeludão. Só podia imaginar um mendigo, um doido, invadindo aqui pra modi judiar da comadre.

FILHO

Eu fui pior do que isso, madrinha! Depois a mamãe lhe explica tudo.

DEOLINDA

Pois então nem precisa me falar desse assunto cum detalhe. E se tu vortar a fazer tua mãe sofrer de núvo, novamente, mais do que tem sofrido essa criatura, essa pobre mãe durante 20 anos, tais ouvindo?... vú ter que te dar uma surra de cipó de apuizeiro, inté tu ficar roxo, seu moleque! Veja o estado em que a comadre Arminda se encontra! Tudo por tua causa, pequeno... tudo, mas tudo mermo. *(Chorou muito)*.

FILHO

Perdão, madrinha. Perdão a todos vocês pelo sofrimento que lhes causei a troco de nada. Tudo por sacanagem e mulherio e drogas que me levaram às consequências amargas. Mas prometo resgatar o tempo perdido e voltar a trabalhar, a viver normal, eu prometo... Nem que a galera do Beijudo que anda invocado comigo fique por aí achando que esse papo é careta, achando que aí tem boi na linha, que não vou levar a sério... Dou minha palavra, madrinha, já disse!

DEOLINDA

Faço fé!

MÃE

Oh, filho! Você vai vencer! Tenha fé em Deus.

FILHO

Com cerveja.

DEOLINDA

Agora deixe de palavreado besta... levante-se daí desse chão frio e vá tomar seu banho, fazer essa barba, cortar esse cabelo feio, antes que eu te dê uns catiripapos e puxões de orelha, num instante tu desanda de vez!

FILHO

Mas antes eu queria comer alguma coisa. Estou com uma fome daquelas de matar o guarda!

DEOLINDA

Não, senhor. Agora quem tá no comando da cozinha sou eu! Depois do banho, sim, mas agora não. Vá tomar seu banho, seu porqueira. Vamos, vamos! *(Saiu empurrando ele pelas costas)*.

CENA 4

(Logo em seguida, Deolinda vai servindo os pratos e os talheres na mesa e uma garrafa de água, uma cesta de pão, uma garrafa térmica de café e uma tijeladona de sopa).

DEOLINDA

Venha, comadre! Sente-se aqui e vá logo tomando a sua sopinha!

MÃE

Ainda não, comadre Deolinda. Vamos aguardar o Júlio sair do banho.

DEOLINDA

Ah, mea mana, então não é hoje! Aquele ali o que tem de sujeira e seroto debaixo do saco, vai levar umas horas pra limpar esfregando com bucha de palha. Ande logo, coma logo é que é! Ainda tenho que assistir a novela!!

MÃE

Ô mulherzinha chata! Tem que ser o que ela quer... não o que a gente deseja que seja.

DEOLINDA

Atente pruma coisa, comadre: o tempo não espera por ninguém, passa por nós sem a gente perceber, quando der fé, a senhora tá pra trás, sempre esperando o tempo passar, sempre esperando o...

MÃE

Já entendi aonde a comadre quer chegar.

DEOLINDA

Uma coisa é certa: quem não se cuida, por si, se rejeita! Vai daí, que a senhora tá cega dos olhos, mas não da alma. Não tem que viver em função dos outros. Em todo caso, deixo aqui a minha advertência. Júlio voltou e pode se virar sozinho e até lhe ajudar um pouco, enquanto não arranjar emprego.

MÃE

Depois a gente vê isso, como é que fica.

DEOLINDA

Vu tomar um pouco de sopa com pedaços de pão. Diz-que é gostoso.

FILHO

(Surgindo renovado, metido num roupão de banho). Que tal estou? Mulheres do meu Brasil varonil!

DEOLINDA

Hum-hum. Pávulo como sempre.

MÃE

Deve estar bonito e charmoso! Com certeza. Hummm! Esse perfume...

DEOLINDA

Ele voltou ao que era antes, comadre, mais bonito, metido no roupão do cunhado. E tá muito cheirozinho agora!...

FILHO

(Com gracejo, abraçando elas e beijando-lhes na testa). Mas, podem me cheirar à vontade, que não me importo, viu minhas senhoras... Que tal, passei no teste da limpeza e da higiene? *(Elas deram uma risada sonora).* O que foi que eu falei?

DEOLINDA

Esse menino sempre foi cheio de pavulagem, presepeiro!

MÃE

Pouca coisa mudou nele, comadre! Júlio continua sendo uma eterna criança!

DEOLINDA

E mimado pela madrinha dele, lembra? Quando eu embalava ele na rede, para não chorar, enquanto a senhora ia praquela fábrica de castanhas trabalhar e só vortava à noite, na buca da noite. Ele passava a maior parte do tempo comigo. Vai daí, do menino se apegar a mim e eu a ele...

FILHO

Mas eu amo as duas, pronto! Engraçado madrinha... faz poucas horas que cheguei parece que o tempo parou aqui... a casa... os móveis de sempre no mesmo lugar... o banheiro, o banho de cheiro-cheiroso... tudo isto aqui! A mamãe e a senhora fizeram questão de manter essa memória... essa... como se tudo fosse uma tradição pessoal nesta casa. Ah, eu adoro isto aqui! Esta paz! Este sossego, esta quietude! Gente... não existe lugar melhor no mundo do que a casa da gente, a casa paterna!! *(E chorou de verdade).*

MÃE

Calma, filho, calma. Tente reverter o quadro para melhor.

DEOLINDA

A tua mãe tem razão, Júlio. Nem tudo que reluz é ouro. A realidade é outra e necessita da sua cabecinha no lugar pra modi refazer sua vida.

FILHO

Claro, né madrinha. Já vou começar a batalhar amanhã. Vou lá conversar com o seu Zózimo e pedir o meu lugar de volta na panificadora. Huuummm... o angú aqui tá danado de bom. Prova um pouco do meu, mãe.

MÃE

Huummm! Tá uma delícia mesmo!

DEOLINDA

Resolveu agora ocupar o meu lugar de ama-seca, é seu fujão? *(Pilheriou)*.

FILHO

Ih, mãe! A “véia” já com ciúmes!

DEOLINDA

E tou mesmo! Porque antes de tu chegar de vorta pra esta casa, esta zinha aqui, já cuidava dela. Entonce num é justo me colocar num canto, feito um traste véio.

FILHO

Tá bom! Continue cuidando, zelando pela minha mãe, que a senhora vai ganhar o reino dos céus pela justiça Divina!!! *(Discursou como político)*. Assim falou o advogado do Diabo. Tenho dito.

DEOLINDA

Deixa de caçoada comigo, pequeno. Aí, tu já viste não, quando o Capeta a modo aparecer na porta e te levar de vorta pros quintos desta vez.

MÃE

Vira essa boca para lá, comadre. Não diga asneiras. Agora temos um homem dentro e casa pra zelar por nós duas na velhice. Tenha termo, mulher... uma mão lava a outra.

DEOLINDA

E as duas, lava a bunda! *(Ambos riram, caíram na gargalhada).*

FILHO

Ela continua de morte! Cheia de gracejos. Depois, ela diz que eu é que sou presepeiro, cheio de palhaçada.

MÃE

Abaixo de Deus, é ela que me ajuda muito nesta casa, mantendo a limpeza, lavando minhas roupas, fazendo minha comida.

DEOLINDA

Ela também me ajuda. De vez em quando, com um quilo de feijão, arroz, café, açúcar, farinha, sal, leite, enfim... me ajuda no que pode. Mais do que isso, não tem pra me dá, se mais tivesse, me daria.

FILHO

Mas agora sou eu que doravante vai passar a sustentar as duas mulheres da minha vida. Porém, as duas aí, vão ter que me aturar e me obedecer. Nada de briga. Nada de discussão besta.

MÃE

Graças a Deus! Tá ouvindo, comadre Deolinda?

DEOLINDA

Tou, tou, tou ouvindo, sim, senhora. Não sou surda!

FILHO

Pronto. Agora estou satisfeito!

DEOLINDA

Quer mais um pouco, Júlio? Coma mais, pequeno, tu tá muito raquítico, muito seco, muito magro!...

FILHO

Quero não, madrinha. Tou agora querendo colo de mãe. Será que posso? *(Deitou a cabeça sobre as pernas de sua mãe na cadeira).*

DEOLINDA

Amamãezado. Vê se pode! Eu hein!

MÃE

Deixa, comadre, o menino... Deixe que ele agora vai dormir um pouco...

DEOLINDA

E quem é que vai lavar essa louça comigo? Me diga.

FILHO

(Sonolento, balbuciando). Deixa aí... que amanhã eu lavo... eu lavo.

DEOLINDA

Menino mimado! É no que dá criar filho dos outros com tanto dengo!

MÃE

Silêncio, comadre! Fale baixo! O menino cochilou. *(Murmurou ela).*

DEOLINDA

Quero ver quem vai levar esse brutamonte pra rede! Eu é que não sou! Por mim, ele vai dormir aí no chão. Nem te conto, mea mana, mas outro dia a vizinha daí do lado...

(Aqui a luz vai caindo em câmera lenta no cenário, no decorrer da última fala do personagem até ao black-out total).

FINAL DO ESPETÁCULO

A

PERSEGUIDA

A perseguida

Sátira/comédia - 2003

PERSONAGENS

Safira (viúva, socialmente decadente),

Miquelina (adulta, empregada de dona safira),

Rapaz (jovem, atlético, cobrador de lojas),

Jovem (negro, dançarino de reggae, voluntário em campanha contra a fome etc.)

Figurantes (de 2 a 4 homens braçais, uniformizados).

CENÁRIO

Uma sala vazia. Com pouquíssimos móveis. Com paredes nuas, quase sem atrativos, apenas retratinhos pendurados aqui e acolá nas paredes de cor pastel. Um grande espelho e um enorme sofá no centro da sala. A gosto do diretor.

TEXTO

Mostra e questiona a solidão, a vida e a decadência social e física de uma mulher que já foi alguém e teve algo na vida e que acabou perdendo tudo, por contas devidas a pagar, restando-lhe a companhia fiel e humana da empregada que a sustenta com suas economias, de anos e anos, guardadas no banco. Moral da história: ninguém cuspa para cima que não caia no rosto. Pois, em alguns lugares ou logradouros da cidade de Belém ou de outras localidades brasileiras, ainda alguém ostenta seu porte de rico embora vivendo numa penúria cerrada diante de uma realidade, que faz questão de não ver. Não vê porque não quer e vive fora da realidade ora palpável. O humor que se instaura nesta peça, vem dosar um misto de amargura e confinamento, que existe nos seus personagens, fazendo surgir daí seu próprio questionamento diário.



CENA 1

(Abertura de cena. Ouve-se a campanha várias vezes. A empregada vai atender na porta. Em seguida, aparece apavorada na sala para anunciar alguém. A dona da casa está ao telefone).

SAFIRA

Não. Não adianta, meu senhor, eu não tenho como quitar as dívidas do meu falecido. Aquele mulherengo me deixou numa penúria. O quê? Sim, meu bem, então. Eu jamais pagaria pelos erros dele. Como? Ah, sim. Por mim, tá tudo bem. Pode mandar buscar de volta, sim. Se isso resolve o seu e o meu problema, acho a ideia excelente. Na verdade, a riqueza, o luxo, o conforto e o glamour que a gente tinha foi de água abaixo. Como assim? Ah, claro. Toda essa ganância e essa maneira descontrolada que ele tinha de gastar, misturada com excesso de vaidade e poderio financeiro, só sobrou pra mim, meu senhor. Tenho vergonha disso. Nunca fui tão perseguida na vida como agora, nem na época que eu era moça virgem, de cabaço e tudo no lugar. Como a Chapeuzinho. Eu, devassa? O senhor, sim, que é um devasso, um cretino querendo extorquir dinheiro de uma pobre viúva. O que? Vá... Desligou. O filho duma Cesária desligou na minha cara.

MIQUELINA

Dona Safira... Dona Safira...

SAFIRA

Ai, credo. Que gritaria é essa? Eu já não falei pra você Miquelina, que não precisa gritar desse jeito pra anunciar alguém?

MIQUELINA

Já. E disse mais: que tudo depende de educação, que a gente tem que agir de uma maneira educada, sutil, e ser discretíssima no que faz ou naquilo que fala. Mas, eu ainda não aprendi direito. Tem horas que dou cada mancada.

SAFIRA

Depois, eu não sou surda. Você não é uma mulher burra, até que é um pouco inteligente e habilidosa as vezes, quando quer, noutras, é uma aberração da natureza. Faz coisa que até Deus duvida. É um horror.

MIQUELINA

Pois, eu não vejo assim. Tudo em mim é normal. Minhas pernas, meus peitos, minha coxa, minha bunda...

SAFIRA

Por exemplo, o que faz aí parada feito uma múmia do Egito? Fala, criatura de Deus, quem era que estava tocando a campainha? Ou quem é que ainda

está lá fora e que lhe deixou assim nervosa, assustada, apavorada, talvez sem motivos pra isso?

MIQUELINA

Tem razão. Lá na porta tem um moço muito bonito, muito charmoso até, deve ter uns dois metros de altura, cálculo, tem uma palma de mão enorme, olha só a lapa do pé, parece um desses pés de légua. Como agir nesse caso: mando embora o rapaz ou faço ele entrar? Resolva logo isso. Ele veio disposto a falar com a senhora e nesse horário marcado pela senhora.

SAFIRA

Comigo, Miquelina? Você tem certeza disso? Ou está querendo me arranjar marido?

MIQUELINA

E quem nesta casa tem o nome da Safira Carmina Patrick Augusta Casanova, não é a senhora? Por sinal, um nome muito cumprido. E, se dependesse de mim, desta zinha aqui, a senhora já tinha saído desta clausura, já tinha um novo marido, porém, mais jovem, mais afoito, que botasse essa ciriema pra gemer, sem sentir dor, como diz aquela cantora famosa...

SAFIRA

Um jovem bonito na minha casa querendo fala comigo! Quem será? E a esta hora?

MIQUELINA

O que é que tem? Pra rosetar, não se escolhe hora, nem lugar, já dizia minha vó Chiquinha. Então, dona Safira, decida. O moço tá lá tocando a campainha. Ó, tudo será como nos velhos tempos. E quando era na ausência do marido? Aí, que eu achava chic. Enquanto ele comandava o barco, durante dias ou semanas, a madame tava aqui manobrando o timoneiro, sem perder a bússula dos caminhos. Deitava e rolava na moleza do safado.

SAFIRA

Cala essa boca. Não seja mal educada. Assuma seu caráter de empregada doméstica, não de alcoviteira e caftina. Que horror. Me responde uma coisa. Ele disse o nome? Ou pronunciou o nome de alguma loja?

MIQUELINA

Ah! Sua danadinha. Tá querendo disfarçar é? Olha aqui, a senhora pode fingir ou até mentir pra todo mundo, menos pra mim. Ou eu não me chamo de Miquelina Pereira da Anunciação, ta bom.

SAFIRA

Ora, deixa de ser tonta. Ponha-se no seu lugar devido, sua linguaruda, Magina! Se eu sou mulher de marcar hora ou visita de um estranho nesta casa! Não se dê ao desfrute.

MIQUELINA

Menos! Menos!

SAFIRA

Volta lá. E diga que não quero falar com ninguém. Diga que estou com dor de cabeça, enxaqueca, dor de barriga, diarreia, sei lá. Invente qualquer coisa. Vai, vai, vai, sua lesa.

MIQUELINA

Eu vou. Mas depois, a madame vai querer chorar no leite derramado, aí será tarde demais. *(Vai e volta acompanhada)*.

SAFIRA

Para de me atazanar, criatura, com essa sua fissura. Que coisa! O que tem que ser, será, e acabou-se. Não vou ficar choramingando pela casa, eu... eu... Meu Deus. O que significa isso, essa invasão a domicílio?...

MIQUELINA

Eu não te falei, moço? Por Deus, dona Safira, eu falei pra ele não entrar sem a sua permissão... mas o moço aí disse que tava com pressa, não podia esperar por mais tempo. A senhora "entendeu" *(aos cochichos)*. Entendeu a grife?

SAFIRA

Entendi. Pode deixar, Miquelina. Vou atendê-lo como manda o figurino. Sente-se aí meu rapaz. E providencie um cafezinho ou um suco ou um refresco pra nós. Repito. "Nós".

MIQUELINA

Eu sei. Não precisa grifar. Estou aqui “apenas” para obedecer suas ordens e lhe servir.

SAFIRA

Nossa. Que dotes! Que músculos! Já posso imaginar o resto. E o que faz aí parada, Miquelina? Vá nos servir um café!

MIQUELINA

(Aos cochichos com ela). Dona Safira... Café tem, a garrafa térmica ta cheia... só não tem é pão ou biscoitos de maisena pra oferecer pro moço.

SAFIRA

Azar o dele que chegou numa péssima hora! Nem vinho? Nem um champagne?

MIQUELINA

Nada. Nadica de nada. Nem Sidra, minha santa. A senhora tá zerada, matando cachorro a grito.

SAFIRA

Mulher! Inventa qualquer coisa. Pega um limão e um copo de cachaça, faz uma caipirosca, e oferece pra esse brutamonte. *(A empregada sai de cena)*. Ela é linda, não acha?

RAPAZ

(Referindo-se a empregada). Ela aí...?

SAFIRA

Não, bobinho. Magina! Estou me referindo a minha poltrona de veludo cotelê, herança de família. Sente-se aqui...

RAPAZ

Obrigado. *(Sentou-se)*. A cor também é linda. A senhora tem um bom gosto.

SAFIRA

Obrigada. Também tenho um bom apetite sexual, digo, pessoal. Aonde vai querer sentar: em cima de mim ou no sofá? Opa. Acho que falei asneira.

Desculpa. Na verdade, adoro brincadeiras maldosas. Bom, mas vamos ao assunto que o trouxe aqui.

RAPAZ

(Desfolhando uma cartela de promissórias). Quantas?

SAFIRA

Quantas o quê?

RAPAZ

Quantas a senhora já deu?

SAFIRA

Nossa. Você é bem atrevidinho, hein rapaz! Mais ainda, adoro gente assim objetiva, direta, transparente, como você, meu rapaz, que vai logo direto no assunto. Nada de perder tempo com blá, blá, blá, não é mesmo? Olha, se quer saber mesmo, de verdade, desde quando fiquei viúva há três anos atrás, nunca mais eu soube o que é um homem na cama. Estou por assim dizer... seca por dentro e por fora, precisando ser lubrificada. Já pensou!

RAPAZ

(Todo sem jeito). Minha senhora...

SAFIRA

(Apresentando-se com elegância). Safira Carmina Patrick Augusta Casanova, a seu dispor, meu jovem, para o que der e vier, sem tirar de dentro.

RAPAZ

Minha senhora... como direi, eu compreendo que a senhora esteja carente, mas a minha visita a esta casa não tem nada a ver com suas... com suas...

SAFIRA

Queixas. Queixas e mágoas. Mentiras e derrotas. Traição e abandono. Tudo isto sem ter um ombro amigo, onde apoiar minha cabeça e chorar cântaros de lágrimas, por causa dum casamento fracassado com um ex-militar.

RAPAZ

Por favor, senhora, não misture as coisas, não complique meu trabalho. Eu vim pra levar os móveis de volta que o seu marido falecido não pagou, a não ser quatro parcelas, de vinte parcelas que deveriam ser pagas. Portanto, quero a permissão da dona Safira Carmina Patrick Augusta Casanova para levá-los.

SAFIRA

Nunca! Sem antes você me prestar um favor, uma caridade. E não me chame de dona porque dona é mulher de bordel, mulher da vida, gente que vive na putaria, na sacanagem, no meio da esbórnica, menos eu. Eu sou mulher fina, educada, culta inteligente.

RAPAZ

Mas a madame falou para que eu passasse nesse horário e apanhasse os móveis... mas a madame tá complicando as coisas, tá...

SAFIRA

Piorou. Não me chame de madame. Não sou madame coisa nenhuma. Não mexo com esse negócio de salão de beleza. Olhe aqui seu... seu... como é mesmo seu nome?

SAFIRA

Herivelto, Herivelto Guaribas. Prazer. *(Esticou-lhe a mão)*.

SAFIRA

O prazer, Herivelto, será todo meu se você exibir seu físico pra mim. Só isso. Aí, eu deixo você levar os móveis que restam, até a casa, se pudesse, já que possui um belo porte, um físico assim... Quer dizer, só pra satisfazer a minha curiosidade feminina, se você está em condições de ficar só de cueca, dance... dance pra mim.

RAPAZ

Dançar? Tirar a roupa dançando, é isso que tá desejando? Somente isso?

SAFIRA

Só pra satisfazer minha curiosidade. Mostra, não tenha vergonha, sou muito tímida pra frequentar um clube de rapazes que se despem para as mu-

Iheres se divertirem. Certo dia, uma amiga minha, ia me levar no clube, mas rapaz, fiquei com receio e não fui.

RAPAZ

Tá legal. Vou tentar. Acho que é melhor do que o meu trabalho. Veja um CD bacana, um som maneiro. Qualquer musiquinha cairá bem.

SAFIRA

Então meus olhos estavam certos. Isto, quer dizer que você faz estreepe?

RAPAZ

Numa casa noturna.

SAFIRA

Faz tempo isso?

RAPAZ

Um ou dois anos, não sei ao certo. Só sei dizer que eu era tímido, tinha medo de mostrar, tinha vergonha de mostrar. Mas um dia, um colega meu disse: “Mas rapaz, tu só dança seminu e ganha coisas da mulherada. Tu recebe grana, fatura bem, mas tu não tem nenhum direito de reclamar delas”. Aí, eu topei por enquanto. Eu gosto do que faço numa hora vaga. Mas a senhora não precisa me pagar, não.

SAFIRA

Então faça. Dança pra mim. Eu gosto disso. *(O rapaz iniciou sua coreografia).*

MIQUELINA

(Ao vê-lo sensualmente). Minha Santa Maria do Grão-Pará! Ma que coisa horrorosa, madame, Dona Safira, mande esse sem vergonha vestir as calças. Credo!

SAFIRA

Cala a boca, Miquelina. O que é belo é para ser admirado.

MIQUELINA

Menos! Menos! Também não precisa exagerar, né madame.

SAFIRA

Meu Deus. Olhe só pra ele... espia os dotes dele, é um verdadeiro Apolo este rapaz, Miquelina. Parece um Deus sodogomita perdido na terra. *(Segredando para a plateia)*. Mas, é um cara de pau mesmo. Exibido. Um narcisista de maior.

RAPAZ

(Enquanto faz trejeitos). Me considero um cara sortudo, quando faço esse trabalho e levo às mulheres a alegria e prazer. Mas quando vejo que elas querem me explorar caio fora. Passo a perna nelas e nos outros, que acham que seu físico é melhor do que o meu, aí eu digo, agora pago pra ver.

CENA 2

(O rapaz continua se requebrando, ao som da música frenética, alegrando o coração da dona Safira e da empregada que, ao mesmo tempo, é contra seu exibicionismo e procura acabar com seu show desligando o CD play etc.).

MIQUELINA

Ai, minha santa paciência. Isso vai demorar muito acabar? Olha, o café, gente! O biscoitinho de maisena acabou, viu dona Safira? Se o moço quiser, mande ele comprar. Esse cara de pau. *(E foi desligar o som)*. Pronto. Acabou-se o desfrute. E cubra seu ganha-pão e fique aqui sentadinho, quietinho, pra tomar seu café.

RAPAZ

Por que desligou? Não gostou de me ver assim? Fui tão ruim do que você imaginava?

MIQUELINA

Eu, mesmo não gosto dessa palhaçada. Mas ela aí deve gostar, coitada, tanto tempo enclausurada nesta casa sem poder sair por aí, sem se divertir com ninguém... deve achar que qualquer porcaria serve.

SAFIRA

Não seja casca grossa com o rapaz. Guarde sua opinião pra si. Afinal de contas, fui eu que pedi a ele um pouquinho disso aí que ele chama de streep musical.

MIQUELINA

Pois sim! Garanto que ele tá querendo se aproveitar da sua moleza ou da sua viuvez, para sacanear com a senhora. Eu, se fosse a senhora, tomava cuidado com esse moço. Essa rapaziada nova, hoje em dia, topa qualquer parada pra conseguir arrancar dinheiro, muita grana, de pessoas que nem a senhora, viúva e carente pra merda.

RAPAZ

(Com deboche). Tá com ciúmes, é bonitinha? Te enxerga! Eu sou artista e não prostituto.

MIQUELINA

Vai-te pra China! Sua coisinha feia. Se quer saber, eu tenho namorado e é mais bonito do que você e me quebra um galho doiiiido. Aquele sim, me satisfaz até em pensamento.

SAFIRA

Menos! Também não exagere, criatura.

MIQUELINA

Mande esse cara se vestir, dona Safira. De repente, alguma amiga ou vizinha sua entra, nesta casa, e vai ver essa marmota aí na sala. Aí, vai pensar que a senhora é uma depravada. Bonito pra senhora! Uma mulher decente, uma mulher de respeito. *(O rapaz obedece a sugestão da empregada, ora preocupada com a reputação de sua patroa, sua melhor amiga).*

RAPAZ

Tá certo. É coisa comum, tem certa empregada que fica protegendo a patroa e *(fazendo gracejo)* quando peida, aquele peido calado, né sacanagem, diz que é uma coisa que todo mundo faz, até a rainha da Inglaterra. *(A dona Safira solta risos e gargalhadas sonoras durante a fala).*

MIQUELINA

Ah, seu nojento!

RAPAZ

Verdade. E o rei e a rainha, o ministro da guerra, a mulher dele e a minha... Então, eles caíram em graça. E quando o cabra fica velho?

SAFIRA

O que é que tem?

RAPAZ

Começa a fazer besteira. Caga na cueca e mija nos pés ou fica endividado pro resto da velhice. *(Após vestir-se, ajeitar-se todo frente ao espelho)*. Pronto.

SAFIRA

Agora diga, meu rapaz, quem o mandou aqui? Algum hospital por onde o meu falecido marido passou? Ou foi o seu Agripino diretor da casa funerária “Pés Juntos”, para quem ficamos devendo o velório, as choradeiras, os seresteiros e o pessoal da canastra?

RAPAZ

Calma, dona Safira, digo, Safira... Safirazinha...

SAFIRA

(Explode). Safirazinha uma pinóia. Não lhe dou esse direito de olhar, como se eu fosse uma mulher qualquer. Vá chamar de “zinha” qualquer Mariazinha da vida, qualquer Candinha, Luizinha, Julinha... menos a mim. Ora, se toque!

MIQUELINA

É isso mesmo! Agora peça desculpas a ela, vamos! Seu exibido. Seu prepeiro. Seu enxerido.

RAPAZ

Desculpa. Eu não quis ofendê-la, dona Safira. Juro.

SAFIRA

Pois continua me ofendendo me chamando de “dona”. Já basta a praga dessa empregada me azucrinando o dia inteiro, o tempo todo, com esse termo pejorativo.

RAPAZ

Mas acontece que isso é por conta do tempo ou por questão de educação também. Quando o cara é novo e conversa com uma pessoa adulta, mais velha, mais madura do que ele, sempre usa essa palavra. Quando é homem a gente chama de coroa, quando é gente nossa, da família... e de senhor pra quem é algum conhecido... *(Ouvem-se a campainha novamente)*.

SAFIRA

Ai, meu Deus. Quem será desta vez?

RAPAZ

Deve ser os caras do caminhão, que estão aguardando as ordens lá fora.

MIQUELINA

Mas sim, abro a porta, faço eles entrarem ou não?...

RAPAZ

Mande-os entrar, por favor! Quero vê-los longe daqui, o quanto antes.

CENA 3

(Enquanto Miquelina vai abrir a porta e é quase atropelada pelos empregados que vão retirar os móveis da casa que estão em débito, dona Safira atende o telefonema de uma amiga e tenta disfarçar seu constrangimento etc.).

RAPAZ

(Saindo de cena). Sinto muito. Não posso fazer nada, minha senhora. Desculpa.

MIQUELINA

Credo. Mas o que é isso, gente? Parece um monte de brutamontes! Quase caí no chão. Vocês não têm educação, não? A mãe de vocês não deu disciplina a vocês? Parece até uma invasão dos sem-teto, ou um assalto ou saqueamento dos descamisados. Pai d'égua essa. Não, essa daqui não, nem essa aí, que foram comprados com o meu dinheiro.

SAFIRA

Quando isso? Lamento, amiga. Aceite também meus pêsames. Saudades do meu falecido? Mais ou menos. Mas sempre. Como? Ah, sim, lá isto era, um farrista mulherengo de primeira. Um sacana que ele era. Hein? Barulho aqui? Ah, é o rapaz do supermercado despachando minhas caixas de compras do mês inteiro. O quê? Ah, eu não compro nada à vista, pra mim, tem que ser tudo na base do crediário. É sim, filhota, economiza mais, sabia? Pois não. Boa sorte pra você também, queridinha. Escute... dê lembranças minhas à senhora sua mãe e a Jamil, seu marido. E tome cuidado com o trânsito pra não acontecer contigo a mesma tragédia que aconteceu com seu filho. Tá bom. *(Breve pausa)*. Hum-hum... Ligue sempre sim. Tchau. *(Após*

atendê-lo). Ah, ela é uma chata de galocha. Só porque perdeu o filho menor no trânsito dirigindo uma moto quer indenização do governo e o ascambau a quatro. Pode? Coitado do governo, se fosse indenizar tudo quanto é acidente neste país!

MIQUELINA

Quem era?

SAFIRA

A Carmella do Jamil, aquele deficiente de necessidades especiais, ex-combatente de guerra.

MIQUELINA

Dona Safira, mulher de Deus, meu anjo de guarda-mor! Aquele homem ainda vive?

SAFIRA

Vive. Ainda está sajuco o diabo do velho.

MIQUELINA

E ela...?

SAFIRA

Quebrada e usada pelo tempo. Pior do que ele. Ela tava me contando que anda doente de osteoporose, artrite, reumatismo, gastrite crônica e, como se não bastasse tudo isso, ainda sofre de diabetes. Doenças da moda.

MIQUELINA

Tadinha. Qualquer dia vou lá fazer uma visitinha pra ela. Vou levar doces e frutas pra dona Carmella.

SAFIRA

Mas como, criatura? Você quer matar a mulher? Frutas ácidas, tudo bem, mas esse negócio de doces, bolo, pudim, quem sofre de diabetes não pode comer.

MIQUELINA

Ah, sim. Nem me lembrava disso. Sou mesmo uma tonta. (*Observando o vazio que ficou na sala*). Olhe só pra isto, dona Safira! A sala vazia. Aqueles mal edu-

cados levaram quase tudo, arrastaram o que tinha, só não levaram o fogão, a geladeira, a mesa da cozinha e a máquina de lavar, porque fui eu que comprei com o meu dinheiro, com o meu suor. Nada me foi dado de graça pela senhora. Quero dizer, com exceção, do meu emprego e de sua hospitalidade nesta casa, há 15 anos atrás, aparando a mim e agora minha filhinha Luciana.

SAFIRA

(Reparando na sala). Veja, Miquelina. Essas paredes nuas, vazias, sem nenhum quadro de gente famosa, sem nenhuma tela de pintor premiado, nada de cristal ou de ouro folheado nos objetos, tudo ou quase tudo foi leiloadado para safar as dívidas daquele desgraçado do falecido.

MIQUELINA

Olhe... só restam estas molduras mixurucas, que a gente chama de retratinhos de família, pendurados por aí. Quem são eles?

SAFIRA

Meus pais. Meus bisavós. Gente morta.

RAPAZ

(Sorridente, feliz). Olha eu aqui outra vez. Esqueci de lhe dar uma dica. Passe uma borracha nessa bandalheira que estão fazendo contra a senhora. Venda a casa e mude de endereço, troque de localidade, vá bem pra longe daqui e leve consigo aquilo que lhe resta. A maioria faz isso. Até mais ver, senhora.

SAFIRA

Você ouviu isso?

MIQUELINA

(Corre atrás dele). Mas rapaz, tu só vem aqui botar minhocas na cabeça do outros? Tu podes tudo, mas tu não tem nenhuma grana no banco. Cai fora da nossa porta, tais ouvindo? Ou eu chamo a polícia.

SAFIRA

Mas que audácia dele, que atrevimento!

MIQUELINA

E a senhora tome juízo pelo amor de Deus! Não vá querer entrar nessa. Isso é uma paranoia desse moço. Doidice dele. Deve está acostumado com

trambicagem por aí. Ele quer ver é a senhora “perseguida” ainda mais pelos lojistas. Garanto à senhora uma coisa: Nem passando a pena no capeta eles deixariam de cobrar a senhora por contas devidas.

SAFIRA

Às vezes, eu penso que você só me considera quando faço uma burrada, para ter o motivo, o pretexto de ficar me esculhambando como se fosse minha mãe ou uma tia solteirona daquelas bem ranheta.

MIQUELINA

E sou mesmo! Ainda estou aqui por gratidão, por amor e respeito à senhora que já me ajudou e muito. Agora, chegou a minha vez de zelar pela senhora e de cuidar das suas coisas, das suas vontades ou dos seus caprichos. Mas a fé remove montanhas e a esperança nos resgata a vida, portanto, tenho fé em Deus que a gente vai encontrar uma saída, uma alternativa, a senhora vai ver, aí sim, tudo ficará sob controle.

SAFIRA

Tem outro jeito? O jeito mesmo é reconhecer sua amizade, sua dedicação... sua companhia, às vezes, meio chatinha, mas que eu adoro, já que meus parentes também resolveram virar as costas para mim.

MIQUELINA

Xá pra lá! Esqueça aqueles ingratos que a senhora tanto ajudou. Mas não esquite a cabeça, não. Basta que nós duas, eu e minha filha, estamos aqui e adoramos a senhora.

SAFIRA

(Abraçando-a pela primeira vez). Obrigada, amiga. Por tudo, viu.

MIQUELINA

E esses aqui?...

SAFIRA

Ah! Esta foto tem longa história de família. Mas vou resumi-la numa frase. Qualquer pessoa critica a ambição, a ganância e a partilha da herança dos bens da família entre seus familiares, do mesmo modo que brigam e fazem rasgação de saia, por essa partilha dessa herança. Entendeu?

MIQUELINA

Acho que sim. O que é pior, dona Safira, alguns espertinhos ainda acham de tirar proveito dessa situação para esvaziar o bolso de alguém, a sacola, a casa desta pobre viúva, que vive agora às minhas custas. *(Ela chorou)*. Venha cá, madame: sente aqui, ao meu lado, e ponha sua cabeça no meu colo.

SAFIRA

Não fale assim. Se soubesse o quanto isso me machuca, me humilha...

MIQUELINA

Isso! Chore, pode chorar a vontade. Desabafa. Ponha pra fora tudo aquilo que vê e sente. Se abafar dentro de si, é pior. *(Nesse momento, toca a campainha e a empregada vai atender com rapidez)*.

SAFIRA

(Se refazendo etc.). Que diacho! Quero sossego e não consigo.

MIQUELINA

Já vai. Já estou indo. Quem é esse apressadinho ou apressadinha hein?... *(Ao abrir a porta ressurgem o rapaz cobrador da loja de móveis)*. Ah, é você, seu abestado!

RAPAZ

Tome isto aqui, minha senhora.

MIQUELINA

Uma cesta básica! Com vinho, champanhe e tudo como a senhora gosta!

RAPAZ

Pena que eu não posso ficar pra santa ceia. Aceite meu presente, é de coração. Até logo! *(Sumiu batendo a porta atrás de si)*. Fui.

SAFIRA

Que deu em você, rapaz? Volte aqui! Eu não tenho dinheiro para lhe pagar esta cesta adubada!

MIQUELINA

Que bom! Hein dona Safira? Agora vai dar pra encher a nossa geladeira e as latas de mantimentos. Com certeza. *(Nesse instante, o rapaz volta da rua e sai novamente)*. *(Fica emotiva)*. Puxa vida. Pela primeira vez eu recebo um abraço da

senhora. Olha que eu vivo nesta casa há 15 anos e a senhora nunca reparou em mim o desejo, a vontade de lhe dar também um abraço.

SAFIRA

Exagerada! Nem o santo Papa acredita. Desse jeito, você não entrará no reino do céu, a não ser das formigas. *(Risos entre ambas)*. Agora vá trabalhar. Chega de frescura comigo. Prepare o nosso jantar.

MIQUELINA

É pra já. Pela senhora sou capaz de tudo, até de lavar roupa para fora ou virar camelô ou vendedora de tacacá, marreteira...

SAFIRA

Menos! Menos! Ponha-se no seu lugar.

RAPAZ

A senhora vai ver. Deixa comigo. *(Sumiu no interior da casa. Enquanto dona Safira volta a sentar-se na sala do aparelho de TV)*.

SAFIRA

Faça-me um chazinho e sirva-me depois com torradas.

MIQUELINA

(Voltando, com gracejo). Agora tem, né! Graças aquele moço bonito! Sua danadinha. Ela conquista fácil, fácil as pessoas ao seu redor. *(Sai de cena)*.

SAFIRA

Oh, mulherzinha faladeira. É no que dá, a gente como patroa, dar confiança à empregada, a essa gentinha. Não se pode dar a mão, que elas vão logo querendo o pé. É uma raça brega mesmo, cheia de lesco-lesco, de bambambam, pra lá de xereta. E o que é pior, querem mandar na gente, mudar o cardápio da gente e até começam a opinar sobre o pessoal de nossa família. Até eu mesma reconheço que me deixei influenciar por Miquelina, pois minha linguagem já não é normal como antigamente, antes dela entrar e morar nesta casa. Hoje, como agora, Miquelina faz de mim gato e sapato. Ela tira no bico uma prosa comigo, na maior cara de pau. Acho que me tornei numa irmãzinha pra ela e vice-versa. Manja? Essa mocréia tem a petulância de dizer, na minha cara, que sou uma velhota ainda um tanto quanto sagica e sacudida. Agora, ela preocupada em arranjar um amante pra mim,

a fim de me arrancar da solidão. Para ela, será a glória. Quem sabe, mesmo, se não me aparelho com algum carcamano bem marreta... Desses que pintam na TV de remelexoxó nas ancas e na bunda, nem morta!

CENA 4

(Tempo. Fim de tarde. Começo de noite. Hora do ângelus: hora de servir a santa ceia: pedaços de pão dormido, garrafa de café com leite, manteiga, torradas e pratos de sopa na mesa. Um jantar com pouca luz e à luz de velas com castiçais e tudo que sua patroa tinha direito. Miquelina parece ágil e afobada).

MIQUELINA

Oh, gatinha escrota, viu dona Safira? Ouvi indagorinha mesmo pelo rádio, que o povo tá reclamando sobre os 50 reais que o presidente Lula mandou dar pra eles, a cada mês, para ajudar na alimentação da família.

SAFIRA

Acho pouco também. Me dá pena ver tanta gente passando necessidades neste país tão rico em minérios e tão pobre ao mesmo tempo. Aí, será um verdadeiro milagre reduzir a fome a zero.

MIQUELINA

Também, assisti na TV um bando de crianças magrinhas, esqueléticas, outras de bucho quebrado, um buchão por'acolá, cheio de verminoses, desnutridas, coitadas, por falta de legumes e verduras na alimentação delas. O doutor tava lá dizendo pro homem da reportagem que o problema atinge 40 por cento das crianças até 5 anos, nas periferias da cidade e nos municípios.

SAFIRA

Isto, é pra você ver o quanto a população sofre! Fora aquele povo ribeirinho que vive no isolamento social político, lá pra dentro das matas, num mata-gal cerrado ou nos mangues de pescado, sem recursos ou coisa parecida.

MIQUELINA

Já pensou! Ainda tem neguinho que chora de barriga cheia. Acho ótima, muito legal mesmo, essa iniciativa do governo implantando no Brasil o Programa Fome Zero. Menos mal, obviamente, para aqueles que não têm nada pra mastigar, nem farinha pra fazer um xibé na cuia pitinga. Já pen-

sou! Madame, se aparece alguma Georgina da vida ou algum parente dela, no meio disso, para passar a perna na campanha! Cala-te boca.

SAFIRA

Acho bom mesmo que se cale para sempre. Hoje você tá com a matraca solta e ferina. Debochada. Escrachada por demais.

MIQUELINA

Olha só quem fala! Nós duas, na verdade, somos a tampa e o penico. Não queira dar uma de santinha agora. Pra cima de mim, não! *(Ao acabar a costura)* Pronto. Já fiz a bainha das calças do meu Acauã e preguei os botões da camisa dele, agora vou servir o jantar. Vai ser um jantar à luz de velas, como nos velhos tempos, com baixela finíssima, xícaras de porcelana francesa, pratos da Itália e copos de cristal para água e vinho de Portugal. Tudo chic. Pra ninguém caçoar da sua santa ceia, nem falar mal do seu modelito bregachic.

SAFIRA

Cala essa boca, criatura. E vá atender a porta! Se for algum cobrador de loja, diga que viajei por aí, fui pra Suíça.

MIQUELINA

Olha que eu digo mesmo! Aí, depois, a senhora fica mais encrencada ainda.

SAFIRA

Não, não, isso não. Diga outra coisa, invente qualquer coisa, por exemplo... digamos, digamos...

MIQUELINA

Que a senhora está no banheiro. Tá doente. Tá com diarréia braba e pronto.

SAFIRA

(Ocultando-se na cozinha em penumbra). Menos mal!

MIQUELINA

(Abrindo a porta). Pois sim? Pois não?

JOVEM

Sabemos que ela é rica e generosa. Boa de coração.

MIQUELINA

Quem? Nossa. Você é um pretinho muito bonitinho sabia?

JOVEM

A dona da casa está?

MIQUELINA

(Suspira fundo). Está sim. Está jantando.

JOVEM

Quero falar com ela. *(Adentrando a sala)*. Com licença... Não se preocupe. Não tou aqui pra fazer mal a ninguém.

MIQUELINA

Eu sei! Com toda essa beleza e esse porte, se mal não faz, um bem fará pra minha irmãzinha de fé. Mas sente-se aí, que vou chamá-la... *(la saindo, quando)*.

SAFIRA

(Apareceu na sala, vestindo um suéter glamouroso). Miquelina...

MIQUELINA

O negrinho pastoreio? A senhora sabe que nem eu sei! Esqueci de perguntar.

JOVEM

Por favor, madame, desculpe pela invasão ao seu sossego na hora do ran-go. Mas faço parte do movimento do reggae, que fica aqui perto na rua do Buraco Forrado. Então, tia, nós estamos arrecadando alimentos pra ajudar casas de saúde filantrópicas.

SAFIRA

Gesto bonito o seu! Porém, a sua “tia” aqui, está falida, pobretona, pra lá de miserável, matando cachorro a grito, como diz essa zinha aí. Passe o pano no ambiente. Veja com seus próprios olhos, meu fofo. Quem te falou que eu poderia ajudar na campanha? Acho que te informaram errado.

JOVEM

Tou sacando. Vi que a casa tem uma fachada bonita, agora tou sacando que é só fachada, gente boa. Desculpe. Me perdoa, tia. *(E foi saindo)*.

MIQUELINA

(Acompanhando-o até a porta). Não nos queira mal, moço, por isso. Mas tem tempo que é assim. Uma crise doida.

JOVEM

A crise é geral. Tá na barriga do povão. E obrigado pelo suco!

MIQUELINA

De nada. Escute... eu, eu queria lhe dizer uma coisa. Eu adoro reggae.

JOVEM

Verdade? Eu também! É minha praia! Não perco um rally show lá no barracão do reggae.

MIQUELINA

Escuta aqui, se eu te pedir pra dançar o reggae comigo, só um pouquinho, você dança?

JOVEM

Danço sim. Por que não? Já disse: eu adoro reggae!

MIQUELINA

Sabe o que acontece? A minha patroa anda triste e amargurada esses dias, aí, pensei dar a ela um pouco de alegria através de você. Depois, você dança com ela um pouquinho também. Topa?

JOVEM

Senti firmeza. Vamos nessa. *(E voltaram para sala, ajustaram o ambiente e fizeram o aparelho de som funcionar).*

MIQUELINA

(Anunciou alegre). Olha, dona Safira, o coisinha aqui vai dançar comigo um reggae arretado. A senhora vai adorar. Vai ficar mais alegre.

SAFIRA

Eu sei! Me engana que eu gosto. Sua assanhada. Sua alcoviteira. Façam menos barulho por causa da criança que está dormindo. Por favor! *(Reparando no casal dançando).* Manja só? Até que o rapaz aí mexe bem dengoso.

MIQUELINA

Ela tá gostando. Oh, glória, meu chapa. A bruaca velha se abre por inteiro, mostrando um sorriso cheio de dentes encardidos e escambimbados pelo cigarro. Ela era pior do que uma locomotiva, uma chaminé de automóvel.

JOVEM

Agora é a sua vez! Tia... venha, dona Safira! Isso. Aproveite e respire a vida que Deus lhe dá de graça. Tá indo muito bem. Solte a franga, solte a franga, não deixe a peteca cair. *(E caiu desmaiada nos braços dele).*

MIQUELINA

O que houve? Não quer mais dançar?

JOVEM

Me ajude aqui, tia. As pernas dela...

MIQUELINA

Que tem as pernas dela? Me diz.

JOVEM

Estão bambas. Estão sem movimentos, sem comando. Acho que ela desmaiou.

MIQUELINA

Ou está morta? Mas meu Deus como foi isso? Eu nunca soube que essa criatura era hipertensa ou sofria do coração. E agora? O que é que eu faço?

CENA FINAL

(O jovem, auxiliado por Miquelina, coloca o corpo de dona Safira esticado no sofá da sala, enquanto providenciam o óbito e o velório dela).

JOVEM

Ela realmente não está respirando. Já fiz massagens no peito dela, respiração boca a boca, passei álcool na testa dela, fiz ela cheirar, e nada. Essa mulher ta ferrada na base da sepultura, já desencarnou. Telefone pro médico dela, que eu já vou indo. Qualquer coisa eu volto pro velório. *(Saiu de cena).*

MIQUELINA

(Chorando). Volte aqui, seu ingrato! Não me deixe sozinha com a defunta. Tenho medo, tenho um pavor enorme. Oh, meu Deus! O que foi que eu fiz? Tenha misericórdia de mim, Senhor meu Deus. Pra que fui colocar a coitadinha pra dançar e dançar feito uma doidivana, uma maluca, parecia que não tinha visto antes um crioulo na vida. Dona Safira, não faça isso comigo agora, e lá onde a senhora esteja, pertinho do Nosso Senhor, quero que me perdoe, viu minha irmãzinha de fé. Oh, meu Deus, o que será de mim sem ela. Ruim com ela, pior sem ela, minha companheira de conversê, de fuxico... Vou telefonar pro médico da família, depois pro posto de saúde, a fim de removerem daqui a defunta numa ambulância... pra fazer uma autópsia. Agora tou me lembrando que a pobrezinha queria que eu colocasse o seu epitáfio no mausoléu, deixe-me lembrar como era... foi ela mesma que escreveu... Ah, sim. Já sei! Era mais ou menos assim: “Como prova do meu derradeiro sorriso nesta terra/ Aqui jaz, alguém que, em Vida, foi e agora já era”. Tadinha. *(Ao telefone)*. Alô... Alô, é do consultório do doutor Abigail Castanheira? Não? Mas esse número tá na agenda que era da madame. Como? E esse bater de pregos que tou ouvindo, é da onde? Claro que dá pra ouvir. O que, moço? É da casa funerária Pés Juntos? *(Desligando o telefone)*. Que ironia! Ela mesma anotou o número nessa cadernetazinha.

SAFIRA

(Voltando a si). Anotei o que, sua tonta?

MIQUELINA

(Assustou-se). Aiii. Uiii. Dona Safira, a senhora não estava morta, o que foi que houve com a senhora? Parece um milagre. Deus ouviu minhas preces.

SAFIRA

Frescura minha. Armação minha. Quero testar a sua amizade por mim.

MIQUELINA

O quê? Ah, dona Safira, a senhora quase me matou de susto. Porra. Que brincadeira de mal gosto. Égua xiri. *(E foi lá pra cozinha)*.

(Corte na cena).

FIM DO ESPETÁCULO

A
EMPREGADA
E A PATROA
NUMA BOA

A empregada e a patroa numa boa

Drama social - 2003

PERSONAGENS

Maria

Dionor

Filho

Sr. Eriberto

Figurantes (de 4 a 6 pessoas)

CENÁRIO

Palco italiano. Mostrando apenas uma sala e uma cozinha, onde ocorre todo o espetáculo, com recursos de adereços e objetos cênicos, de acordo com a criatividade do diretor, sem distorcer seu objetivo: o fazer teatral regional popular com audiência imediata.

TEXTO

Narra a história de uma mulher de idade, aposentada, discriminada e abandonada pela família, porém, amparada e apoiada pelo companheirismo e solidariedade de sua própria e antiga empregada, tão somente fiel à sua humilde amizade. E tudo que faz ou pleiteia na tentativa de afastá-la da solidão e da depressão, motivada pela viuvez e pelo abandono familiar, tem causado problemas para elas. Mas a companhia e o afeto da fiel empregada procura afastá-la dessa doença. Doença que pode afetar qualquer indivíduo independentemente de raça, cor, classe e gênero, onde as mulheres são as maiores vítimas, principalmente, aquelas que vivem a terceira idade. Será um belo espetáculo, sem dúvida, a partir de uma boa direção e um bom elenco. O resto fica por conta da cumplicidade e da empatia da plateia. Com certeza.



CENA 1

(A velha senhora assiste televisão na sala. Depois, entra em cena, a empregada que vem chegando da rua, com duas sacolas de compras e passando a separá-las sobre a mesa, na cozinha).

MARIA

Nada feito, Dona Dionor! Eles só lhe mandaram isto aqui pra senhora: cebola, tomate, batata, farinha, leite, manteiga, vitamilho pro mingau e aveia. Agora, nessa outra sacola veio o feijão, a farinha, o arroz, macarrão, o jabá... Tudo, até este fim de mês. No próximo, eles disseram, a sua mordomia vai acabar, não haverá essas mordomias.

DIONOR

(Alheia ao assunto). Pare de reclamar, criatura, e venha dar uma espiada nesse desenho animado! Veja como as imagens são lindas! Olhe só, que beleza, que coisa mais engraçada!... *(E riu às gargalhadas).*

MARIA

Não sei que graça tem isso! Coisa mais patética. *(Desligou a TV).* Chega por hoje.

DIONOR

Sua grossa. Sua mal-educada. Por que desligou? A televisão não é sua!

MARIA

Eu sei disso. E quem não sabe disso morreu ontem! Acontece que a senhora já amanhece o dia grudada nessa televisão, fica o dia todo aí sentada, assistindo coisas que não deve, nem sequer me dá ouvidos quando falo.

DIONOR

É porque você só fala besteira. Nada que vem da sua boca tem proveito.

MARIA

Ah, é? Pois lembre-se de que estou sendo sua amiga, querendo livrar a senhora de algum transtorno. A senhora não foi recentemente operada do olho esquerdo? Se ficar por muito tempo diante da TV prejudicará a cirurgia e aí vai querer culpar o médico depois.

DIONOR

Sua chata! Prefiro esquecer que ainda existo em meio a esse mundo cão!! Pelo menos o desenho animado me desopila o fígado. *(Religou a TV)*.

MARIA

Faz de contas que eu acredito nisso. E aproveite bastante porque para o mês que vem essa mordomia vai acabar também. Vão cortar água, energia... o escambau a quatro!

DIONOR

Apagão de novo? Mas isso já tá virando uma anarquia!

MARIA

Não se trata desse assunto. Estou me referindo aos seus filhos que fazem ameaças de acabar com a sua cota de alimentos e outras despesas nesta casa.

DIONOR

Ora, Maria! Cachorro que muito ladra não morde!

MARIA

Pois acho melhor a senhora tomar cuidado e se prevenir, como se diz. Porque desta vez aquela cachorrada toda está disposta a lhe morder sim, até vê-la cair morta.

DIONOR

Deus é grande, está comigo e há de me proteger contra a maldade deles!

MARIA

Ah, Dona Dionor! Eu também acredito na existência de Deus. Mas pra essa raça, a maldade está acima de tudo. Sabe o que eles disseram? Que vão cortar sua mesada e que vão providenciar um asilo qualquer, onde a senhora possa morar. Uma espécie de abrigo que acomodam velhinhos aposentados e desamparados pela família.

DIONOR

(Desligou a TV e gritou). Nem morta! Eles farão isso comigo! Que se danem todo mundo! Eu vou mostrar pra eles quem manda em mim e nas minhas vontades! Daqui não saio, daqui ninguém me tira, a não ser carregada para o

cemitério. Estou cheia deles! E você, sua fofqueira, pare de me trazer péssimas notícias de lá.

MARIA

Eu fofqueira? Eu só queria ajudar. Já que estou vendo a senhora abarrotada de problemas de saúde.

DIONOR

Isso não me deixa arrasada. Muito pelo contrário, para os que ainda não sabem aqueles ingratos ficaram com o meu dinheiro da aposentadoria, e com a pensão que o meu velho deixou ao morrer num acidente militar. Maria, não tem cabimento eles fazerem isso contra mim!

MARIA

É muita ingratidão mesmo, é muito desamor. E como toda essa grana foi parar nas mãos deles?

DIONOR

Ao cair doente, depressiva, quase pra morrer de hipertensão, acabei assinando, passando uma procuração para eles, para os dois mais adultos: Ana Joaquina e Antonio Luiz.

MARIA

E não tem como anular isso, voltar atrás na sua decisão?

DIONOR

Claro que tem! Basta ir ao banco e desfazer tudo que eu assinei e pronto. Aí, eu quero ver da onde eles vão tirar pra encher a barriga, pra manter o luxo e a orgia deles.

MARIA

Então, minha querida, faça isso! Não deixe as coisas acontecerem de mal a pior pra cima da senhora, sabendo que possui recursos necessários para sua sobrevivência. Se quiser pode contar com o meu apoio. Eu lhe dou maior força.

DIONOR

Obrigada, viu. Estou cheia deles. Estou chateada com isso. Chega de humilhação, minha amiga. Se quero mastigar algo, comer melhor ou então vestir algo novo, tenho que ter o consentimento deles ou então mandar você à casa deles, para apanhar algum dinheiro que eles, supostamente, mantêm na ilharga. Tinha até graça! Eu - a própria dona do dinheiro, ainda lúcida - passar necessidades por causa da usura daqueles estúpidos. Filhos desnaturados. *(Lacrimou e a empregada lhe enxugou os olhos com cuidado)*. Obrigada, Maria. Pobre de mim se não fosse você nessa casa!

MARIA

Olhe, a senhora pode até achar que é fuxico, fofocada, mas não posso, nem devo ficar calada, então aquele que é enfermeiro...

DIONOR

É o Antonio Luiz! Ele é muito inteligente, estudioso e astuto.

MARIA

Pois é. De quando em quando, ele fala que vai arranjar um atestado de insanidade mental para poder internar a senhora num asilo de loucos.

DIONOR

O quê? A mim?

MARIA

E disse mais: "Só assim poderemos nos ver livre da mamãe e de suas exigências idiotas". Foram as palavras dele, na minha cara, quando tentei defender os seus direitos. Até me chamou e interesseira. Coisa que eu não sou. Sou apenas sua amiga.

DIONOR

E eu acredito! Pode deixar eles comigo. Não vou me deixar intimidar por esses abutres mal-acostumados com mordomias que o meu marido lhes oferecia.

MARIA

Só sobrou pra senhora! Agora tá o pago que lhe dão! Nunca vi coisa com coisa ou pelo menos igual.

DIONOR

O mundo tá cheio deles, Maria!

MARIA

Acho que a senhora não soube criar eles. Vai ver que nem batia neles.

DIONOR

Pior que não. Sempre tiveram do bom e do melhor. Bons colégios, bons clubes que frequentavam, viagens lindas pelo mundo inteiro, pra no fim, dar nisso. O meu velho, por sua vez, apesar de militar, liberava eles pra tudo o quanto na vida, afrouxava mesmo. Nem te conto Maria, o nosso casamento, no fundo, era um fracasso. Nem quero mais tocar nesse assunto.

MARIA

Então não toque, pronto. Não precisa. Não se torture com isso, com lembranças amargas. Tem coisa na vida, viu Dona Dionor, que a gente prefere esquecer, né não?

DIONOR

Essa é uma delas. Ah, Maria! Tive que conviver com um marido farrista... mulherengo, em cada esquina, o safado tinha uma piva esperando por sua gorgeta. Depois, surgiram outros filhos dele por aí, que foram me sungando tudo o que eu tinha, deixando-me sem nada, atordoada, sem saber como agir. *(Chorou)*.

MARIA

Chore não, Dona Dionor. Nem vale a pena chorar por gente que não merece... Esqueça tudo isso. Essas coisas lhe trazem sofrimento, amargura, sei lá.

DIONOR

Agora querem me confinar num asilo de loucos!

MARIA

Mas não vou deixar.

DIONOR

Não se meta nisso. Você vai enfrentar uma barra.

MARIA

E quem não enfrenta uma barra hoje em dia pela própria sobrevivência? Tou com umas ideias na cabeça me remoendo.

DIONOR

Que ideias são essas? Não me diga que é aquela mesma ideia que eu tive uns tempos atrás.

MARIA

Exatamente. É essa mesma.

DIONOR

Mas a Maria tem cada uma que parecem duas! Aquilo nunca vai dar certo.

MARIA

Vai, sim, senhora. Vai funcionar direitinho na cabeça deles. Deus está comigo, não é isso que a senhora diz? Então. Mãos à obra, minha santa, que aí vem gente atrás da gente. Até os vizinhos vão adorar a sua ideia maravilhosa, Dona Dionor!...

DIONOR

Será? Mas, pelo menos um consolo me dará: durante alguns anos terei uns belos e bons momentos a me deliciar na vida. *(Maria vai e volta trazendo uma bandeja com sua dieta).*

MARIA

Pronto. Aqui tem sua dieta da manhã. Enquanto preparo o almoço e vou lá na venda do "Seu" Eriberto. Vamos nos munir de armas para atacar aqueles imbecis e tacar o porrete na consciência deles. A senhora vai ver.

DIONOR

O que vai fazer? Não tome decisões precipitadas, Maria! Olhe, as consequências mais tarde, bom! Depois não vá dizer que não lhe avisei. *(Gritou na direção em que ela saiu afobada).*

CENA 2

(O telefone toca várias vezes e a velha senhora resolve, finalmente, atender fazendo gracejo. Nessa hora entra Maria trazendo um documento em mão e fica apreciando a cena de longe, sem ser vista por Dionor).

DIONOR

Esse porcalhão. Se não atender, fica aí azucrinando os ouvidos. Quem será o apressadinho? *(Ao telefone)*. Vou botar pra correr se for cobranças. Alô! Quem?... Aqui é da casa funerária pés juntos, pois não! Temos ótimas promoções de funerais: arranjos de acordo com o defunto, mulheres choradeiras, gente que joga baralho, gente que toca seresta ou as músicas que o falecido gostava, enfim, temos filmagem pra registrar a hipocrisia dos parentes e dos falsos amigos... Como?... Ora vai pra... Desligou o desgraçado.

MARIA

Mas que história é essa de “casa funerária pés juntos”!?

DIONOR

Foi coisa que inventei para afugentar aos meus credores e tem dado certo!! Eles ficam apavorados, me tacham de louca, me esculhambam, depois desligam e não voltam mais a me importunar.

MARIA

Bonito! *(Aplaud)*. Muito bonito! Quem diria, hein Dona Dionor, a senhora tão impoluta, tão cheia de frescura melhor dizendo, metida em feio arrastão, apelando pra mentirinhas inocentes!

DIONOR

Esqueça esse triste episódio. Prometo que isso não vai se repetir.

MARIA

Olhe, aqui tem as promissórias que a senhora vai assinar para que o seu Eriberto firme um contrato conosco sobre a venda das flores. Assine logo!

DIONOR

Maria, minha flor de lótus, você não existe! Você é extraordinária! Como conseguiu conversar com ele, convencer aquele mão de vaca?

MARIA

Fui lá. Primeiramente, apelei pra mulher dele que atende na loja, depois, foi a vez dele, aí ele se confiou e deu ordens pra abrir o crédito. Claro que nós duas não podemos enganar o homem, a confiança dele, muito menos a gente surrupiar os negócios, vamos pagar tudo direitinho, de acordo.

DIONOR

Claro, né Maria! Ninguém entra num negócio desses pra perder.

MARIA

Até porque nesta altura do campeonato, em lugar de interná-la e confiná-la num asilo de loucos, é provável que seus algozes irão se lastimar por não terem motivos de concretizar o plano diabólico.

DIONOR

Dramática! Você voltou de lá do seu Eriberto muito inspirada ou anda assistindo muita novela na televisão!

MARIA

Agora sim! A senhora vai se livrar de um cárcere privado, vai se livrar da solidão e do esquecimento, iguais aqueles que vivem no isolamento total, absoluto. Depois como micro-empresária - eu disse "micro-empresária" gostou, gostou?! - Ninguém vai ter poderes pra sacanear com a senhora e vai até arranjar novas amizades, novos amigos, vai adquirir status, quem sabe, arrumar um novo namorado, um maridinho pra esquentar suas costelas!

DIONOR

Ah, lá vem você pensando em coisas que não deve! Longe de mim esquentar a minha cabeça com semelhante besteira. Já fiz a minha escolha: quero morar sozinha sem ninguém por perto pra roubar a minha privacidade. Mas, me diga aqui, onde é que assino esse papelório?

CENA 3

(Nesse instante, toca a campainha e o telefone ao mesmo tempo. A empregada corre para atender o telefone, depois desliga, para atender a porta).

DIONOR

Menina! Atende logo a porcaria dessa porta! Já faz tanto tempo que essa campainha não tocava , que estou curiosa pra saber quem se lembrou de mim!!

MARIA

(Ao abrir a porta). Adivinhe!

FILHO

Querida, estimada e idolatrada mamãezinha! *(Correu para abraçá-la).*

DIONOR

(Tomou um susto, deixando cair os papéis no chão). Antonio Luiz!!! Que veio fazer aqui? O que te trouxe aqui afinal? Me diga.

FILHO

(Com deboche). Calma, mãezona, calma. Uma pergunta de cada vez. Só vim mesmo trazer uma procuração para ela renovar, já que a primeira caducou, tem que assinar outra e também pra saber da minha querida mãezinha, que história é essa de “casa funerária pés juntos” que alguém ouviu da senhora nesse telefone.

MARIA

(Tentou interferir). Seu Antonio Luiz deixe a sua mãe em paz! Ela não fez por mal. Só queria descansar a cabeça um pouco.

FILHO

(Empurrando-a). Cala essa boca, sua cretina. Vá procurar o que fazer. Você é paga pra isso e não para se meter em assunto de família. Saia daqui!!!...

MARIA

Não saio! Nem que a vaca tussa ou vá pro brejo! Sou paga também para cuidar dela e se fizer algum mal a ela, pode escrever, saio daqui sim, mas para ir denunciá-lo na delegacia das mulheres , ouviu bem, seu estrupício? Bote a mão nela pra ver só uma coisa! Arranque um só fio dos cabelos dela pra ver o quanto do que sou capaz. Experimente!

FILHO

(Olvidando). Mulherzinha interesseira, taí dando o bote. Pensa que eu engulo essa bondade toda. Então, a senhora vai ou não vai assinar essa droga?

DIONOR

Por favor, Maria, junte a minha caneta e os papéis que caíram no chão...

MARIA

Não diga que, em vez de assinar sua Lei Áurea, a sua liberdade, vai assinar sua sentença de morte, Dona Dionor.

DIONOR

Não se preocupe comigo. O que está feito, está feito, não está por fazer. E eu só tenho uma palavra. Nunca voltei atrás nos meus atos, nas minhas atitudes, a não ser quando querem pegar no meu pé, não é isso mesmo, Antonio Luiz, meu filho bastardo?

FILHO

Que papéis são esses? Promissórias? *(Deu uma risada)*. Vai virar empresária agora? Ótimo! Ótimo! Mais grana obteremos para nós, né mãezinha? Boa sorte nos seus novos negócios e empreendimentos. Faça votos, desde que não esqueça de mim na sua conta bancária e no seu testamento, tá mãezinha?!?!

DIONOR

Cretino! *(Acabou de assinar)*. Pronto, Maria. Esses estão assinados e com muito gosto! Mas esse aqui... eu faço isto aqui... *(Rasgou em picadinho)*.

MARIA

(Com euforia). Isso, Dona Dionor! Gostei de ver! Meu Deus, pensei, numa certa hora, que a senhora não teria coragem de fazer isso, cheguei mesmo a duvidar. Me desculpe.

DIONOR

Maria, minha flor, me traga um copo com leite gelado...

MARIA

É pra já, minha patroa querida! Volto já, já!

FILHO

A senhora me paga por isso. Por essa humilhação diante dessa empregadinha fuleira e interesseira.

DIONOR

E que ao morrer, deixarei tudo para ela. Já fui ao cartório, já fui ao banco, e passei tudo pro nome dela e da filha dela, em reconhecimento a tudo que Maria fez por mim e por vocês durante a adolescência de vocês!!

FILHO

Mas isso não pode ser feito assim sem mais, nem menos, sem o consentimento da família.

DIONOR

Como não? Eu sou a única dona das minhas coisas e do meu dinheiro. Quanto a vocês esbanjaram por muito tempo e não souberam desfrutar, muito menos investir em prol de vocês mesmos, só souberam arranjar precipício com mulheres da rua e filhos por aí, semelhante ao pai de vocês, agora chega!!! Danem-se quem quiser! Vão pros quintos dos infernos!

FILHO

E eu? Como vou viver sem a sua ajuda? O dinheiro que ganho lá no hospital é uma mixaria.

DIONOR

Procure fazer bico. Dê seu jeito. E se puder arranje um atestado de doido pra poder se aposentar muito cedo, viu seu abestado. Agora saia da minha casa! Não volte mais aqui! E diga lá pros outros que voltei a viver!

FILHO

Tá certo. Mesmo assim, vou fazer uma última tentativa. Aguarde! (*Sumiu*).

MARIA

(*Voltando com a bandeja com cerveja*). Desculpe pela demora, Dona Dionor... é que eu tive que ir ali na mercearia ao lado e lhe trazer isso aqui.

DIONOR

Mas eu pedi leite! Maria, o que significa isso? Você já me viu encher a cara com cachaça ou cerveja por acaso?

MARIA

Não!

DIONOR

Já me viu nas esquinas bebemorando alguma coisa com alguém?

MARIA

Não!

DIONOR

Nem mesmo aqui dentro de casa?

MARIA

Também não!

DIONOR

Então, Maria, porque essa história de cerveja agora no fim da vida!

MARIA

Ah, Dona Dionor! Que desfeita! Deixa de ser chata. O que é que tem molhar um pouco o bico com uma cervejinha besta? Me diga. Depois essa daqui é do tipo de refresquinho, geladinho, gostosinho, não faz mal a ninguém, é tudo maneiro...

DIONOR

Tá bom. Mas vou provar só um copo, apenas um! *(Ambas riram felizes).*

MARIA

Eu sabia! Eu sabia que a senhora ia gostar! De vez em quando é bom não levar ao pé da letra essas coisas tão sérias da vida, senão, a gente acaba ficando doente, depressiva, neurótica, solitária demais. Eu hein! *(A campainha toca, os copos se quebram no chão, o medo, o susto toma conta de ambas as senhoras).*

DIONOR

Meu Deus! Maria, Maria... Vai ver que o Antonio voltou e trouxe a polícia! Eles vão me levar presa numa camisa de forças!

MARIA

Calma. Muita calma. Não há de ser nada. Deixe-me ir ver na porta...

DIONOR

Não demore. Estou apavorada. Depois limpe tudo isso aqui antes que alguém veja. Meu Deus, o que irão pensar de nós duas? Com certeza, vão considerar que nós somos duas alcoólatras anônimas. É sempre assim que começa... Com um gole, depois outro, mais outro. Eu não quero mais. Deus me livre!!!

MARIA

(Após limpar o chão foi abrir a porta). Pois não, quer falar com quem?... Ah, chegaram as flores!!! Entre, entre, seu Eriberto... pode entrar, vai entrando... sente aí um pouco.

ERIBERTO

(Sentou-se no sofá). E onde está sua patroa?

DIONOR

(Surgindo na porta). Estou aqui, seu Eriberto.

ERIBERTO

Fiz questão de lhe trazer as flores pessoalmente, já que vamos ser parceiros de negócios. Aqui estão as mais refinadas e as mais lindas do ramo. A senhora vai fazer sucesso com sua floricultura. Eu lhe garanto.

DIONOR

São lindas!

MARIA

Gostou?

DIONOR

Adorei! Amei!

ERIBERTO

Essas, por enquanto, é doação que faço pra senhora pra dar início ao seu negócio, depois, a senhora vai bancando o resto. E esta aqui é uma tenda móvel, uma espécie de barraca de lona, para revender as flores, até a senhora poder negociar um kit de verdade.

DIONOR

Meu Deus. Nem sei como lhe agradecer, senhor Eriberto.

ERIBERTO

A mim não agradeça nada. Mas, à sua empregada, que entrou com a grana dela e comprou tudo isso para lhe tirar do sufoco!

DIONOR

(Abraçou-a emocionada, chorando). Oh, Maria! Não precisava tanto.

MARIA

Agora somos empresárias de verdade! Satisfeita?

ERIBERTO

Mãos à obra, gente! Quero ver essa espelunca funcionar! Querem me ajudar?

DIONOR

Claro que queremos, senhor Eriberto! Estou muito velha pra carregar coisa pesada, pra subir em escada...

ERIBERTO

Então vamos nessa. *(E todos transformaram o palco numa floricultura. Dona Dionor, emocionada e feliz, sai distribuindo flores na plateia sob o protesto da sua co-parceira).*

MARIA

Êpa, êpa Dona Dionor! Nada disso. Se começar a distribuir florzinhas por aí à toa vamos acabar afundando o nosso negócio, viu santa! Nada de coração molhe, coração de manteiga. *(Maria vai ao seu encontro no meio da plateia).*

DIONOR

Menina! Essa gente merece. É gente fina, é gente boa. Deixa de ser sovina. Afinal de contas, não estamos inaugurando a nossa loja? Então. Faz de conta que são brindes de inauguração, Maria.

MARIA

(Sorriu). Aplica! Mas vou ficar de “olho” em você, viu santa?

(A música sobe. Cai a luz no cenário e na plateia. Depois a luz volta ao normal com o elenco no palco para receber os aplausos da plateia).

VILA DA
BARCA

Vila da Barca

2003

PERSONAGENS

Moleque Pedro

Dona Coló

Lobato

Bastião

Dona Maricota

Mariano

Zé Guariba

Raimundão

Piva

Povo – figurantes

CENÁRIO

Palco italiano e semi-arena. Mostrando Vila da Barca, uma favela ribeirinha, localizada num bairro periférico de Belém, onde a malandragem impera e norteia a população oriunda de antigos pescadores e grileiros foragidos das guerrilhas de Araguaia, daí o bandidismo no local deixando os moradores - novos habitantes - em pânico.

TEXTO

Questiona o futuro dessa comunidade com relação às mudanças sociais e geográficas nessa área, onde o remanejamento das famílias de bem tende a ser feito com maior zelo e cuidado, em busca da cidadania e da dignidade humana.



CENA 1

(Cena do afogamento do garoto na maré debaixo do assoalho das palafitas).

MOLEQUE PEDRO

(Correndo pela palafita pra avisar). Seu Lobato... Seu Bastião... Dona Coló, corram aqui depressa!... Corre, gente! Tem um moleque afogado debaixo da ponte, arrastado pela maré!!!... *(Todos correm pra ver).*

DONA COLÓ

O que houve? Que gritaria é essa, moleque Pedro?

LOBATO

De quem, moleque, tu tava falando?

BASTIÃO

De algum “presunto” a mais nessa Vila da Barca dos infernos, é isso?... Se for, tou cansado de dizer, nascido a 37 anos nessa Vila, em casa, com parreira, e não na Santa Casa, faço questão de falar de que já vi coisa com coisa e muito pior.

DONA COLÓ

Mas deixe o menino falar, seu velho falador. Diga pra nós, moleque Pedro, o que houve praquelas bandas da ponte. *(Reparando nele).* Chega o menino tá com o coração batendo forte em tempo de sair pela boca!

BASTIÃO

Te desconjuro. Então foi uma coisa feia que o moleque viu. Fala, Pedro!

MOLEQUE PEDRO

(Quase soluçando). O Donato...

LOBATO

Que tem o meu filho?!

MOLEQUE PEDRO

Tava brincando na ponte de manhãzinha, a maré tava enchendo, aí ele pulou na água e a maré foi arrastado ele, quanto mais ele gritava mais ela ia levando ele pra bem longe...

LOBATO

Meu filho, não!! (*Gritou de dor*). Não pode ter sido ele, o menino nem sequer sabia nadar.

DONA COLÓ

É no que dá morar nesses alagados dos infernos! A gente acaba perdendo as nossas crianças, os nossos velhos, afogados, arrastados pela maré alta, altas horas da madrugada!

MOLEQUE PEDRO

Agora tem um monte de gente querendo tirar ele que tá preso debaixo do assoalho da palafita!...

DONA COLÓ

Vamos lá pessoal, ajudar a tirar o menino de lá! Vem Bastião! Vem, Lobato!

LOBATO

Nem tenho coragem, viu Coló. Custa acreditar que meu filho tenha morrido afogado na espuma da maré enchendo, acabando com seus sonhos de criança!!!

BASTIÃO

Vamos, dona Coló, deixa o Lobato aí com sua dor.

MOLEQUE PEDRO

Borimbora! Antes que os caranguejos façam um estrago no corpo dele.
(*E foram saindo para um lado dos becos da Vila*).

LOBATO

Oh, vidinha ingrata, gente. Olha que eu moro nessa Vila há anos e anos e nunca soube de família ou de parente que fosse totalmente feliz, sem algum problema, sem embarcar nesse drama das perdas por essas bandas daqui. Aos poucos a população vai se cansando disso aqui enquanto o poder público vai aterrando a área alagada, mais palafitas iam surgindo e avançando sobre o rio, aí a natureza se revolta e toma tudo de volta, arrebatando casa, arrebatando família e nossas crianças. Oh, meu Deus! (*Soluçou*). Por que Donato, meu Donatinho?! O meu inocente, bem antes dele completar 10 aninhos!...

CENA 2

(Coreografia da ponte na retirada do cadáver do menino afogado).

TODOS

(Uníssonos).

Vila da Barca nessa enseada
onde a atração dos barcos
me devolve o corpo dessa criança
que morreu nesse alagado!...

DONA COLÓ

Um dia... a gente vai sair dessa. Vamos deixar de morar em palafitas e nesse alagado.

BASTIÃO

Se Deus quiser! Deus lhe ouça, viu dona Coló.

DONA COLÓ

Já ouvi dizer que as autoridades vão melhorar tudo isto aqui. Vão remanejar a gente prum lugar enxuto, seco, onde tem esgoto e condições de moradia.

DONA MARICOTA

Só se for no dia do São Nunca!

BASTIÃO

Diz-que vão dar casas de alvenaria pra gente morar, mais próximo do centro da cidade.

DONA COLÓ

Vai ser muito chic!! Vamos ter mais higiene! Mais saúde, longe desse alagado.

DONA MARICOTA

Só acredito vendo! Enquanto tiver no papel... acredito, não.

BASTIÃO

Ora! Deixa de ser pessimista, Dona Maricota. A gente tem que acreditar nos homem do governo. Se eles falam que vão fazer isto e aquilo outro pra

melhorar a vida do povo da Vila da Barca é porque vão mesmo! Senão, pra quê que serviu o meu, o seu, o nosso voto no dia das eleição, ham?

MARIANO

Nem te conto. Corre por aí um boato que os ôme do governo vão construir... nas margens da Baía do Guajará, em toda extensão do muro de arri-mo, uma área de convivência de 10 metros e largura com um total de 1.250 metros quadrados, em piso de pranchas de madeira, com bancos, jardins, telefones públicos, brinquedos e escada de acesso para o rio.

BASTIÃO

Nossa! Tudo isso?

MARIANO

Como se isso não bastasse, eles vão incluir ainda a construção duma creche, uma escola infantil, um centro de cidadania que abrigará cursos de alfabetização de adultos e oficinas profissionalizantes, além de...

DONA COLÓ

E o que vem a ser isso?

MARIANO

E eu sei? Sei lá! Só sei dizer que a falação deles é muito boa. São gente fina, gente de fala mansa, que vai engurupindo a gente que mora nesse morredouro dos diabos.

DONA MARICOTA

É! Vamos esperar pra ver se acontece mesmo! Pra onde levamos o Donato pra capela da Vila ou pra casa do pai dele, o seu Lobato?...

BASTIÃO

Melhor não, vamos levar o pixixito pra capela do padre Inácio. Lá, sua alma, estará segura dos castigos e das maldades desse bandidagem daqui.

MOLEQUE PEDRO

Borimbora, gente! Além disso essa demora de enterrar o moleque aí tá demorando muito. É que devido isso os urubus já tão lá em cima dos mastro dos barcos só urubuservando afim de triturar o corpo do moleque. Tanto assim que já tem um ali em cima da casa do Zé Boteco, espia só, bem ali...

DONA COLÓ

Não há de ser nada, moleque Pedro. O Donato será enterrado com dignidade e ainda: com muita reza, muita ladainha, muitas flores, devido morrer anjinho.

LOBATO

(Ao vê-lo carregado nos braços da comunidade). Meu querido filho! Como teu pai vai suportar isso, como? Como vou aguentar tanta saudade de ti? Me diz.

DONA COLÓ

Comadre Maricota, traga uma toalha de renda pra encapar a mesa. Pedro! Vai pegar um copo d'água na geladeira pro compadre Lobato.

MOLEQUE PEDRO

Na geladeira? E ele tem geladeira?

DONA COLÓ

(Berrou). Pedro! Imagem do cão! Vai na geladeira e trás a água. Daqui a pouco o homem desmaia de tanta dor no peito, coitado. *(Pedro vai e volta com o copo com água).*

MOLEQUE PEDRO

Essa tá geladinha. Tá de doer os dentes. *(O Lobato bebe e faz um pedido).*

LOBATO

Pedro! Vai buscar uma xícara de café pra mim. Não, não, não, vai buscar um copo de leite, é melhor.

MOLEQUE PEDRO

(Indignado). Escute aqui seu Lobato... Quer saber duma coisa? Eu não sirvo pra empregado de ninguém ou pra puxa-saco de alguém. Se quiser mais coisa: vai tomar na... na cozinha, viu??? *(E saiu correndo pela palafita).*

TODOS

(Orando).

Foi-se o tempo em que pedir favor era como alugar uma amizade a vida toda, agora por dúvida e por desamor a voz que canta não desafina à toa.

Olhando essa matéria
enrolada num lençol
antes que o Mal aconteça:
não me deixa ver a luz do sol.

Esse gesto doloroso
um dia será a minha cruz
e num gesto mais profundo
eu te agradeço, oh meu Jesus!!!...

(Noutro plano de ação ocorre um tiroteio entre bandidos por causa de mulher).

CENA 3

(Ambos no meio da ponte, frente à frente, assistido por dezena de pessoas da Vila).

ZÉ GUARIBA

Ei, Raimundão! Se tu for macho, saí fora, vem pra rua me peitar! Seu Bacu! Seu baitola! Coragem aqui é mato pra te matar. Raimundão!!! Cadê tu seu pustema? Vamo acabar com essa arenga de vez, seu filho duma égua! Nunca mais tu vais querer mexer com a mulher dos outros. Anda, vem! Vem me peitar, seu carachuê de mulher, otário, gigolô... *(O povo corre na ponto pra ver).*

RAIMUNDÃO

Tou aqui, meu mano véio. Pode apostar. Pro nosso acerto de contas por causa daquela piva da Odaléa, piva nojenta, piva escrota. Mas se tu quiser me apagar, a hora é essa, meu irmão. Podes crer. Vou botar pra chulear contigo. E tu saca da arma primeiro, se tu puder, não é fácil descascar esse abacaxi.

ZÉ GUARIBA

Acabo com teu topete, com tua raça, malandro. Na frente desse povo. Vou fazer tu calar essa boca. Nem que a polícia entre cá pra dentro da Vila e coloque as algema na mão, mas te digo uma coisa: tem muito lugar, aqui em Belém, que o povo virou contra o povo, bandido contra bandido e quem tá em cima da onda tá no meio das pontes, só nós dois, eu e tu, malandro.

RAIMUNDÃO

Qualé, meu irmão? Pra cima de mim isso não cola, nunca colou, tais ouvindo? Na ação basta um golpe de vista. E logo acabo com esse teu furdunço! Não tem borocochô comigo, não. Ninguém se espante. Tu tá ferrado na minha mira.

ZÉ GUARIBA

Ah, tu bota, tu bota fé? Os pessoal em quem ninguém bota fé, só tá de mutuca, querendo ver tua carcaça tombar nessa maromba nessa ponte marombenta. *(Logo a piva aparece no meio da cena, trêmula de raiva e revolta).*

PIVA

Olhem aqui vocês dois... Eu posso ser piva escrota como sou e vou cair de amores pelos dois, não. Nesse rebuceteio de vocês quero estar fora desse rebuliço todo, pois não sou nenhuma vaca ferrada no pasto pra servir de cobertura, cobaia de dois cabras frouchos, que nem vocês, que só tem coragem por levar vantagem no uso dessa arma. Agora, quero ver se tu e tu são macho de verdade pra desencantar a verdade, jogando essa arma fora, e disputando a mim, no tapa, na porrada.

RAIMUNDÃO

Eu topo!

PIVA

E tu Guariba? Topas?

ZÉ GUARIBA

E depois o que se sucede com quem perder na queda?

PIVA

Negócio seguinte. Quem fica de pé é quem ganha na parada e quem fica como quem vai leva terra no aterro que incha no peito do pressunto.

RAIMUNDÃO

Vai morrer pra lá. Piva nenhuma tira sarro da minha cara. Só se eu fosse um filho da puta. Mas tu? Tais é fudidona no furdunço dessa Vila onde a maré vai te levar pra bem longe. Tu não tem escapatória.

PIVA

E por acaso tu tem? Tu tem? Tem quem diga que tu é que não tem escapatória, nem futuro nessas pontes de palafita. Tu que te mete nas mirongas por qualquer piva que te escancare o rabo vai acabar com a boca cheia de formiga qualquer dia desse. Por mim, pode marombar ele de bala, ou de porrada, pouco tou ligando. Malandro que se preza não leva desaforo pra casa. É ou não é, gente?

POVO

(Que os assiste, grita em coro).

É!!! Mata esse cabra safado!

RAIMUNDÃO

Vou te matar filho duma égua!!! *(E atirou nele rapidamente sem dar a ele a chance de defesa, caindo morto ao chão).* Esse grileiro pensava que eu tinha medo de sacar da arma. Caboclo refeito na lama da maré, agora vai longe desovado na espuma da maré. *(Ele próprio carrega o defunto pendurado nas costas para atirá-lo nas águas).*

PIVA

Raimundão! Tu acabou com o meu homem! Tão taludo, tão afoito numa cama, num coito refeito de tanto amor e maresia que parecia ser um boto da Amazônia!

RAIMUNDÃO

Agora vai longe! Vai passarinho para onde todos passarão! Mala vazia... no meio do rio. Pronto. O bandido vai servir de comida pros caranguejos.

PIVA

(Chorou). Seu bruto. Ele não queria te matar. Era bafo dele. Veja o revólver dele. *(Ele examinou de perto).*

RAIMUNDÃO

Mas é de brinquedo! Porque tu não disse logo a verdade?

PIVA

Nem eu mesma sabia! Descobri isso agora quando juntei do chão.

RAIMUNDÃO

Putá merda. Ora, sim senhor, bastava um golpe de vista pra ver se a arma era de brinquedo! Agora... quem fica, fica como quem leva a pior. Tu pode choramingar no meu ombro, se tu quiser, senão...

PIVA

(Fugindo dele). Vai procurar outra, menos eu! Seu safadão. Covarde. *(Sumiu).*

RAIMUNDÃO

Vai pro diabo que te carregue e te jogue longe daqui. Sua ingrata.

FIM DO ESPETÁCULO

NO
JONGO DOS
TAMBORES
DA NOITE

No jongo dos tambores da noite

Dramaturgia musical - 2003

CENA 1

(Um casal de negros que arruma o terreiro da festa e dança para homenagear o jongo dos tambores da noite, onde o reggae e outros ritmos afro-brasileiro estão presentes no desenrolar do espetáculo, quase no final, de repente, o filho vem até eles com indagações de estudante).

FILHO

Escuta pai... você tá muito ocupado? Será que o senhor podia me dá um minuto de sua atenção?... Um minuto não, três minutinhos só. Pra mim, é o bastante, o suficiente.

PAI

Estou ocupado sim, ocupadíssimo como você tá vendo! Eu e sua mãe estamos nesse corre-corre, com os preparativos da nossa festa, em homenagem ao jongo dos tambores da noite, aos ritmos afro-brasileiros, que de certa forma estão no sangue da gente.

MÃE

Meu filho, passa pra mim, aquele material que está ali no canto.

FILHO

(Obedece enquanto fala). Mas é exatamente sobre isso que eu vinha pensando todo esse tempo tirar uma dúvida com o senhor, pai. Pois estou coletando um trabalho lá na escola sobre esse assunto.

PAI

Que bom, filho!

MÃE

Que belo filho é você querendo homenagear nossa raça!

FILHO

A mana e eu tamos nessa lá no colégio. Também existem outras pessoas, outra galera afinzona dessa matéria. Vale 10 pontos. Já pensou!

PAI

É formidável, sim, meu filho. Só tá faltando uma coisa!

FILHO

Que coisa?

PAI

Você fazer perguntas, as indagações, especulações naturais e eu a responder tirando-lhes as dúvidas. Então?

FILHO

É isso aí, pai! A dança do jongo do caxambu...

PAI

O que é que tem?

FILHO

Ela foi criada no Brasil?

PAI

Ah, sim! Anote aí no caderno. A dança do jongo do caxambu, que logo mais você verá aqui no terreiro, é mais uma contribuição dos escravos... africanos à cultura brasileira.

FILHO

Tá. Essa questão tá safa. E aonde ela é praticada, em que região, hein?

PAI

Olha filho, isso é realizado na região africana entre o Congo e Angola, à época do Brasil Colônia.

MÃE

Como assim, meu velho? Já nem me lembro se estudei isso no meu tempo de escola.

FILHO

Não atrapalha, mãe. Deixa só o pai falar.

PAI

Chegou à América na bagagem dos negros trazidos a força para as fazendas de café e cana-de-açúcar do Vale do Paraíba, na divisa de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

FILHO

Puxa pai, como é legal o senhor sacar tudo, isso me ajuda pra caramba, é o maior barato!

PAI

E tem mais, filho: não demorou muito para que os senhores, ao perceberem a importância da manifestação, liberarem a dança, mas somente nos dias dedicados aos santos católicos.

MÃE

Epa! Tem um negócio que não tá batendo, meu velho.

FILHO

Ah, mãe! Essa não! Lá vem a senhora novamente interromper a nossa conversa!

PAI

Calma, filho. Paciência. Deixe sua mãe falar, tirar as dúvidas que minha velha tenha durante tantos anos.

MÃE

Obrigado, meu velho. Eu só queria saber assim... o jongo não era só dos negros?...

PAI

Disse bem, era! Para os negros, coitados, essas eram as únicas oportunidades de confraternização; para os donos da terra, era uma forma de amenizar o sofrimento deles e apaziguar as possíveis revoltas.

FILHO

Coitados, mesmo!!!

PAI

Coitados porque naquela época o jongo da dança, considerada profana, de origem dos ancestrais e dos pretos velhos escravos, a dança do jongo tem raízes religiosas...

CENA 2

(A mulher abandona o que estava fazendo e vai ao interior da casa e trás lá de dentro uma bandeja artesanal).

MÃE

Olha aqui um lanchinho gostoso para os meus amores! O café ainda tá quente na garrafa térmica.

FILHO

A senhora sabe que eu não gosto de café. Não tem suco, não? Se não tiver não tem problema. Como só sanduiche.

MÃE

Se o “problema” é esse... vou fazer um suco pra você! Aguarde um minuto!! *(Saiu gritando)*. Lenira... Prepara um suquinho pro Amiraldo...

PAI

Bom! Como eu tava dizendo... cujos segredos eram naquele tempo transmitidos dos mais velhos para os mais novos. *(A mulher entra e complementa a frase)*.

MÃE

Xiii! Essa história é velha! É do tempo do ronca!

FILHO

(Olhou-a com um olhar de censura e ela sorriu para ele).

PAI

Pois é! Dessa maneira enquanto os mais antigos entravam na roda, os jovens podiam apenas observar.

MÃE

É isso aí. Era mesmo! Até no meu tempo mais pra cá, ninguém podia chegar nem na sala, quanto mais pra olhar na cara de alguém, nossa, a peia comia!!

FILHO

Peraí, mãe, dá um tempo! Deixa eu falar.

MÃE

Tá bom. Eu só queria ajudar.

FILHO

Mas, pai, e os antigos jongueiros não faziam nada contra?

PAI

Olha! Eram exigentes com os mais novos, dos quais cobravam dedicação e respeito para ensinar os segredos ou “mirongas” da dança e os fundamentos dos seus pontos.

VELHA

(Que estava cochilando na cadeira). Presta atenção, menino! Vai anotando, Amiraldo. Não perde tempo só ouvindo.

FILHO

Mas, eu tou anotando, vó! Continue cochilando aí na cadeira.

PAI

Me ajude aqui um pouco. *(O filho obedece).* Obrigado. Então deixa eu terminar. Pra decifrar os significados do jongo era indispensável muita experiência. Pois alguns jongueiros eram vistos como poetas...

VELHA

...e feiticeiros! *(Completo).*

FILHO

Por que, vó?

VELHA

Ora porque! Porque nas rodas, a disputa era pela sabedoria. Era parecido como o repente nordestino, o jongueiro, ao receber um ponto, tinha que decifrar a coisa rapidamente e responder de imediato.

PAI

Ela ainda preserva tais lembranças da memória, apesar da idade.

MÃE

Ah, a mamãe sabe das coisas que vou te contar. E nunca esquece!

FILHO

Mas vovó se o cara não conseguia “desatar o ponto” ...?

VELHA

Ih, meu filho! Ficava era enfeitiçado, amarrado.

MÃE

Era mesmo, mamãe?

VELHA

Ih, minha filha! O sujeito chegava a desmaiar. Muitas vezes, perdia a voz, se embrenhava na mata ou até morria instantaneamente.

MÃE

Vixe! Você anotou isso aí que sua vó falou, filho?

FILHO

Anotei, sim, palavra por palavra. Pelo menos, o essencial, convém fazer a devida e importante ressalva.

PAI

Que ressalva, filho? Você acha que vó ta mentindo quanto ao fato?

FILHO

Claro que não! Corre, meu pai, minha vó, minha mãe, que era uma coisa muito feia mesmo, vocês que são chegados num batuque, adoram o jongo de tambores e sair tascando encruzilhadas por aí.

VELHA

Claro que meu neto tá certo, corretíssimo, mas é claro também que tais fatos não ocorrem mais nos dias de hoje.

FILHO

É! Mas tomem cuidado, segurem o ímpeto e nada de sair por aí distribuindo coisas ou despachando coisas nas esquinas no varejo e no atacado.

VELHA

De vez em quando é bom reverenciar os antigos ancestrais! Apenas.

FILHO

E esse negócio de “jongo dos tambores”, hein, vovó?

VELHA

(Levantou-se). Olhe, a conversa tá boa, mas a tua vó torta mais tua mãe tem que cuidar da comida e das bebidas que hoje a noite é uma criança!! Não tem hora pra acabar. Vem comigo, Adelina, vamos preparar meia dúzia de cada coisa. *(Saíram para o fundo da casa).*

MÃE

Só isso?

VELHA

Acha que não basta? Esse bando de esfomeado tem que se conter, se conformar com o que tem. Tinha até graça! Ficar escrava a noite inteira na beira do fogão. Vou mais custa! Quero dormir depois sossegada, só ouvindo o som dos tambores, da batucada, varando madrugada a dentro. *(Sumiu).*

FILHO

Então, pai, o senhor vai responder.

CENA 3

(Fazendo as coisas com dificuldades para dar pronto a decoração do terreiro, o pai acaba pedindo uma mãozinha ao filho que continua interessado nas suas especulações e informações).

PAI

Só se o meu filho me der uma mãozinha também nesse trabalho...

FILHO

Interessante. Pensei a mesma coisa. Eu fico aqui falando, perguntando, só tou atrapalhando o seu serviço. Achei que estava por merecer a minha ajuda, mas depois.

PAI

Como depois? Daqui a pouco o povo, o pessoal, começará a chegar, vem gente de tudo quanto é biboca por aí.

FILHO

Não se estresse. Fique de cabeça fria. Dê um tempo, eu vou ajudar, corre que essa pesquisa é assim devidamente importante pra mim no colégio. Se eu não pintar com o tal resumo, a galera vai me derrubar pra meia dúzia daqueles que dependem dessa fantástica história.

PAI

Tem razão, filho. Você merece a minha especial atenção! *(Deu uma pausa)*.

FILHO

Valeu pai!

PAI

Bom... Hoje em dia, as festas onde se dança o jongo, costumam ser realizadas no dia 13 de maio, consagrado a São Benedito, na tradição católica, e à Abolição da Escravatura, nos demais dias dos santos católicos de devoção da comunidade; nas festas juninas; e nos casamentos.

FILHO

Nos casamentos, pai?

PAI

Sim! O terreiro é iluminado com tochas, enquanto os casais dançam ao som do calango.

FILHO

(Anotando). Ao som do calango. Tá. E a que hora e como era realizada tal festa?

PAI

À meia-noite, a negra mais idosa responsável pelo jongo interrompe o baile.

FILHO

Interrompe o baile mas por maldade?

PAI

Não, filho. É muito menos do que isso, porque em seguida, a fogueira é acesa e os participantes formam uma roda. Ela se benze nos tambores sagrados, pede licença aos pretos velhos, antigos jongueiros que já morreram, e inicia o jongo.

FILHO

Pai' dégua! Que bonito! Tá. E daí? Sempre ouvi falar, pai, que os tambores utilizados são dois, é verdade?

PAI

É verdade, sim!

FILHO

O grave, chamado angoma, caxambú ou tambu...

PAI

Correto!

FILHO

E o agudo, conhecido como candogueiro.

PAI

Certíssimo! É usada também uma cuíca de som grave, angoma-puíta ou onça, e um chocalho de palhas com penas de guará, inguará, angorá e anguiá, com fundo de cabaça podem fazer o acompanhamento.

FILHO

Eras! É muita coisa pra nossa matéria, gente. Pronto. Já anotei. Agora, uma outra coisa que eu queria saber: qual o tipo de roupa que usam?

PAI

Para dançar o jongo, não é necessário roupa especial. É também comum os participantes estarem descalços.

FILHO

E como procede?

TIO

(Aparece de sopetão). Deixa essa comigo, mano! Essa eu sei de cor.

FILHO

Verdade mesmo, tio?!!!

TIO

Anote aí no seu caderninho. A mestra do cerimonial improvisa um verso e canta o primeiro ponto de abertura, dando início à roda de jongo. Aí, os participantes respondem cantando alto e batem palmas com animação.

PAI

Coloque aí... Os pontos são versos, de improviso em uma linguagem de difícil compreensão.

FILHO

Pior que é. Eu tenho ouvido e não entendo patavina!

TIO

Há frases curtas que retratam o contato com a natureza, os fatos do cotidiano e o dia a dia de trabalho braçal nas fazendas.

FILHO

Quanto a linguagem?...

TIO

Também são misturados ao idioma português resquícios do quimbundo, dialeto africano de origem banto. Além do ponto de abertura ou de licença, para iniciar a roda do jongo...

FILHO

Peraí, tio... existem outros?

TIO

Claro! Há o de louvação, para saudar o local, o dono da casa ou um antepassado, o de visita para alegrar a roda e divertir a comunidade; o de demanda, porfia ou gurmenta, para aboiga, quando um jongueiro desafia o seu rival a demonstrar sua sabedoria.

(O pai volta a realizar suas tarefas, enquanto as duas mulheres retornam ao terreiro carregando comida e bebidas para compor a mesa num canto).

VELHA

O de encanto era cantado quando um jongueiro queria enfeitiçar o outro pelo ponto, e, finalmente, o de encerramento ou despedida cantado ao amanhecer para saudar a chegada do dia e encenar a festa.

MÃE

A senhora se lembra, mamãe? Na roda formada, os participantes marcam com os pés e palmas o ritmo dos tambores. Um homem entra na roda e convida uma mulher para acompanhá-lo na dança.

VELHA

Eu fiz muito isso com seu pai. Era gostoso dançar com meu velho quando jovem! Bom, aí o casal se aproxima para a umbigada (*passo que tem parentesco com o coco e congada*), mas não acontece o contato físico. Em seguida, é substituído por outro casal.

FILHO

Aí termina a parada?

PAI

Não, senhor. Anote aí. Se um jongueiro quiser cantar outro ponto, coloca ou melhor, ele interrompe o anterior, depois coloca as mãos no couro dos tambores e grita a palavra “machado” ou “cachoeira”. Os tambores se calam e o ponto e a dança são **interioramtambu***, e o agudo, conhecido como candogueiro.

MÃE

Eu também vi na dança uma cuíca de som grave, angoma-puíta ou onça, e um chocalho de palha-guará, inguará, angorá e anguiá - com fundo de cabaça podem fazer o acompanhamento!

FILHO

Puxa vida! Tudo isso? É muita coisa! Pronto. Já anotei. Escuta pai, qual era o tipo de roupa que usam?

*Nota: Ininteligível no original.

PAI

Filho... para dançar o jongo, não é necessário roupa especial. É comum os participantes estarem descalços.

FILHO

Tá. E como procede?

VELHA

A mestra do cerimonial improvisa um verso e canta o primeiro ponto de abertura, dando início à roda de jongo. Os participantes respondem cantando alto e batem palmas com animação.

MÃE

Aí os pontos são versos, de improviso em uma linguagem de difícil compreensão. Há frases curtas que retratam o contato com a natureza, os fatos do cotidiano e o dia-a-dia de trabalho braçal nas fazendas.

VELHA

Também são misturados ao idioma português resquícios do quimbundo, dialeto africano de origem banto. Além do ponto de abertura ou de licença, para iniciar a roda do jongo, existem outros.

FILHO

Outros???

VELHA

Claro. Há o de louvação, para acender ou melhor... saudar o local, o dono da casa ou um antepassado, o de visagem para alegrar a roda e divertir a comunidade; o de demanda, porfia ou gurumenta, para aboiga... quando um jongueiro desafia seu ritual a demonstrar sua sabedoria. O de encanto era cantado quando um jongueiro queria enfeitiçar o outro pelo ponto, e, finalmente, o de encerramento ou despedida cantado ao amanhecer para saudar a chegada do dia e encenar a festa. Já satisfeito?

FILHO

Valeu, vó! Valeu, pai! Vou tirar 10 nessa matéria!

MÃE

E a mim não vai agradecer, não???

FILHO

Ah, sim! Claro que valeu, mãe, a sua colaboração! Agora vou passar a limpo o material que colhi de vocês todos. *(Beijou-a no rosto)*. Obrigado, mãe!

CENA 4

(Aqui encerra o espetáculo com a chegada dos convidados e jongueiros para a festa de terreiro. E todo o elenco no palco participando com alegria e entusiasmo. Enquanto os donos da casa nesse instante serviam comidas típicas da região).

VELHA

(Recebendo os convidados). Entrem!... Vão entrando, gente!... Fiquem apostos que o jongo dos tambores vai começar daqui a pouco.

NAMORADO

(Ao lado da sua gatinha). Eu saliente com você? Ora, não se faça de rogada! Quem iniciou foi você botando fogo em mim. Agora tou em ponto de bala.

NAMORADA

Ih, cara, tu tá fazendo uma ideia completamente errada de mim. Eu não sou dessas, não... Tu é que és um tarado... um saliente!

NAMORADO

Esquenta não, gatinha. Fique sabendo que eu respeito você pra burro. Eu nunca pensei mal de você...

NAMORADA

Sabes que tu és o primeiro.

NAMORADO

(Todo feliz pela revelação). O primeiro a transar contigo, benzinho?

NAMORADA

Não, tolinho, o primeiro a não pensar mal de mim!!!

(E jongueiros cantam e dançam até amanhecer etc.)

CARA OU
COROA

Cara ou coroa

2003

PERSONAGENS

Agnalda - empregada, acompanhante de idosos.

Dionor - velha, rica, aposentada, senil.

Lauro - filho de Dionor, enfermeiro.

Ciça - filha de Dionor, drogada, problemática.

CENÁRIO

Uma casa modesta. Muito bem arrumadinha. Com algo mais de elegância e bom gosto nas paredes. Com telefone, cabides, biombos chinês etc., ou a gosto do diretor. Uma família classe média.

TEXTO

Narra o preconceito social e cultural contra os idosos, cujos familiares fazem tudo para excluí-los do seu convívio social junto aos amigos mais chegados, ou por motivo de descaso aos cuidados que requer uma pessoa idosa, doente, cheia de reumatismo ou por razões outras de loucura, ambição e ganância por problemas de herança não ministrada mais pelos mais velhos, vai daí as consequências de mortes ou assassinatos contra esse tipo de idosos no mundo inteiro. Hoje em dia o mundo, os psicólogos, os estudiosos sobre o assunto, estão preocupados com o destino de nossos idosos ora discriminados por jovens canibalistas etc. e salvem-se quem ou se puder.

O Autor



CENA 1

(Enquanto uma velha senhora assiste televisão a outra vem chegando da rua com sacolas de compras e ajeita com correria).

AGNALDA

Nada feito, dona Dionor. Eles só mandaram isto aqui pra senhora até este mês.

DIONOR

Agnalda! Venha ver este desenho animado! Olha só pra isto! Que coisa linda, que coisa mais engraçada. Veja...

AGNALDA

(Desligou o aparelho). Chega por hoje.

DIONOR

Por que desligou a TV? Sua mal educada!

AGNALDA

Lembre-se que a senhora está recém-operada dos olhos e não ficar muito tempo diante da televisão, principalmente, assistindo porcarias.

DIONOR

Você é muito chata sabia? Daqui a pouco sou obrigada a assistir só novelas ou programas que você gosta! E jamais perco meu tempo assistindo novelas escandalosas, pornográficas, filmes eróticos, programas de guerras que tanto adora. Prefiro esquecer que ainda existo em meio a tantas tragédias no mundo. Nesse mundo cão, sem paz, sem amor.

AGNALDA

Tadinha dela. Apela logo pros meus sentimentos. *(Religou a TV).* Pronto. Venha, minha querida, assistir seu programa predileto. Desculpa, viu. Afinal de contas, tudo isso será por pouco tempo, querida. Aproveite bastante.

DIONOR

Como assim? Vão agora semear essa guerra do Iraque também no Brasil?

AGNALDA

Nada disso. Estou me referindo a seus filhos quando estive lá pra apanhar a sua quota de alimentos. Eles me disseram que vão cortar sua mesada, que a dona Dionor está causando muitas despesas pra eles e que por causa disso já providenciaram um asilo qualquer pra senhora morar para sempre, uma espécie de abrigo para velhinhos aposentados e desamparados pela família.

DIONOR

Nem morta! Que se danem todo mundo! Daqui não saio, daqui ninguém me tira. Pelo contrário. Para os que ainda não sabem, aqueles ingratos ficaram com o dinheiro da minha aposentadoria como ex-funcionária do governo e com a pensão que o meu velho me deixou ao morrer num acidente aéreo. Agnalda... não tem cabimento eles fazerem isso contra mim. É muita ingratidão, é muito desamor.

AGNALDA

Foi o que falei pra eles. Foi a única coisa que eu disse. Procurando defender seus direitos e sua liberdade, minha querida, mas eles estão dispostos a lhe jogar num confinamento.

DIONOR

Nunca. Antes de mais nada sou uma criatura de muita fibra e coragem. Vou ao banco e desfaço a procuração, desfaço tudo, aí, eu quero ver onde eles vão tirar pra encher o rabo.

AGNALDA

Isso! Dona Dionor! É assim que se fala. E a senhora pode contar com a minha discricção. Pode contar com o meu apoio em todos os sentidos.

DIONOR

To cheia deles. Chega de humilhação. Se quero mastigar algo tenho que telefonar e pedir o consentimento deles ou então mandar você na casa deles apañhar o dinheiro que eles, supostamente, o mantém na ilharga. Tinha até graça eu passar necessidades por causa daqueles estúpidos. Filhos desnaturados.

AGNALDA

Bom, eu não queria lhe dizer, mas sabe como é, esse negócio de leva e traz, vira logo um fuxico, mas ouvi o mais velho falar – aquele que é enfermeiro técnico – que vai arranjar um atestado de sanidade mental pra poder internar a senhora num asilo de loucos. Só assim poderão se ver livre da senhora e das suas exigências.

DIONOR

Nunca me curvei ante os poderosos, muitos menos diante do meu falecido marido que era militar, sempre fui contra as injustiças, inclusive sociais, sempre me mantive íntegra a vida toda, não será agora que vou me deixar

intimidar pelos meus filhos que estão acostumados com mordomias, muito mal acostumados por sinal. Agora tai o pago que me dão.

AGNALDA

Acho que a senhora não soube criar eles. Vai ver que nem batia neles.

DIONOR

Pior que não. Sempre tiveram do bom e do melhor. Bons colégios, bons clubes onde frequentavam, viagens lindas pelo mundo... pra no fim, dá nisso. O meu velho, por sua vez, afrouxava tudo, liberava eles pra tudo o quanto na vida, nunca teve pulso pra eles. Era um desastre o nosso casamento. Nem te conto. E nem quero tocar nesse assunto.

AGNALDA

Não precisa. Não se torture com isso. Tem coisas na vida que a gente prefere esquecer e dar a volta por cima.

DIONOR

Essa é uma. Agnalda, o meu Afonso era muito mulherengo, em cada esquina, ele tinha sempre uma Piva esperando por sua gorjeta. *(Falou magoada)*. Depois surgiram outros filhos dele por aí no mundo deixando-me atordoada, sem saber o que fazer, como agir naquela época, até que me levam tudo um dia, deixando-me sem eira nem beira. *(Chorou)*.

AGNALDA

(Abraçando-a, consolando-a). Não chore não, dona Dionor. Não vale a pena. Esqueça tudo isso. Essas coisas que lhe trazem sofrimento e amarguras.

DIONOR

Agora querem me confinar num asilo.

AGNALDA

Mas não vou deixar. Eles vão se ver comigo.

DIONOR

Não se meta nisso. Você vai enfrentar uma barra.

AGNALDA

Mas quem não enfrenta uma barra hoje, a própria vida pela própria sobrevivência?... Sabe dona Dionor, ao longo da minha convivência aqui enterada com a senhora, aprendi várias coisas, uma delas é a seguinte: que a gente tem que ser autêntica e assumida, corajosa e audaciosa. Então, enquanto a senhora tava aí falando, falando, eu pensei com os meus botões: por que não arribar com a dona Dionor fora daqui, pra outro Estado, pra dentro do mato de alguma fazenda velha e abandonada?...

DIONOR

Pra quê? Pra onça não demorar em me contar? Nunca! Prefiro vender flores na porta de cemitérios no Dia de Finado do que acender velas para mim mesma!

AGNALDA

Ó tai uma ideia. Uma boa ideia pra livrar a senhora desse aperreio.

DIONOR

Que ideia?

AGNALDA

Essa que a senhora diz que “prefere vender flores na porta de cemitérios”.

DIONOR

E daí? O que uma coisa tem a ver com outra?

AGNALDA

Dona Dionor...sem querer a senhora descobriu uma saída para fugir do confinamento de algum asilo...vendendo ou melhor, tornando-se vendedora de flores na porta do cemitério.

DIONOR

O quê?!

AGNALDA

É isso mesmo! Eu lhe ajudo a fazer isso! Deixa que eu me encarrego de tudo. E nós duas vamos montar uma barraca de lona e vender as ditas cujas a preço de banana. E com isso, ninguém terá motivo de sacanear com a senhora, porque todo mundo vai ver – inclusive seus filhos -, que a senhora

está sendo útil, ainda trabalhando, pelejando para que sobreviva com dignidade, honestidade, acima de tudo, lúcida, poderosa. Entendeu agora?

DIONOR

Claro. Mas é claro que entendi tudo. Agnalda, minha flor da noite, você não existe, é fantástica! Por que não pensei nisso antes?

AGNALDA

Assim a senhora juntará o útil ao agradável. Pelo menos vai se livrar de um cárcere privado, vai se livrar da solidão e do esquecimento, vai fazer novas amizades, vai adquirir novos amigos, quem sabe até, arranjar um novo maridinho, nem que seja só pra esquentar as costelas hã?...

DIONOR

Lá vem você pensando o que não deve. Longe de mim já começar a esquentar a cabeça com isso. Eu sempre fiz a mais absoluta questão de morar longe dos filhos que estão casados e dos filhos mais novos, que sabem olvidar com certeza a minha existência, talvez nunca tenham falado de mim pra alguém ou pro seus amiguinhos de farra.

AGNALDA

Até parece que eles nunca vão envelhecer também. Pelo contrário. A maioria a qualquer hora perde a vida na rua, no trânsito, com uma bala perdida ou porque não o privativo naquela horinha no motel. Uma juventude, coitada, que morre cedo, cedo. Isto, sem falar nas drogas transformando tudo num caos, sem placa inaugurada em praça pública rendendo um tributo à sua memória.

DIONOR

Hum! Hoje a Agnalda tá muito falante. Voltou inspirada lá da casa dos meus algozes.

AGNALDA

Doravante não serão mais enquanto eu existir e estiver do seu lado. Agora, venha tomar seu lanche da manhã enquanto preparo seu almoço. Daqui a pouco vou sair.

DIONOR

Vai aonde?

AGNALDA

E eu não vou comprar as flores para revendê-las? Dona Dionor, temos que agir rápido, antes que seja tarde demais. Antes que aqueles abutres venham soterrar a senhora viva no asilo.

DIONOR

Tá certo. Procure uma floricultura com mais abatimento nos preços ou que tenha alguma promoção pra gente poder pechinchar. Depois as coisas vão se encaixando, tornando-se práticas e fáceis para nós duas. Vamos nos tornar comerciante.

AGNALDA

Com carteirinha assinada e tudo. Quero ver se eles se atreverão a mexer com a senhora estando eu por perto.

CENA 2

(Enquanto isso, toca o telefone várias vezes e Agnalda vai atender com euforia).

DIONOR

Seu porcalhão. Que horror.

AGNALDA

Ai, meu Deus. Deve ser o meu gato. Sou uma mulher sortuda, mesmo, tomara que seja ele. A gente combinou um cinema hoje. Alô...Como?...Tá legal, vou dar uma espiada... *(E foi reparar na janela lá fora).*

DIONOR

O que está fazendo olhando lá fora?

AGNALDA

Tem um moço no telefone que me pediu pra conferir se tem um caminhão de gelo branco na beira da calçada.

DIONOR

Agnalda! E você caiu nessa? Acreditou?

AGNALDA

Não entendi.

DIONOR

Isso é trote. Magina! Me admiro de você tão esperta cair num trote desses. É coisa de quem não tem o que fazer. Agora manda ele descascar batata no asfalto quente esse vagabundo.

AGNALDA

(Ao telefone). Alô...Não tinha nenhum caminhão de gelo, não, o que eu vi me deu medo, que foi a tua mãe arrastando a bunda na calçada que nem cachorro pirento. *(Desligou)*. Cretino.

DIONOR

Agnalda me traz um pouco de leite gelado. Quero saborear com meus biscoitinhos de chamapanhe. Eu adoro. *(O telefone toca outra vez e dona Dionor vai atender)*. Deixa... Deixa que eu atendo, pode deixar... Comigo, mando logo esse cachorrão plantar bananeira em cima dum monte de bosta. Alô... Não tem o que fazer não, seu cafajeste?...Vai tomar banho onde as patas tomam, seu... O quê? Quem? Ah, é você meu filho!...Ainda bem. Tá. Tudo bem, sim. É que a pouco fizeram um trote pra cá e a pobre da Agnalda caiu na conversa. Magina, que mandaram ela ver na calçada um caminhão abarrotado de gelo branco, e ela foi ver, ficou espiando pela janela. Também achei engraçado. Escuta, Alberto... providencie aqueles pãezinhos de chá, uns sacos de torradas, e queijo branco, aquele bem molhezinho, suave... Alô... Desligou.

AGNALDA

Quem era?

DIONOR

Era o meu filho Alberto querendo saber de mim.

AGNALDA

A senhora falou pra ele que montou uma barraca de floricultura na Praça da República?....

DIONOR

Eu não! Não tô ficando doida! Não tenho e nunca tive tal barraca que vendesse tal coisa naquela praça.

AGNALDA

Pois então invente! Doravante a senhora passará a buzinar nos ouvidos dessa raça que a senhora é vendedora de flores, a fim de livrar sua pele, viu santa! Deixa o resto por minha conta. Deixa comigo. Eles não sabem com quem estão se metendo. Pela senhora, faço tudo, vou até no inferno pra livrar sua cara!

DIONOR

Dramática! Tá assistindo muito dramalhão mexicano, querida! Querida (*indo até ela*) engraçado... Agnalda, agora que estou me tocando, não sei se é impressão minha, uma cisma besta, mas notei que o Alberto falava com uma voz embargada, parecia estranho, mas também não perguntei o que ele tinha e fui logo enchendo o Alberto de pedidos.

AGNALDA

Coisa de mãe preocupada com filho. Tamanho marmanjão daquele. Mas que tipo de pedido a senhora fez?!

DIONOR

Os pãezinhos de chá, as torradas, o queijo branco, aquele bem molhezinho que não vieram dessa vez na cesta básica. Daqui a semanas eles vão me negar outras coisas, aí vou acabar morrendo de inanição.

AGNALDA

Apele praquele programa do governo o tal do Fome Zero. Já pensou? A vergonha, o vexame, a humilhação pela qual iriam passar.

DIONOR

Eles uma ova! Eu, somente eu, queridinha! Como se não bastasse o desamor dos filhos, eu teria o escárnio, o deboche dos vizinhos e dos velhos amigos, os quais, já nem me telefonam mais, achando naturalmente que sou um trambolho velho, uma velha chata, uma velha caquética, faladeira!

AGNALDA

E pensar que a senhora os ajudou tanto para alcançarem seus objetivos como alcançaram hoje em dia! Agora estão por aí esnobando, esbanjando saúde, grana e sacanagem. Tudo graças à senhora que se penalizou da miséria e da falta de sorte deles! Bom, eu já tô indo...vou falar com um dos fornecedores da floricultura.

CENA 3

(Nesse momento alguém toca a campainha da porta com insistência e Agnalda, apreensiva, vai atender).

DIONOR

Meu Deus! Faz tantos anos que essa campainha não toca! A não ser quando você está na rua fazendo compras na feira ou no supermercado!

AGNALDA

Nossa mãe! Que insistência! A senhora tá esperando alguém?

DIONOR

Nem Godôd, se viesse! Mas quem poderia ser, Agnalda? Há anos que não recebo visita de ninguém, nem mesmo dos filhos ou dos parentes, você sabe disso.

AGNALDA

De vez em quando seria bom receber um velho conhecido, um amigo, ou amiga, e trocarem confete, figurinha, colocando o papo em dia, como antigamente. A senhora passa muito tempo presa aqui dentro, não sai pra lugar nenhum, já não assiste mais as missas de domingo, nem de feriado santo! *(Abriu a porta).*

LAURO

Quero ver minha mãe. Onde está minha mãe? Onde está ela? Ela melhorou da cabeça?

AGNALDA

Que cabeça, rapaz? Veja com seus próprios olhos! A dona Dionor não tá doente coisa nenhuma.

DIONOR

Agnalda tem razão! Nunca estive tão lúcida como agora! Se é isto que deseja saber. E tem mais: Diga lá praquela ordinária da sua mulher que a partir de hoje darei a volta por cima! Vou tomar de volta tudo que é meu! Vou botar quente no rabo de vocês! Vou incendiar o circo de vocês, seu paspalho!

LAURO

Pronto. A velha endoidou de vez.

DIONOR

Doida eu? Doidos, malucos, psicopatas estão vocês, querendo se apossar de tudo quanto é coisa minha, achando que estou caquética, estou morta, sem noção de nada.

LAURO

Não diga isso, mãe. A senhora sabe que em casa todos nós estamos preocupados com sua saúde, com seu bem-estar. E foi a senhora mesma que preferiu morar sozinha, ficar aqui presa entre essas quatro paredes, na companhia dessa empregadinha fofoqueira, correndo o risco de ser envenenada por ela.

DIONOR

(Esbofeteou). Cale-se! Seu cretino! Como ousa falar assim de Agnalda? Uma mulher que anulou sua vida pessoal, íntima, abandonando sua própria família, na Ilha de Marajó, para servir a mim e vocês nesta casa quando pequenos e na idade de adolescentes!

LAURO

Ah! Sentimentalismo agora pra cima de mim, não! Tomara que essa mulher aplique um golpe do baú pra cima da senhora. Aí, a senhora vai ver se ela é sua amiga de verdade ou se ela é melhor do que nós seus filhos.

DIONOR

E o que mais?

LAURO

Bem, não direi todas, mas a maioria dessas criaturas é mal-intencionada! Os jornais estão aí trazendo manchetes todos os dias a respeito desse assunto. Raça fingida, hipócrita, buscando se dar bem na vida, cuidando, fingindo em ser acompanhante de idosos, pra no fim, dar um golpe sem tamanho. Na verdade, eu não vim aqui para isso, pra discutir sobre o comportamento da sua... bom, eu vim aqui buscar a senhora pra passar este final de semana lá em casa ou na casa da...

CIÇA

(Empurrou a porta semifechada). Da sua querida Ciça!

AGNALDA

Reencontrar a família, logo agora? *(Saiu)*.

LAURO

O que faz aqui?

CIÇA

O mesmo que você! Vim visitar também a minha mãe, a nossa mãe. Não posso?

DIONOR

Ciça! Minha filha! Quanto tempo? *(Foi ao encontro dela, quando)*.

CIÇA

(Distanciou-se dela). Agora não, mamãe! Por favor... Tô muito exausta... Eu tou também suada, cheia de poeira! Faz mal a sua saúde.

DIONOR

Menina! Deixa de ser fresca! Deixa de frescura! E quando você estourou a minha bolsa uterina, rasgando a minha placenta, sendo cagada e cuspidada pelos cornos, no meio de fezes, urina e sangue?

CIÇA

Ai, credo. Estamos preocupados aqui com sua saúde e a senhora aí vem nos fazer lembrar esse triste episódio na nossa vida! Entretanto, estamos preocupados com sua saúde mental, e achamos bom interná-la por alguns.

DIONOR

Nunca!

CIÇA

Aqui a senhora não vai ficar boa. Tem que tomar remédio. Vai ver a senhora tem problema de hipertensão e nem sabe, pressão alta, pressão baixa, problema de coração, sei lá... Tem que ver isso através de exames médicos.

DIONOR

E pra quê? Pra vocês me confinarem de vez num desse asilo-hospitais? Não, senhora, dispenso. Estou ótima!

LAURO

Deixe-me averiguar sua pressão. Sente-se aqui. Estique os braços.

DIONOR

O que vai fazer comigo?

LAURO

Consultá-la. Só vou averiguar sua pressão. Tá vendo? A pressão dela tá melhor, parece que de gente nova.

DIONOR

Tá vendo? Tô louca não, filha. Vocês é que estão precisando de médico e de internamento imediatamente. A fim de quê querem me internar? Pra me fazerem sumir da vida de vocês para sempre, é isso? Ora, não me façam rir de tamanha farsa!

CIÇA

Agora a senhora está sendo amarga. Mas se a senhora prefere a companhia chata de uma empregada mexeriqueira do que a presença dos seus próprios filhos, não tem problema.

LAURO

Depois não vá dizer que não lhe oferecemos ajuda, não lhe oferecemos amor e nem afeto.

CIÇA

Senhora é que sabe. E não venha se queixar de abandono familiar quando tiver suas crises de dor de cabeça.

DIONOR

Deus está comigo. Deus não vai me deixar sofrer esse tipo de mazela. Já basta a cruz que carrego em ter parido no mundo filhos tão desnaturados que nem vocês! Por isso, prefiro a companhia da Agnalda, que me parece mais sensata, mais digna da minha amizade, do meu respeito.

LAURO

Tá legal. Se a senhora acha que não somos dignos nem do seu perdão, nem do seu carinho ou coisa parecida, então sou obrigado a arranjar um atestado médico prezando sua saúde mental a fim de um internamento num asilo de loucos.

DIONOR

Pois fique sabendo que não tenho medo de ameaças! Porque não estou louca! Muito menos amassando merda, rasgando dinheiro, todo mundo sabe disso. Daqui não saio, daqui ninguém vai me tirar, a não ser pro cemitério, estão ouvindo? Ninguém! E danem-se vocês dois. Não queiram incurrir em mim a loucura que lhes afeta! Há muito vocês me anularam como mãe para no fim se apossarem dos meus bens, inclusive da minha aposentadoria e da minha pensão que o meu velho deixou, agora querem que eu morra de fome ou fique confinada a um lugar qualquer, ainda preocupados com dinheiro, gastronomia. Ingratos!!

LAURO

(Aos cochichos com a irmã). O que você acha?

CIÇA

Eu não acho nada! Temos que partir pra outra. O prazo da procuração está expirando! Daqui a pouco ela será visitada pelo advogado da família, que por sua vez, vai exigir uma nova procuração e se a gente ficar aborrecendo a coitadinha, vamos acabar perdendo a posse de tudo.

LAURO

É isso mesmo! *(Caindo em si).* Ciça, como é que não pensei nisso antes?! A gente pode mudar de tática, minha irmã, nós dois vamos nos encarregar de levar ela a dar um passeio pela cidade e pimba!

CIÇA

Nunca! Isto é pior do que vê-la definhando num asilo! Lá, pelo menos, saberei que está viva e posso visitá-la de vez em quando. Posso ser uma drogada, uma vadia, mas ainda não tou louca, nem sou psicopata que nem você com seus planos diabólicos.

LAURO

Esqueça o que eu disse. Falei por falar. Mas que a gente vai perder a posse de tudo isso lá isto vai!

CIÇA

Totalmente não. Alguma coisa vai sobrar pra gente.

LAURO

Será? Tenho medo de ficar pobre. Pobre morre fedorento.

DIONOR

O que tanto cochicham aí? Por que não ligam a televisão e venham assistir um pouco comigo! Venham! Vai passar um filme lindo. A vida de Jesus.

CIÇA

Piorou. Tô nessa não, tô noutra. A senhora não quer dar um passeio na cidade? A senhora vai adorar!

DIONOR

Mas pra conhecer o quê? Os bairros periféricos com suas favelas e com seu povoado descamisado?

CIÇA

Não. A senhora vai ver uma “nova Belém”, com cara nova, mais moderna, muito mais jovem, a exemplo da feira do Ver-o-peso, da Casa das 11 Janelas, recentemente inaugurada, lá no Forte do Castelo, fora outras relíquias arquitetônicas da Belém antiga que tanto a senhora adora.

DIONOR

Adoro não, adorava! Porque hoje em dia não se pode andar por aí com liberdade correndo o risco de ser assaltada. Eu hein! Boa romaria faz, quem fica em casa rezando contra o satanás. Já dizia a minha vó Joana – que Deus a tenha no reino de sua glória!

LAURO

Escuta mãe: lá, a gente pode fotografar tudo, filmar... Se quiser, a senhora pode exhibir alguns vestidos seus do ano de 60, eu acho, aí todo mundo vai lá apreciar e comprar...são pessoas que colecionam coisas antigas, coisa histórica.

DIONOR

Vender meus vestidos antigos, lindos de morrer? Quero não! Posso ir passear com vocês mas só se for acompanhada pela Agnalda. Eu adoraria rever Belém!! A minha saudosa Belém, com seus pontos turísticos, com suas praças antigas, embelezando a orla marítima, logo ali, na beira do cais de arrimo, ladeado de bancos toscos e lanternas francesas. Era um local chic

onde os poetas e namorados vinham ver o pôr do sol na Baía de Guajará. Era algo lindo!

LAURO

Mamãe... Não fica bem, numa reunião de família, a presença da Agnalda, uma pessoa estranha. No passeio de família vão estar eu e minha esposa Clarinda, a Ciça com seu maridão Antonio, o Alberto, o Arlindo.

CIÇA

Mãe! Ao que me parece, depois de tantos anos, a família, a nossa família vai estar junta! Vai ter muita gente pra cuidar da senhora.

DIONOR

Tá certo. Mas continuo achando que esmola muito grande o cego desconfia!

CIÇA

Não tem grilo, coroa. Não tem chifre. Meta uma beca nova e vamos embora!

LAURO

Então, a senhora vai ou não vai trocar de roupa?

DIONOR

Claro que eu vou! Mas quando a Agnalda chegar da rua! Deixa ela chegar. Ela é que troca a minha roupa, me ajuda a me vestir, a me calçar... Nessa idade, 75, a gente já não coordena os movimentos, apesar da cabeça ainda funcionar muito bem.

CIÇA

(Aos cochichos com o irmão). Olha cara, a ideia colou. Agora, resta usar o telefone pra chamar uma ambulância qualquer.

LAURO

Melhor não, bom seria um táxi. Ela não pode desconfiar de nada. Devo admitir que a velha é mais saijica do que nunca. Vamos levá-la prum asilo de velhos, assim é bem melhor, mais tranquilo pra nós dois. Certo?

CIÇA

Tadinha. No fundo, no fundo, tenho pena da coroa, ela merecia um lugar decente, um lugar melhor, sei lá.

LAURO

O que tá feito, tá feito. Não vamos voltar atrás. Eu sei, todos nós sabemos que não é justo confinar a coroa num asilo de velhos e ficar lá no esquecimento, mas porra, ela é o nosso único obstáculo. Não podemos cuidar dela, das coisas dela, a não ser da grana. O resto a gente vende a preço de banana. Pra que a gente quer casa velha, quinquilharias do tempo antigo? Por mim, jogava tudo na lata do lixo!

CIÇA

E por mim, também! Coisa que pra mim não tem serventia alguma. Só serve mesmo pra entulhar.

CENA 4

(Nesse instante, toca o telefone e dona Dionor vai atender, disfarçando o olhar pra cima dos filhos que estão afastados dali).

DIONOR

Alô... Quem fala?...Hein?...Pode sim! Não, ainda não... Mas tô entendendo, sim, senhora. Pode deixar comigo. Claro... Claro que eu vou providenciar!! É pra já! *(Desligou)*. Era o bombeiro que vem concertar a torneira da pia do banheiro e o chuveiro que só vive pingando, pingando, gastando água durante o dia e a noite.

LAURO

Sujou!

CIÇA

Pai d'égua essa agora!

DIONOR

Meus queridos... O passeio, como vê, gorou! Não vou poder sair agora.

LAURO

Nem outro dia?

CIÇA

Uma quinta, uma sexta?... *(Toca a campainha da porta e Ciça atende)*.

AGNALDA

(Entrando, acompanhada de dois homens). Ainda estão por aqui? *(Referiu-se aos dois irmãos péssimos).* Dona Dionor... Este senhor aqui veio consertar a pia e o chuveiro do banheiro... e este aqui, Seu Túlio Mendoim, veio a negócios, quero dizer, veio negociar as flores com a senhora. Vou deixar vocês à vontade. Enquanto isso, vou mostrar o vazamento do banheiro pro...como é mesmo o seu nome hein?

BOMBEIRO

(Gaguejando). Meu-meu...nome...é-é...Afonso Pe-pena, Pena! *(Sumiram).*

LAURO E CIÇA

(Entreolharam-se, perplexos). Flores?!

CIÇA

Será o que você tá pensando é o mesmo que saquei?

LAURO

Floricultura. Um novo negócio. Um novo ramo e rumo na vida da coroa!

CIÇA

Exatamente! Com isso, ela vai provar a todos que está lúcida e que pode ainda continuar sendo útil na comunidade. Sobrou pra nós!

LAURO

Só sobrou! A coroa é terrível de esperta. Manja só? Vai partir pruma nova atividade.

CIÇA

Vai mesmo. *(Saiu de fininho).* Vamos nessa. Deixa ela pra lá.

TÚLIO MENDOIM

(Conversando, com detalhes e gestual). Primeiramente, a senhora vai usar um capital de giro pra poder montar sua banca de venda na praça, também poderá ser noutro lugar, onde seria melhor pra organizar uma floricultura e como será o nome?

DIONOR

Nome de quê?...

LAURO

Bença, mãe! *(Ela só esticou a mão que foi beijada pelo filho)*. Boa sorte nos seus negócios, viu! *(Sumiu indo atrás da Ciça que não se despediu)*.

TÚLIO MENDOIM

Voltando ao assunto, todo e qualquer negócio tem um nome fictício, um título, uma fachada... No seu caso, além do produto de floricultura à venda, que nome daria pra sua casa de venda?

DIONOR

Olha, seu Túlio, prefiro assim: Floricultura “Cara ou Coroa”.

TÚLIO MENDOIM

Taí. Gostei! Fica uma coisa diferente. Que soa diferente. Mas por que “Cara”, por que “Coroa”?!...

DIONOR

A moeda não têm dois lados adversos? As pessoas, por exemplo, os filhos, os parentes, não usam duas caras, pra conseguir seus intentos? E nas artes, no cinema, no tetro, na dança, na música, nas artes plásticas, há o câmbio da moeda em toda a parte, além das máscaras. Máscaras tristes, outras alegres, descontraídas. Mas todas com o mesmo objetivo: disfarçar aquilo que nos perturba na realidade e olhos vistos. E eu enxergo a maioria!...

TÚLIO MENDOIM

Bom, já tô indo! Portanto, estamos combinados assim. Seremos sócios...né não, dona Dionor? *(Saiu batendo a porta)*. Até amanhã.

DIONOR

(Vai sentar-se diante da TV). Que homem chato! Agnalda!...oh Agnalda!

FIM DO ESPETÁCULO

O BORDEL
DE JOANA
HOMEM

O bordel de Joana Homem

Drama social - 2004

PERSONAGENS

Joana Homem - prostituta, ex-cafetina

Mordomo - 50 anos, antigo serviçal da cafetina

CENÁRIO

Palco italiano. Mostra praticamente uma sala vazia contendo apenas um sofá-cama, uma cadeira de vime, um bastidor para troca de roupa, um cabide de pendurar chapéu etc. e um telefone no cenário tendo as paredes forradas de papel. No canto da sala, um quadro de Santo Antônio.

TEXTO

Narra na trama a história de uma prostituta e ex-cafetina, querendo justificar sua decadência sob o ponto de vista social relacionada ao seu bordel Puleiro dos Anjos, por considerar-se honesta, sem jogo sujo, sem qualquer envolvimento com bandido, com traficante de drogas. Esse tipo de coisa do submundo onde a personagem passa a contemplar o espaço vazio e a viajar nas suas divagações do tempo passado a limpo; onde torna-se difícil a difícil “vida fácil” por onde andam as “rainhas da noite” como os boleros e os chavões costumam chamar.



CENA 1

(Mostra a negra cafetina aposentada dando voltas pela sala e justificando o vazio existente no ambiente que, em épocas passadas, foi cheio de glamour e muita grana de marinheiros).

JOANA HOMEM

Olhem só pra isto! Vejam o que restou da minha casa de negócio: uma sala vazia, apenas com uma cadeira de palha onde embalo meus cochilos e um telefone mudo em regime de silêncio!!! O desgraçado não toca nem pra

atender o chamado da mãe, quanto mais um convite prum coito entre quatro paredes deste antigo puteiro chamado carinhosamente de “Puleiro dos Anjos” em 1955, hoje completamente esquecido da rapaziada da Marinha que adorava a putaria neste velho bordel. Seria ótimo se o telefone tocasse numa chamada especial e de emergência, até porque, mesmo estando toda quebrada, aposentada por invalidez, eu daria meu jeito de tirar a barriga da miséria! Mas essa artrose nos joelhos e nos tornozelos é que me deixa de bengala e sem poder andar sozinha por aí. É perigoso! Tem muito assalto nas ruas.

(Neste momento, o mordomo aparece com trajes à rigor e trazendo uma bandeja onde lhe servirá um chá de camomila. Ela detesta tal lembrança, desta feita, numa paródia de cinema).

MORDOMO

Madame... seu chá de camomila. É um bom calmante pros nervos.

JOANA HOMEM

Mas que marmota é essa?? Detesto quando você se veste assim! Vai, Alfredinho, tirar essa roupa ridícula. Esse tempo aí já passou.

MORDOMO

Pois pra mim, permanece... Madame! Continuarei servindo a madame da mesma maneira antiga que sempre lhe servi, mesmo contra sua vontade. Deixe que eu continue lhe servindo assim, uniformizado, para que me sinta feliz em continuar sendo útil a senhora, fiel aos seus caprichos, madame.

JOANA HOMEM

Olha aqui, seu Alfredo! Corra lá no quarto e guarde essa tralha velha, e meça a sua palavra quando se dirigir a mim!!! Depois eu tomo chá. Agora vá se desfazer dessa fantasia de carnaval.

MORDOMO

Com licença, madame... *(Retirou-se da sala com altivez e postura)*. Sinto muito em decepcioná-la.

JOANA HOMEM

Macaco!!! Bajulador!!! Puxa-saco!!! *(Voltando-se para plateia)*. No fundo, talvez ele tenha razão! Aí entra uma coisa que todos nós temos: a saudade de alguma coisa boa que passou; o livre arbítrio de escolher esta ou aquela opção de vida. *(Temperou o chá e bebeu)*. Pobre Alfredo! Quantos chás ainda vai

ter que me servir?... Até quando, meu Deus?!.... Tanta gente granfina, tantos políticos, bancários, empresários, artistas e poetas da época passaram por aqui em busca de prazer, em busca de mulheres e rapazes alegres super dotados, com direito ao luxo, ao prazer a dois, agora olhem só pra isto... em nada adiantou a sacanagem, a putaria que havia dentro do “Puleiro dos Anjos”!!! Tô com uma cara de jaca. A grande preocupação de uma mulher é envelhecer e não ter mais condição de usar seu atributo. Embora hoje nos tempos modernos há vários recursos na medicina.

MORDOMO

(Adentrando, formalmente). Madame, pode me dizer o menu de hoje? (Apanhou a bandeja e ficou de pé aguardando sua resposta). O que a madame deseja pro jantar?

JOANA HOMEM

Vá pro inferno com seu “menu” idiota!!!

MORDOMO

Temos peixe, frango e peru na geladeira. Se me permite, madame, posso providenciar um “peru a Califórnia” que tanto a madame gosta!

JOANA HOMEM

Ô homenzinho chatô! Vá com seu peru pra lá. Faça o que bem quiser. Sempre adorei o seu cardápio, até mesmo de frango assado na brasa!

MORDOMO

É pra já! Como nos velhos tempos, madame!!! *(Alegrou-se um pouco)*. Deixe comigo que eu vou caprichar no frango assado! *(Saiu comicamente)*.

CENA 2

(A negra cafetina continua envolvida com suas lembranças e guarda rancor de uma época que lhe tiraram tudo, até o único filho que morrerá no movimento das guerrilhas do Araguaia).

JOANA HOMEM

Esta casa, esta casa! De que maneira esta casa ruiu no tempo?? Nem eu mesma sei! Até grandes instituições faliram nesta época no Brasil, por que o “Puleiro dos Anjos” da Joana Homem podia ser diferente?? Apesar da crise que perdura até hoje, em maior escala, no Brasil de agora nos arrastando pruma vida miserável e cretina. Talvez a morte brusca do único filho que

eu tinha e que morrerá nas guerrilhas do Araguaia. Isso me deixou um tanto arrasada, sem vontade pra nada, nem pra fornicar ou soerguer esse ramo de negócio. Foi uma época terrível, cruel e nojenta que massacrou o meu filho e o meu coração. Mesmo assim, continuei tentando, tentando... Mas não havia meios de contornar o problema. Era uma montanha de dívidas e tributos a pagar pra Justiça!!! Então resolvi fechar o “Puleiro”, além do mais, muitas das minhas meninas saíram daqui casadas, e bem casadas!! A maioria dessas infelizes me batia a porta em busca de arrego, sem emprego, queriam lavar os lençóis do motel manchados de sangue, aí resolvia deixá-la trabalhar como prostituta. Nem sempre dava certo porque todos - sem exceção! - queriam trepar com a boasuda aqui, com esta negra cafetina, dona de um motel decente, limpo, asseado, vistoriado pela saúde, frequentado por homens granfinos. Mas resolvi ouvir o conselho da minha velha mãe: eliminar um negócio que não estava mais dando certo e seguir em frente sozinha, e com Alfredo a tira colo. Portanto o vazio seria menos vazio e menos penoso para mim... Mais suportável. Principalmente agora... que me apareceu esse problema de saúde nos ossos. Vê se pode! Alfredo!!! (*Chamou-o irritada*).

MORDOMO

(*Apressou-se, atento*). Sim, madame?...

JOANA HOMEM

(*Ao vê-lo uniformizado*). Ah, não! Pelo amor de Deus e em nome de todos os santos me poupe de olhar esse uniforme ridículo em você!!! Vá retirá-lo do corpo agora. Por favor!

MORDOMO

Está bem. Se a madame prefere assim...

JOANA HOMEM

Prefiro! Chega de palhaçada. Ponha na sua cabecinha de vento, meu amigo, que acertos e tropeços fazem parte da vida de todos nós e de todas as instituições, sejam estas quais forem; o que não podemos deixar é de arriscar quando se faz necessário mudar. Sem medo de tentar por uma vida melhor, esta ex-cafetina aqui, está pronta para negociar o “Puleiro” com alguém que daqui a pouco chegará. Aí sim, quero que você o receba como príncipe. Com educação, finura e mordomia. Tome! Pegue a chave do meu carro e corra na feira pra comprar um frango na brasa com poeira e tudo que ele tem direito. E é pra já, Alfredo!!! É pra ontem, queridinho!!!

MORDOMO

Mesmo assim! Ainda assim acho que a madame tá pisando na bola! Fazendo maldade com quem não devia ou merecia. Enfim, a senhora é quem sabe quanto custa o preço da fama e do glamour! (*Saiu constrangido*). Amarra-se o burro onde o dono do burro manda, e daí?... Vou contradizer?...

JOANA HOMEM

Então faça exatamente o que lhe pedi. É uma ordem! Corra lá e traga o frango.

MORDOMO

Sim, madame! (*E saiu*).

JOANA HOMEM

Vai atender o cão com esse negócio de “madame”, vai pro inferno!!! Que coisa mais sem graça. Fora de moda. Eu hein!

CENA 3

(O telefone toca e ela demora atender devido a dificuldade de andar com a muleta de braço da marca “canadense”).

JOANA HOMEM

Ai, que desgraça! Ainda não consigo me adaptar a esta muleta, meu braço dói muito, parece machucar meus nervos, os tendões do braço. Enquanto o telefone me anuncia uma esperança de vida! Quem será? Tomara que seja um michê qualquer, um convite pra jantar... Alô! Puleiro dos Anjos, boa tarde. Em que posso servi-lo? Diga lá! (*Pausa*). Desligou. Seja quem for deve estar curtindo saudades como eu agora pruma fornicadinha. Ou a julgar pelo fungado devia estar cansado, prestes a ter um enfarte, e talvez quisesse se despedir de mim ouvindo apenas a minha voz. Será meu Deus?? Que mereço tanto!!! Ultimamente, com o surgimento da Aids, as pessoas e os farristas parecem desestimulados para o amor. Que horror. Mas continuam usando a “camisinha”, é necessário, é precaução. A vida vale mais do que uma trepada com alguém que a gente gosta. Espero que os motéis e bordéis não permaneçam vazios por muito tempo, até esse povo se acostumar com a ideia. Como é que pode, meus homens queridos? Botem essa rola pra funcionar de verdade, antes que a minhoca venha comer o resto sob 7 palmos da terra. Magina! Se vou deixar que isto aconteça comigo. Nem morta, filho! Tenho fé em Deus que através dos poetas, dos políticos,

dos artistas e dos devassos esta cafetina aqui conseguirá que os burocratas sejam menos burros e mais sensíveis aos apelos de todas nós prostitutas. Quando gritaremos: Queremos homens de verdade em nossa cama!!! Nem que para isso a gente tenha que ceder o traseiro e mudar o rumo da nossa história, de nossa vida... que ninguém é de ferro ou doente da cuca!!! Que a moral se exploda neste país dos corruptos!!!

CENA 4

(Vaidosamente se contempla no espelho. Faz caras e bocas diante do espelho e faz crítica).

JOANA HOMEM

Ah! Joana Homem! Quanto tempo ultrapassou o meu tempo? Algumas rugas aqui, outras embaixo do queixo, é minha cara Joana, a velhice chegando no pé das orelhas!!! Acima disso, vamos comparar que a fé é necessária. O sexo é necessário. O amor é necessário. A luta é necessária. Tudo é necessário. Que droga!!! Em que foi que errei então?... Na minha opção de vida?... Na escolha dos homens granfinos com os quais me deitei?... É possível mudar o mundo, mudar o que já está ao alcance das mãos??... *(Voltou-se para plateia)*. E o que é que está ao alcance das mãos? Isto aqui: a minha xereca? A minha bunda? Os meus peitos? Ah, Joana Homem! E pensar que apesar do apelido que te deram anos atrás, muitos homens, loucos e poetas escreveram versos de sacanagem nas minhas coxas ou nos meus seios ou nas minhas nádegas!!! Eu era a que mais faturava no Puleiro dos Anjos. Olhar tudo isso aqui, tudo vazio e cheio de lembranças boas ou ruins, me causa arrepios, um nó na minha garganta. Ah! Como gostaria de arranjar um caixa-alta, cheio de grana e que me desse um banho de loja e um livro de cheque para poder retomar tudo isto!! *(Dando tapinhas no rosto)*. Ih, Joana Homem! Te acorda, desperta desse sonho idiota!! Vai batalhar que o dia e a noite são dado de graça, menos o pão de cada dia. *(Entra novamente o mordomo, com sutilezas e afetivo)*.

MORDOMO

Madame... Se me permite...

JOANA HOMEM

Já vi que com você não adianta o protesto, nem a censura, pra continuar a usar esse traje ridículo!!! Mas fala, imbecil, diz o que pretende.

MORDOMO

Madame! O frango assado esta na mesa, do jeitinho que a madame prefere com poeira, óleo e tudo! Só falta agora o convidado especial.

JOANA HOMEM

Ainda não chegou??? Mas que homem cretino! Basta ser um manobrista de carro em lava-jato, pé rapado!!

MORDOMO

Telefone pra ele ou quer que eu ligue avisando que a madame tem hora pra...

JOANA HOMEM

Não, não! Fique tranquilo. Ele é meu amigo e sabe disso, de que tenho horário pra encher a barriga.

MORDOMO

Tomara que, em sua vida pregressa, esse seu amigo possa olha para trás e reconhecer como os demais ao telefone: Se Joana Homem, a minha rainha, pôde me dar o que me deu em termos de amor e sacanagem, então a minha mulher é galinha!!!

JOANA HOMEM

Com certeza! E também chifruda! Com certeza. Pelo simples fato de que a prostituta não dá em cima deles, dos homens casados, às vezes, são eles que nos perseguem porque ficam de “greve” com a mulher em casa durante dias ou semanas. É aí que entramos na história deles sem a gente querer ou forçar a barra. E tem caso que eles ficam com as duas: a esposa e a piranha! Eu acho bobeira.

CENA 5

(Tempo. Numa outra área de ação onde após o jantar, a nega cafetina aposentada, veste uma camisola pra dormir e reza diante da imagem de Santo Antônio).

JOANA HOMEM

Como é que é, meu santinho? Não vai fazer nenhuma bacanagem comigo, como dante fazia? A vida não tá fácil, não! Eu é que sei. Eu também sou filha de Deus. Que diabo! Quer que eu morra de útero seco? Sem pingar esperma na distinta aqui?? *(Bateu na boca três vezes)*. Perdão, perdão, perdão meu

santinho, eu não devia ter falado isso. Mas por favor meu Santo Antônio me ajude!!! Não quero retornar ao frio das madrugadas, nem às “estações” das calçadas!!! Quero, isto sim, que me ajude arrumar um homem de verdade, tão cheio de grana quanto o Lula, um cara fofinho que nem ele, comedor de churrasco, um homem de dar água na boca e comichão na buçeta. Vê lá o que pode arranjar pra mim, mas não vá me colocar numa fria, viu meu santinho!!! *(O telefone toca e ela fica alegre)*. Opa! Opa! É hoje que a Joana Homem vai gemer como uma cadela no cio. Mas que milagre porreta! Obrigada, meu santinho, obrigada! Foi muito apressado nas suas artimanhas. Alô... Alô! Sim, sei. Pois não, seu Formiga, que deseja do meu “Puleiro dos Anjos”? Como?? Quer fornicar com a dona do bordel? Mesmo estando foló, toda frouxa?? Bom, se assim deseja, pode vir. Não tem problema, Sr. Formiga. Se está bem empregado e tem um cheque de mil reais pra gastar comigo, então o que tá esperando meu amore mio?... Tudo bem. Segredo nosso. Combinado. Claro que a família nunca vai saber. Sou puramente discreta. Profissional. Sei guardar sigilo. Até mais tarde, então. *(Desligou o telefone. Olhou para o santo)*. Olha! Vê lá o que me arranjou!! Não tô afim de gastar meu último dinheirinho com velas e prendas!

CENA 6

(Tempo. Cai a luz no cenário. Em seguida, mandou o mordomo preparar o ambiente como nos velhos tempos. Depois vestiu uma camisola vermelha e longa. Com detalhes em pluma deixando transparecer o seu corpo numa nudez sensual e charmosa).

MORDOMO

(Diante de sua beleza). Pronto, minha rainha. Esta noite será toda da madame. Faça desta noite a mais longa de todas! Não deixe por menos, madame!!

JOANA HOMEM

Mas menino! São mil reais!!! Já dá pra tirar da barriga da miséria, por enquanto. E se o cabra for bom de cama como ele disse nós podemos firmar um acordo temporário. Que acha?

MORDOMO

A vida é um jogo e a madame tem que saber jogar! Mas jogar pra ganhar!!

JOANA HOMEM

Tá certo. Vou seguir seus conselhos... Alfredo. Aliás, o que é dado com gosto não se regala os olhos, já dizia minha vó. Eu diria: não só de regalaria os olhos como as beiras dessa coisinha fofa aqui.

MORDOMO

Magina! Quem foi rainha nunca perde a majestade! Nunca!!!

JOANA HOMEM

Meu filho, eu só é das boas! E se esse tal de Formiga for realmente um cara bem sucedido na vida e tiver alguma influência política no ramo, aí o “Puleiro dos Anjos” vai estar azul novamente, cheio de clientes, onde fino trato faz parte do “Puleiro”. *(A campainha toca).*

MORDOMO

Deve ser ele, madame! O seu convidado especial.

JOANA HOMEM

Já? Vá atendê-lo! *(O mordomo obedece).* Nossa! Como foi tão rapidola! Nem deu tempo de passar um desodorante intimo na bichinha...

MORDOMO

(Ao anunciá-lo). Madame... O Sr. Formiga Borborema! *(Saiu de cena).*

JOANA HOMEM

(Ficou estupefata ao vê-lo, feio, magro e desdentado). Não!!! Meu Deus!! Eu não mereço esse castigo já no fim da vida!!!...

FORMIGA

(Foi logo tirando a roupa, ficando nu e falando pouco por ser gago). Fui, fui, fui com, com, com tua cara, minha, minha, minha criou, criou... la!!

JOANA HOMEM

(Escondendo-se no lençol). Não me diga! Que estrago o meu! Puta merda. *(Aí desligou-se as luzes e tudo ocorreu em absoluto silêncio).*

A GAIOLA
DE VIDRO

A gaiola de vidro

Dramaturgia - 2004

PERSONAGENS

Olga

Quirina



CENA 1

(Mostra Dona Olga preocupada, enquanto a irmã mais nova vai preparando a mesa para a Santa Ceia).

OLGA

Haja Deus. Que situação!

QUIRINA

O que foi, minha irmã? Não gostou da arrumação da mesa! Tá feia assim?

OLGA

Não se trata disso. Pra mim, tanto faz como tanto fez, se a mesa está ou não bem arrumada.

QUIRINA

É que você, Olga, deu um suspiro tão profundo, que até pensei que fosse uma viagem ao passado bem remoto. Acertei?

OLGA

Acertou!

QUIRINA

Muito distante, a que lonjuras de Belém?...

OLGA

Não. É aqui mesmo dentro de Belém. E tem algo com você, viu Quirina!

QUIRINA

Comigo? Como assim?...

OLGA

Ai, que meleca de vida! *(Suspirou outra vez)*.

QUIRINA

Credo. Que horror! Suspirando desse jeito, vai acabar tendo um troço, nessa cadeira. Não é melhor andar um pouquinho pela casa não, fazer um...?

OLGA

Não! Não é nada disso que estou precisando. Mas olhe só pra isto!! Esta sala vazia. Estas paredes nuas. Sem fotografias, como lembrança, que retrate alguma recordação. Meu Deus. Sem nenhum quadro da família pendurado. Sem nenhuma tela de algum pintor famoso.

QUIRINA

Ah: você tá preocupada com isso? Fuja do passado, minha querida. Não há como viver do passado ou em função do passado. Acho tudo isso muito vazio, muito triste. Esqueça tudo, viu Olga. Passe uma esponja nisso.

OLGA

Como esquecer, sua tonta? Ah, eu adorava tudo aquilo! Eu adorava cada passo que eu dava dentro desta casa para atender nossos clientes.

QUIRINA

E que clientes!

OLGA

Marujos, estivadores e um pessoal granfino, chiquérrimo.

QUIRINA

Cada qual mais ousado. Um mais pimpudo do que o outro!

OLGA

(Riu). Menina! Do que você veio lembrar agora!

QUIRINA

Era sim! Chegava a causar aflição na gente. Uma gastura por dentro. Nossa!! O fogo subia no rabo e tomava conta de tudo! E você tornou-se famosa, porque era a favorita deles...

OLGA

Diga-se de passagem... Eu era a que mais derrubava pau. A rapaziada gostava. A moçada era muito alegre, muito divertida.

QUIRINA

Até onde me lembro... tudo aconteceu naquele triste acidente rodoviário quando o ônibus caiu na ribanceira, matando nossos pais e ferindo outros passageiros. Lembra? A gente vinha passar o Círio de Nazaré.

OLGA

Aí fomos parar numa casa na Gaspar Viana, onde havia um bordel comandado pela negra cafetina Joana. Ela era tão engraçada, tão cheia de prosa!

QUIRINA

Era sim! Assim como era muito esperta e teimosa. Não tinha homem que passasse ela pra trás. E, que antes de morrer, aos 47 anos, nos passou todos os macetes da sacanagem e da putaria com os homens, como arrancar dinheiro dos calhordas.

OLGA

Ela era terrível. Na boca ela carregava um pedaço de gilete e no bolso oculto da saia, uma navalha afiada, que fazia funcionar na hora H, na hora que fosse enganada. Eu me lembro de tudo. Na época, eu tinha o que? Uns 15 anos e você uns 13.

QUIRINA

Exatamente. Duas mocinhas afrescadas que sonhavam fazer fortuna com o sexo livre, como fizeram, construindo um puteiro de verdade no centro de Belém e que denominamos de "Casa de Massagem Puleiro dos Anjos". Vê se pode! (*Riu*). Pode sim! Tanto pode que você iniciou comigo tornando-se a minha cafetina. Depois foram chegando as outras que você "garimpava" pelas ruas. Lembra?!

OLGA

Ora se me lembro! Eram moças pobres, algumas desamparadas, ignorantes, semianalfabetas, sobretudo bonitas, sem eira nem beira. Não tinham o que comer nem onde morar. Vendiam o corpo, na beira da estrada, pros motoristas a preço de banana.

QUIRINA

Coitadas. Ainda havia aquelas que, na tentativa de mudar de vida, procuravam ser empregada doméstica, mas acabavam dando de graça pro patrão na ausência da patroa. Quando a mulher do cara descobria mandava a coitada pro olho da rua. Aí ficava na rua e nos becos de lua “fazendo estação” pra ganhar mixaria, quando não, um tapa na cara ou um chute nos cornos pra fornicar de graça. Eu hein!

CENA 2

(Durante suas divagações envolvendo lembranças do que é passado, dona Olga resolve passear, pela sala sustentada pela bengala australiana, e tenta usar o telefone em vão. Enquanto Quirina recompõe a mesa, novamente, como se fosse um gesto neurótico, deixando passar mania de limpeza).

OLGA

Vocês pensam? Não é fácil disputar espaço na rua. A vida fácil não tem nada fácil. Pensa que é moleza tá de olho nos faróis de carros, suportar tanto frio na madrugada, aguentar desaforo do capitão ou cobranças da cafetina, levar porrada no olho e pontapés na bunda?...

QUIRINA

Isto é verdade! E quando amanhece o dia...? A piva, muitas vezes, não ganhou nem pro café, quanto mais pro almoço ou pra enviar qualquer coisa pro filho, que mora com a vó no subúrbio ou no interior. É ralado mesmo! Tô cansada de dizer que: quem gosta de puta é gigolô. Porque reza pela cartilha da coitada.

OLGA

Alô...Alô... Haja Deus. Esse telefone da Lady Funda só vive ocupado. Desisto. Mais tarde ligo pra ela. Gostaria que ela viesse jantar com a gente... Essa raça, quando se gruda num telefone, parece trepada de cachorro: não larga nunca. Eu hein! Me admiro da Lady Funda que reclama de solidão!! Não é mesmo, Quirina?...

QUIRINA

(Levando de volta a louça ao armário). Magina! Não sei do que se trata, minha querida irmã, Olga D'Volga, portanto... não posso e nem devo me enxerir nesse seu assunto de espírito de porco. Com certeza. Porque se fosse conversa de espírito de Natal era pura assombração. Coisa que nunca houve no Puleiro dos Anjos. Nunca! *(Sumiu no corredor da casa).*

OLGA

Tá ficando doida, Quirina? Eu hein! Eu tô falando uma coisa, você entende outra. Haja Deus. *(Vai ao espelho e comenta).* Me diga, espelho meu: por cada ruga que tenho, quanto tempo em estilhaço, vou ter que conferir, a cada passo, a minha velhice sem futuro, sem objetivo, sem perspectiva?? Que horror! Estou me sentindo como se fosse o vazio e a solidão desta sala. Talvez, como um pássaro na sua gaiola cativa, tentando voar em vão, tendo as asas feridas! *(Chorou disfarçadamente e voltou a sentar-se).* No que vislumbro, a cada espaço ou quarto desta casa, era de fato ocupado por pessoas granfinas. Gente da alta roda. Pessoas famosas. Pessoas ilustres. Todas vinham curar sua dor de cotovelo. *(Ao vê-la atravessar a sala).* Não... era mesmo, Quirina?

QUIRINA

Era sim! Isto tudo aqui já foi uma casa de atrações, muito bem frequentada por políticos, bancários, empresários, até poetas, artistas, cafetinos e devassos! E digo mais: se não fosse o procedimento escuso dessa raça, haveria um certo glamour bem mais sofisticado.

OLGA

Tem razão. Uma coisa é certa. A gente tinha um respaldo político e social pelo qual mantínhamos nossa porta aberta.

QUIRINA

E nossas vaginas escancaradas! Ocupadíssimas! *(Riram juntas).*

OLGA

Haja Deus.

QUIRINA

Eu era a preferida dos marujos por causa da fundura da minha xereca! Tudo virava uma bandalheira. Nossa!

OLGA

E eu então, menina! Era a que mais faturava no bordel. Arreava qualquer cacete. Enquanto a maioria morria de ciúmes, inveja. Era ou não era?...

QUIRINA

Era sim! Naquela época você era muito bonita, muito charmosa, glamourosa. Tinha um brilho que era só seu. Era uma rainha da noite! Todos os homens, cretinos e divinos, beijavam seus pés... Assim...

(A irmã, para reverenciá-la, estende um tapete vermelho na sala e finge ser alguém de alguma realeza. E anuncia).

QUIRINA

Senhores e senhoras, cretinos e devassos, eis a nossa rainha da cocada preta... a rainha da noite!! Cantada em verso e prosa nas letras dos boleros e tangos. Viva a nossa rainha! Olga D'Volga!!

OLGA

(Após desfilar, auxiliada pela irmã). Pensando bem. Eu era de fato rainha da noite! A maioria me adorava do mesmo modo que respeitava o meu canivete. Qualquer coisa eu metia a lâmina. Fazia logo uma bocetinha na cara!!

QUIRINA

Pior que era! Havia uma certa revolta em você que me assustava. Eis porque também eu lhe protegia do ciúme das outras. Mandava embora. Dispensava pra evitar alguma tragédia no bordel.

OLGA

Eu sempre soube disso. E sempre lhe agradei por isso!

QUIRINA

Eis porque estamos juntas. Sabes por quê? Porque a gente se respeita!

OLGA

Mas hoje, olha como estou... peito caído, bunda caída, cheia de varizes, estrias por tudo quanto é parte do corpo. Nossa! Que homem vai me querer assim, Quirina? Haja Deus.

QUIRINA

Olga! Não te frustra. Já reparou na rapaziada moderna? Hoje em dia, tem um certo gosto pra tudo, até pro que não presta. Tem homem que adora mulher obesa, recheada de gorduras, com um monte de pneus na barriga, estrias nas coxas... Ai, que horror! Era preferível morrer do que ficar deformada. Coisa que você não é, nem nunca será, viu mana. Esteja tranquila. *(Sumiu)*.

CENA 3

(Em seguida, Olga volta a pintar em tecido, enquanto Quirina entra na sala, ajeitando o vestido novo e contempla-se no espelho. Toda alegre. Otimista).

QUIRINA

Que tal estou? *(Exibiu o vestido florido)*. Bonita? Feia? Ou ridícula?...

OLGA

Simplesmente ridícula com essa flor nos cabelos! Você não é nenhuma “Maria Igarapé” da vida, pra se vestir desse jeito. Haja Deus. Vista-se com glamour, com elegância, com simplicidade. O exagero descaracteriza as pessoas.

QUIRINA

Engraçado... Você sempre foi assim. Cheia de pose, cheia de frescura.

OLGA

Eu sempre me vesti discretamente! Ao passo que você, minha doce Quirina, sempre exagerou nas coisas com esse seu péssimo gosto. Haja Deus.

QUIRINA

(Diante do espelho). Você tá com despeito por eu ser mais jovial e alegre.

OLGA

Tu juras! Só porque tu queres.

QUIRINA

Veja. Agora é que estou reparando em mim. Tenho poucos pés de galinha e rugas na cara! Pra muita gente que anda a perigo, ainda dou no couro, eu acho. Se duvidar, trepo mesmo! Mais do que Leonardo da Vince. Ora da vinte! Eu zinha dava mais do que ele... umas 30, 40, até 50 trepadinhas de

duas em duas horas... subindo e descendo essa escada, com a arrumadeira de quartos, para dar melhor conforto aos nossos clientes. Não era, Olga?...

OLGA

Haja Deus. Bons tempos aqueles, bons dias, eu diria, onde o fim do mês não era também o fim da picada!! Dinheiro não faltava. Claro que existia algum cliente mão de vaca, sovina, que nos dava um michê miserável, de filho da puta.

QUIRINA

Também era verdade. Em compensação, eles passavam uma noitada alegre, divertida, com derrama de bebidas e comida! Fora o salão de dança onde ressonavam músicas da época, merengues, lambadas, boleros que deleitavam a dor de cotovelos, dor de corno manso. *(Riram às gargalhadas).*

OLGA

Haja Deus. Se eu tivesse que repetir tudo de novo...

QUIRINA

(Interrompe). Que os anjos não me ouçam pelo que vou lhe dizer. Aqui pra nós, não existe a menor possibilidade da Olga D'Volga reverter o quadro!

OLGA

Claro que não, sua tonta!

QUIRINA

Nem poderia! Hoje, você só consegue escancarar as pernas pra mijar e defecar. Ora, me poupe! Endiabrada e fogosa como era, acabou escancarando tanto, mas tanto, que hoje tá fudida, fudidona. Sem eira nem beira. Culpa do passado, como costume dizer. De coisa mal administrada. Fazer o quê? Lutar contra o destino? O nosso destino de puta e cafetina?!!

CENA 4

(Mostra Quirina voltando a arrumar a mesa, como se fosse servir a santa ceia. Enquanto a irmã mais velha atende o telefone no final).

OLGA

Tá bom. Faz de conta que já não pertencemos às orgias da vida e que não fazemos parte deste mundo. Morremos faz tempo. Tudo começou ali, na hora que você recebeu o ultimato da justiça!

QUIRINA

Foi uma bosta! Foi muita bosta na Geni. Dívidas e mais dívidas desencavadas pela Justiça dos homens. Que grande ironia! Comeram, comeram, até se fartarem, depois cuspiram no prato que comeram. Vê se pode! E só não fui atrás do prejuízo por sua causa! Achava que era um constrangimento. Muito aborrecimento.

OLGA

O que é pior, não tinha como fazer isso! A maioria já se escafedeu. Talvez, alguns morreram de infarto ou coisa parecida!! Tenho certeza. Não vale a pena resgatar algum valor monetário por algo que nos condena agora! É simplesmente lamentável, Quirina.

QUIRINA

Eu sei que é! Mas os canalhas continuam rindo, debochando, fazendo caçoadas contra nós duas, quer dizer, cuspidos na xereca que a maioria lambuzou um dia sem fazer cara feia!! Quisera a gente poder remontar o Puleiro dos Anjos com sangue novo, gente jovem, gente afoita, moderna, pra cima! Como a rapaziada fala.

OLGA

Quem não gostaria de curtir alguém cheirando a leite? Como eles dizem: turbinado! Cheio de frescor e juventude. Haja Deus. *(O telefone toca)*. Deixa que eu atendo...

QUIRINA

Não senhora! Eu atendo. Como nos velhos tempos.

OLGA

Negativo, Quirina! Deixa que eu atendo. Nada de “velhos tempos” coisa nenhuma! Afinal de contas, não me trate como se eu fosse uma inválida... Fico embucetada com isso! Me trata como gente normal.

QUIRINA

(Largando o aparelho). Toma essa porcaria!! Não precisava me xingar à toa. Tenho mais o que fazer dentro desta casa. Inclusive, servir essa raça de soldados famintos, essa rapaziada com desejos de fome. Acabei virando...

OLGA

... uma empregada doméstica! Uma empregada neurótica, maluca, doida, que passa o dia inteiro arrumando a mesa. Haja Deus.

QUIRINA

Ah, deixa de ser chata! Eu sempre procurei servir bem aos outros! *(Vai no fundo da casa e volta com pratos e talheres).*

OLGA

Alô... Alô! Fala, coração! *(Breve pausa).* Desligou...

QUIRINA

Quem era?

OLGA

Como vou saber? Alguém, não falou nada! Parecia que estava com a língua travada no rabo, só pode. Deu um suspiro e desligou!

QUIRINA

Vai ver que só queria ouvir sua bela voz! Era um fã seu antigo, só queria saber se estava viva, foi por isso que suspirou, tenho certeza, que vai ligar de novo. Tome esta cadeira. Fica logo sentada aí pra receber o telefonema. *(A outra sentou-se e agradeceu com entusiasmo).*

OLGA

Obrigada. Deus lhe ouça. Só assim vou livrar minha xereca da ferrugem. Haja Deus. E tomara que seja o Toinho, aquele lindão do apartamento 408.

CENA 5

(Mostra Olga impaciente com a irmã num vaivém constante na sala: colocando e retirando pratos e talheres da mesa de vez em quando. Como se quisesse arrumar de novo pela derradeira vez. É uma cena patética e curiosa).

QUIRINA

Enquanto você pensa “naquilo” eu tô aqui atarefada de serviços pro jantar! Adivinha quem vem jantar com a gente? O Presidente do Brasil e a 1ª dama...

OLGA

Pare com essa leseira! Com essa paranoia de ficar arrumando e tirando talheres e pratos da mesa. Que coisa! Chega me dá uma gastura. Que horror! Haja Deus. Haja estômago pra aguentar. Égua xiri.

QUIRINA

Você tá fuxicando de mim, é? Pouco tou me lixando! Só faço aquilo que me dá na telha, não aquilo que você queira que eu faça. Faço nada! *(O telefone toca e a outra vai atender com elegância, fazendo pose).*

OLGA

Alô! Casa Funerária Pés Juntos, bom dia... Diga, meu amorrr! Em que posso servi-lo?...

QUIRINA

(Estupefata). O quê??? Já não é mais Puleiro dos Anjos? Mudou de fachada?

OLGA

Sim, sim! Claro. Mudamos de ramo sim!

QUIRINA

Mentira dela. Deve tá ficando louca. Essa égua pocotó!

OLGA

Claro que eu tou falando sério. Como? Ora! Temos caixão simples, urnas de luxo... Hein? Sim! Tem sim, para todos os tamanhos, para todos os gostos e gastos, de acordo com a vontade da família.

QUIRINA

Olga D’Volga!! Aonde você vai arranjar isso?

OLGA

Tem caixão até pra presunto, digo, defunto fino, defunto grosso. Hein?... Não! Estou me referindo a defunto magrinho, esbelto, light, e a defunto

gordo, gordão, obeso, fofo, fofão, fofinho e... Como? O quê? Vai você, cor-no manso, tu e teu defunto comedor de bosta!! Viadão!

QUIRINA

Menina! Para com isso! Seja educada. Respeite a dor da família do falecido!

OLGA

Como? É você que não presta, seu canalha! Pois sim! Quero mais que os urubus puxem as tripas podres do defunto pela rua e fiquem disputando a carniça dele no pisão, seu imoral!! *(Pausa)*. Desligou. Haja Deus. Você pensa? O pobretão queria pexinxar a porra do caixão. Pensava bem que eu ia fazer negócio com gente chinfrinha. Nunca! Haja Deus.

QUIRINA

E que ideia é essa de Casa Funerária Pés Juntos?! Que ideia lhe passou na cabeça, minha querida?...

OLGA

Simplesmente, mudamos de ramo e eliminamos o passado. Agora, em vez de acolher esses cretinos em nossa casa, vamos tratar de fazer o funeral deles!! Melhor do que ninguém, nós duas, pra realizar o desejo deles através da família ou de pessoas amigas, quando estes morrem sozinhos, no abandono.

QUIRINA

Entendi. Mas como você vai dar conta desse negócio, se não existe tal coisa aqui em casa, como??

OLGA

Não esquenta a periquita. Eu sabia que a novidade ia lhe pegar de surpresa, até pensar que eu estaria louca. Mas não estou não, Quirina. Estou sim, pensando em nós duas, sempre pensando em nosso futuro quanto à velhice. Então, pensei: meu Deus, há tanta gente morrendo de infarto e de acidente no trânsito, porque não abrir uma casa funerária decente e enterrar essa gente com mais dignidade, em vez de encaixotá-los simplesmente?!...

QUIRINA

Que horror! É, você tá certa. Então faça aquilo que seu coração mandar. Eu dou maior apoio. Estou sempre do seu lado.

OLGA

Não se preocupe com nada. Já tomei minhas providências. Você verá que é um grande negócio. Quanto mais defunto, caixão pronto! Fiz sociedade com uma funerária clandestina, e montei outros serviços com o proprietário.

QUIRINA

São sócios?

OLGA

Uma semana! E já está dando certo. Tá pintando clientes na fábrica. Agora serei uma mulher de negócio, embora diferente.

QUIRINA

Espero que não seja algo escuso ou de camuflagem pra não sair prejudicada.

OLGA

Acho que não! (*O telefone toca e vai atender às pressas*). Haja Deus. Alô... Casa Funerária Pés Juntos, bom dia! Diga, cara amiga! Em que posso ser útil, nem que seja pela última vez?!... Claro. Claro. Somos mortais sim, precisamos enterrar nossos mortos com dignidade. Como? Temos sim, uma promoção supimpa: oferecemos mulheres choradeiras, buquês de flores, seresteiros se for o caso, jogadores de baralho, cafezinho com biscoitos, além da filmagem simples, antes dos 15 minutos da despedida dos familiares, registrando tudo, até a hipocrisia dos falsos amigos. Não, o quê? Ah, sei, sei! Sua irmã só tinha amigos. Ainda bem! Hein? Quanto custa o pacote? Olha, pra você que é legal, gente fina, gente boa como se diz, eu faço pela metade do preço: 2 mil reais. Tá bom? OK! Ficarei aguardando sua visita ainda hoje. (*Desligou*). Haja Deus.

QUIRINA

Mas como?

OLGA

Sei lá! Vou dar meu jeito.

QUIRINA

Que jeito?! Bom, deixe-me arrumar meus talheres que é bem melhor. Não me meto em encrenca. (*E foi estar entregue aos seus afazeres contínuos*). Deus me livre e guarde!

OLGA

Mas não foi você mesma que falou que me daria maior apoio?...

QUIRINA

Mas não pra suas falcatruas!! Pra suas façanhas mentirosas! Pra suas investidas enganosas! Sendo assim... não conte mais comigo, viu zinha? Rainha da merda! Mentirosa.

OLGA

Mentirosa é você!! Com esse seu teatrinho mambembe!

QUIRINA

E você? Cafetina fracassada! Rampeirona decadente!

OLGA

Você sim, que é puta fracassada! Que não tem ideia pra sair dessa gaiola de vidro, sua malucona! Haja Deus, Quer saber duma coisa? Vai pro inferno!!! Com esse seu jeito de ser. Doida!

QUIRINA

Doida eu? Doida é você! Que sempre enganou a Deus e a todo mundo! Eu apenas sou vítima dos seus caprichos escabrosos!

OLGA

Vai! Xinga mais! Xinga mais, quem sempre tirou tua barriga da miséria e não te deixou faltar nada, nem roupa, nem sapato, sua cachorra!! *(A outra finge sair, pegou a bolsa e ajeitou os cabelos, quando).* Vai sair?

QUIRINA

Vou! O ar desta casa está insuportável.

OLGA

Aonde vai?

QUIRINA

Vou dar umas pernadas por aí. Talvez, encontro alguém pra bater papo, pra... sei lá, talvez pra uma fornicãozinha maneira. Bom, tô indo. Fui!

OLGA

Esperê! Eu vou com você! Não me deixe sozinha. Tenho medo da solidão!

QUIRINA

Não senhora! Comigo não! Fique aí com seus arreios. *(A outra se deteve)*.

OLGA

Não demora a voltar pra casa. Vê lá hein! Vou cuspir no chão.

QUIRINA

Pode cuspir. *(Vai e volta pra pegar a bolsa)*. Vou é cair na gandaia!! Vou dá essa xereca por aí. Chega de ficar nessa clausura. Chega!

OLGA

(Aproxima-se dela). Sabe aquela onda toda que andaram fazendo contra a nossa casa de massagem clandestina?

QUIRINA

Não! Nem consigo imaginar o que seja.

OLGA

Nem adivinha? Aquelas dividas acumuladas, desencavadas pela justiça, que a gente tinha que quitá-las uma por uma!

QUIRINA

Sim, sim! O que é que tem?

OLGA

Pois bem. Aí vendemos tudo que tínhamos e zeramos tudo também. Ficamos por assim dizer na miséria. Hoje me sinto ultrajada, ferida em meus brios, humilhada mesmo, quando esses safados mexem com a gente na rua ou por telefone atazanando-nos com palavreado besta.

QUIRINA

Eu que o diga! Agora , saí à rua por alguns minutinhos, não é que fui abordada por um jovem drogado!

OLGA

Jura?? O que foi que ele fez? Xingou você?

QUIRINA

Não!

OLGA

Enrabou?

QUIRINA

Também não!

OLGA

Então, ele não fez nada! Do que é que você tá se queixando?

QUIRINA

Daquilo que ele tentou fazer usando um gesto clássico, corriqueiro: passou a mão na minha “Josefina”, mão divina e cretina que me provocou um friozinho não na barriga, mais no fim do espinhaço, aqui, quase perto do fiofó. Bem pertinho do olho do cu. E toma jato no rabo! Era tudo que eu queria, seu fedelho. Joia. Valeu. Pena que passou!... Foi o que eu falei pra ele.

OLGA

É uma pena! Mal ele sabe o que perdeu. Uma barata funda. Fundoda e fundona!!

QUIRINA

Vá lá que seja. Mas tudo não passou de uma tremenda vontade. Se todos os caminhos nos levassem para o paraíso do amor, a fim de deitar e rolar com alguém que você gosta ou pelo menos “finge” gostar, a gente sofreria menos.

OLGA

(Abraçou a irmã). Então, meu docinho de morango! Como foi que nós duas saímos ilesas desse desconforto mundo sexual? Sem doenças venéreas ou hemofílicas! Não foi usando na época aquela famosa pomadinha chinesa e preventivos caseiros? Lembra-se disso?!

QUIRINA

Oh! E como! Graças a Deus, a rapaziada nova está protegida, hoje em dia, tem o recurso do uso da camisinha. Só não usam porque não querem.

OLGA

Porque são burros! Da mesma maneira que o sexo é algo nocivo, pode tornar-se um veneno mortal. Desses que deformam e fazem cair por terra a mais forte das criaturas humanas!

QUIRINA

Fico pasma quando estou lhe ouvindo falar com tanta sabedoria. E menos entendo porque você mudou de ramo, e o subtítulo da nossa casa de massagem. Foi alguma exigência do novo código de postura brasileiro?!

OLGA

Quem te falou isso?

QUIRINA

Eu que pensei que fosse!

OLGA

Claro que não. O puteiro informal sofreria um colapso e, imediatamente, entraria em crise. Ou seja, a putada migraria para as ruas, becos e esquinas da cidade, como era antigamente. Por outro lado, querida, a zinha aqui tinha que romper o silêncio desta casa, o mutismo das palavras, com relação a nós duas e o mundo lá fora. Já era sem tempo!

QUIRINA

Mais de 40 anos na clausura!! Tem toda razão. Em vez de ficarmos com esse papo de massagem, a gente pode agora recorrer ao carnê funerário, pra derrubar a péssima impressão que ficou sobre nossa casa de massagem.

OLGA

Exatamente. Haja Deus. Quero estar longe da famigerada orgia dos impostos e juros e correção monetária sobre o sexo livre. Eu hein! Isto fica pra turma de camelôs, marreteiros e ambulantes que enfeiam as calçadas!

QUIRINA

Concordo até certo ponto. Pois uma coisa ninguém discute: esse pessoal é vítima de uma política arbitrária, suja, de alguns políticos "bundão" que perseguem os descamisados e derrubam o camarada no comércio.

OLGA

Menina! Você defendendo aí a bandeira clandestina desse pessoal acabou se esquecendo que ia dar umas pernadas!!

QUIRINA

Ah, sim! Eu ia mesmo! Mas agora não vou. Prefiro ficar te fazendo companhia.

OLGA

Obrigada. Eu sabia que não me abandonaria nem por um momento desses.

QUIRINA

(Afastando-se dela). Deixe-me cuidar de sentir o nosso almoço.

CENA FINAL

(Enquanto Quirina prepara, pela derradeira vez, a santa ceia, a irmã mais velha atende o telefonema. Aqui, a luz vai caindo no cenário acompanhando o final da fala da personagem).

OLGA

Alô... Alô! Casa Funerária Pés Juntos... pois não, senhor! Em que posso servi-lo? Ah, sim! Nossas urnas são granfinas, chiquérrimas sim, com material de primeira qualidade. Como? Claro que são trabalhadas, artisticamente talhadas, pra nenhum defunto botar defeito, digo, nenhuma família do falecido. *(Pausa).* Sim, pode sim. Isto lhe garanto. O senhor vai adorar! Já que gosta de requinte e beleza. Pagamento parcelado? Quantas parcelas que o senhor quiser!!

QUIRINA

Meu Deus. Como é que essa criatura vai dar conta disso? Que brincadeira é essa, gente? Que papo esquisito é esse? Minha Olga D'Volga pirou de vez! Será possível?

OLGA

Escute senhor... Como é mesmo seu nome? Isto! Gumercindo Magalhães Pamonhas!! Está bem. O quê? O que oferecemos como serviços? Olha, nós temos um grupo de mulheres choradeiras, ricamente vestidas, de acordo com os recursos da família, também moças e rapazes que representam parentes que detestam comparecer a velórios e a enterros vestidos de preto, usando óculos escuros. Falam que isso é só fachada e que não são hipócritas. *(Pausa).*

QUIRINA

Meu Deus. Será, criatura, que você vai cumprir tudo isso e mais aquilo??

OLGA

(Com o aparelho ao peito). Pare de resmungar, sua barata tonta! O cliente poderá ouvir. Afaste-se daqui de perto. *(Voltou ao telefone).* Claro senhor. Eu entendo seus sentimentos. Hein? Também temos sim, um grupo de seresteiros pra cantar músicas que o falecido gostava, com direito a jogos de canastra, pif-paf durante a madrugada. Como? Também! É uma filmagem simples, sem edição, direta, mostrando as máscaras dos que lá estarão em torno do jazigo, 15 minutos antes... quanto custa o quê? O pacote? Não menos do que 3 mil e quinhentos reais, meu caro amigo Gumercindo Magalhães Pamonhas... *(Desligou).* Haja Deus. O desgraçado desligou na minha cara, reclamando que o pacote está caro e que ia pechinchar por aí primeiro. Ora, me compre um bode! Que a minha cabra está solta no pasto! Magina! Se defunto quer saber de flores e dessa frescura toda de família, quer mais é ser enterrado num buraco qualquer, antes que apodreça em cima da terra. É ou não é? Haja Deus.

QUIRINA

Bom! É o direito dele como consumidor. Quem era ele? Algum político?

OLGA

Sei lá! Talvez algum pé rapado. Com certeza. Essa gente é que vive pechinchando tudo.

QUIRINA

Querida... o almoço está na mesa. Venha almoçar! Antes que esfrie.

OLGA

(Fixou alguém na plateia). Será também verdade??

(Fechou o foco de luz).

FIM DO ESPETÁCULO

DUAS VIDAS
EM
FRANGALHOS

Duas vidas em frangalhos

Comédia - 2004

CENA 1

(Mostra dona Lenira andando de um lado para outro da sala. Depois se senta um pouco no único sofá e aguarda dona Ivana, sua irmã mais nova, que irá lhe servir um chá como calmante).

LENIRA

Meleca de vida. Uma das maiores piras que assolam este país é a dos aposentados e dos pensionistas. Também muito conhecidos como miseráveis e que fazem parte da turma da terceira idade que não lê nada, mas se deprime. De uma coisa estou certa, a nossa vida - a minha e da minha irmã - mudou e muito, como da água pro vinho. Isto, há 40 anos atrás! De lá pra cá, tudo tomou um rumo diferente e acabou tudo: o luxo, a beleza, o requinte, o glamour daquela época!! Só me restaram as lembranças e saudades daquela nossa vidinha afrescalhada... e a tentativa em vão de resgatar a casa de massagens. Vocês pensam? Hoje em dia nem convite pra festinha de aniversários no bairro, nem pra eventos sociais, culturais, filantrópicos ou até mesmo para algum velório de gente famosa. Nada. Porra nenhuma. Fomos totalmente esquecidas.

IVANA

Pronto. Aqui está um chazinho de camomila pra nos acalmar um pouco. Venha tomar uma xícara, minha rainha da noite.

LENIRA

Obrigada, minha irmã. Diga-se de passagem: eu já fui rainha!! Cantada em verso e prosa pelos poetas ou nas letras dos boleros da época. Hoje, como hoje, não passo de uma cafetina fracassada, uma rampeira da ralé.

IVANA

Não se machuque por isso. Nem se torture com lembranças amargas. Vale lembrar que éramos jovens demais, que deveríamos estar preparadas para aceitar a decadência física do nosso corpo, em vez desta contestação, deste ridículo protesto. Às vezes, fico me remoendo ao lembrar o brilho de luxúria faiscando nos olhos dos marujos, quando não uma baba elástica e bovi-

na, como diria Nelson Rodrigues, que escorria no canto dos lábios, fora a cabeça cheia de caraminholas e pensamentos pecaminosos. E o cliente estava absolutamente certo, correto sim, dona Lenira, aqui nesta casa o cliente é quem sempre tem razão.

LENIRA

Tinha. Tinha! Só que essa coisa ficou no passado. Agora passamos a viver de que? De uma pensão gorda que o nosso pai, que era militar, deixou. Isto mantém um padrão de vida razoável. Acho que ele previu o nosso futuro: esta decadência total. Olhe só pra isto, Ivana! Estas paredes nuas, sem nenhum quadro pendurado, nenhuma pintura de artista plástico, qualquer moldura que nos faça remover as lembranças do que existiu de bom, apenas este velho sofá de veludo, este cabide bizarro, esta mesinha de telefone, o velho tapete e um telefone mudo, que não toca nunca, que parece conivente, aliado ao mutismo das palavras. Que meleca de vida é esta, minha irmã?!...

IVANA

E pensar que há 40 anos nós duas nos unimos e criamos nossa casa de massagem. Eu era espiritualmente a prostituta, a melhor do bordel, a piva que mais derrubava cacete. Só que eu me apaixonava por todos. Depois, vieram as outras e encheram o salão de novos clientes, e você continuava sendo a minha cafetina.

LENIRA

Uma casa camuflada, frequentada por gente ordinária, metida a besta, a grã-fina. Hoje tem muita gente correndo léguas de nós duas, não querem saber mais da nossa fornicção, quem tem... Tem medo.

IVANA

O caso é usar camisinha.

LENIRA

Ah, Ivana! Ninguém tem coragem de convidar uma de nós duas a passear por aí para espairecer um pouco, dar umas pernadas, tomar uma estupidamente gelada, visitar o Museu, o Bosque, as galerias de arte ou curtir uma água de coco na orla de Icoaraci. *(Respirou fundo)*. Ah, mana, como seria bom!!

IVANA

Tem razão. O que menos vale são as aparências. Diante do olhar deles não passamos de um caco. Coisa usada e antiga. Entretanto, hoje o que tem valor é gente com espírito de porco e a cores, na TV, com direito a reportagem e tudo.

LENIRA

Concordo. As desculpas esfarrapadas são aquelas mesmas de sempre. Falta de tempo, falta de grana, falta de tesão e sei lá mais o quê.

IVANA

Só conversa fiada, minha irmã. O jeito mesmo é viver de lembranças daqueles ganhões cheios de grana e da catuaba. *(A outra riu).*

LENIRA

Pior que era!

IVANA

Um monte deles. Marujos, poetas, devassos, políticos, bancários, empresários, comerciantes, estivadores, enfim...

LENIRA

Até artistas, cafetinas e prostitutas de todas as bibocas frequentavam esta casa.

IVANA

Bons tempos aqueles, bons dias, eu diria. Onde o final do mês não era também o fim da picada. Dinheiro não faltava no bolso da clientela. Até homem casado vinha buscar consolo pra suas mágoas durante a semana.

LENIRA

E onde estão as dezenas deles que foram inesquecíveis amantes e maridos traídos e que foram amargamente incorporados à solidão, ao abandono, e ao desprezo, como nós duas. Nem sequer nos oferecem gorjetas mixurucas, muito embora os marginais deem maiores ofertas. Esses pichadores de paredes e muros enfeando a cidade de Belém.

IVANA

Que horror. Esses caras só fazem porcaria. Garranchos sem pé nem cabeça. O que eles fazem é pichação nojenta. Tenho certeza que no lugar de cérebro dentro da cabeça tem outra coisa, muita bosta!! Desses daí não quero ver nem a cara, quanto mais o pinto. Prefiro enfiar um cabo de vassoura. Magna! Eu passar à tiracolo com um deles por aí? Tu tá é doida, minha rainha! Discordo de sua opinião. Faltou senso de humor.

LENIRA

Tá bom. Esqueça. Faz de conta que eu não falei nada. E se nós duas corrêsemos atrás do prejuízo?!

IVANA

Mas como? São uns canalhas! Sempre vomitaram no prato que comeram sem fazer cara feia. À estas alturas do campeonato, querida, suponho que a maioria morreu de enfarto ou coisa parecida! Não sabemos deles, nem de sua sepultura, onde acender uma vela pra alma dos calhordas. Você pensa? Eu já me virei pra Rafaela – aquela menina de rua – nos ajudar a remontar a nossa casa de massagem.

LENIRA

E ela? Deu alguma resposta?

IVANA

Deu sim. Foi muito grossa comigo. Disse que não aceitava o convite porque não tinha nascido pra ser piva. E eu disse pra ela que, pra ser prostituta, garota de programa, depende de vários fatores sociais e que exige bastante coragem, em se tratando de uma profissão de risco. Coitada! A garota ficou apavorada e sumiu da praça.

LENIRA

O que é pior. Nem todas estão na rua ou na Zona porque gostam, mas sim... por necessidade. Tá pensando que é moleza enfrentar o frio da madrugada, a bandidagem lá fora, os faróis acesos em cima de você, além de levar porrada no olho, pontapés na bunda, ainda por cima, aguentar os abusos do tal coronel, o gigolô que fica com tua grana. Nossa! Na calçada, um michêzinho vagabundo, muito devagar, mal dá pro café da manhã ou pro almoço dos filhos que a maioria possui e vivem lá com a vó num bairro da periferia ou no interior.

IVANA

Bom! A Rafaela preferiu se juntar aos pivetes cheiradores de cola!

LENIRA

É a sina dela. Um ato desse em que as autoridades têm uma parcela de culpa, e bota culpa nisso!! O resto são consequências de uma péssima educação e de esclarecimento no seio da família.

IVANA

Claro que é! Essa nova geração está ameaçada e se sente perdida. O que, por sinal, ocorro também nos fins de semana nos bailes fanks da cidade ou na zona suburbana. Onde, ligadíssimos, eles se arrebetam no traseiro com essa nova dança, uma nova onda de dançar, como dizem... A Lenira já viu?

LENIRA

Já. Na reportagem da TV.

IVANA

E o que achou?

LENIRA

Uma merda. Coisa de gente doida. Mas essa "onde" vai passar como passaram as outras do nosso tempo. É puro modismo! Falta de imaginação.

CENA 2

(Tempo. Finalmente o telefone toca e ambas correm imediatamente para atender como se fosse uma disputa de corrida de automóvel).

LENIRA

Milagre Santo André. O mudinho voltou a falar depois de tanto tempo.

IVANA

Quanto tempo, meu Deus?

LENIRA

Acontece que eu peguei primeiro! Portanto, quem vai atender sou eu. Alô...

IVANA

Diga que o Puleiro dos Anjos foi reativado, que a gente tá com uma clientela muito doidona, pirada mesmo, malucona, que precisa morrer esborrachado em cima duma cama. Fala!

LENIRA

(Tensa). Só que eu não devo. Ou devo? Posso ou não posso?!

IVANA

Claro que pode! E deve! Atenda o freguês... Rápido, Lenira! Antes que ele perca a paciência de esperar pelo telefone.

LENIRA

(Assume outra postura). Alô! Casa Funerária Pés Juntos, bom dia! Pois não, senhor. Em que posso servi-lo?... *(Ivana insiste em falar)*.

IVANA

Não, sua tonta! Não transfira os signos. Chama-se Puleiro dos Anjos! Diga também que a rapaziada é legal e curte uma diferente, adoidado.

LENIRA

Alô... Estou ouvindo, sim, senhor! É que caiu a ficha. Pois fiquei emocionada com sua bela voz. Se temos urnas grã-finas? Temos sim, e são chiquérrimas! Também temos caixão comum, mas de boa qualidade, com material de primeira linha e bem trabalhado. Nossa! É quase um acabamento artístico e pra ninguém botar defeito. Como? Ah, sim! Dá sim... Dá pro cliente pagar em 6 parcelas de R\$ 1.200,00. Hein?...

IVANA

Pronto. Vai começar tudo de novo. Desta vez, Lenira endoidou de vez, transferindo o “Puleiro dos Anjos” para a “Casa Funerária Pés Juntos”. Vê se pode! Eu tenho que corrigir isso. Nem que a vaca tussa ou vá pro brejo!

LENIRA

Escute, meu querido, também estamos realizando uma promoção, com venda de flores e serviços especiais, como: mulheres choradeiras, ricamente vestidas, grupo de jovens, moças e rapazes, que representam os familiares que odeiam velório, que detestam comparecer a enterro vestidos de pa-

letó preto e óculos escuros. E pra completar o pacote: oferecemos jogo de baralho, canastra, xadrez durante a madrugada, com direito a cafezinho e bolacha...

IVANA

Lenira! Para com isso, minha irmã!

LENIRA

Não, não, não. Nesse caso não pode faltar, eu sei. Mas nós oferecemos uma turma da seresta e outra da birita pra tocar e cantar as músicas preferidas do falecido. O que? Como? Ah, sim: a filmagem nós fazemos de graça 15 minutos antes de enterrarem o presunto, digo, o defunto... Sim! Sim! Na hora em que todos choram lágrimas falsas, lágrimas cretinas, em torno do jazigo... Hein?...

IVANA

Minha irmã... não ilude o homem dessa maneira. Acaba com isso! Nós não temos urnas coisa nenhuma.

LENIRA

Quanto custa o pacote? Adivinha. Faz um cálculo. Olha! Pra você amigo que um cliente novo, faço por uma bagatela de R\$ 3.500,00. Tá bom assim?! (*Do outro lado da linha, alguém desligou*). Desligou! Falou na minha cara que era preferível enterrar o pai dele em um buraco no quintal. Mão de vaca. Um miserável.

IVANA

Quem era ele? Algum político? Algum deputado? O governador?

LENIRA

Sei lá. Faz de conta que era alguém muito importante rompendo o silêncio, o mutismo das palavras e a saudade daqueles que não amanheceram.

IVANA

Ufa! Que alívio! Pensei que fosse sobrar pra mim.

LENIRA

Magina! Seria muita pretensão sua! Quanto a isso esteja tranquila. Ninguém vai comparecer na sua cama para navegar suas pernas escancaradas.

IVANA

Ai, credo! Nem pense nisso. Hoje morro de vergonha só em pensar como era que eu dormia de barriga pra cima e as pernas na forma de cruzetas. Nossa! Que horror.

LENIRA

Dê um tempo e procure fazer uma faxina nesta casa enquanto vou preparar nosso almoço. E se o Pedro Álvares Cabral e a dondoca dele me convidarem para o jantar na casa do casal, diga que irei sim, viu! Não vou dispensar aquele cardápio. *(Sumiu no corredor da casa).*

IVANA

Essa daí pirou de vez. Haja Deus. Haja saco pra aguentar neurose de mulher da terceira idade!

CENA 3

(Ivana obedece a irmã mais velha e passa a arrumar a casa com o mesmo cuidado de aranha para evitar quebrar algo que resta. Depois de alguns segundos, o telefone toca e Lenira fica atrás da porta ouvindo tal conversa).

IVANA

Alô! Alô... Puleiro dos Anjos, às suas ordens, boa tarde! Diga. Pode falar o que deseja, meu dengo! Como? Bom! Mas hoje em dia tudo é só fachada, meu caro. Então, você não é o único nem será o último de sua geração a curtir a mulher do seu melhor amigo numa boa. Essa história vem dos tempos mais remotos. Vem da época de Cristo! Quando Jesus perdoou a Madalena impedindo que aquele povo apedrejasse a coitada, dita e havida como pecadora. Aproveita a "deixa" meu nêgo e vai fundo! A hora é esta enquanto o piru está pegando fogo na cueca. O quê? Se nós somos discretas? Discretíssimas!! Mantemos o maior sigilo. A nossa boca é um túmulo de segredos lacrados. Não passamos a bola pra ninguém não, meu filho. Tudo no maior respaldo profissional. Hein? Quanto custa uma... Uma o que, uma suruba a quatro??? Olha aqui, seu taradinho, depende muito de quem topa e gosta dessa prática! Claro que nós temos um bom cardápio de moças e rapazes vitaminados que adoram suruba! E até participam de pornochanchada. Como? O que as pessoas pensam a respeito do assunto? Olha, pra ser franca, tal preceito ficou enterrado no passado. Antes era uma coisa encubada. Hoje nessa modernidade o pessoal quer saber de soltar a fran-

ga, cair na gandaia. Hein? É claro! Desde que use a camisinha. Como assim? Ah: tava testando a minha vã sabedoria popular?! Mas que safadinho! Olha aqui, seu corno manso, seu chifrudo, vai enfiar esse pinto na puta que o pariu!!! Seu fedelho. *(Desligou)*.

LENIRA

(Sai de trás da porta). O que houve? Que gritaria é essa?

IVANA

Sabe o que o rapaz tava fazendo? Enquanto conversava comigo no telefone... O infeliz se masturbava só de ouvir a minha voz, segundo me falou. Pode? Ô juventude mais louca essa!

LENIRA

Hum! Isto é pra você vê. Cada louco com sua mania. E cada cidade tem o louco que merece!

IVANA

Eu hein!

(O telefone toca novamente. Já não é mais surpresa nem novidade. Lenira tem dificuldade em andar e usa muleta de braço, pacientemente se dirige ao aparelho que toca com insistência).

IVANA

Haja Deus. Por que não atende essa droga? Vai, Lenira, atende!

LENIRA

Meleca. A gente agora não tem sossego. Só faz entender, e cliente que é bom, neca, neca.

IVANA

Tenha paciência. Um dia vai pintar algum otário aí na porta pruma noitada bem sacana. Quem foi rainha não perde a majestade. Vai, vai, vai atender a porra desse telefone, Lenira. Que coisa!

LENIRA

Ah, meu Deus, porque inventaram o telefone! *(Pausa. Enquanto se aproxima do aparelho)*. Alô. Casa de massagem "Puleiro dos Anjos", boa tarde. O quê? Claro que voltou a funcionar a miúde. Como? Bom! É seu ponto de vis-

ta, meu bem. Claro! Mas é lógico. Percebe-se. De vez em quando, pinta alguém que curte algo novo e nos trás uma nova posição de trepar. Deseja curtir com quem? Com uma de nós duas??

IVANA

(Curiosa). Me deixa ouvir um pouquinho. Quero saber quem é ele, o otário!

LENIRA

Como? O quê? Meu Deus do céu. Então, foi você Pedrão que pagou as contas atrasadas do telefone, ainda por cima, pagou nossas dívidas básicas e encheu nossas latas de mantimentos? Claro, claro, vamos manter o sigilo. Mas em todo caso só tenho que agradecer tamanha gentileza em nome da minha irmã e em meu próprio.

IVANA

Nossa! Que barato! Adorei milhões!

LENIRA

É com prazer que aguardaremos você hoje à noite! A que horas? No mesmo horário de sempre? Último! E você como é que vai? Ainda continua queimando lenha? Jura? Verdade mesmo? Menino! Tô pasma, tô bestificada. Que danadinho você é, hein Pedrão! Quer jantar o quê? Pirarucu com coco?? Escuta, benzinho, em lugar da pizza, cerveja, pirarucu com baião de 2, por que não uma vagina num ensopado de mal de abelha, ou então, uma bunda recheada de creme chantilly com ameixas e moranguinhos? Não gostou da ideia? Prefere o quê? Frango assado? Cruzes! Então veremos. Tchau, Pedrão, amore mio... Até mais ver. Não vai deixar furo. *(Desligou)*.

IVANA

Que safadinho esse Pedrão!

LENIRA

Disse que pagou tudo isso em troca de um favor seu na rua embaixo duma mangueira ali na Praça da República. Nunca soube dele com tanta grana. Afinal de contas, quanto fatura um Guarda noturno? Ele tem que nos confessar. Vamos disputar ele numa porrinha. Ora se vamos!

CENA FINAL

(Tempo. Mudança de figurino e de luz no cenário. Algo sofisticado com um aroma forte de perfume. Ambas estão produzidas e ouvindo música ambiente).

IVANA

(Saindo pro canto). Que tal estou?

LENIRA

Você? Você tá chiquérrima, meu bem!!

IVANA

Você também! Como sempre você está deslumbrante!

LENIRA

É uma pena. A julgar pelo homem que nós duas vamos disputar. Eu hein!
A que ponto chegamos, Ivana!

IVANA

É a lei da selva de cimento e concreto, minha rainha!

(De vez em quando, ambas largavam sorrisos amarelos e voltam a sentar-se no sofá de veludo ou trocar de música, até caírem de porre de sono numa cadeira de embalo. É fim de noite. Silêncio total. Apenas uma vitrola a fazer ruídos riscando o disco: um bolero de Adelino Moreira na voz de Ângela Maria).

FIM DO ESPETÁCULO

A MORTE
DE PEDRO
MALEIRO

A morte de Pedro Maleiro

2004

PERSONAGENS

Pedro Maleiro - desempregado, bebum, jogado na sarjeta, 50 anos

CENÁRIO

Palco italiano e semiarena. Cenografia experimental destacando característica urbana, onde vê-se, ao fundo, o paredão com pichação variada, pneus velhos, latas etc..

TEXTO

Narra na trama a história de um maleiro, marreteiro desempregado, machucado pela depressão, acabou tornando-se um bebum rejeitado pela família e pelos amigos. Dessas criaturas humanas que infelizmente a gente (ainda) se esbarra por aí no meio da rua, nos becos, nas ruelas, na avenida da cidade grande, dormindo embaixo das marquises, morando em quiosques ou em mausoléus de cemitérios. Enquanto nossos políticos modernos vão pro seu apê assistir a reportagem na TV. E daí? Como mudar o quadro? A quem cabe a culpa? Aos políticos? Ou ao egoísmo dos homens?...



CENA 1

(Mostra Pedro Maleiro deitado na sarjeta, barbudo, esfarrapado feito um mendigo e doente pra morrer à míngua. Na rua, longe da família etc.).

PEDRO

O que tô fazendo aqui? E o que o senhor acha que tô fazendo aqui nesta pinóia de sarjeta, jogado fora, na rua da amargura, comendo migalhas e morando embaixo das marquises?! Sou mais um brasileiro desempregado há alguns anos e abandonado pela família. Eu falei lá pro patrão: porra doutor, porque me botar no olho da rua? Eu sempre fui um cara de caráter e personalidade. Sempre fui um bom funcionário, um marreteiro, um

bom maleiro, qual é, a sua doutor? Aí ele respondeu: a minha é concessão de despesas. Porra, quando ele me disse isso, me subiu uma raiva, uma revolta, meu irmão, que vou te contar. Aí ficou uma mágoa no peito e uma cicatriz na cabeça. Dei muitas rendas pra fábrica clandestina daquele cabra safado. Sonegador de imposto de renda. Me admiro do advogado dele que deita e rola na grana pra abafar serviços exclusivos. Xá pra lá! O que passou, passou... já é passado, quero esquecer, embora a revolta de alguns seja hoje o meu consolo em morrer no fundo do poço, ou seja, no fundo da garrafa. Aí as sanfonas vão se calar, os bares vão à pique, vão se fechar, as prostitutas vão chorar, e os devassos vão mijar em cima. E logo gritarão ao mundo, talvez um gaiato dessa nova geração soltara um berro: Ei, cara! O garrafinha morreu! O Pedro Maleiro. Paí dégua essa. *(E tomou mais um gole de lamber o beijo).*

CENA 2

(Neste instante, Pedro Maleiro, ao tomar um gole de birita lembra da mulher e dos filhos que deixou em casa sem retornar a vê-los um dia. Nem que fosse por um momento. Então chorou feito criança abandonada).

PEDRO

Vou nessa. A gente bebe pra esquecer. Que papo furado, conversa fiada! No dia seguinte a gente volta a lembrar. Vem uma secura na goela. A cabeça viaja atrás do mal hábito. A gente ouve falatório do povo contra os bebuns daqui da praça. A grana se acaba. A rapaziada nova que tá aí descola uma grana numa boa, aí dá pra encher a cara... tomar um porre sacana de abandono. Ninguém merece! Merece sim, um pontapé na bunda. Foi o que mereci da dona encrenca, ela me pegou de surpresa, me abandonando de vez por causa da birita. Seguro a você seu doutor uma coisa: eu nunca bati na minha mulher e nos meus filhos, tá ouvindo? Mas, a Mirica que já se embadeirava pra lado do seu Raimundo, nosso vizinho, falava que eu dava muito trabalho, muito vexame pra ela, além do constrangimento na vizinhança, então... *(Chorou)* resolvi morar na rua, seu doutor. Sabe por que? Porque aqui a gente não paga aluguel, nem nada, nadica de nada. A comida o povo dá, oferece. O povo daqui é bom, é generoso. Olhe, seu doutor, também tem gente sovina no meio, mão de vaca. Assim como tem gente péssima, gente mau caráter, mas a gente vai vivendo como Deus quer. Só recomendo uma coisa pra dona encrenca: a comida daqui é melhor do que o feijão com arroz da Mirica! Com certeza! Tujuras! Diria ela... *(Foi até um*

canto e abriu uma bolsa velha e contemplou uma fotografia) Ah, meus filhinhos quanta saudade! Parem com esse falatório besta! Esse daqui é o Ziza (o mais velho) tem cinco anos, esse é o Tônico (tem quatro) e essa é a caçula, a Dodó, tem três... Não deixem o papai morrer...

CENA 3

(Aqui, sequenciando a cena, Pedro Maleiro, ao beijar a fotografia tem a céu aberto uma forte crise de tosse provocada pela asma cardíaca).

PEDRO

Segura firme, Pedro Maleiro. Aguenta a crise, homem. Vai! Seja forte como foi teu pai. Encara a droga dessa crise. *(Pausa. Enquanto toma fôlego e respira fundo).* Porra. Ainda não será desta vez. Fica frio, Pedrão. Morrer faz parte da vida. E pobre morre fedorento! Mas, será que vou me apagar agora? Aqui? Com essa gente toda passando e repassando, indo e vindo, sem dar conta daquilo que tá acontecendo com a gente! Era preferível morrer em casa, fulminado, mas junto da família, dos amigos, do que céu aberto, no meio da rua, nos becos ou ruelas da cidade. Manjou?? Eu, Pedro Maleiro, muito embora capacitado, tornar-me agora um defunto chifrinho!! Na verdade, o coroa aqui merece uma estátua velada em praça pública onde o passarinho vem e caga em cima. Mas a morte que torturou Jases na cruz e no calvário, vai querer acabar com este bebum enfeitando a paisagem da cidade! Nunca falei tão sério, doutor. Pode apostar.

CENA 4

(Cena final. Mostrando Pedro Maleiro com dificuldades de andar para apanhar do chão uma fantasia de palhaço ou de pierrô abandonada na quarta-feira de cinzas. Ouvem-se batucada ao longe. Pano de fundo da cena).

PEDRO

(Vestindo-se). Ah, meu carnaval passado! Minha quarta-feira de cinzas jamais esquecida! Ah, minha linda fantasia de palhaço ou de pierrô pulando, dançando, brincando de alegria na última escola que desfilou!!... Em lugar da mortalha, paletó surrado, pijama velho, deixe experimentar uma dessas fantasias abandonadas na rua. Assim que nem eu! Esta aqui de palhaço cai bem. A dona encrenca diria: palhaço, a vida inteira, foi o que ele sempre foi! E, não se esqueça de dizer, chifrudo também, corno manso. Seja feliz

Mirica com o tal de Raimundo, bom de boca, bom de rola, não foi isso que você disse?... Se tem coisa pior do que isso, só praga de mãe! E mãe escrota. Sacana. Olhe, seu doutor, pouco antes de eu morrer, daí uns 10 minutinhos, confesso que corri atrás de emprego, procurei, procurei... nada. Só promessa, vem amanhã, vem depois, que puta merda. Quem vive de promessa é santo de igreja. Tenho mais é que subir. Nessa eu danço.

(E dançou numa batucada de samba, depois tombou, caiu ao chão, num íntimo turpor de amargura e dor).

PEDRO

Meleca de vida. Oh, morte muito sábia, muito justa! Um cara sem destino, sem futuro, um resto mortal. Um canalha. Um covardão. Ratos, formigas e baratas roerão meus ossos. Ninguém chorará por mim. Talvez Mirica quando escrever o meu epitáfio “Aqui jaz nessa quimera/ Alguém que foi tudo na vida/ E que agora já era!”. Mas acabo indo. Sem dor nem coro de gemidos. Apenas este frio, muito frio nas entranhas.

(Tentou ajoelhar-se em vão. Queria levantar o corpo. Então passou a deambular um pouco no chão buscando forças).

PEDRO

Meu Deus. Minhas pernas estão fracas. Estou me acabando de vez. Oh, Senhor meu Deus! Quem sou eu para ir contra teus desígnios? O Senhor é que manda no pedaço, quero dizer, neste planetinha de bosta! Perdão. Desculpe. Eu não queria falar isso, acredite. Mas acontece que a gente fica até sem paciência pra morrer quando a gente saca que o Senhor, como o único criador do Mundo, foi também apunhalado pelas costas por essa raça humana. Transformaram esse mundo num grande circo onde fui um grande otário, um palhaço nesse picadeiro, o de menos graça que já vi! Já vou, já tô indo... Doutror, cuide da minha carcaça... não deixa a molecada zombarem de mim... nem permita que os urubus fiquem rasgando minhas entranhas e disputando no pisão... Fui! *(Após isso, ouvem-se uma ambulância).*

(Aqui sobe uma música de meditação ou reflexão sobre o assunto. Enquanto a luz cai no cenário).

FIM DO ESPETÁCULO

BAR DO
PARQUE

Bar do Parque

1997

PERSONAGENS

Vários

CENÁRIO

Bar do Parque e adjacências da Praça da República.

TEXTO

Uma crônica sobre a cidade de Belém, capital do Pará, conhecida mundialmente como a “cidade das mangueiras” do “açai” e do “tacacá” e do “bar do parque” que serve de fundo de cena para contar um pouco da sua história ora recontada por pessoas e artistas que nasceram no início do século, nasceram, viveram e testemunharam o que já fomos, o que somos e o que podemos ser.

Bar do parque, também é a homenagem deste velho poeta e dramaturgo, que inclui num roteiro sobre a minha, a nossa e a sua declaração de amor por Belém durante 365 dias do ano. Uma cidade envolvida de encantos, encontros, desencontros, paixões, amores, histórias e nomes, como Eneida de Moraes, Fafá de Belém, Leila Pinheiro, Nazaré Pereira, Lindanor Celina, que deixaram a cidade para ganhar o mundo da fama, reconhecidas por sua especialidade no Brasil e exterior. Belém esperançosa, caprichosa, vaidosa, porque parece que se remoça a cada ano.



CENA 1

(Amanhecida outra noite, surge um pequeno grupo de rapazes alegres e duas mulheres, que se aproximam do garçom, que por sua vez parece atarefado limpando as cadeiras em torno do bar que está em movimento de freguesia).

RAPAZ 1

Garçom! Vem cá... vem cá, gente boa. Serve uma dose pra nós. Uísque...

GARÇOM

Nacional, evidente? ...

RAPAZ 1

(Com deboche). Adivinhão! Olha bem pra nossa cara. A gente tem cara de bancário pra fazer derrama de uísque, tem Zé Mané?

GARÇOM

Desculpe, senhor. Não quis ofender ninguém.

BICHA 1

Olha a carinha dele margarida - que - perdeu a vida, a gente!

BICHA 2

Tadinho. Olha os olhinhos de bandido que ele tem, não é uma gracinha?

BICHA 3

Vai amoreco, vai ver o uísque. Faz teu serviço. Traz a garrafa que essa turma aqui não é de brincadeira.

GARÇOM

(Retirando-se). Sim, senhor, é pra já.

BICHA 3

Escuta aqui bofe, não chame a mim e nenhuma das minha amigas aqui, de "senhor", isso nos ofende profundamente. Eu sou uma lady, e foda-se o resto, viu queridinho.

GARÇOM

E tira gosto? Que tipo preferem?

RAPAZ 2

Rapaz, serve qualquer um! Desde que não seja algo estragado.

BICHA 1

Eu preferiria que fosse o “seu” (*Palpando-lhe as entranhas*), mas parece tão murcho, tão passado, tão démodé... que prefiro qualquer coisa, mesmo.

GARÇOM

Olhem o respeito comigo! E as duas distintas aí? ... que preferem?

MULHER 1

Eu? Tá falando comigo?

RAPAZ 2

Fala, né Zezé. Diz alguma coisa que é pro cara se mandar daqui, senão, o cara não vai fazer o que pedimos.

MULHER 1

Nada de importante a declarar, a não ser o meu amor por ela (*Abraça-se a outra mulher e a beija na boca*). E demais, cara. A gente se curte numa boa, sem caridade, sem preconceito dessa raça. Né não, Rosa?

MULHER 2

(*Encabulada*). Mais ou menos. Agente só veio se ver. E ver o Flor também.

BICHA 1

(*Fazendo frescura*). A mim? Ai, que boazinha ela é! Que gracinha da mamãe! E, desde já, fico cheia de saudades de você (*Tocam gentilezas*). Tu és mesmo muito bacana. Bacanérrima.

MULHER 2

Também te acho o máximo. Faz bacanagens com a gente, quando a gente precisa ficar a sois.

GARÇOM

Com licença... vou, vou buscar o uísque, o tira gosto. (*Vai e volta*).

RAPAZ 1

O que ouve?

GARÇOM

Não tem uísque. Nem nacional.

RAPAZ 2

Nem cerveja?

BICHA 1

Uma caninha pura. Uma caipirosca. Cai legal.

RAPAZ 1

Toma. Leva a porra da grana. Enche a porra dessa mesa com bebidas. Vai! Diz lá pro porra do teu patrão que eu tenho dinheiro o bastante pra bancar qualquer derrama no caralho desse bar, ora porra. Já mandei qual é a dele. E a tua cara, qual é?

GARÇOM

Eu sou novato aqui. Preciso desse emprego.

MULHER 2

Pois então. Traz cerveja pra gente. E biritita pra essas danadinhas.

BICHA 2

Vai, cara. Safa a nossa, que a gente safa a tua gorjeta.

GARÇOM

Tá legal. Cerveja mesmo? Pinga não temos. Acabou.

TODOS

(Quase ao mesmo tempo). Traz cerveja...

GARÇOM

Quantas?

BICHA 3

Todas, benzinho. Adoro cerveja.

CENA 2

(O garçom conversa com o patrão e este libera o movimento de venda de bebida no bar. Neste instante, alguém surge travestido a la Rodolfo Valentino. Há um certo glamour na sua postura. Homenagem ao "Patelo" figura elegante e refinada que frequentou o bar do bar do parque tempos idos).

GRETA GARBO

Ei garçom... traz um uisquezinho pra tua Greta Garbo.

GARÇOM

A dose de sempre?

GRETA GARBO

Hoje não, hoje tenho motivo para comemorar o meu sucesso como profissional e como pessoa de fino trato.

GARÇOM

Vocês aqui mandam e a gente obedece. Como preferir.

GRETA GARBO

Gostou do meu visual? *(Mostrando-se para ele).*

GARÇOM

Tá legal. Tô achando bonito.

GRETA GARBO

Querido... hoje estou esperando alguém para comemorar a minha vitória profissional como criador de grifes belíssimas. Também quero bancar cervejas para todo mundo.

GARÇOM

Pra todo mundo?

GRETA GARBO

Acho que falei claro. Hoje eu pago tudo. Meu querido, chama toda essa raça e avisa pra beber de graça que a Greta lá do bairro do Jurunas vai pagar tudo. Anda, vai! Chama essa bicharada toda da praça para encher a cara... por mim e por minha conta, vai, chama!

GARÇOM

(Saindo pra "avisar"). Com licença.

GRETA GARBO

E mais, meu amor, diga a estes homossexuais despeitados, que Greta aqui vai dançar um tango para eles e elas em praça pública: aqui no terrasse do Bar do Parque.

GARÇOM

Ulalá. Vai ser joia. Vai atrair freguês (*Sai*).

CENA 3

(Sequenciando a cena, o Garçom saiu abrindo cervejas e servindo a todo mundo, inclusive turminhas indesejáveis para ele).

GARÇOM

Pessoal, hoje vocês vão poupar a grana de vocês.

BICHA 1

Cruzes, como assim?

GARÇOM

Vão beber sem pagar. Alguém vai bancar tudo pra todo mundo.

RAPAIZ 1

O quê? Quem é o otário?

RAPAIZ 2

Quem é esse santo milagreiro “papudinho”? ...

GARÇOM

É uma santa. A Greta Garbo.

BICHA 2

Ah, logo vi. Tinha que ser a madre Tereza de Calcutá.

BICHA 3

A bicha adora aparecer. Faz qualquer coisa pra mostrar seu glamour. Nisso ela arrasa.

(Nesse instante, alguém atravessa a praça e vai se sentar no Bar do Parque, atraindo a atenção da turma).

BICHA 1

Quem é o bofe na outra mesa? Olhem discretamente. Reparem: tá espian-do pra cá. Parece atraente.

MULHER 1

Mas não é pro teu bico, não. Aquele ali já tem dono: o Tavico aqui.

RAPAZ 2

O quê? O carinha lá, também é? ...

MULHER 2

É seu prato predileto.

BICHA 1

Mona mesmo, Tavico?

RAPAZ 1

Bichona. É gente fina. Caixa alta.

MULHER 1

Doutora em engenharia. Arquiteta. De carrão e tudo. É faca de dois gumes. Trepas com mulher, tem quatro filhos, mas gosta de soltar a rodinha. O Tavico aí fez uma bacanagem com ele.

BICHA 2

E ele? Te pagou direitinho?

RAPAZ 1

Claro né, xará.

BICHA 3

E foi legal?

BICHA 1

“Isso” aí levantou pro veado? *(Referindo-se ao sexo dele)*. Tais fodido.

RAPAZ 1

Fudido por quê? Não tenho preconceito, cara. Quando tô afim de grana, baixo o pau no rabo desses caras. Querem saber de uma coisa? Ainda vou ser dono do maior motel de Belém?

MULHER 2

Não é má ideia. É o que tá dando hoje em dia. Muita grana, chove lá dentro, né benzinho.

BICHA 3

E quando precisar duma recepcionista ou arrumadeira de motel, é só contratar os serviços desta negrinha aqui. Também sei de etiquetas e pregá-las nas roupas de cama. Magina amorrr. A própria Gilda Medeiros iria desmaiar ou morrer de inveja quando visse sua amiga ex-miss da Tocha Olímpica, metida nesse paraíso, com certeza, a Gilda dramática como ela é, acabaria caindo escada abaixo, assim... *(Os outros riram da imitação grotesca)*. Sabiam não? Mas a Gilda Medeiros só foi Miss Pará naquela época por causa de sua costureira, que na marra boicotou o seu vestido de organza francesa... cor de abóbora... lindérrimo.

(A cena é interrompida pela voz do locutor anunciando o show de Greta Garbo no quiosque. A luz cai no cenário e tudo se transforma em espetáculo).

LOCUTOR

Atenção, atenção pessoal. Um pouco de silêncio, por favor. Temos hoje uma grande atração em homenagem aos 381 anos de fundação de Belém. Hoje, esta cidade de chuvas e mangueiras tem um pouco da sua história recontada por pessoas e artistas que nasceram no início do século, nasceram, viveram e testemunharam o que já fomos, o que somos e o que poderíamos ser. Belém tem histórias e nomes, como Fafá, Nazaré Pereira, Leila Pinheiro, Lúcio Mauro e tantos outros, que deixaram a cidade, para ganhar o mundo da música e das artes cênicas. Bom, deixamos de trololó e vamos ao que nos interessa... pra vocês... no palco... o glamour de Greta Garbo em... **TANGOLOMANGO**. *(Ocorre um número de dança etc.)*.

CENA 4

(Após o show, o poeta – aqui representando Rui Barata –, vem estar no Bar do Parque acompanhado de uma prostituta que, por sua vez, vasculha seus bolsos).

POETA

(De pilequinho). Tá procurando o que? Dinheiro?

PROSTITUTA

Marmota. Por que tu foste beber, cara?

POETA

(Recitando uma poesia). Ouve só este menestrel... Na mesa do Bar do Parque deixei meu jeito de andar nas ruas nas vésperas de morrer... e nunca morro quando me abandono no óleo do cais... onde me assassino na praça na véspera da inauguração da placa de bronze.

PROSTITUTA

Porra, cara. Poesia não enche barriga. Logo mais tu esqueces quem te ama, pois, o pessoal da seresta chega e tu esquece a garota, as mágoas.

POETA

Esqueço não. Comigo é diferente.

PROSTITUTA

Diferente por quê?

POETA

Diferente, por quê? Porque sim, porque sou poeta, porque eu adoro ela...

PROSTITUTA

Já vi que tu não é macho pra encarar essa situação assim de frente.

POETA

Vai pros quintos. Piva escrota.

PROSTITUTA

Não tive sorte hoje. Logo com um poeta! Tenho que batalhar, cara, senão amanhã não tomo café.

POETA

(Retirando moedas do bolso). Aqui têm uns trocados... acho que dá pra comprar pão e café...

PROSTITUTA

Tás fazendo gozação da minha cara, é poetinha de meia tigela? Porra tenho um azar danado. Égua é meu. Sempre ouvi dizer que todo poeta é bicha.

POETA

Vai te fuder, piva escrota. Cabaço estragado. Eu sou o que sou. E tu, és o que és, não vais mudar nunca.

PROSTITUTA

Reage, cara. Não fica fantasiando muito a vida.

POETA

Cai fora. Te manda. Cai fora, porra, vai chupar rola por aí... me deixa sozinho, quero ficar sozinho, eu e meu poema... Canção de Amor Maior.

PROSTITUTA

(Saindo de cena). Aí vem tua turminha afrescalhada, a turminha da seresta.

POETA

(Batendo palmas ao vê-los). Ulalá. Bravos. Bravíssimos.

SERESTEIROS

(Intercalados). Ei Ruizinho, faz um verso aí pra gente colocar música... canta teu pranto poético... já tá de pileque Ruizinho? Quem vai te levar para casa? ...

POETA

O luar. Vou nas asas do luar. E vou chegar mais rápido que vocês todos. Afina... vamos lá, afina a viola da boemia. *(Recita).* Foi quando o meu poema ficou inacabado naquela mesa de bar... e o amor, que durou tão pouco, na paixão alucinada dos ateus, agora se desgasta... por esse amor maior que passa e por esses sonhos que forma meus.

(Ao término da seresta, o poeta e os outros amigos seus atravessam a praça passando entre a turminha da Bailique e os travestis da praça).

JOVEM 1

(Chegando de algum lugar). E aí rapaziada? A pescaria tá boa?

BICHA 4

A “pegação” tu queres dizer... tá tudo em cima, tá na mão.

JOVEM 1

Ainda bem, bicha. Hoje tô afim dum otário. Um gringo.

BICHA 5

Passa o pano, meu bem. Vá à luta. A praça é nossa.

POETA

(Ao passar). Isto aqui já foi bom. Agora tá sendo frequentado pelo lixo humano. É lamentável. Até que eu gosto delas, mas elas são tão vazias, cabeça oca.

JOVEM 2

Quem é esse cara? Qual é a do coroa?

BICHA 6

Tu és novata aqui, ainda não o conheces. Mas é um poeta, um cara legal com a gente. De vez em quando, quando a barriga reclama, ele paga um lanche pra gente.

JOVEM 2

Não fui com os cornos dele. Parece um dedo-duro.

JOVEM 3

Mas não é. É o jeito do cara. Deixa pra lá. Esquece. Vamos ao que me interessa. Escuta Márcia, dá pra descola uns dólares?

BICHA 6

Quanto?

JOVEM 3

500 dólares.

BICHA 6

Uau. Mas isso não é um empréstimo, é uma facada na bunda, meu bem. Nem minha bundinha é de ouro para poder cobrar uma grana preta dos gringos.

JOVEM 3

100 reais? Faz isso pelo seu gatinho, diz que faz.

BICHA 6

Toma (*Entrega-lhe o dinheiro*). Depois eu quero retorno, a minha recompensa, viu seu danado (*Ao vê-lo indo embora, sem se despedir*). Tá vendo como ele é? Só quer extorquir meu mísero dinheirinho.

JOVEM 1

Bom, a conversa tá boa, mas vamos à caça. A praça tá cheia de gringo otário, laranja. Olha lá, um deles, corre atrás Margot. Passa o sarrafo no cara. Leva ele para trás do quiosque ou do chafariz, vai bicha... (*A outra obedece*) ... e as Messalinas e as Lucrécias estão aqui “prontinhas” para darem o bote.

BICHA 4

Olhem outro lá, bem ali, por detrás das mangueiras. Agora, é a minha vez. Vou fazer com ele aquilo que combinamos.

BICHA 6

Não te esquece, Mary Morrô. Tu leva o cara praquela moita acolá... finge que tu vais arrear a calcinha, depois tu pega no pau dele e fica massageando até o cara gozar na tua mão, aí a gente entra em cena como se diz, entra em ação: dá uma cacetada nele só pra desmaiar o cara e afana toda a grana dele.

BICHA 4

Por Deus, gente, não vão sangrar o cara. Tenho HORROR a pancadaria, a violência, meu amorrr. Chega de encrenca com a polícia.

JOVEM 2

Vai logo. O otário tá te chamando. Tiveste sorte hein Mary! ...

(*No meio da cena, entram dois pivetes desconfiados e falando para todos eles ouvirem, numa xinga conhecida*).

PIVETE 1

Tu sacou ó Rafa, que a muamba tá escondida na noite?

PIVETE 2

Saquei. Tá na raiz da mangueira.

PIVETE 1

Então vai lá e descola ela pra mim. Não deixa o samango te ver.

PIVETE 2

Por que tu não vai, cara?

PIVETE 1

Tu não visse? O veado do samango tá de mutuca em mim, manja só. Não vou poder sair daqui agora. Fico aqui perto das meninas pro cara não desconfiar. Vai lá e apanha o embrulho.

PIVETE 2

Tá safo. Vou lá. Mas não arreda o pé daqui.

PIVETE 1

(Dirigindo-se aos travestis). Oi, meninas. Vamos dar uma fornicadinha. Quem topa?

BICHA 6

Eu - zinha. Adoro fazer a linha maternal. Adoro chupetinha. Vem cá, meu neném. Mamãe tá aqui... prontinha pra dar de comer...

PIVETE 1

Valeu tudo. Serviço completo.

BICHA 6

Quanto paga?

PIVETE 1

50 paus. Topa?

BICHA 6

Topo. Vamo nessa.

PIVETE 1

Peraí, calma. Tô aguardando um lance aí com o baitola do Rafa. Porra. O cara tá demorando, égua meu.

BICHA 6

Outra mona?

PIVETE 1

O Rafa? É sarro meu. Mas ele não curte essa onda. A gente é como irmão, ali, unha e carne, olho por olho, dente por dente. Qualquer coisa meto bala na boca, aonde der. Né bandalheira.

(Simultaneamente, do outro lado da praça, ocorre uma tragédia com o garoto Rafa ora assassinado pelo policial à queima roupa, com arma silenciosa).

PIVETE 2

Esse nego Tiago é flórida. Onde achar a porcaria da muamba? Droga aqui não tá. Nem aqui. Como é que eu vou achar a porra desse “bagulho” ... nesse escuro...

POLICIAL

(Surpreendendo-o). Que faz aí agachado, pivete? Nessa atitude suspeita!

PIVETE 2

Eu? Eu nada. Tô achando um jeito de cagar... aqui. Só isso *(E despiu-se para “fingir” que estaria defecando)*. Seu guarda, me faça um favorzinho, me dê aquele pedaço de papel pra limpar o...

POLICIAL

(Chutando o papel para longe). Vou dar nada porra nenhuma. E tu pivete vai fazer cocô agora no céu das formigas, seu maconheirozinho safado *(E dispara no peito dele)*. Cão danado. Morre ó infeliz. Menos um pra sujar essa cidade.

(Ao assistir de longe a cena, Alabar, que toma conta da praça e vigia sua tropa de travestis no comércio do sexo e das drogas, aproxima-se sorrateiramente para ameaçar o policial).

ALABAR

De longe eu vi tudo. Por que fez isso com o garoto, seu canalha? Eu vou denunciá-lo pro teu chefe.

POLICIAL

Cala esse teu bico. Senão, vai sobrar pra ti e pra tuas amiguinhas.

ALABAR

Veremos. Nós somos a maioria contra vocês. Mas na hora do pega pra capar, somos nós que vocês procuram para descarregar seu cafajeste (*Reparando no cadáver*). Pobrezinho do garoto, só queria aliviar a dor de barriga, seu nojento.

POLICIAL

O que tá feito, não tá por fazer. Acho que aliviei o carma dele (*E some entre as mangueiras*).

ALABAR

Miserável. Bandido. Onde estará o amiguinho dele? Acho que vou telefonar pro IML ou camburão da prefeitura para retirar o pobrezinho daqui. Corte na cena, foco noutra.

CENA 5

(Mostra uma seresta no bar. Há um clima de festa e algazarra. Uma prostituta que conversa com um gringo e um pivete em busca do paradeiro do outro. Ninguém viu, ninguém soube nada dele).

PIVA

Violência tem sim, mas eu não tenho medo não. Tenho medo é de amanhecer na calçada sem nenhum tostão furado no bolso, sem grana pra pagar o colégio de minhas duas crianças, Fábio e Flávia; ele tem dois anos, ela tem dez.

GRINGO

Eles morrer com quem?

PIVA

Com a avó. No subúrbio de Belém. Quero ver eles estudando. Já basta a burrice da mãe. Quando eu morrer, se souberem de mim, vão se orgulhar da mãe que tiveram. Sou honesta. Não tenho encrenca na polícia.

GRINGO

Oh, esquecer esse assunto. Chuparrrr pau. Terrr medo desse vara aqui? (*Exibe o tamanho do pênis*).

PIVA

Gringo safadinho. Tá vendo essa língua? (*Exibe a língua*). Não tem calo, não. Sou puta sim, mas me dou valor. Sou boa de tudo, meu amoreco, faço um

serviço completo, mas não chupo, a não ser picolé. Nem roubo ninguém, como as outras por aí.

GRINGO

Oooh. Tá mais certa você, ok? Vou pagarr michê alto. Parecer moça boazinha você. Eu gostar de amiguinha. Mas amiguinha vai gemer em cima desse pau, ok?

PIVA

Duvido. Quero é ver. *(Rindo)*. Essa tabaca...

GRINGO

(Sem entender a palavra). Ésse tabaco?

PIVA

Não. Essa tabaca... essa xereca... essa buceta aqui, é mais funda que o poço artesiano lá de casa.

GRINGO

Oooh. *(Rindo)*. Amiguinha é muito fundura... vai éste afogar pombinha minha.

PIVETE 1

Vocês viram o Rafa? *(Não obtém resposta. E vai consultar outros fregueses)*. O Rafa passou por aqui? ... Ele é um pivete encardido, cheio de brotoeja na cara... mordida de carapanã.

MULHER 3

Cai fora, pivete. Vai pra casa. Vai dormir

PIVETE 1

Eu só queria saber do meu amigo Rafa. A gente tá com um lance aí, mas, ele até agora não pintou no pedaço.

MULHER 3

Vai ver que desistiu e foi embora pra casa.

PIVETE 1

Esse baitola... esse fresco... vou atrás dele e vou encher a cara dele de soco *(Some no cenário)*.

(Tempo. Música. De repente arma-se uma briga, uma confusão entre homens, mulheres e travestis da praça, tiros e cadeiras. Noutra plano, um gigolô querendo sexo de graça com uma prostituta).

MULHER 4

(Prostituta). Trepas de graça? Não trepa não. Nem pensar.

GIGOLÔ

Fala baixo, fala baixo comigo. Senão, te taca a mão na cara.

MULHER 4

Bate vai. Bate na minha cara. Mas contigo não trepa.

GIGOLÔ

Vem cá, piva escrota...

MULHER 4

Larga meu braço, cara. Larga, seu porra. Tá me machucando.

GIGOLÔ

Não largo enquanto tu não ceder. Quero fazer uma bacanagem e tu fica botando banca comigo, safada.

MULHER 4

Cara, vai te embora. Me deixa em paz. Pensa que é moleza estar aqui na calçada, enfrentando o frio da madrugada? Pensa que tô aqui por que gosto? Tô não, cara, tô não. Eu tenho a minha mãe, que está velhinha e doente e mais quatro filhos...

GIGOLÔ

(Interrompe). Chega. Não estou a fim de ouvir tua história melodramática. É tudo igual. Tô mais a fim de comer esse teu rabão e tu fica aí me enrolando. Tu não vai querer me deixar com o pau na mão, vai? *(Pausa. Enquanto ela pensa numa resposta qualquer).* Olha, tu leva o relógio, é folheado a ouro, tá na garantia.

MULHER 4

Firmeza. Depois eu te devolvo o relógio, quando tu me pagar.

GIGOLÔ

Correto. Gigolô, como eu, não tem igual. Bom papo, boa pinta.

MULHER 4

Anda, vem pra cá... *(Conduzindo-o para um canto escuro)*. Aqui no cantinho escuro da mangueira é o melhor lugar. Arreia a calça. Bota essa rola pra fora.

GIGOLÔ

Aqui? Em plena praça? Tás doida.

MULHER 4

Ora porra. Tu querias o que? Um quarto, uma suíte presidencial, com sabonete, toalhas de veludo e tudo?

GIGOLÔ

Mas aqui?? Com o povo passando pela praça? ...

MULHER 4

Ninguém vai perceber. Eu já tô acostumada.

GIGOLÔ

(Encabulado). Porra. Mas assimmm.

MULHER 4

Cara, esse teu relógio não paga nem a minha taxa daquelas da Mãe Santa e da Alabar. Se vou dar quase de graça, seu gigolô fracassado, tem que ser no mato, no coreto da praça, atrás da moita de capim, na escadaria do Teatro da Paz, enfim, aonde der e vier.

GIGOLÔ

Como cachorro no cio? Deixa de papo furado sua fresca... tu vais querer desfeitear da minha cara, sua puta relé?

MULHER 4

Vou. Vou sim. Toma de volta essa porcaria de relógio. E vai trepar com a tua mãe! Aquela "santinha do pau oco".

(A prostituta vai saindo para um lado da praça, quando de repente. É agarrada pelos braços e esbofeteada pelo gigolô. A mulher grita e pede socorro aos seus amigos).

GIGOLÔ

Sua piva escrota. Vou te fazer engolir isso. Pilantrona.

MULHER 4

Me larga! Me larga, porra! Eu vou chamar as outras.

GIGOLÔ

Chama. Vai, chama. Sua vagabunda. Vou acabar com tua raça!!

MULHER 4

(Aos gritos). Aiiii meu braço. Socorroooooo. Lola, Alabar, Macapazão. Socorroo, Gabi, Guabira (os outros correm pra acudir, livrando-a do massacre).

GIGOLÔ

Piva nojenta, safada.

ALABAR

Larga ela, cara. A gente vai acabar contigo.

LOLA

Solta, que é melhor pra ti, cara.

MULHER 4

Lola, tu que luta karatê, derruba esse gigolô pobretão. Dá uma rabiola nele. Esse cara queria me roubar. Esse filho duma puta. Veado. Chupão. Pomba molhe.

(O gigolô tenta livrar-se das ameaças de lâminas e canivetes correndo em ziguezague pelo palco e todo mundo da briga. Ouve-se a sirene da polícia chegando no local).

POVO

(Fechando o cerco). Dá uma facada na bicha, cara, deixa de ser frouxo... cai de pau nesse cara, Gabi, dá porrada nele... joga essa bicha na vala, no valão da Doca... soca, isso, soca a cara dessa piva... Alabar, me dá a faca, quero enfiar no bucho dele.

ALABAR

(Entregando a faca). Enfia no duro, mesmo. Sangra agora, vai, enquanto ele perde as forças. Ataca.

LOLA

Faz só uma bucinha na cara dele. Não precisa matar.

PIVETE 3

(Correndo para avisar). Cuidado, rapaziada. Olha a polícia vem aí. Olhem o camburão chegando. Fugam! Fugam, seus otários *(E fugiu também).*

(Feito isso, a rapaziada se espalha pela praça e os policiais só conseguem levar preso o gigolô que está caído no chão e um travesti).

POLICIAL 1

Estejam presos.

POLICIAL 2

Safados. Queremos manter a ordem nesta Praça e vocês ficam bagunçando com tudo, com a cachola da gente, porra.

POLICIAL 1

Qual é, hein cara? *(Deu um soco no estômago do Gigolô e outro na bicha).*

TRAVESTI

Ai. Não precisa de violência. Credo. Me larga, seu guarda. Eu só tava apreciando a briga.

GIGOLÔ

Mentira desse cara. Esse cretino mais os outros tavão querendo me assassinar.

TRAVESTI

Magina. Nem gilete nós usamos, seu guarda, como é que a gente ia matar um pilantra desses, que precisava de facão e não de canivete. Ele tava querendo roubar a piva, aí a piva, tá sacando, meteu o cacete nele.

POLICIAL 1

Vão dormir no xilindró. Subam no camburão.

POLICIAL 2

Vamos, vamos. Vão os dois pra delegacia.

TRAVESTI

Calma, bofe. Eu vou. Não carece empurrar. *(Ajeitando-se toda e mirando-se no espelhinho).* Deixe-me ir ao menos do meu estilo, jeitosinha. Magina. Como

vou encarar o delegado, como vou chegar numa delegacia desse jeito, meu amorrr? Ah, não. Quero manter a pose.

POLICIAL 2

Larga de frescura. *(Deu um empurrão nele que desabou para frente, quase tropeçando).*

TRAVESTI

Eparrê. Filha de Iansã não cai, escorrega, mas não tomba, e minha Pomba Gira é muito amorrr. Não há de ser nada, meu amorrr. *(Somem no camburão).*

CENA 6

(Tempo. Madrugada. Música. Um maluco da praça que toca realejo passeia entre os transeuntes. Uma atriz ou ator travestido de "Fafá de Belém" num encontro impossível com a famosa "Arara" professora aposentada).

POETA

(Recita o que escreveu). Na mesa do bar da noite como quem apareceu na hora marcada da inauguração da placa de bronze. Naquela mesa, naquela noite, daquele dia... a minha mágoa só afoguei no fundo do copo depois que ateei fogo no poema inacabado *(Os amigos o aplaudiram e lhe abraçaram emocionados).*

RAPAZ

Porra, cara. Tu és demais.

MOÇA

Poema lindo. Fiquei emocionada.

POETA

De onde estão vindo?

RAPAZ

Duma festa. Perdemos o ônibus.

MOÇA

A gente te viu aqui sozinho e viemos te fazer companhia.

RAPAZ

Até amanhecer. Podemos?

POETA

(Balança negativamente a cabeça).

MOÇA

Não se importa mesmo? De verdade? Oh, que ótimo, que felicidade de estar ao lado de um poeta como você *(Nesse instante, entra a Fafá e sua turma de seresteiros).*

POETA

Olhem quem vem lá... a Fafá e sua turma! *(Convida-os).* Ei Fafá, traz teu pessoal pra nossa mesa. Será uma honra para nós.

FAFÁ

Menino! É mesmo? Isso é uma maravilha!

POETA

Te apresento os filhos da minha secretária *(Piscou para ambos desfazendo a postura de namorados).* Otávio e Lena.

MOÇA

Muito prazer. Sou sua fã.

FAFÁ

É mesmo? Eu nem sabia! *(Cai na gargalhada característica).*

RAPAZ

Muito prazer. Pouco ouço teus disquinhos na rádio, mas tens um repertório legal.

MOÇA

É que ele só gosta de fank.

FAFÁ

É mesmo? *(Rir).* Tem um puc- puc- puc infernal! Que dá no saco.

MOÇA

Também acho. Mas estás ótima de aparência.

FAFÁ

Acha mesmo?

MOÇA

Tá com menos peito, menos barriga, só a perna que continua fina e a boca larga, imensa.

FAFÁ

É mesmo queridinha? *(Rir)*. Não quer ver meu útero também? Olha que eu mosto hein!

POETA

Que será de nós, sem a tua voz Fafá? *(Beijando-lhe as mãos)*.

FAFÁ

Menino! Sempre poetando, né Ruizinho? Também nessa praça tem tudo e de tudo um pouco: pederasta, travesti, poetas e loucos, puta, políticos, devassos, artistas, atores, funcionários, gente pública.

POETA

(Apontando com a boca). Por falar em gente pública, aí vem um a delas...

FAFÁ

Ah! Essa é folclórica, que nem a Maria Igarapé! *(Alusão)*. Sabiam que ela foi minha professora escolástica? *(Citar nome do colégio)*.

ARARA

(Aproxima-se). Madrugada bonita, meu poeta. Não repare não, que eu estou meio de pilequinho. Pode me dizer onde fica o banheiro?...

FAFÁ

(Antecede, fazendo gozação). No rumo da venta... bem na direção do seu narigão. Arara, arara.

ARARA

(Indignada). Arara é o xiri da mãe que não trepa mais. *(Ao poeta na mesa)*. Mas quem é essa peituda que me apelidou?

POETA

Não tá conhecendo a bela voz, a gostosa risada, que só ela possui?

ARARA

Confesso, meu menestrel, que não sei de quem se trata.

POETA

É a Fafá de Belém.

ARARA

Ah, é a Fafá! A minha ex-aluna! (*Reparando nela*). O que você tem de peito sobrando, com certeza, está faltando na xereca.

FAFÁ

(*Rir*). Ela não mudou nada.

ARARA

Mas menina, nos dá uma colher de chá. Canta alguma coisa pra nós.

FAFÁ

Quem canta os males espanta e a perna levanta, não é verdade? ... (*Rindo. Abraçada a ela*). Minha doce Arara, o que seria desta Belém sem a tua graça sacânica?

ARARA

Mas eu sempre fiz parte da história desta cidade desde os primórdios tempos do governador Magalhães Barata, Zacarias Assunção e tantos outros políticos que só faltaram lambe meus pés porque eu sabia do podre deles. Eles dependiam da minha eficácia como professora, para angariar votos, para eles, em época de eleição.

FAFÁ

Então, minha doce Arara, afoga as mágoas que a noite é uma criança já dizia o poeta Vinícius de Moraes, depois toma banho de cheiro-cheiroso pra matar esse catíngoso (*Bate de leve na vagina*). Gente... vou cantar primeira gravação que estourou no Brasil. (*Ela ia cantar, quando*).

ARARA

Não. Agora não, fala. Deixa eu ir primeiro ao banheiro (*Vai e volta aborrecida*).

FAFÁ

Arara! Que foi?

ARARA

Porra. Tem um bando de veado lá dentro fazendo “pregação”, cheirando mijó, fazendo “sabão”. Nem deixam a gente mijar.

RAPAZ

Bateu em porta errada, minha tia.

ARARA

Um bando de frescos, podendo trabalhar, pegar pesado. Ficam se lambendo e se lambuzando. Vôte. *(Grito)*. Quero mijar. Quero mijar.

FAFÁ

Mija aí, mulher. Deixa de chilikues. Uma como eu já tinha tirado água do joelho. Não se lembram quando mijeí no salão da Assembleia?

ARARA

É mesmo! *(E se agacha atrás da mesa)*. Agora, canta.

(Na medida que a cena da cantoria vai desaparecendo, noutra área de ação, vai surgindo outra situação na cabine policial da praça).

POLICIAL 1

Libera essa safada. Deixa essa filha da puta ir embora para vida dela.

POLICIAL 2

(Tirando-lhe as algemas). Vamos ficar de olho em ti. Qualquer atrito, a gente te prende.

SAPATÃO

Tá legal. Tu és gente fina, cara.

POLICIAL 1

Mas antes, tu vais lamber meu colhão e chupar minha rola.

SAPATÃO

Essa eu pago pra ver. Me solta! Me deixa!

POLICIAL 2

Vou fazer gostar de homem. Anda, chupa. Chupa, porra.

POLICIAL 1

(Livrando-se deles e ameaçando com um canivete). Agora, mete a cara. Experimenta! Vem, anda. Pula em cima, seus porra!

POLICIAL 2

Rapaz, vai te embora. Ninguém vai fazer nada contigo.

POLICIAL 1

Só queria te dar um susto.

SAPATÃO

Cafajeste. Ó, um aviso: da próxima vez, que vocês tirarem sarro da minha cara, me mantendo presa aqui nessa cabine por causa de maconha, eu juro, por tudo que é sagrado, vou arrancar teus olhos teus olhos com esse canivete. Aí, tu nunca mais vais sacaniar comigo, nem com as minhas colegas, seus nojentos. *(Sai de cena).*

POLICIAL 2

Sapatão desgraçado. *(O outro ri).* Tu ainda rir? Essa filha duma puta pensa que é dona da zona do meretrício. Ela vai se fuder na minha mão, tu vai ver só.

POLICIAL 1

Toma cuidado. Todo cuidado é pouco com essa gente. Senão, ela te estripa. Tu não visse como ela reagiu rapidinho?

POLICIAL 2

É, ela é perigosa. Mas olha aqui pra ela: saque, trape, sape! *(Simula tapinhas na cara do outro).*

POLICIAL 1

Ih, rapaz. Você também?

POLICIAL 2

(Falando grosso). Eh, porra. Eu sou é homem. Sou macho.

CENA 7

(Sequenciando a cena, noutro lado, o poeta sentado sozinho na mesa escrevendo seu derradeiro poema).

POETA

Sou o vindimador de minhas próprias vinhas amargas... o que fizeram com os meus olhos não importa... minha canção tem sabor de liberdade e acorda girassóis que dormitam entre as mangueiras da avenida... pois nesse maldito Bar deixei meu poema inacabado num fogaréu.

MARIA IGARAPÉ

(la passando em direção ao Bar do Parque quando).

POETA

Psii. Vem cá ó Maria de Igarapé! Senta aqui. Me faz companhia. Vamos papear um pouco.

MARIA IGARAPÉ

Então me paga um lanche. Tô com a barriga na miséria. Os caras não querem nada comigo.

POETA

(Chamando). Garçom! Faz favor, serve um lanche gordo pra ela.

GARÇOM

Sim, senhor. Aqui o senhor manda e não pede *(Retira-se e volta depois com o lanche).*

MARIA IGARAPÉ

Esses caras só querem sacaniar comigo, é por isso, que encho a cara de cachaça e rodo a baiana pra cima deles. O dinheiro que é bom, neca.

POETA

Sempre te vejo assim aborrecida. Parece amargurada. Angustiada.

MARIA IGARAPÉ

Alguma vez o poetinha já foi abandonado no altar da igreja no dia do seu casamento pela pessoa que mais amava? ... eu já! Não é fácil segurar essa barra. A gente fica encaralhada, com um nó aqui ó na cabeça.

POETA

E agora?

MARIA IGARAPÉ

Agora fudeu-se tudo. Não tem mais caminho de volta. A vida, meu poetinha, será cada dia mais difícil. Um caralho.

POETA

A moral como é que fica?

MARIA IGARAPÉ

A moral que se exploda! Ainda mais a moral do povo brasileiro com o surgimento da AIDS no país. Essa peste do fim do século parece desestimular as pessoas para o sexo. Ninguém deseja mais trepar com alguém. Ai, que HORROR!

POETA

É só usar camisinha. A fé é necessária. O sexo é necessário. O amor é necessário. A luta pela Vida é necessária.

MARIA IGARAPÉ

Em que foi que erramos então? Mudar o mundo é possível?!?! Mudar o que está ao alcance das mãos? E o que é que está ao alcance das mãos, hein poetinha? (*Apalpando-se por inteira até ficar semidespida diante dele*). Isto aqui. Esse peito que ele chupou? Esta tabaca enrabada. Essa bunda de celulite. Isto é normal? É?

POETA

Calma. Ter paciência. Bebe um pouco de refrigerante.

MARIA IGARAPÉ

(*Saindo de cena*). Quero não. Vou me arreando pro meu reduto: Sacramento, onde nasci e fui gente fina. Tchau hein poeta! Obrigada pelo lanche. Te devo uma trepada.

POETA

(*Rindo baixinho*). Não senhora. Não me deve nada (*Amassa um papel e atira fora*). Farei outro poema muito melhor.

(Numa outra extremidade da praça, próximo ao Bar do Parque, uma mãe que negocia prostituição com suas duas crianças que, por sua vez, disfarçam vendendo bombons por aí).

MÃE

Venham cá, vocês dois.

FILHA

Sim, mamãezinha querida?

FILHO

Diga, mãezinha.

MÃE

Tá na hora de vocês pintarem no apartamento daquele cara. Façam tudo que ele mandar. Obedeçam. Não sejam malcriados. Certo? Não quero ouvir queixas contra vocês, bom! Se possível, lambem seus pés, chupem o pau dele, quanto mais o rabo dele, mas não apareçam aqui sem grana, tão ouvindo?

FILHO

Sim, mamãezinha querida! Eu mais a mana fazemos uma suruba com ele, numa boa, só não podemos é atravessar a maconha dele para o apartamento do amigo dele.

MÃE

Isso! A mamãe não tá podendo trabalhar tão cedo por causa do reumatismo e da asma cardíaca, é por isso que a mamãe precisa vender e corpinho de vocês pra gente poder sobreviver. *(Finge chorar).*

FILHA

Não chora não, mamãezinha querida.

FILHO

Pare de chorar, senão a gente chora também.

MÃE

Tá bom, tá bom. Vão se embora. Vão depressa. Não demorem. E não vão pedir nada pro cara. A grana ele já adiantou, agora cumpram a parte de vocês.

FILHA

Tchau, mãe.

MÃE

Não se esqueçam: vou ficar aguardando vocês aqui.

AMBOS

(Saindo e voltando). Mãe... mãe...

MÃE

O que foi agora?

FILHO

O meu pipo. Esqueci do meu pipo na sacola.

FILHA

Vou mijar. Vou tirar água do joelho, como a senhora diz.

MÃE

Arre égua. Que pipo que nada! Que mijar coisa nenhuma! Vou tacar o chinelo em vocês. Vão se emboraaa!!! *(Eles saem correndo).*

FILHO

Corre mana, corre... a mamãe vai nos bater... corre, sua molenga.

(As duas crianças correram para atravessar a rua entre a romaria de faróis acesos em meio a neblina da madrugada, quando um carro em disparada lhes provocou um acidente fatal aos olhos da mãe que grita desesperada).

MÃE

Olhem o carro! ... cuidadooooo!!!... *(Noutro plano de ação).* Eu não me perdo por isso. Eu mereço ser incendiada em praça pública. Que Deus me castigue até a morte. Eu mereço... eu mereço... *(Corte em cena).*

CENA 8

(Tempo de outubro. Tempo de Círio de Nazaré. Neblina caindo sobre o túnel de mangueiras. O poeta reaparece no Bar para o último gole para comemorar o baile das "Filhas da Chiquita": uma espécie de grito de carnaval no mês de outubro que antecede a quadra nazarena. Onde todos comparecem em massa para prestigiá-las, inclusive, os artistas).

POETA

Olhem só! As “filhas da chiquita”, todas elas bem bacanas, bem bonitas! Saltando a franga! É isso aí moçada! Desta vida, não se leva nada, a não ser porrada.

TODOS

(Fantasiados, brincando, pulando, sambando).

Vamos nessa, minha gente
Hoje Belém é nossa!
O que é barato, é da praça,
Tem folia na praça pra você curtir,
Ontem a vida me levou o sorriso
Quando foi preciso a gente se divertir...
Viva Belém! Belém das mangueiras!
Belém das buraqueiras, do patchuli! *(Bis).*

(O bloco vai sumindo pela praça até final de madrugada. Próximo ao Bar do Parque, estão os pederastas que se alcunham de Alabar e Macapá negociando os bofes da praça. Estão em planos e focos individuais).

ALABAR

Ei bofe, ei você gracinha! Não quer afogar o ganso, numa boa, numa naise? Cobro em reais, garotão. E você coroa bonitão, enxuto e elegantíssimo? Não tem nenhuma preferência? Alguém que possa lhe deixar extrovertido. Não fique encabulado. Hoje em dia todo mundo dá. Quem não dá? Nem que seja uma vizinha só pra experimentar uma diferente. Olha, tenho bofes lindíssimos, limpíssimos. A bicha Macapá é que oferece coisa horrorosa.

MACAPÁ

Os marginais que a bicha Alabar sustenta na casa dela, jamais serão donas da madrugada, a não ser meus lindinhos. Homens másculos e pimbudos. Marca boa. Dessas que satisfaz qualquer uma de nós. E, bicha, leva um pra casa e curte adoidado. Vale a pena. O cara faz tudo numa cama. Alabar morre de inveja desta mona aqui por não conseguir negociar bofes lindos, olhe só, olhem para este... o Silvinho menino lindo gatíssimo, quem dá mais? Quem dá mais? Outro bofe lindo... o Laércio! Gostaram? Só transa com camisinha. É o famoso “pica de ouro”.

ALABAR

Veado despeitado. Cafajeste. Acabou me roubando Silvinho. Essa Macapá me paga! ... pois ela que se cuide porque vou botar pra fuder aqui na praça. Eu é que tenho os meninos mais lindos desta Belém. E ela? Que bofes ela tem? Tudo gente da terceira idade, um asilo. *(Ri com deboche)*. Hoje eu acabo com aquele veado.

(Sequenciando a cena, a bicha Alabar com a bicha Macapá. Procuram entrar em entendimento. Há anos disputam o espaço físico da praça agenciando os rapazes alegres. A princípio tem-se a impressão que ambas vão aos tapas e puxões de cabelos. A cena é engraçada. Todos correm pra ver).

ALABAR

(Com punhal em punho). Vem cá, sua linda bicha velha. Chegou a hora de nós duas ajustar as contas.

MACAPÁ

(Idem). Não vem que não tem. Não tô a fim de encrenca com ninguém. Cai fora da minha área.

ALABAR

Tá com medo? Mete a cara, anda! Bicha velha sua capivara filha da puta. Vou te mostrar quem cisca melhor o terreiro. Anda, vem!

MACAPÁ

Não vem que não tem, já disse! Grito um baita hip-hurra aqui na praça e tu vais parar no Presídio São José.

ALABAR

Pago pra ver. Tomara que tua sacanagem não piore a sua dor de cotovelo. Bicha louca. Só assim, acaba com a tua frescura contra a minha pessoa.

MACAPÁ

Escuta veado, tais pretendendo tirar os casais de namorados que eu programo na praça? Se fizeres isso, vai dar na cadeia pra ti. Sabe como é, eu conheço um coronel da PM que pode muito bem te colocar no xilindró.

ALABAR

Tudo bem. Pagarei pra ver. Mas antes de começar a vomitar os teus venenos contra os meus garotos, eu venho te propor um acordo. *(E guardou o punhal na bolsa a tiracolo).*

MACAPÁ

(Faz o mesmo acordo). Acordo?!

ALABAR

Pois é, menina. Uma espécie de trégua entre nós duas.

MACAPÁ

Puxa! Até que enfim! Falamos uma linguagem civilizada. Já não era sem tempo. Mas você bicha é que anda se esquivando, se escondendo atrás das mangueiras e quiosques para não falar comigo. Que bobagem!

ALABAR

Não senhora, era você. Com essa tolice de andar dizendo que os meus rapazes eram traficantes de drogas.

MACAPÁ

Mas porque você me insultava também com sua falação na praça. Eu ficava cega de ódio, invocada mesmo, com a tua descarração em dizer que eras mais veterano que eu!

ALABAR

Cruzes, menina! E por que diria? Não sou, nem pretendo ser um matusalém da vida. Isola. E isso te tortura? ... babona. Vem de lá um abraço, anda... deixa eu abraço andar ... deixa eu abraçar a minha velha amiga de guerra *(Se abraçam dando-se tapinhas nas costas e beijos).*

MACAPÁ

... nem provocam colisão. Bom, mas a proposta do acordo, bicha valho-nos, quem agora, no pedaço?

ALABAR

Ah, sim. Negócio seguinte: se a gente bobear, der bobeira pra samango ou pra maconheiro safado, nós duas é que vamos presas. Eu explico. Com essas histórias AIDS os motéis estão em crise, os homens que trepavam adoii-

dado não têm perspectiva, daí achei de inventar e lançar um “Vale cucêta” tem dado o que falar na roda. É promoção porreta. O vale cucêta tem o valor de 50 a 100 reais por noitada alegre, em motel e tudo.

MACAPÁ

(Vão saindo, lado a lado, papeando). Chique. Unidas então. Conta comigo.

ALABAR

Com o fim da nossa “guerrinha pessoal, temos tudo pra transformar nosso Coliseu, daqui da praça, numa ruína folclórica”.

MACAPÁ

Oh, caramba. *(Sumiu).*

CENA FINAL

(Amanhecendo outro dia. Manhã nebulosa com pingo de chuva. Final de farra. Final de movimento no bar. Ainda resta, o último freguês, aquele que dorme embriagado, emborcado numa mesa de bar. Cena corriqueira e patética).

PROPRIETÁRIO

(Esticando o corpo e bocejando). Ramiro... recolhe as cadeiras. Fecha o Bar. Vou dormir um pouquinho, depois eu volto. Passa a chave a Joana.

GARÇOM

O que é que eu faço com ele? Patrão! *(O proprietário deu de ombro e foi embora).* Te acorda, cara. Tá na hora de fechar o Bar. *(Josias aparece).*

JOSIAS

Deixa o cara. Te manda. Deixa que eu assumo esta manhã.

FIM DO ESPETÁCULO

O BERRRO
DO SILÊNCIO

O berro do silêncio

2006

PERSONAGENS

Ernestino - jovem

Vozes em off - inquisidores

CENÁRIO

Um quarto de rapaz solteiro, onde vê-se uma cama desarrumada, um cabide para pendurar roupa, chapéu, boné ou guarda-chuva, tendo muitas bugigangas espalhadas pelo chão dando a impressão de bagunça, onde ocorre o espetáculo. As paredes são revestidas com papel de parede americano, se preferir, podendo usar outro recurso cênico, com elementos visuais.

O TEXTO

Narra o conflito de um jovem viciado em drogas, ora coagido pelo medo de servir a carreira militar sob a pressão psicológica dos pais e da sociedade castradora de valores. Encerrado em seu “pequeno mundo” ele passa a ver o mundo que não gostaria de ver e nessa “viagem” quer fugir, mas não consegue. Não consegue porque não sabe dar amor e sofre com isso, tornando-se cúmplice da solidão e do isolamento social. Em sua vida angustiada ele vive em conflito consigo mesmo, sem saber o que deseja, sem ter nenhuma opção ou escolha por livre arbítrio, então passa a travar uma grande batalha entre o vício que o leva à loucura, ao desequilíbrio, onde o desejo possessivo de morte o induz ao ato suicida cometido no final. Ato este em que ele, Ernestino Góes, supunha ser executado pelo seu melhor amigo de infância – o Labareda – senão, por ele próprio como resultado de sua fértil imaginação. Onde, o berro do silêncio se calou para sempre. Será?

O Autor



CENA 1

(Tempo. Entra música de efeitos sonoros ou percussão causando suspense na cena. É madrugada. Ernestino anda de um lado para outro no quarto. Não consegue dormir. A luz do amanhecer adentrando a janela, aos poucos, vai substituindo a penumbra que havia no quarto deixando a ver agora o jovem Ernestino sentado em uma cadeira respondendo algum interrogatório. Parece aparentemente assustado e inseguro).

VOZ EM OFF

Como te chama?

ERNESTINO

Eu?

VOZ EM OFF

Sim. Como é teu nome?

ERNESTINO

Meu nome? Meu nome todo? ... verdadeiro? ... *(Fez-se silêncio)*.

VOZ EM OFF

(Gritando). Fala teu nome?

ERNESTINO

Meu nome... engraçado ... todos me chamam de Ernestino ... Ernestino Gó-
es. Tendo por sobrenome da Silva ... Júnior Oliveira ... Pereira, tanto faz.
Mas foi um apelido que meus pais me botaram, quando estavam vivos. Só
sei que tenho medo.

VOZ EM OFF

Medo?

ERNESTINO

Muito medo.

VOZ EM OFF

E de que você tem medo?

ERNESTINO

Eu não sei. Tenho medo do homem que violentou a borboleta. Medo dos que praticam pedofilia destruindo com a pureza das crianças. Medo do preconceito contra os negros, contra as pessoas deficientes; contra os idosos. O medo dessa gente que mora em nossas casas, atrás das portas, em nossos jardins, em nossa rua. E tenho medo de perder esse meu próprio medo! Pois não fui eu que escrevi as Profecias nas pedras, nem fui que extrai delas o leite, o mel... foi JESUS. Esse cara bonachão. Esperto. Tem cada lance Dele que me amarro de montão. A gente curte Ele adoidado.

VOZ EM OFF

Hummm. Menos mal. Você acredita mesmo em Deus ou no Diabo?

ERNESTINO

Carrego Deus aqui ó, no coração. Cara, só Ele compreende as falhas humanas do Homem. Seu santo nome será sempre respeitado no mundo inteiro e nossa devoção nos leva a crer que todo mal passará e haverá Paz um dia. Por enquanto, a Paz só existe na palavra paz e não há Paz na Palavra, quando os mananciais vão secando e as águas dos rios sendo poluídas. E vamos beber o quê? Urina? Oh, Deus. Cuidem da água senão o rio se acaba. Gostaria tanto de ver um Mundo diferente, harmonioso, humanitário.

VOZ EM OFF

Final dos tempos. Cada um fará sua parte. Salve-se quem puder! Vem cá, por que não seguiu a carreira militar, de acordo com a vontade do seu pai?

CENA 2

(Neste instante, Ernestino parece enlouquecer de raiva, tem uma crise de histeria e se imagina chicoteado pelo pai diante da proposta de "servir à pátria". Coisa literalmente impossível para ele desde a infância. Sai quebrando seus brinquedos de estimação. Completamente revoltado e indefeso. Ouve-se a explosão de bombas e canhão em campo de batalha. Fruto de sua imaginação).

ERNESTINO

(Em transe). Meu Deus. Eu tenho horror a guerras e a tudo que cheira material bélico. Eu não quero servir à Pátria, meu pai. Diz pra ele, mãe. Explica pro pai.

VOZ EM OFF

(Chicoteando). Por quê? Fala! Por que hein seu froucho??? *(Repete três vezes).*

ERNESTINO

(Quase sem forças para reagir). Porque não quero. Só isso. Não vê que querem transformar o mundo num esgoto de sangue. Prefiro morrer à míngua, neste quarto onde me tenho por inteiro, completamente despido de suas maldades, meu pai.

VOZ EM OFF

Por quê? Por que hein seu froucho?

ERNESTINO

Meu pai ... ainda sou jovem. Tenho sonho, tenho ideias. Como posso soterrar os meus sonhos nos escombros de uma guerra? Me diga! Se soubesses o quanto desejo ver o mundo que eu não gostaria de ver, não estaria aí “forçando” e me “obrigando” a ser aquilo que não quero, nem rola na minha cabeça. Pai ... eu nunca seria um bom soldado ou um voluntário da Pátria ... meus tímpanos estourariam só de ouvir o barulho das bombas e dos canhões, aí me achariam estendido e apodrecido no campo de batalha, segurando uma carta na mão jaz esquelético. Percebe?

VOZ EM OFF

(Saindo). Froucho. Você é um froucho. Por que lembra disso agora?

(Corte: foco em)

CENA 3

(Feito isso, tudo o que é passado volta à tona na vida atual do jovem Ernestino, que sonha com um futuro melhor para a humanidade nesta terra de ninguém. Porém, seu “mundo” vive cercado de fantoches e divagações mudando radicalmente seu comportamento mediante à sua filosofia de vida e de pensamentos. Entra efeitos de percussão).

ERNESTINO

(Tenta experimentar, vestir a farda e, ao mesmo tempo, rejeita). Olha cara, independente do que eu sou, não sou parte de coisa alguma que jamais se reparte como algo. Uma obra de arte por exemplo *(Aqui ele forma uma postura ridícula de algum “quadro” sobre Monalisa)*. Ou uma velha casa de velhos herdeiros que vemos disputar suas velhas paredes e suas velhas portas *(Montou algo semelhante)*. Os homens enlouqueceram de vez e se fazem de vítima para assassinar seus familiares ou seus patriarcas a fim de ficarem com tal herança. Olha ca-

ra, aqui dentro, no quarto, no meu mundo, estou salvo de alguma ameaça de morte ou de qualquer suspeita que as pessoas possam levantar contra mim. Eu me pertencço a mim mesmo, pois o homem é prisioneiro de si mesmo e incapaz de escapar a essa prisão. E quando estendo a minha vida no varal da existência e ninguém toma conhecimento dela. Tudo porque sou diferente. Assim como estendo os medos, as paixões, os instintos de liberdade provocando anarquia e baderna no mundo inteiro. Enfim, um mundo em que uma ou mais pessoas tiranas infernizam a Vida a três porradas...

VOZARIO EM OFF

(Intercaladas). ... a paulada ... a pedrada ... a chicotada de ódios ocultos atrás dos gabinetes e na escadaria dos palácios.

ERNESTINO

O crime premeditado, cogitado, pelas pessoas frustradas que encerram com seu ódio o ato da vingança. Cara, há quem queira saber da minha verdadeira identidade: se sou anjo ou Demônio. Que importância tem isso agora? Estou dentro da imaginação de todos: em cada Porto...

VOZARIO EM OFF

(Barulho de rua). ... em cada Poço ... em cada Corpo ... em cada Raiz.

ERNESTINO

Há quem peça pelo amor de Deus que morra o joio e o trigo que existe na minha mente. Pode?

VOZARIO EM OFF

(Todos na rua, uníssonas). NÃO! Nem poderia. Seus cartolas burraldos.

ERNESTINO

Tenho culpa se fui gerado no escuro das veredas ou nos quilombos da Vida para punir suas entre aspas? ... Morra sim, os agouros, as tristezas, os fantasmas que povoam sua mente e habitam no cais dessa espera por ninguém a provocar suas asperezas. Pessoas, morrei por mim? *(Súplica).* Pessoas ... Pessoas, morrei por mim, que vim do nada e voltarei ao nada do jeito que nasci. Meu Deus. Onde e como semear este poema? ... Num mar de isopor e acrílico? ... Nem sei como usar uma arma: um rifle, um revólver, uma faca! Estou isento dessa loucura.

(Corte: foco em).

CENA 4

(Tempo. Entra a música de meditação. Ernestino percebe entre a fala e o riso a navalha na carne remontando o vício das drogas na figura do "diabo". Invisível à sua frente, deambulando pelo chão como algo anímico numa degradação humana).

VOZARIO EM OFF

(Uníssonas, barulho no bar). Toma, Ernestino. Pega o fumo. Você vai ficar numa boa, cara. Vai curtir. Experimenta. Vai!

ERNESTINO

Não. Não quero. Não insiste, cara. Fica na tua. Não sei se devo te dizer isso, mas me atrevo a falar: a carícia de suas maldades não poderia aliviar em mim tão entristecida memória. E tão clara a paixão pelo ódio que o ócio de seu peito traduz, que me dá arrepios, calafrios. Nem tenho o tempo do mundo – que tempo terei? – para pensar dez vezes! Morrei por mim pessoas maliciosas, que o mundo ardente de guerras e guerrilhas invocam o crime numa só voz.

VOZARIO EM OFF

(Multidão na rua). Quebrem de pau essa cara. Quebrem esse cara. Quebrem!

ERNESTINO

(Fugindo de algo). Morrei por mim, pessoas que nasceram para a prática do Mal. Em sua morte expressam a inocência do meu mundo. Morram, morram, e há de arder em chamas o desamor deste Inferno que inventaram para implodir o meu corpo. E não voltem à terra.

VOZARIO EM OFF

(No meio do trânsito). Não. Nunca. Jamais.

ERNESTINO

Pessoas, vou lhes confessar uma coisa. Por sua culpa e de penosa alma o meu coração está gelado como vinho. E tão inútil quanto aquele que bebe o sangue da noite que escorre na vala, nos esgotos a céu aberto. Ou dorme em branca cadeia, onde os nossos deuses picharam as paredes com ternura e descerraram as grades de ferro e nos ofereceram taças de licores e manjás do céu. Pessoas, atentem: por causa de suas maldades habitadas em suas entranhas, eu sou o começo de uma sombra no fim da escada...

VOZES EM OFF

(Nos palanques ou tribunas).

... eu sou a escada e o fim dessa sombra!

(Intercaladas).

- Eu sou a sombra e esse fim que se arrasta como serpente expelindo veneno!

- Eu sou tudo isso e o veneno dessa serpente!

ERNESTINO

Ra! Maldita serpente! Assim como o homem de negócio com suas tabuletas de preço a respirar indiferente à pobreza. Ou fabrica brinquedos de guerra para alimentar os sonhos da Infância que perdi no menino que fui. Por Deus, desçam o alçapão de suas memórias e me devolvam os sonhos que foram meus.

(Corte: foco em)

CENA 5

(Tempo. Ernestino toma a postura de uma criança que vai pra cama: ajoelha-se, anda de joelhos até ao pé da cama, reza e se deita. Em seguida, tem pesadelo, onde a figura materna o obrigaria a desfilar pelo colégio no mês de setembro. Coisa que lhe provoca certa aflição e insegurança).

ERNESTINO

Oh! Mamãe. Mãe! Mamãe. Eu sei que existe um céu nas alturas e um Inferno nas profunduras da terra, assim me ensinaram nas igrejas, nos templos de oração, nos colégios por onde passei, nas cavernas e bares. Talvez um Deus que manda e desmanada como um senhor de engenhos... ou como o Sol que apoquentas as flores na primavera ou como a Lua que continua inspirando os poetas. Também sei que este ou aquele crime hediondo na ponta do sabre ardido de febre de morte, faz parte do trauma gerado na infância. Na infância que não era minha, mas que podia ser a sua. Ei, mãe... olha eu aqui. Tô errando o passo? Não? ... E a bandeira tá firmeza?

(Aqui, desfaz o "quadro" da parada escolar, sequenciando a coreografia da guerrilha em que todos caem por terra, metralhados).

VOZES EM OFF

(Intercaladas).

Neura. Só neura. Cara, que besteira.

Há sacanagem igual? A gente vive, a gente morre. Ou morre porque vive. E vivemos como pequenos vermes ou como tubérculos que almejam seus desejos de morte, sem conhecer a liberdade do voo de pássaros.

Nem o perfume das pétalas, nem o cheiro no verde das folhas, nem o cheiro da terra molhada, depois da chuva...

Cara, nossas rosas rubras são tristes assassinas de antigas manhãs e tudo isto ficará na saudade.

ERNESTINO

*(Sobe por um balanço improvisado por ele e brinca). É bem verdade que há pessoas que nunca nasceram com os olhos, porque nunca enxergaram ou simplesmente não queriam ver, outras que não se movem por nada, a troco de nada, outras que não mastigam aquilo que lhe foi negado, pois a palavra NÃO a ninguém consola, nem leva ninguém a lugar nenhum. Lembrem que meu coração está gelado como uma pluma! Onde as mãos aplicam golpes às carnes desnudas em que outros seres poderiam viver mais tempo, o meu puríssimo calor humano só propicia as flores de um mundo sem pecado. Cara... não fui eu quem inventou as leis desse país sem lei e sem bandeira habitando nossa alma e negando-me sua clemência. Cara, o fogo que purifica minha memória rasgando-me o peito à luz do sol, desterra em mim os campos de batalha, as almas que se abraçam de solidão sem nome. Lá fora, não tenho sequer algum itinerário, nem experiência alguma para minha sobrevivência, se aprendi apenas a usar esta arma porque me ensinaram. Sou um otário. E quando me perco em mim até me perder de vista pra nunca mais *(Aqui, ele fica pendurado de cabeça para baixo, depois atira-se ao chão e se arrasta feito lagartixa).**

CENA 6

(Tempo. Música. Cena final. Todo homem fica coagido diante do desconhecido. O desconhecido é um desafio que absorve e aclara o homem que tem por destino a sina de cultivar sonhos. Jovem ou adulto, branco ou negro, num só corpo, num só espírito).

VOZES EM OFF

(Intercalados, no telão com figuras ensombradas).

Não são vocês às sombras de seus crimes que me colocarão no exílio ou deterão o meu destino cristalino, transparente...

Vocês que são obrigados a viver num mundo apodrecido, onde inventam deserto de que nenhuma criança consegue brincar de infância, se toquem, porque jamais me ditarão ordens, nem saberão o destino de um homem. Nunca.

Nunca. Jamais.

Pessoas, se deem conta, esse mundo é digno de pena. E assombroso simplesmente.

A quem cabe a culpa? ... Às famílias gerais? ...

Aos muros altos? ...

À cerca de arame farpado? ...

Ao verde da mata?

ERNESTINO

(Debilidado). Lembrem que meu sangue e meu corpo a mim pertence. Como pássaros que voam com o nome de poente, aurora ou de gênese. E morram, se puderem, como flores que crescem para dentro de si mesmas. Morrammm que eu duvido! E deixem que eu me repouse nos ventos e durma nas ondas sonoras do mar que tem por segredo os cochichos do rio que deságua no dentro de mim. Deixem eu curtir a dor, o silêncio dessa clausura imposta pelas suas espadas, na forma de sonhos e alucinação. Morram que eu duvido! E deixem-me sonhar na relva pura, molhada de neblina, sem punhal cravado no peito. Morram, e deixem eu me guardar de seus milênios. Ah, plenitude do dia em que me fizeste criança tão somente.

VOZES EM OFF

(Uníssonas).

Pessoas, morrei por nós. *(Grita).* Morrammmmmmm...

VOZES EM OFF

(Seu amigo de infância, que exterminará com a sua vida). Ernestino Góes!

ERNESTINO

(Supõe sua presença neste momento). Labareda, meu bom amigo!

VOZES EM OFF

(Continua). Seu safado, por onde é que andavas esse tempo todo? ...

ERNESTINO

Todo esse tempo escondido aqui dentro neste quarto, entre ratos, mosquitos e baratas.

VOZES EM OFF

(Com ironia). Pô ... ó meu. Como tu pode ficar nessa e esquecer nossa infância, nossas diferenças, cara?

ERNESTINO

(Em transe completamente). Como posso esquecer a nossa infância? A nossa brincadeira de bola na rua, de empinar papagaio e de pira maromba. Toma. Pega a arma e acaba com essa minha aflição, cara. Vai! Anda, atira em mim. Do que é que você tem medo? Acaba logo com isso, seu frouxo. Atira. Vai atira!

(Aqui, neste momento, ouve-se um estampido de arma e um deles cai ao chão mortalmente ferido. A música entra como pano de fundo. Enquanto os pirilampos levam o corpo de Ernestino para outro plano azul, céu).

FIM DO ESPETÁCULO

Posfácio

Ramon Stergmann: O fenômeno do teatro paraense e sua produção textual para os grupos da cidade de Belém do Pará.

Por Paulo Roberto Santana Furtado⁽⁷⁾

Tão antigo como o homem é o ato gestual dramático que está vinculado aos rituais religiosos mais primitivos, ao instante em que o homem completou a ação de colocar e tirar a máscara em frente ao espectador, com a consciência da representação de seu signo. Dentre os elementos característicos de uma cultura, os signos representam particularmente formas próprias de conhecimento, de expressão e de valor, desenvolvido ao longo de um processo de civilização de um grupo de teatro, de um povo ou de uma nação, aprimorados na e pela comunicação, da vida coletiva e das suas interações sociais. É por meio dos grupos de teatrais da cidade que as artes cênicas e as manifestações culturais extraem a sua poética, ocupando os espaços culturais e mantendo um ritmo constante de troca com o meio social urbano.

As manifestações que se fazem presentes, neste posfácio, referem-se à produção artística realizada pelo *Grupo de Teatro Palha*, entre os anos de 1982 a 1984, e a relação de seu dirigente com o dramaturgo Ramon Stergmann, e sua participação na construção dramatúrgica dos textos para os espetáculos realizados pelo Grupo. Vou me colocar como um historiador do teatro, aquele que olha duas vezes e precisa, ao mesmo tempo, ver um mundo a ser inventado e construído, além de perceber como esses atores deste mundo chamado Belém, tornam-se atores desse palco da história teatral desta cidade.

Neste posfácio, apresentarei o desempenho do *Grupo de Teatro Palha*, em parceria com Ramon Stergmann, trazendo o registro do fazer performático, aquele que só acontece quando estão presentes, no palco, jovens homens e mulheres que, juntos, experimentam vivências e sensações com seus corpos e emoções, a partir da obra desse dramaturgo. Trarei o arquivo pessoal do Grupo, um conjunto documen-

(7) Doutorando em Artes pelo Programa de Pós Graduação em Artes da UFPa, ator, cantor, diretor teatral, publicitário e professor da UFPa, lotado no ICA (Instituto de Ciências da Arte), vinculado à ETDUFPA (Escola de Teatro e Dança) da UFPa. Fundador do Grupo de Teatro Palha. E-mail: rspaulo36@gmail.com.

tal formado da decorrência da atuação profissional, das relações sociais e dos interesses que caracterizam a trajetória de um indivíduo ou de um grupo cultural. Aqui, o elo entre a obra e o indivíduo é, inclusive, a base para se justificar o valor atribuído aos arquivos pessoais, como patrimônio documental.

Uma das finalidades do texto será a de falar de um amigo que, juntos, sonhamos o fazer teatral, em uma cidade, onde pouco se fazia ou se faz a favor de nós artistas, seja da cena e/ou principalmente artistas, escritores e dramaturgos, como Ramon Stergmann, nome artístico do também poeta, cujo nome de batismo era Carlos Alberto Ferreira Bittencourt, artista plástico, jornalista, ator e diretor teatral. Ramon foi um artista-escritor que transitou por várias modalidades artísticas!

Ramon nasceu em Belém do Pará, no dia 06 de Agosto de 1943, filho de descendentes de imigrantes alemães, que chegaram à Amazônia no século XVIII, cresceu no bairro de São Braz e, já adulto, foi morar no município de Ananindeua, mais precisamente na cidade Nova VI onde, em 1973, criou a sede de seu grupo de teatro, o **Maromba** que, para seu criador, significava uma pequena onda. Onda que, em seus 27 anos de trabalho, uniu as três linguagens distintas das artes: o Teatro, a Música e a Dança, talvez pela formação de seus criadores, o músico Walter Freitas e o bailarino Romualdo Rodrigues. Os textos de Ramon sempre refletiram sobre o homem e o seu meio, sobre a cidade e suas problemáticas e seus conflitos gerados no campo e nas florestas, o universo mítico espiritual de uma realidade paralela, brinca com os gêneros dramáticos, a moralidade e os dramas sociais.

Na mesma época, foi criado o **Grupo de Teatro Palha**, mais precisamente no dia 03 de setembro de 1980, em um momento marcado pela articulação da classe cultural, que vivia a ressaca da ditadura militar, a retomada do trabalho em grupo, e pela valorização da figura do encenador, fenômeno este que já acontecia na Europa, desde a década de 50, em detrimento das experimentações coletivas, que deram o tom de ousadia na década de 70. O **Grupo de Teatro Palha** se constituiu, num período considerado como um vácuo, no surgimento de grupos teatrais e teve à sua frente, eu e Wlad Lima, diretores com características de encenadores, pessoas que estimulam e organizam o trabalho de criação, apostando no processo, mas que têm a palavra final sobre o que será ou não usado em cena, e na concepção geral dos elementos constituintes do espetáculo, enfim, na sua estética. O “peso” da estética, ou melhor, o rigor estético, foi uma das mais marcantes características daquele período, refletida na criação de muitos grupos que surgiram em Belém e no Brasil, entre eles o **Grupo de Teatro Palha**.

Pilar do melhor teatro produzido nos anos 60-70, o teatro de Grupo sofreu uma retração na década seguinte, dando lugar ao domínio do diretor. Foi também um período fértil, durante o qual aprendemos muito a respeito das possibilidades da renovação da linguagem cênica, promovida pela ousadia e internacionalismo de bons diretores em ação (GARCIA, 2004, p.25).

A geração anterior tinha percorrido o caminho da estética à política e, agora, o retorno se fazia num grau de maior apuro. Isto é evidente na década de 80, que é marcada pelo estímulo aos estudos da semiologia, de grande importância para a área teatral, exatamente pela qualidade estética dos trabalhos, às vezes, em detrimento do texto, passando este para um segundo plano. Além de um discurso politizado que, juntamente, com o texto dá lugar a questionamentos de ordem filosófica. No caso do *Grupo de Teatro Palha*, o delicado equilíbrio entre forma e conteúdo vai dar um perfil diferenciado, apesar de todas as dificuldades da época, tornando-o uma referência de qualidade e ousadia na construção de uma linguagem teatral consistente.

Jurupari, a Guerra dos Sexos, dá início à trajetória do *Grupo de Teatro Palha*, um grupo de jovens. Eu, com apenas 20 anos de idade, sem uma formação na área, e já querendo experimentar a linguagem teatral, além de capitanear um grupo de, aproximadamente, 20 (vinte) pessoas. Nosso fôlego estava apenas no início, realizávamos encontros três vezes por semana, para ensaiar e fazer exercícios práticos de teatro, assim como leitura de textos e livros sobre o assunto. [\[FIGURA 1 - CLIQUE AQUI\]](#).

O *Grupo de Teatro Palha* não parou e iniciou uma pesquisa pelos municípios do Estado, em busca de subsídios que sustentassem os anseios do Grupo, subsídios estes que retratassem as riquezas locais, o homem amazônico ou uma temática que pudesse ser levada para o palco. Viajou para vários municípios e, em Cametá⁽⁸⁾, juntamente com o poeta e dramaturgo Ramon Stergmannn, que acompanhou o processo de criação coletiva, e redigiu o texto final, sob o título de *Tatu da Terra, lenda ou erosão?*. O texto faz um mergulho profundo no imaginário amazônico, trazendo para a cena, causos e lendas que faziam parte da exploração da Castanha do Pará, às margens do rio Tocantins, terras que poderiam ser desapropriadas por um político local, com intuito de venda e enriquecimento.

O espetáculo estreou no dia 3 julho de 1982, na Casa de Cultura do Município de Cametá, participou do Festival de Teatro de Campina Grande, na Paraíba, no dia 27 de

(8) Cametá é uma das cidades mais antigas da Amazônia, foi capital do Estado do Pará, por 11 meses, no período da “Cabanagem”, (1835 a 1840), um dos movimentos sociais e políticos mais importantes da História do Brasil.

julho de 1982, realizou temporada no Teatro Experimental do Pará, Waldemar Henrique, de 10 a 15 de Agosto de 1982, no Teatro Amazonas, em Manaus, nos dias 03, 04 e 05 de Dezembro de 1982, e retornou para uma nova temporada, no Waldemar Henrique, no período de 06 a 12 de dezembro de 1982. Com este espetáculo, participou da IV Mostra de Teatro Amador do Pará, promovida pela Federação Estadual de Atores, Autores e Técnicos de Teatro - FESAT, com apoio da Secretaria Municipal de Educação e Cultura - SEMEC e do Instituto Nacional de Artes Cênica - INACEN realizada no período de 15 a 23 de dezembro de 1982, no Teatro Experimental do Pará Waldemar Henrique, juntamente com os seguintes espetáculos e grupos: *Carro dos milagres*, do Grupo Cabano; *Show de eleições*, do Grupo Pé na Estrada; *As bruxas vão a Marte*, do Teatro Equipe do Pará; *O palácio dos urubus / Concerto de dificuldades em quatro estações*, do Grupo Cena Aberta; *Miragens*, do Grupo Os Sete da Arte; *No tempo que as coisas são*, do Estúdio de Pesquisa Artística; e, *Circo U de grude*, do Grupo Agir. [\[FIGURA 2- CLIQUE AQUI\]](#).

Elenco do espetáculo *Tatu da Terra, lenda ou erosão?*: Idanilda Góes, Charles Seruya, Paulo Faria, Helém Lilian, Zeneide Charone, Andréia Rezende, Abigail Silva, Otávio Rodrigues, Rui Seixas, Wilson Paz. Direção musical de Firmo Cardoso e Nivaldo Fiúza de Melo, iluminação Carlos Ávila, cenografia do Grupo, figurino e direção Paulo Santana. A pesquisa foi toda realizada pelos integrantes do *Grupo de Teatro Palha*, em suas viagens ao município de Cametá, onde o elenco apreendeu o sotaque do caboclo local e levou as histórias dos causos e lendas do município, para tal coleta, visitávamos os mais velhos e ouvíamos seus relatos de como era o município no passado e nos dias atuais. De posse de todo esse material, o Grupo iniciava seu processo de criação, na sala de ensaio, onde era estruturado todo o material da pesquisa, em cenas e quadros, os quais, os atores experimentavam na cena. Há casos em que a criação coletiva, embora coletivizada, se dava sob a condução do encenador. Este se utilizava desse procedimento para uma obra determinada, sem torná-lo uma marca de estética.

Para compor a equipe do espetáculo, chamamos dois compositores e músicos e os mesmos fizeram composições narrativas, que serviam de base para a encenação. O Grupo experimentava um trabalho que se materializava na expressão corporal dos atores, e todas as cenas eram concebidas a partir do corpo dos mesmos. “Do ponto de vista da linguagem, há em geral uma ênfase do corpo e da ação, originada no ponto de partida do processo criativo: o jogo entre os atores e a improvisação funciona como alfabeto com que o grupo escreve suas ideias”. (GUINSBURG, 2006, p. 102). Para Guinsburg, “A Criação coletiva surge com os conjuntos teatrais que na década de 1960 e 70,

associam todos os elementos da encenação, inclusive o texto, em um mesmo processo de autoria baseado na experimentação em sala de ensaio”. (GUINSBURG, 2006, p. 78).

Após as excursões realizadas, começamos a ganhar visibilidade na capital e fora do Estado, e com a participação do Grupo em festivais de teatro, mais o engajamento em projetos de formação de plateias, ancorados em projetos mais amplos que buscavam um diálogo com as escolas, os professores se desdobravam em atividades interativas com o público, nos trazendo novas perspectivas para as nossas apresentações. O reconhecimento pelo público foi quase imediato e, logo, as personalidades de renome do meio cultural paraense se manifestaram, como o Maestro Waldemar Henrique que, após ter assistido ao espetáculo, nos escreveu uma mensagem. [\[FIGURA 3 - CLIQUE AQUI\]](#).

Logo após o término da rodada de apresentações do espetáculo *Tatu da Terra, lenda ou erosão?* O *Grupo de Teatro Palha* iniciou a montagem do espetáculo *Ao Toque do Berrante*, com texto escrito, também, pelo poeta e dramaturgo paraense Ramon Stergmann, premiado pela Academia Paraense de Letras. Neste momento, o grupo Palha assumiu a temática regional, com intuito do fortalecimento das identificações culturais do estado e, com uma contínua pesquisa de corpo do ator, só que agora com um trabalho voltado para o teatro musical. [\[FIGURA 4 - CLIQUE AQUI\]](#).

A montagem estreou no Teatro Experimental do Pará, Waldemar Henrique, no dia 17 de novembro de 1983, e ficou em cartaz até o dia 20, com ela viaja para São Luís no Maranhão. No dia 29 de junho de 1983, na Igreja da Floresta, no Bairro da Floresta, pelo Projeto Esporte Para Todos, organizado pela Secretaria de Desporto e Lazer de São Luís e coordenado pelo Ministério da Educação e Cultura; e, nos dias 01 e 02 de julho, no Teatro Arthur Azevedo. O Grupo partiu para Teresina (PI), e realizou apresentações no Teatro 04 de Setembro, nos dias 05 e 06 de julho de 1983. Dando continuidade a sua excursão, realizou temporada em Fortaleza (CE), nos dias 12 e 13 de julho de 1983, no Teatro da EMCENTUR – Centro de Turismo do Ceará – Museu de Arte e Cultura Popular. O objetivo do Grupo era chegar a Campina Grande, na Paraíba, para participar do VIII Festival de Inverno de Campina Grande / IX Mostra Nacional de Teatro.

Atingido seu objetivo, o Grupo chegou a Campina Grande e apresentou o espetáculo, no VIII Festival de Inverno, de Campina Grande / IX Mostra Nacional de Teatro e, dentre os 20 espetáculos participantes, se destacou entre os seis melhores, recebendo a crítica feita por Walter Tavares, crítico de Teatro do Jornal Gazeta Jovem, de

Campina Grande (PB). “*Ao Toque do Berrante* foi um espetáculo antológico, desses que a gente não esquece nunca, com uma riqueza de cenografia, talento do elenco, expressão Corporal, tudo. O Pará veio e venceu”. (TAVARES, 1983, GAZETA JOVEM-PB).

De volta a Belém, o Grupo realizou novas temporadas: no Teatro Experimental do Pará, Waldemar Henrique, no período de 31 de agosto a 04 de setembro de 1983 e, nos dias 19 e 20 de novembro. No Teatro da Paz, no período de 22 a 25 de outubro e nos dias 05 e 06 de dezembro. Participou, ainda, da V Mostra de Teatro Amador do Pará, realizada pela FESAT, no Teatro Experimental do Pará, Waldemar Henrique, de 19 a 30 de dezembro, juntamente com outros espetáculos e grupos participantes: *O Café*, da Escola de Teatro, da Universidade Federal do Pará; *A Importância de Estar de Acordo*, da Oficina de Teatro da Casa de Estudos Germânico; *Catumba, Tikipiri, o Curupira vem aí*, do Teatro Equipe do Pará; *O Carro dos Milagres*, do Grupo Cabano Vai ou Racha; *Terra, Chão, Ouro Feijão*, do Grupo Sete da Arte; e, *Theastai, Theatron*, do Grupo Cena Aberta. [\[FIGURA 5 - CLIQUE AQUI\]](#).

O elenco do espetáculo *Ao Toque do Berrante*, composto por: Charles Serruya, Tony Cruz; Otávio Rodrigues, Carlin Almir, Guilherme Henrique, Idanilda Góes, Zeneide Charone, Abigail Silva, Helen Lilian e Denise Bandeira; direção musical de Toni Soares, Júnior Soares e Everaldo Ferreira; percussão Dimi; criação de iluminação Augusto Condurú, operação de iluminação Carlos Ávila; direção de Paulo Santana. O trabalho de divulgação, iniciado nas montagens anteriores, começou a se solidificar e as excursões realizadas ao Norte e Nordeste, bem como a participação em festivais de teatro, em nível nacional, nos quais obteve críticas favoráveis que reafirmaram o reconhecimento do trabalho, fez com que, outra vez, o Maestro Waldemar Henrique se manifeste através de carta enviada ao Grupo. [\[FIGURA 6 - CLIQUE AQUI\]](#).

Antes de encerrar a temporada do espetáculo *Tatu da Terra, Lenda ou Erosão?*, o Grupo realizava frequentes encontros para a prática de ensaios, oficinas, leituras de textos, discussão em busca de novas ideias, para a próxima montagem e busca de estratégias de manutenção do grupo e de seus componentes, já que a esta altura dedicavam suas vidas ao Grupo. Em uma das reuniões, promovidas pelo *Grupo Palha*, a atriz Helém Lilian trouxe uma revista de cunho científico, que contava a história no traço e na palavra Yanomami. O Poema descreve a forma como os Yanomami entendem o começo do mundo, representados pelo Xamã, ou feiticeiro, que sustenta o Céu. “Céu rachou enorme, céu rachou todo. Tudo acabou. Longe dos seus pés. Céu escorado. O Céu sobreposto. Céu suspenso. Longe céu, longe suspenso. (Começo do Mundo 1 – Índio Yanomami)”.

E assim nasceu o projeto de construção do roteiro para a feitura do espetáculo *Ibi Ey Mârã – Terra Sem Males*. O Roteiro tem como base a pesquisa da fotógrafa Cláudia Andujar, nascida na Suíça, criada na Hungria e naturalizada brasileira. Ela, desde o começo da década de 70, realizava uma extensa pesquisa e documentação sobre os índios Yanomami. A partir de 1971, Cláudia trava seu primeiro contato com os Yanomami e, encantada com a rica mitologia, as crenças, a religião e a própria maneira de existir do grupo, num trabalho onde o índio pudesse expressar, visualmente e com palavras, o mundo que o cercava.

A pesquisa resultou em 48 ilustrações e dezenas de poemas, todos voltados para o início da humanidade. E, foi a partir destes registros visuais e poemas, que se originou o processo de encenação. Tomamos como ponto de partida “A História do mundo, no traço e na palavra Yanomami”, foram cinco imagens e cinco poemas, os quais afirmaram, no percurso criativo, a poética do trabalho. A leitura e visualização da obra de Cláudia eram divididas com os antigos e novos integrantes do Grupo, os quais faziam a oficina aberta à comunidade. Durante os exercícios, os atores experimentavam nos laboratórios propostos pela direção e por Ramon Stergmann. Desta vez, Ramon estava ao lado do Grupo, acompanhando todo o processo realizado pelos atores, além de um grupo de músicos e percussionistas, sob a direção musical de Toni Soares. [\[FIGURA 7 - CLIQUE AQUI\]](#).

O caminho era trilhado, e o conhecimento produzido a cada encontro, a cada novo momento, em busca de uma dramaturgia que satisfizesse a equipe. A expressão corporal tinha o objetivo de ativar a expressividade dos atores, desenvolvendo seus recursos vocais, gestuais e improvisos a serviço da interpretação dos participantes. O trabalho corporal foi intenso, tendo como matriz o ritual e a música indígena, onde o corpo interagiu com os sons dos atabaques e flautas, o canto e a fala. Tomávamos emprestadas técnicas da mímica, do jogo dramático e da improvisação. E assim fomos construindo as cenas, o jogo do ator e a busca de signos para a composição dos quadros e cenas. Sentimos a necessidade de desdobrar o texto em momentos, onde a criação do mundo dos índios, as terras sem males, seriam abaladas com as grandes obras dos homens civilizados.

Foi realizada uma pesquisa sobre as demarcações de terras, feitas pela Fundação Nacional do Índio-FUNAI, e do projeto no 637, inciso A de 1975, no qual o índio é visto como um débil mental, pessoa incapaz de pensar, agir e de se autogovernar. Esta legislação foi aprovada por unanimidade pelo Congresso Nacional, ainda no tempo em que os parlamentares nem imaginavam que, em algum dia, um índio fosse ocu-

par a tribuna da Câmara dos Deputados e discursar em tupi-guarani. Sequer imaginavam o acesso de índios às universidades, e se tornarem pesquisadores-doutores.

O texto teatral, de Ramon Stergmannn, trazia para a cena todos os conflitos que víamos e vemos, ainda hoje, estampados nos jornais e televisões entre os índios e a FUNAI, além de outras autoridades, sempre discriminando e perseguindo esses povos. A música para o espetáculo foi composta por Toni Soares, criada a partir de sonoridades indígenas e com letras em tupi-guarani, espanholas e portuguesas, passando por toda a encenação, na qual o gesto e o corpo dos atores eram a matéria principal para a realização da dramaturgia do espetáculo. Neste ponto, estamos de acordo com Patrice Pavis, quando ele afirma que:

A encenação não restitui tais quais os movimentos e comportamentos da vida cotidiana. Ela os estiliza, torna-os harmoniosos e legíveis, coordenados em função do olhar do espectador, trabalhando-os e ensaiando-as até que a encenação esteja por assim dizer 'Coreografada' (PAVIS, 1999, p. 131).

Assim, foi construído o processo e colocado em prática todo o nosso estudo de técnicas corporais e interpretativas, iniciada na primeira montagem e consolidada nestes cinco anos de atividades. O Espetáculo tinha como base a gestualidade e não poderia abrir mão da coreografia. “A Elegância de um gesto, a graça de um movimento de conjunto bastam para produzir um efeito de distanciamento e a invenção pantomímica oferece à fábula um auxílio inestimável.” (BRECHT, 2005, p. 73). [\[FIGURA 8 - CLIQUE AQUI\]](#).

E assim foi concebido o espetáculo: *Ibi Ey Mârã – Terra Sem Males*, de criação coletiva, com redação final de Ramon Stergmannn e poemas de Helém Lilian. No elenco: Zeneide Charone; Denise Bandeira; Idanilda Góes; Charles Serruya; Otávio Rodrigues; Carlos Ávila; Vilson Paz; e, João Rodrigues. Músicos: Toni Soares (violão, direção e composição musical); Cláudio Darwich (baixo e teclados); Cláudio Lobato (bateria); Dimmy (percussão); Figurino, cenografia e adereços: Carlos Nunes, Paulo Ozela e Edson Mourão; Direção: Paulo Santana.

O espetáculo estreou no Teatro da Paz, em Belém, no período de 13 a 17 de junho de 1984, viajou em excursão pelo nordeste, fazendo apresentações nos teatros das capitais: Teatro José de Alencar, Fortaleza (CE), de 05 a 08 de junho de 1984; Teatro Alberto Maranhão, Natal (RN), de 11 a 13 de julho de 1984; e Teatro Santa Rosa, João Pessoa (PB), de 17 a 19 de julho de 1984. O Término de nossa excursão foi no IX Festival de Teatro Amador, de Campina Grande, X Mostra Nacional de Teatro, realizado

em Campina Grande, na Paraíba, nos dias 24 e 25 de julho de 1984, no Teatro Municipal Severino Cabral, recebendo críticas de Ademar Dantas. [\[FIGURAS 9 E 10 - CLIQUE AQUI\]](#).

É interessante observar que, a partir da década de 80, o amadorismo das gerações, que não impediu um caráter de pioneirismo e experimentação, é substituído por uma postura de busca de profissionalismo. “As pessoas trabalhavam amadoristicamente no sentido pleno da palavra: com muito amor, mas sem técnica e sem dinheiro. Não existia profissionalismo, o elenco não recebia cachê, o diretor também não (...) as pessoas tinham outras profissões”. (REIS, 2005, p. 42).

Mas, os grupos que nasceram naquela época, em Belém, desenvolviam um trabalho profissional, não no sentido da palavra, mas no sentido da qualidade de seu fazer. O maior problema desta época era a falta de uma política clara e justa de incentivo à cultura, muitas das vezes, as iniciativas federais, estaduais e municipais apenas beneficiavam artistas de renome nacional, enquanto os que não conquistavam grandes plateias amargavam uma via crucis, para conseguir patrocínios e apoio institucional. Em Belém, este mercado girava em torno dos veteranos, dos profissionais vindos do curso livre de teatro da Universidade Federal do Pará-UFGPA e dos dirigentes da FESAT; enquanto nós, jovens oriundos dos grupos de periferia, ficávamos aliados desse processo, como afirma Luiz Otávio Barata em sua entrevista publicada na revista Aspectos⁽⁹⁾. [\[FIGURA 11 - CLIQUE AQUI\]](#).

O que se percebe nesta matéria é o confronto entre grupos e diretores e a imposição do certo e do errado, do bom e do melhor, enfatizando a existência dos grupos de periferia e a falta de espaço e de voz para eles. Os grupos tradicionais existentes em Belém, daquela época, realizavam suas montagens com atores vindos dos grupos de periferia, grupos que preparavam seus atores para atuar e, quando estavam prontos, eram convidados a participar das montagens dos grupos de elite. Para nós, a relação que estas pessoas, dirigentes desses grupos de elite tinham com o trabalho teatral, era uma relação de “tarefa”, ou seja, um grupo de pessoas que se reuniam, quase sempre, em torno de quem quer produzir ou dirigir – naturalmente, já escolhiam a montagem – para cumprir a tarefa de estrear e fazer temporada de determinado trabalho e se separam depois.

Um dos problemas imediatos que o trabalho de “tarefa” fazia era a falta de visão histórica da linguagem do grupo teatral. O trabalho de “tarefa” não permite a pesquisa e a experimentação da linguagem teatral e artística, pela falta de conheci-

(9) Aspectos - Revista Mensal de Informação, Belém, Outubro de 1983, ANO I, Nº 2. Editora Gazeta Ltda.

mento, pelo pouco tempo de trabalho, pela estreia já marcada e pela falta de continuidade de demandas. Esta prática era e é muito comum no teatro feito em Belém, diretores de grupos que não têm um compromisso com a formação e a pesquisa, e buscam atores de grupos que o fazem. Aderbal Freire Filho, diretor teatral carioca, compara os resultados do teatro de “tarefa” aos de uma fábrica: “As peças avulsas são uma aberração, uma fábrica montada para fabricar um único produto; esse produto vende ou não e a fábrica acaba depois”. (FREIRE FILHO, 2008, p. 90).

E foi o que aconteceu com os componentes do *Grupo Palha*, partiram para outros desafios, e o Grupo continuou sua trajetória de rupturas e recomeços, motivos pelos quais ele funcionou, neste período, como um celeiro, por onde surgiram e passaram muitos atores e artistas, os quais, após aprendizado e experiência adquirida, fundaram novos grupos.

E assim Ramon fez parte do *Grupo de Teatro Palha*, com a escrita de três dramaturgias para seus espetáculos. Ele participava, desde as conversas iniciais sobre o processo do que se queria “montar”, a pesquisa para uma escrita colaborativa e a redação final da dramaturgia, a ser levada à cena, isso comprova que Ramon é um escritor brechtiano, aquele que chega aos primeiros anos do século XX, após o surgimento da função do encenador, no teatro, e das vanguardas artísticas europeias, quando a experimentação tornou-se constante nas representações teatrais, momento em que as duas Grandes Guerras mundiais foram o mote para uma arte cênica comprometida com a denúncia e contra a alienação de seu público, porque “o teatro desse período passou a incitar o povo a tomar consciência pela luta por seus direitos e interesses”. (ROUBINE, 2003, p. 132).

Nas peças teatrais de Ramon, o naturalismo e o expressionismo aparecem com as novas configurações para o drama. Podemos citar que o teatro expressionista difere do teatro naturalista, pelo fato das peças abordarem a consciência coletiva, enquanto a preocupação dos dramas naturalistas era a consciência individual da personagem. Portanto, baseado no “Drama Social” dos naturalistas e no engajamento do teatro expressionista, o drama “assumiu o ritmo do século XX. Enquanto a reformulação, com fins de agitação, ainda estava em andamento, o novo drama encontrou um autor em Bertolt Brecht”. (BERTHOLD, 2006, p. 504). Os trabalhos de Brecht (1990) influenciaram o teatro contemporâneo e se concentraram na formação das ideias dos espectadores.

Segundo Pavis “no teatro épico existia a importância da narração, ou seja, a intervenção do “narrador” que relata seu ponto de vista sobre a trama ou a encenação”.

(PAVIS, 2011, 120). E assim o teatro de Ramon se parecia, assumia um caráter excepcional, capaz de transformar seu espectador em um atento “observador” do que estava sendo narrado. Nos textos escritos para o *Grupo de Teatro Palha*, notamos a semelhança com as obras de Brecht, no sentido da provocação dos espectadores, na tensão entre a narração e a encenação, o que possibilita o “distanciamento” da plateia, técnica que desperta a reflexão de seus espectadores sobre o que está sendo encenado, sem pretender despertar fortes emoções ao público. Dramaturgicamente falando, esse distanciamento ocorre quando o dramaturgo (1999), “utiliza recursos não convencionais em sua escrita dramática como, por exemplo, a fala das personagens em terceira pessoa, quando se refere a eles mesmos”. (BRECHT, 1999, p. 97). Acredito que pelo fato de Ramon também ter sido ator e diretor teatral, suas ideias se vinculam muitas vezes às técnicas de palco, tais como a cenografia, a iluminação e a própria música.

No caso de Bertolt Brecht, esses recursos serviram, inclusive, como técnica eficaz para o distanciamento proposto pelo dramaturgo Alemão. A partir das propostas do teatro de Brecht (1999), as propriedades do drama moderno exploraram o sentido original de dramaturgia e intensificaram a natureza híbrida do teatro. Comparo Ramon a Brecht, porque ele é denúncia e consciência, em sua obra sob o clima de repressão ditatorial, colocou em cena a relação entre opressores e oprimidos, mostrando a opressão sofrida por seus personagens, pobres, miseráveis, marginalizados e indivíduos amazônidas em péssimas vivendo em condições de vida.

Ramon Stergmannn, ao colocar para os espectadores os dramas dessas figuras marginalizadas, como foco de atenção, deu um tratamento mais realista ao teatro paraense, cuja proposta era denunciar a situação dos menos favorecidos socialmente. A obra produzida nos idos dos anos de 1980 pode ser vista como uma crítica ao poder da ditadura militar brasileira e amazônida.

REFERÊNCIAS:

ARDAILLON, Danielle (Apr.). **Dar nome aos documentos: da teoria à prática**. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2015. p. 14-30. Disponível em: http://fundacaofhc.org.br/files/dar_nome_aos%20documentos.pdf (Acesso em: 25/01/2021).

BERTHOLD, Marfgot. **História mundial do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BRECHT, Bertolt. **Estudos sobre teatro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

BRECHT, Bertolt. Mãe Coragem e seus filhos: uma crônica da Guerra dos Trinta Anos. In: BRECHT, Bertolt. **Teatro completo**: Bertolt Brecht, 3. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 97.

- _____. **Escritos sobre teatro**. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 2005.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. **Sobre espécies e tipos documentais**. In:
- DUBATTI, Jorge. **O teatro dos mortos: introdução a uma filosofia do teatro**. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2016.
- FREIRE-FILHO, Aderbal: Aderbal Freire-Filho, o coreógrafo da palavra. Revista Folhetim, outubro a dezembro, 2002, p. 89 – 118.
- FURTADO, Paulo Roberto Santana, 1960 – **Grupo de Teatro Palha: trajetória e identidade teatral** / Paulo Roberto Santana Furtado. – 2015. Sistemade Biblioteca da UFPA.
- GARCIA, Silvana. La nueva dramaturgia y el processo colaborativo em la escena paulista. Conjunto-Revista de Teatro Latino-americano. La Habana, casa de Las Américas nº 134. P. 24-28oct/dic.2004.
- GUINSBURG, J. Et all. (Orgs.). **Dicionário do Teatro Brasileiro**. Temas, Formas e conceitos, São Paulo: Perspectiva, 2006.
- PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- RABETTI, Maria de Lourdes (Beti Rabetti). **Em busca da tradução teatral: o trabalho do historiador em meio à miudeza da cena e precariedades documentais**. Sala Preta, São Paulo, V. 17, n. 2, 2007.
- REIS, Maria da Glória Ferreira. **Cidade e Palco: experimentação, transformação e permanências**. Belo Horizonte: Cuitiara, 2005.
- ROUBINE, Jean-Jacques. **Introdução às grandes teorias do teatro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- TAVARES, Walter. Critico de Teatro do Jornal GAZETA jovem da Paraiba.p.9 1983.

REVISTA

Aspectos - Revista Mensal de Informação, Belém, Outubro de 1983, ANO I, Nº 2. Editora Gazeta Ltda.



FIGURA 1: Cartaz do espetáculo Tatu da terra, lenda ou erosão? - 1982.
(Fonte: Arquivo do autor).

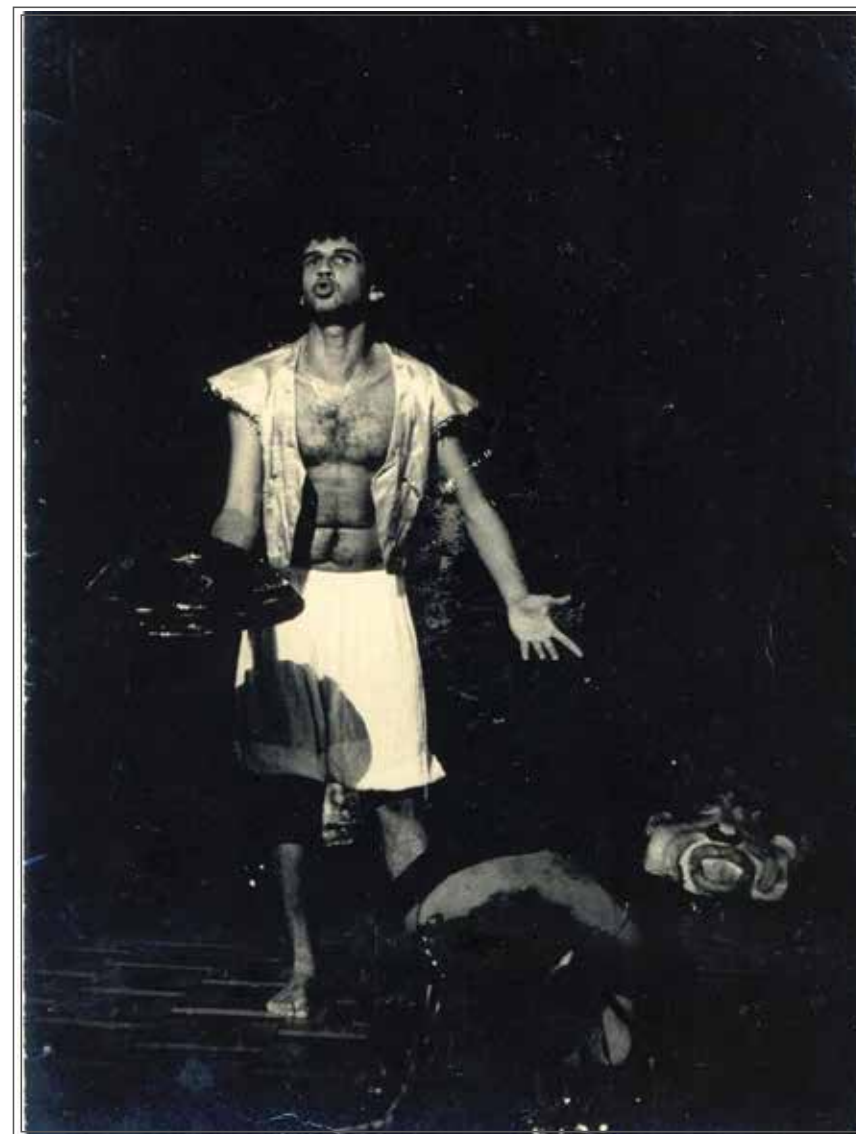


FIGURA 2: Foto do espetáculo “Tatu da terra, lenda ou erosão?” - 1982.
Na foto o ator Paulo Santana. Foto: Miguel Shikaoka. (Fonte: Arquivo do autor).

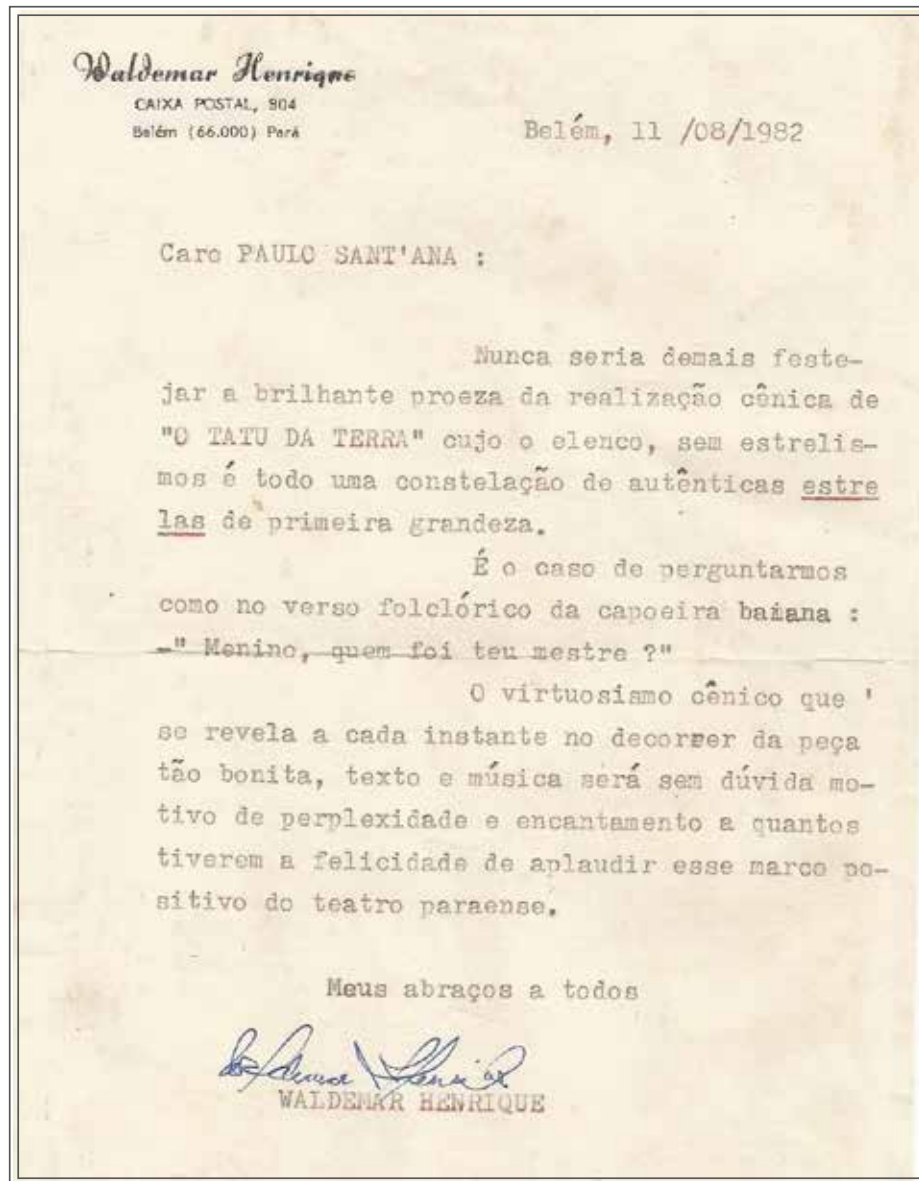


FIGURA 3: Primeira carta Maestro Waldemar Henrique - 1982. (Fonte: Arquivo do autor).



FIGURA 4: Cartaz do espetáculo "Ao Toque do Berrante" - 1983. Criação: Branco Melo. (Fonte: Arquivo do autor).

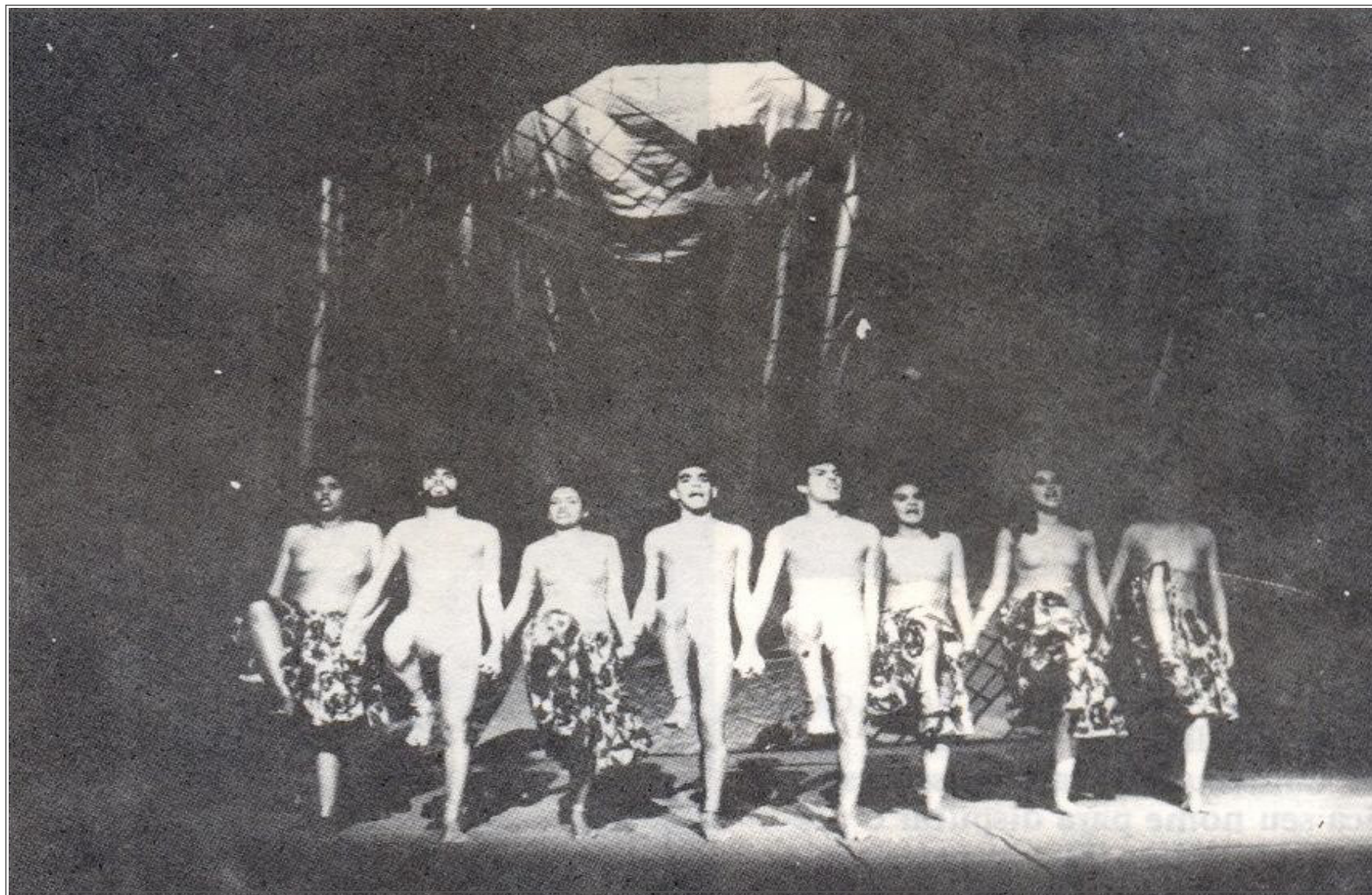


FIGURA 5: Foto do espetáculo “Ao toque do berrante” - 1983. Na foto: Denise Bandeira, Guilherme Henrique, Abigail Silva, Carlin Almir, Tony Cruz, Helen Lilian, Zeneide Charone e Idanilda Góes. Foto: Eduardo Kalif. (Fonte: Arquivo do autor).

Meu caro diretor Paulo Santana

Vou guardar uma decepção, nunca um entusiasmo. Ao senti-lo, preciso expandir minha alegria em todas as direções para que o rectivo ganhe na fronteira da Revelação.

Vosso espectáculo "Ao Toque do Berante", é uma revelação. Revelação de inteligência, de beleza, de coragem, de amor à terra.

Passui todos os ingredientes técnicos, todos os elementos teatrais, texto, música, vozes, gestos de um elenco que poderia agradar em qualquer parte do mundo.

Depito: "Ao Toque do Berante", aqui ou ali, conquistará legítimo sucesso. Quem o assistir viajará com vocês pelas verdades do Senhor e se deixará embalar na doce rede dos vossos cantares mesmo sofridos, e na pureza das vossas danças folclóricas agéis e belas.

Saudações,

Waldemar Henrique

Belém, 28.06.83

FIGURA 6: Segunda carta do maestro Waldemar Henrique - 1983. (Fonte: Arquivo do autor).



FIGURA 7: "Ibi Ey Mârã - Terra Sem Males" - 1984. Criação: Rosângela Brito. (Fonte: Arquivo do autor).



FIGURA 8: Foto do espetáculo “Ibi Ey Mârã - Terra Sem Males”. Na foto a atriz Zeneide Charone. Foto: Eduardo Kali. (Fonte: Arquivo do autor).

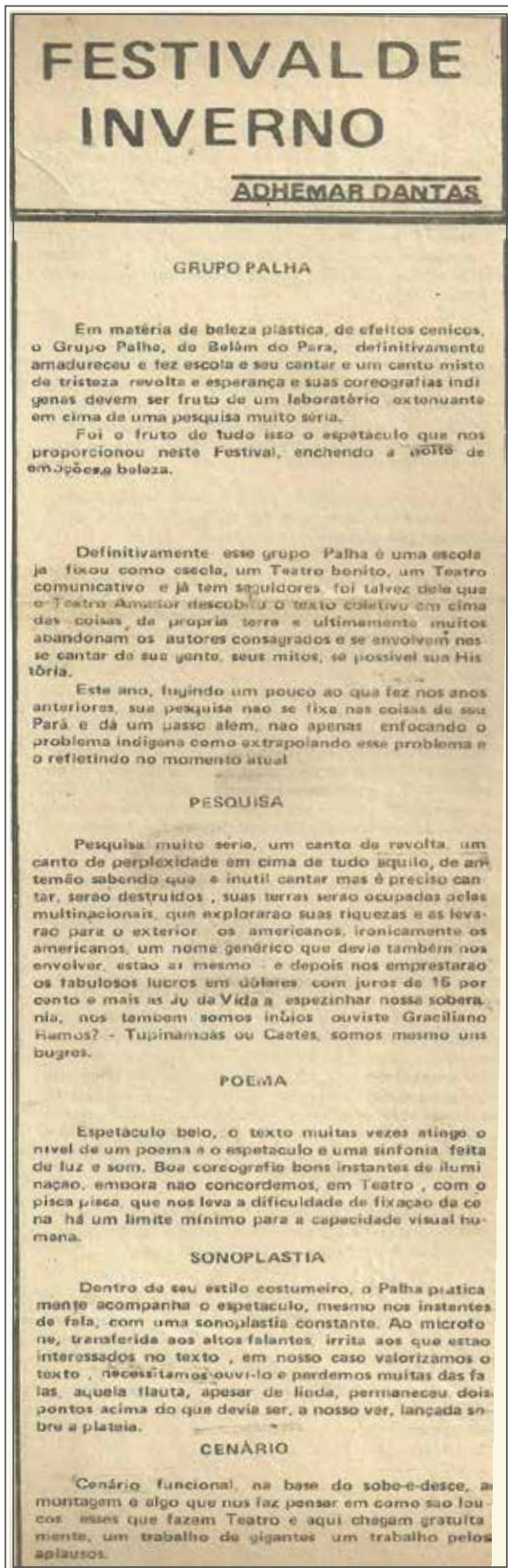


FIGURA 9: Matéria de Jornal:
Crítica Ademar Dantas – Parte 1.
(Fonte: Arquivo do autor).



FIGURA 10: Matéria de Jornal:
Crítica Ademar Dantas – Parte 2.
(Fonte: Arquivo do autor).

TEATRO PARAENSE EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE

Para o teatrólogo Luís Otávio Barata o teatro paraense está em crise de identidade pois está buscando a sua própria.



Eduardo Kalf

O grupo Palha, encenando "Ao Toque do Berrante"

Segundo o teatrólogo Luís Otávio Barata, atual presidente da Fesat (Federação Estadual de Artistas e Técnicos de Teatro), "o teatro paraense está atravessando uma crise de identidade, pois está buscando a sua própria. Luís Otávio que atualmente está dirigindo a peça "Theaista Teatron" acredita que a situação é periclitante, nesta área já que não "temos nenhuma política de cultura", o pouco que se tem vem da Semec e o resto é política clientelista acrescenta Luís".

Mas, com política cultural ou não a verdade é que nos últimos tempos houve um crescimento muito grande de grupos de teatros em Belém. Só na Fesat estão inscritos cerca de 13 grupos sem contar os da periferia que não constam nos registros.

Luís Otávio Barata está dirigindo atualmente o grupo Cena Aberta, criado em 76 e que foi o primeiro grupo a fazer carreira em Belém. O primeiro espetáculo apresentado pelo "Cena Aberta" foi "Quarto de Empregada", de Roberto Freire, chegando a se exibir em Manaus. Dentre outras

apresentações do Grupo há também, "A pabcão de Ajuricaba" de Márcio Souza, que foi apresentada no Teatro Nacional em Brasília por ocasião da Semana do Índio. O grupo sempre pagou direitos autorais e a peça Theaista Teatron é o primeiro trabalho criado pelo próprio grupo.

Com relação ao desenvolvimento do teatro no Pará o teatrólogo diz que houve muitos avanços e concordando com ele, Zélia Amador de Deus, professora de teoria do teatro da UFPa, e especialmente convidada para dirigir a nova peça acrescenta dizendo que o único problema é que o pessoal parou no regional.

Quem parece não concordar com essa idéia de que os temas regionais estão desgastados é o grupo Palha.

Segundo Paulo Santana diretor do grupo, os temas regionais não estão ultrapassados; é ainda muito válido fazer teatro regional.

O grupo Palha tem sua origem no teatro do Sesc em 79. "A gente queria encenar a Peça "Jurupari a Guerra dos Sexos", do Márcio Souza. A direção

do teatro censurou, aí a gente montou assim mesmo e saiu para formar o grupo Palha.

Entre outras peças o grupo já encenou "Tatu da terra, lenda ou erosão "De frente pro crime" e mais recentemente ao "Toque do Berrante" que esteve em cartaz no teatro Waldemar Henrique.

As dificuldades para os dois grupos são muitas. São eles geralmente que montam seus próprios cenários e constroem as indumentárias usando muitas vezes dinheiro do próprio bolso.

Paulo acredita assim como o Zélia e Luís Otávio também que as coisas têm melhorado desde 79. Antes diz ele — ninguém apoiava: nem imprensa, nem Secretaria de Cultura, ninguém. Hoje já tem um público certo que vai ao teatro.

Os grupos enfrentam muitas dificuldades muitos desaparecem, outros só resistem a duras penas, mas, bem ou mal, muitos continuam aí firmes e outros estão surgindo para entrar na briga.

Poucos souberam colocar esta cara, a da gente paraense, com uma exatidão tão pródiga, na cena, sem arremedos nem distorções, sem comedimentos ou exageros e sobretudo sem falsos arroubos de exagerado protecionismo a que muitos autores são conduzidos pelo excessivo zelo que as causas sociais facilmente fazem brotar. Ramon não quis escrever sobre heróis. Interessava-se pelo recorte do drama, pela pequena notícia, pelo detalhe quase insignificante que a realidade lhe fornecia. Seu foco era quase microscópico, atento sempre ao desenrolar dos acontecimentos num microuniverso sobre o qual se debruçava com a delicadeza de uma fada. E sempre se fazia acompanhar de uma ironia marcante, de um humor que suavizava os contrastes agressivos, ao mesmo tempo em que fazia saltar a tragédia cotidiana para a dimensão de uma grande cena, apta a se fazer completar de poderosas encenações, belas interpretações, a mais bem engendrada carpintaria teatral.

Walter Freitas

**Projeto Memórias da Dramaturgia Amazônica:
construção de acervo dramático.**

Idealizadora e coordenadora: Bene Martins

Coleção Teatro do Norte Brasileiro - Volume 2

Programa de Pós-Graduação em Artes

PPG Artes
Programa de Pós-graduação
em Artes da UFPA



Direcione seu celular
para o QR Code ao lado,
e conheça os livros da
Editora PPGArtes.

